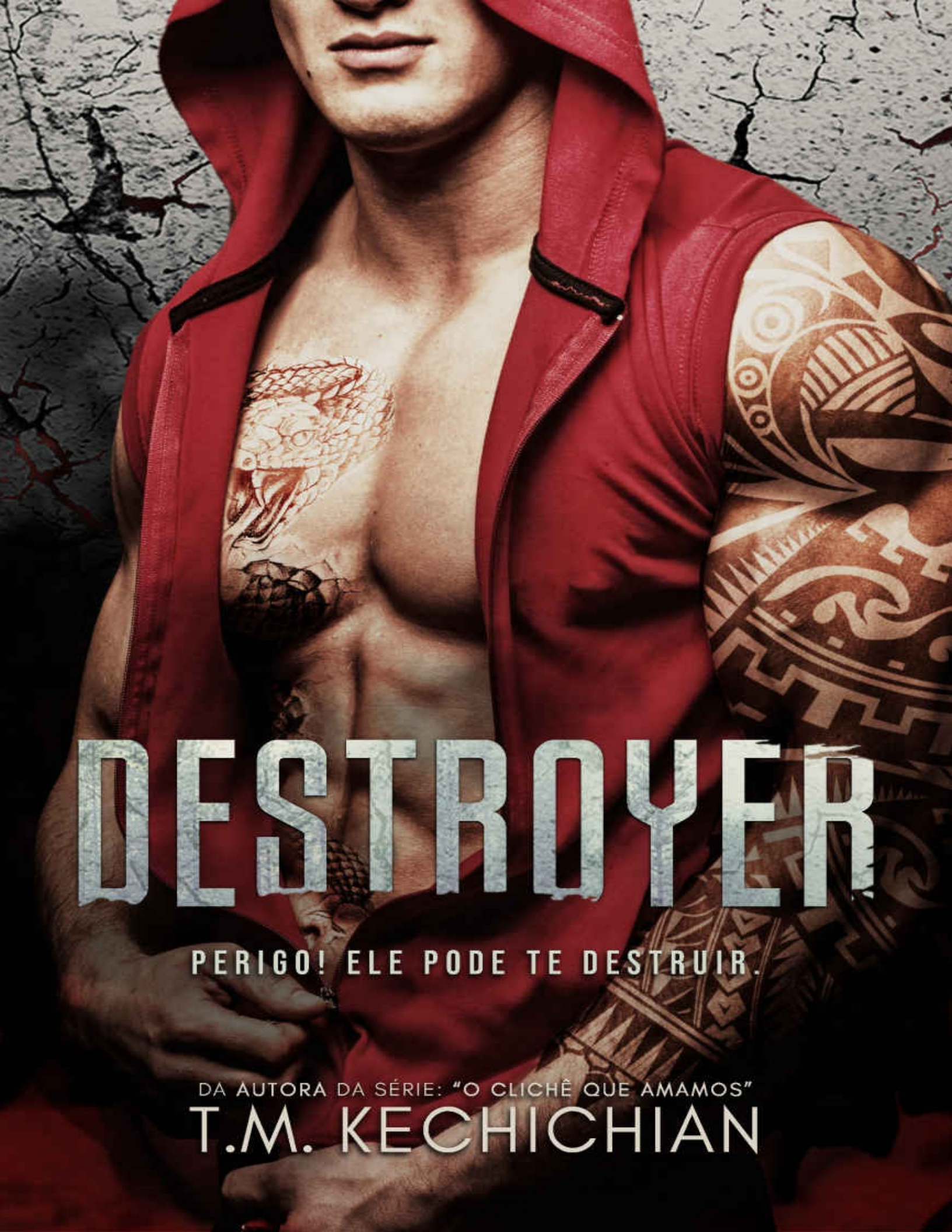


A man with a red hoodie pulled over his head, showing his chest and arms. He has a snake tattoo on his left chest and a large tribal tattoo on his right arm. The background is a cracked, grey wall.

DESTROYER

PERIGO! ELE PODE TE DESTRUIR.

DA AUTORA DA SÉRIE: "O CLICHÊ QUE AMAMOS"
T.M. KECHICHIAN



DESTROYER

PERIGO! ELE PODE TE DESTRUIR.

T.M. KECHICHIAN

DESTROYER

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônicos ou mecânico sem consentimento e autorização por escrito do autor/edição.

Capa: Mellody Riu

Revisão: Bah Pinheiro

Diagramação: April Kroes

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência. Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes – tangíveis ou intangíveis – sem prévia autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do código penal.

TEXTO REVISADO SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

SUMÁRIO

[Sumário](#)

[Aviso](#)

[Nota da autora](#)

[Playlist](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Biografia](#)

[Redes sociais](#)

[Outras obras](#)

AVISO

Apesar de não ser um livro DARK, alguns temas abordados podem gerar desconfortos a pessoas sensíveis ao assunto.

NOTA DA AUTORA

Escrever este livro foi um desafio para mim.

Como leitora, é uma das temáticas que mais amo (universidade x *bad boy*), e quando decidi que gostaria de ter uma história nesse mundo, não foi nada fácil.

Fui exigente, pesquisei muito, me cobrei como nunca e aqui está o resultado.

Matt Stevens e Liz Pérez me surpreenderam. Apesar de serem os personagens mais jovens que já escrevi, ambos possuem uma intensa carga emocional, o que os levou a amadurecerem cedo demais.

Por vezes, quis carregar o Matt no colo (passo pano *mexmo* haha), mas Liz não fica para trás. A garota é forte, viu? (quem conhece minha escrita, sabe que amo criar mulheres poderosas).

Bem, não vou me estender, mas só gostaria de expressar aqui o meu carinho por esta obra e pela mensagem necessária que eu quis passar com ela. Lembre-se sempre que é mais fácil julgar a aparência de alguém do que conhecer a sua verdadeira essência.

Espero que gostem de DESTROYER, assim como amei escrever.

Obrigada pela leitura e faça uma boa viagem literária!

Beijo grande,

T M Kechichian.

PLAYLIST



A você que já foi julgado.

A você que já julgou.

“Não havia forma mais significativa de dar o coração para outra pessoa do que com a permissão para destruí-lo.”

TRECHO DO LIVRO “IMORAL” ESCOLHIDO PELA AUTORA E AMIGA ZOE X

“Talvez, mesmo as almas mais sombrias possam amar. Talvez estejam danificadas demais para tocar algo sem que destruam tudo. Talvez o amor vença. Talvez seja tarde demais. Talvez.”

FRASE EXCLUSIVA PARA DESTROYER, FEITA PELA AUTORA E AMIGA NANA SIMONS

PRÓLOGO

TREZE ANOS ATRÁS

01 DE SETEMBRO DE 2008

NEW JERSEY, EUA

Matt Stevens

O único som que escuto assim que acordo é a voz de Elvis, o cantor preferido da mamãe. Não tem um dia que ela não coloque suas músicas e cada uma demonstra seu estado de espírito.

Hoje, as canções estão mais lentas, então sei que não está em um bom dia. Eu odeio quando ela fica triste. Ela é doce, me trata bem, faz o melhor café da manhã — panquecas com mel, ovos e bacon —, deita-se na minha cama quando tenho pesadelos, me dá o abraço mais gostoso do mundo. Eu amo minha mãe e ela sempre diz que me ama muito.

Fico triste porque ainda não tenho força suficiente para enfrentar o *homem ruim*, nem para salvar minha mãe como gostaria.

Ele é maior e mais forte do que eu, e quando começa a gritar com ela, tenho muita vontade de bater nele. Eu sei que é errado, é o que minha mãe sempre diz, mas não consigo controlar. Isso piora quando a vejo com marcas feias no rosto e nas pernas. Ainda assim, é a pessoa mais bonita que já vi na vida.

Os cabelos compridos e loiros como uma linda manhã de sol estão sempre arrumados, não importa se o dia é bom ou ruim. Os olhos azuis como os meus eram mais brilhantes, ultimamente estão apagados, tristes. Seu corpo antes saudável está cada vez mais magro, os ossos dos ombros aparentes, os braços finos, ela parece tão frágil que às vezes penso que pode quebrar. Como *ele* tem coragem de fazer mal a ela?

Na escola sempre dizem que é errado os meninos baterem nas meninas, então por que o *homem ruim* bate na minha mãe? Quando fiz esta pergunta para a professora, todos os meus colegas ficaram me olhando, até que fui levado para a sala da diretora.

Já estou acostumado a ser chamado de *estranho* e *esquisito* pelos meus colegas só porque não gosto das mesmas brincadeiras que eles, e apesar de ser criança, às vezes me sinto como se tivesse mais do que meus dez anos.

— Bom dia, mãe! — cumprimento, assim que entro na cozinha. O cheiro de bacon faz meu estômago roncar.

— Bom dia, meu pequeno herói! — responde, de costas para mim, e sua voz fraca chama a minha atenção.

Eu a conheço e sei que tem algo errado.

— Está tudo bem? — pergunto, chegando mais perto.

— Sim, filho. Está tudo bem — responde, ainda sem olhar em minha direção.

Dou a volta na cozinha para ficar de frente para ela, pois tenho certeza de que não está nada bem. Ela é especialista em fingir, na verdade.

Quando vejo seu rosto, cerro minhas mãos involuntariamente. Se meu estômago roncou de fome antes, agora está revirando de um jeito que não sei explicar. Meu sangue parece borbulhar e uma vontade de quebrar alguma coisa me toma. Minha respiração acelera ao perguntar:

— Mãe, você deixou *aquele* homem fazer isso com você? — pergunto, com raiva, e só então ela olha para mim.

Seu olho esquerdo está tão inchado e roxo que está fechado, como se tivesse levado um soco forte, se é que não levou.

Como ele pôde fazer isso com ela? Como pôde?

— Aquele homem é seu pai, Matt.

— Ele não é meu pai, ele é um homem horrível, um monstro! — grito.

Ela chega perto de mim e se abaixa, deixando o machucado na altura dos meus olhos. Está muito feio e os pelos do meu braço se arrepiam.

— Filho, preciso que você mantenha a calma. Pode fazer isso por mim?

— Mas...

— Não fale nada. Eu sei que você está assustado, mas daqui a pouco *ele* vai chegar em casa e não podemos deixar que fique bravo com você também. Tudo bem?

Eu queria tanto ser grande e forte. *Ele* nunca encostaria suas mãos em mim e na minha mãe. Eu não deixaria.

Penso em não aceitar seu pedido, em fazer um monte de perguntas, mas ela parece tão cansada, que deixo para lá. Afinal, ela é a pessoa que eu mais amo no mundo. *A única.*

— Tudo bem — respondo. — Não está doendo? — Passo meus dedos em sua bochecha esquerda com medo de tocar a pele inchada perto dos olhos e ela estremece sob meu toque.

Não consigo segurar o choro e lágrimas molham meu rosto. Nem faço questão de limpar.

— Um pouco, mas vai melhorar. Tudo vai ficar bem, querido.

— Como? — pergunto, num sussurro, fungando. — Eu não quero mais te ver assim, mãe.

— E não vai, Matt. Não vai.

Não sei por que, mas sinto um frio na barriga com sua fala.

— Vamos embora daqui.

Soltando um longo suspiro, ela se levanta e pega minha mão.

— Vamos comer antes que esfrie — diz, ignorando meu pedido e eu a acompanho.



Após comermos, *Love Me Tender* começa a tocar. Quando eu era menor não entendia o motivo da minha mãe escutá-la quase todos os dias, mas com o tempo se tornou minha música preferida, porque é quando ela mais sorri.

Ela se levanta de repente e puxa minha mão.

— Venha, querido. Vamos dançar.

Nossos dedos se unem e ela me gira no meio da sala, o que me faz soltar uma gargalhada. Às vezes fazemos isso, dançamos e rimos como se fôssemos realmente felizes. Momentos assim me ajudam a esquecer um pouco da realidade, das noites de gritos e coisas quebrando, dos tapas, dos chutes e dos socos que me fazem ficar dias sem ir para a escola.

Os olhos dela não abandonam os meus quando canta, junto com a voz profunda de Elvis:

Me ame com ternura, me ame por muito tempo

Leve-me ao seu coração

Pois é lá que eu pertença

E nós nunca nos separaremos

Ela se curva e diz:

— Eu te amo, meu pequeno. Sempre te amarei. Nunca se esqueça disso.

— Eu também te amo muito, mãe.

— Mesmo quando eu não estiver por aqui, estarei em seu coração, te acompanhando em cada passo. Você compreende isso, Matt?

Franzo o cenho, achando a conversa estranha, mas assinto com a cabeça.

Ela beija minha testa e continua dançando comigo, até a música acabar.

— Meu amor, vou descansar um pouco.

— *Tá bom.*

É manhã de sábado, não tenho escola e geralmente ficamos sozinhos até o *homem ruim* chegar do trabalho. Minha mãe diz que ele é segurança e protege uma família rica. Vivo me perguntando o motivo de ele proteger a família dos outros e não a nossa.

Antes de ir para o quarto, ela se vira e diz:

— Eu te amo, Matt. Você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Me desculpe por não ter te dado uma boa família, mas eu tenho certeza de que você escolherá melhor, querido. Uma mulher que te respeite e, acima de tudo, que te ame como você é.

— Ai, mãe! Eu não quero saber de mulher nenhuma. Eca! — Faço cara de nojo.

Ela ri.

— Eu sei, filho. Só estou falando para você nunca esquecer. Seu pai pode ser muito duro, mas ele também te ama.

Como ela pode defender aquele homem? Depois de tudo o que passamos em suas mãos... não consigo entender.

— A minha professora disse um dia desses que quem ama não machuca o outro, mãe. Por que *ele* vive nos machucando? Por que vive nos batendo? Batendo em *você*? A senhora é boa, faz tudo *pra* nós, é a melhor mãe do mundo, e...

Não termino de falar, porque ela volta a falar:

— Querido! — Seus olhos caem para o chão, antes de continuar: — Infelizmente, seu pai não consegue se controlar depois que bebe, mas tenho certeza de que ele te ama.

— Não! Ele já disse que não me ama, que sou um fraco e que nunca vou ser alguém.

— Hey, não fale assim. Ele falou essas coisas quando estava com raiva, não representa a verdade. Nunca acredite nisso, você está me ouvindo?

Fico sem responder e ela repete a pergunta:

— Você está me ouvindo?

— Sim.

— Repita comigo, então: eu serei alguém e ninguém tem o poder de me dizer o contrário.

Suspirando, digo:

— Eu serei alguém e ninguém tem o poder de me dizer o contrário.

— E não tem mesmo! Você precisa acreditar, Matt. Eu não estarei aqui para sempre e preciso que você saiba que é mais forte do que pensa.

Mais uma vez, essa conversa esquisita.

— Para de falar assim, mãe. Vamos ficar juntos por muito tempo. *Pra sempre!*

Ela sorri e acaricia meus cabelos curtos, passando seus dedos em minhas sobrancelhas, bochechas, queixo, com um olhar que nunca vi.

— Eu estarei sempre com você. Aqui. — Sua mão espalmada toca meu peito, bem do lado do coração, e tenho certeza de que ela percebe o quanto ele está acelerado.

Só de pensar em perder minha mãe fico nervoso e com muito medo.

— Eu nunca vou deixar você ir embora. Vou cuidar de você.

— Ah, meu filhinho amado. Quem dera se tivéssemos o poder de manter todas as pessoas que amamos aqui, neste mundo...

— Sou seu herói, não sou? Eu vou te proteger. Posso não ser muito forte, mas não vou deixar você ir embora.

Ela se ajoelha e me dá um abraço inesperado. Eu a aperto forte, mostrando que a amo muito e que nunca poderei viver sem ela. Seu cheiro de flores me invade e aquece meu coração.

— Meu pequeno herói, você me salva todos os dias.

Beijando meu rosto, ela se levanta e finalmente vai descansar. O machucado no olho deve estar doendo, então a deixo ir para o quarto.



O *homem ruim* chega em casa, me vê na sala assistindo a um desenho e faz uma careta, antes de perguntar:

— Cadê sua mãe?

— Foi descansar — respondo e me encolho automaticamente.

— Descansar a essa hora? E o meu almoço?

Dou de ombros e ele sai xingando em direção ao quarto. Em alerta, vou correndo atrás dele, sem fazer barulho para que

não me ouça.

— Kate! Acorda! Cadê meu almoço? — ele grita e minha respiração acelera. Tenho vontade de falar para não a acordar, mas prefiro ficar em silêncio. Do jeito que ele está, só iria piorar as coisas.

Como a resposta da mamãe não vem, eu o observo apertar o ombro dela com força.

— Não mexe nela! — grito, sem conseguir me segurar, mas ele parece não me ouvir.

— Kate! *Porra!* Acorda, vadia!

Ele chacoalha com força o corpo da única pessoa que amo neste mundo e, sem aguentar nem mais um minuto, avanço sobre o *monstro*, batendo em seus quadris, costas, tentando afastá-lo.

— Para de *machucar ela!* — esperneio.

— Ela está morta! — o *homem ruim* sussurra, os olhos arregalados. — Ela está morta!

— O quê? — é a minha vez de sussurrar. — É mentira sua.

Vou para o outro lado da cama e subo no colchão.

— Mãe! Mãe! Acorda! — chamo, enquanto sacolejo seu braço.

Nada.

Ela permanece imóvel.

Como se estivesse dormindo.

Pela primeira vez, parece que está em paz e só agora percebo os lábios roxos e a pele fria.

Pânico.

Estou em pânico.

Fica difícil respirar e me afasto, apoiando-me no armário.

Como se acordasse de um transe, o *homem ruim* olha para mim e estreita os olhos, sua expressão mais demoníaca do que os vilões dos desenhos que assisto.

— A culpa é sua.

O quê?!

— A culpa é sua — ele repete.

— Minha? E-eu não fiz nada.

— Ela estava bem quando saí. Foi você que a matou. Você a matou! Seu verme! Seu merda! Vem aqui, seu diabo!

Uma voz grita em minha cabeça: *corra!*

E é o que faço. Ao dar o primeiro passo, ele tenta avançar, mas com meu corpo pequeno e leve consigo desviar.

Sem olhar para trás, abro a porta de casa e saio correndo. Sem destino, chorando, soluçando... Minha mãe foi embora.

Eu não consegui salvá-la.

A raiva toma meu corpo e a deixo, pela primeira vez, *me* dominar. Solto um grito. Um grito com toda a força que tenho.

Grito como se minha mãe pudesse me ouvir, onde quer que ela esteja neste momento.

Ela se foi.

O pior é que ela sabia que não nos veríamos mais. As suas palavras de despedida, seus conselhos, o abraço apertado...

Ela me deixou sozinho. Sem se importar com o meu amor, com o quanto eu preciso dela.

Meus pensamentos estão muito confusos.

— *Ahhhhhhhhhhhhhhhh!* — grito novamente, desviando dos olhares das pessoas curiosas na rua.

Quase posso ouvir a voz da minha mãe me repreendendo, o que me deixa mais irritado...

Destruído.

Ela foi embora.

Eu fui fraco.

Não a protegi.

Ela se foi por *minha culpa*.

Sem fôlego por correr sem parar, faço uma promessa para mim mesmo.

Eu nunca mais serei fraco outra vez.

Não serei covarde como *ela* foi.

Não confiarei no sentimento mais mentiroso, falso e fraco de todos.

O amor não existe!

UM

Não se preocupe, não se preocupe, criança
Veja, o céu tem um plano pra você
Não se preocupe, não se preocupe agora

DON'T YOU WORRY CHILD, SWEDISH HOUSE MAFIA

Liz Perez

E a garota com sangue latino, nascida em Miami, chega à Universidade Yale. Uma das melhores do mundo e integrante da *Ivy League*^[1].

Quem diria? Eu mesma custo a acreditar.

Claro que fiz por onde, estudei, me empenhei, dei meu suor e todo meu tempo para conseguir uma bolsa integral na faculdade dos meus sonhos, mas ainda assim é surreal.

Luna e Raúl, meus amigos de infância, quando souberam que fui aceita, disseram que eu não iria me adaptar, que estava cometendo um erro ao sair da Flórida para me aventurar em outro estado, mas é difícil não se adaptar com uma vida que tem tudo para ser mil vezes melhor do que a que eu levava em *Little Havana*, bairro onde nasci e cresci. Pelo menos, me esforcei para isso.

Se eu continuasse onde estava, não sei o que seria de mim. Só a ideia de acabar como a minha mãe me deixa com o estômago embrulhado. Então, decidi tomar as rédeas do meu futuro e, pela primeira vez, pensei em mim, no meu sonho de ser uma estudante de Yale.

E consegui! Jesus, eu consegui!

Analiso a imensidão ao meu redor, as árvores, os gramados, as construções antigas, góticas e imponentes do *Old Campus*, a parte mais antiga da Universidade, designada para a residência dos calouros. No caso, onde ficarei no primeiro ano.

É a primeira vez que piso neste lugar e estou toda arrepiada. Tudo o que eu vi em fotos, visitas virtuais, não se compara com a experiência ao vivo e em cores.

Quando me chamaram para realizar a matrícula e conhecer o campus, semanas atrás, não pude voar até New Haven. A passagem estava muito cara, minha mãe ficou doente, por isso só consegui vir agora, sete dias antes de as aulas começarem, a fim de me situar, me acomodar no quarto que será minha casa em meu *freshman year*^[2], e conhecer os arredores da Universidade e da cidade.

Após este período no *Old Campus*, o lugar designado exclusivamente para os calouros, vou para a residência *Pierson*, uma das quatorze residências de Yale, onde ficarei até o final da faculdade. A escolha é feita através de um sorteio, que foi

realizado há alguns minutos, e confesso que me senti em *Hogwarts* com suas quatro casas. *Fã de Harry Potter Check.*

Pelo que me passaram, e de acordo com minhas pesquisas, cada uma possui seus costumes, festas, refeitórios, rixas, e não vejo a hora de viver tudo isso. Não que eu não possa usufruir, visitar, mas é bem diferente quando a gente faz parte.

Um passo de cada vez. Já estou extremamente feliz por estar aqui, vou viver cada etapa da melhor maneira possível.

Apesar de estarmos em agosto, o clima em New Haven é bem mais ameno do que em Miami. As sombras das árvores são um acalento à parte e estou usufruindo disso neste exato momento. Aposto que eu estaria derretendo por lá vestida com essa calça jeans.

Eu vivia de shorts e regatas, mas com a mudança resolvi dar uma renovada em meu armário e o dinheiro que minha mãe me deu de presente por ter entrado em Yale complementou o que eu vinha guardando. A princípio, recusei, pois eu sabia de onde aquela grana vinha, contudo ela insistiu tanto, chegou a chorar até — sempre dramática —, e não vi alternativa a não ser aceitar.

A minha nova vida merece uma nova Liz Pérez.

— Hey, está perdida? — alguém pergunta atrás de mim, tirando-me dos meus devaneios, e giro meu corpo em sua direção.

— Oi! Oh, não, estou apenas admirando o lugar — respondo, com sinceridade, sem me importar se pareço deslumbrada demais e ela abre um sorriso com a minha resposta.

Com um monte de papel na mão, inclusive o mapa da Universidade, qualquer um que passasse por mim pensaria que eu estava perdida.

A menina aparenta ter 16 anos e usa óculos com lentes tão grossas que se assemelham a duas lupas. Caramba! Já comecei a encontrar os “crânios” daqui. Ela é uns dez centímetros mais alta do que eu — aliás, seria difícil alguém ter menos do que os meus 1,57m de altura.

— Sim, aqui é realmente muito bonito. Chegou hoje? Quer ajuda com as malas?

Eu não esperava encontrar muitas pessoas no campus, mas pela movimentação ao redor percebo que não fui a única com a ideia de chegar com antecedência.

— Na verdade, cheguei há algumas horas. Obrigada pela ajuda, mas não precisa se preocupar.

— E você não precisa ser educada, eu posso te ajudar — diz, abrindo outro sorriso.

Foi realmente difícil chegar até aqui com essas duas malas pesadas, fora a mochila gigante nas minhas costas que me deixa parecida com uma das tartarugas ninja.

— Okay, então eu levo uma e você me ajuda com a outra. Vou ficar no dormitório cinco — aviso.

— Estamos perto. É só me seguir.

— Muito obrigada... Qual seu nome?

— Rosalind Jones, mas pode me chamar de Rose. E o seu?

— Liz Pérez.

— Liz de Elizabeth, algo assim?

— Não, só Liz.

— Humm... Diferente, mas objetivo. Legal!

— Exatamente — concordo, dando uma risada de sua conclusão. — Eu morava em *Little Havana*, uma comunidade cubana em Miami, minha mãe nasceu em Havana, então é bem comum vermos nomes assim.

— Já ouvi falar de *Little Havana*, mas nunca conheci alguém de lá. Interessante! Eu sou de Nova York. Adoro essa diversidade cultural que a Universidade proporciona.

— Você está aqui há quanto tempo? — pergunto, ofegante, me esforçando para caminhar ao seu lado.

Como competir com pernas tão longas? Um passo dela são quase três do meu.

— Sou caloura também — responde.

Arregalo os olhos e ela começa a rir.

— Sério?! Você parece tão... entrosada, e conhece tudo, como se já fosse daqui.

— É que fiz alguns cursos de verão, aí já me considero da casa.

Como eu imaginei: crânio!

— Chegamos ao seu prédio — anuncia.

— Legal! Mais uma vez, muito obrigada, Rose!

— Não foi nada. Se precisar de alguma coisa, estou no dormitório 25. Boa sorte!

E assim como apareceu, ela vai embora, cobrindo as orelhas com um enorme fone de ouvido.

— Obrigada! — murmuro, porque nem deu tempo de me despedir da menina, muito menos de perguntar qual o curso que ela vai estudar.

Isso foi estranho, mas um estranho bom.

Dando de ombros, pego as malas e entro do prédio. Para minha sorte, o apartamento é logo no primeiro andar e não precisarei subir escadas. Amém!

Deixo as malas no chão, pego a chave no bolso da calça e abro a porta, encontrando uma pequena sala com um sofá, uma mesinha no centro e uma lareira. Tudo está em silêncio, calmo, e me agradeço internamente por ter tido a brilhante ideia de chegar antes da galera.

Ao redor, há três portas e duas delas contêm iniciais em *post its*, imagino que sejam das meninas que ficarão no mesmo dormitório. Duas em cada quarto. A porta sem papel deve ser o banheiro que iremos compartilhar. Uma droga, mas fazer o quê? Nem tudo é perfeito.

Dirijo-me até a que está com LP e DL e a abro, dando de cara com o espaço que será meu lar por doze meses. Vejo duas camas de solteiro separadas por uma cômoda pequena, estantes brancas na parede de um lado e de outro, que acredito que seja para dividir meus livros e demais materiais com os da minha colega, um armário e duas mesas desmontáveis de frente para a parede.

Por falar em colega, não vejo a hora de conhecê-la. Será que vamos nos dar bem? Estou torcendo bastante para isso.

Minhas mãos chegam a suar ao me dar conta de que estou sozinha, de fato, pela primeira vez em meus 18 anos, sem meus amigos por perto, sem meus livros — infelizmente só consegui trazer três —, sem precisar me preocupar por onde anda minha mãe. Não que eu já não esteja acostumada a ficar sozinha, mas agora não tenho ninguém que conheço por perto.

Minha única preocupação serão meus estudos e em encontrar um emprego de meio período para me manter por aqui. Outro motivo que me fez vir alguns dias antes.

Não nasci em berço de ouro e por isso ganho meu próprio dinheiro desde os 14 anos. Eu saía do colégio, ia para casa me trocar e corria direto para o trabalho. O tempo que eu tinha para estudar era à noite, se estendendo até a madrugada, o que eu não abria mão e me fazia ser a aluna nº. 1 da sala.

Já fui garçõete em uma lanchonete, atendente em uma cafeteria, funcionária de uma agência de viagens. Meu último trabalho foi em um restaurante elegante de Miami e quando o dono soube que eu havia sido admitida em Yale me deu um jantar de presente. Foi incrível! Como de costume, minha mãe não estava em casa há dias, mas fui mesmo assim. Com o tempo, aprendi a lidar com a minha própria companhia, sem depender de ninguém.

Voltando à realidade, de repente me lembro que não peguei as malas que deixei na entrada do dormitório e rapidamente as trago até meu quarto. Ao colocá-las no chão, tiro minha mochila gigante das costas e é como se eu estivesse leve como uma pluma.

Como um ímã, a cama me chama e me deito sobre ela.

— Nem acredito que deu tudo certo — murmuro, soltando um longo suspiro de satisfação.

Acordei às 3h da manhã para pegar o voo das 5h no Aeroporto Internacional de Miami, cheguei a New Haven às 7h30, peguei um táxi direto para Yale, participei da visita guiada e do sorteio de dormitórios, assinei uma papelada e só parei agora. Fora as semanas anteriores, que passei na ansiedade. Eu realmente preciso de uma boa noite de sono.

Pego meu celular no bolso de trás da calça e consulto a hora.

Meio-dia.

Jesus! Por isso estou faminta.

O aparelho vibra na minha mão e sem precisar ver o nome na tela, já sei quem está ligando.

Olho para o teto, refletindo se atendo agora ou aproveito o meu momento de descanso. Mas a quem eu quero enganar? Ela não vai me deixar em paz.

— Alô! — atendo.

— *Você não me ligou quando chegou.*

— Não consegui parar, Carmen.

— *Não acredito que já se esqueceu de mim.*

Eu disse que ela era dramática.

— Do que você está falando? Só estou cansada. Já fiz muita coisa desde que cheguei.

— *Eu te conheço e sei que não via a hora de se ver livre da sua mãe.*

Diz a mulher que nunca foi uma mãe de verdade.

— Acho melhor a gente parar por aqui. Quanto à faculdade, deu tudo certo, já estou no meu quarto, daqui a pouco vou sair *pra* comer alguma coisa e aproveitar para ver se encontro um emprego por perto.

Ela solta um longo suspiro e diz:

— *Fico feliz que tenha dado tudo certo, Liz. Eu gostaria de estar aí com você para aproveitar esse momento, mas você sabe que eu não podia sa...*

— Eu sei — corto. — Já sou crescidinha, Carmen, e estou acostumada a fazer tudo sozinha.

Sei que peguei pesado, mas foi mais forte do que eu. Estava engasgada desde o dia em que ela disse que não poderia me acompanhar porque iria *trabalhar*. Por mais que eu esteja habituada à sua ausência, no fundo gostaria que ao menos uma vez eu fosse sua prioridade.

— *Isso é injusto, Liz* — esbraveja. — *Você sabe que eu preciso...*

— Não quero discutir agora. O bom é que você está livre para continuar vivendo como sempre viveu, sem se preocupar com o peso de uma filha nas costas.

— *Santa Madre, o que você...* Carmen! — alguém a chama, interrompendo o que quer que ela fosse falar.

— Pode ir. Depois a gente se fala — digo.

— *A gente vai terminar esta conversa mais tarde, mocinha. Você está muito errada se pensa que não vou sentir a sua falta. Preciso ir. Até depois.*

— Até.

Desligo o telefone e o jogo ao meu lado, bufando. Eu precisava aliviar tudo o que estava me sufocando. Quando morava em Miami evitava entrar em conflitos, estando longe é diferente. Se um dia ela achou que suas ações não teriam consequências em mim, estava muito errada.

Prestes a levantar para ir almoçar, meu celular toca novamente.

— Ah, não... — reclamo e dou uma olhada no visor.

Luna.

— *Pensei que já estivesse no meio dos mimadinhos e não iria me atender.*

É a primeira frase que ela solta quando resolvo atender.

— De novo com essa conversa? Você e Raúl precisam trocar de disco.

— *É questão de tempo, Liz, você sabe. Vai acabar se enturmando com os seus colegas riquinhos e superinteligentes e aos poucos vai esquecer que um dia nos conheceu.*

— Uau! Da próxima vez que eu quiser descobrir o que vai acontecer no meu futuro, vou te procurar, pelo visto, você tem o dom da adivinhação.

— *Pode zombar, mas trago verdades. Mas e aí? Como estão as coisas na nova vida? Muito diferente daqui?*

Sabe quando você não tem vontade de compartilhar suas conquistas com uma pessoa, porque sabe que não vai fazer diferença? Porque sempre que você conta algo, recebe um deboche ou sua animação é cortada? Pois é, assim que eu tenho me sentido em relação à Luna e ao Raúl.

Nós crescemos juntos, brincamos muito quando crianças, estudamos no mesmo colégio, mas os dois não têm uma perspectiva de futuro como eu tenho. Para eles, está ótimo trabalhar a vida toda em um restaurante, hotel, só que isso não é o

que eu quero para mim, porém, nunca fizeram um esforço para compreenderem minhas ambições.

Quando eu disse que viria para o estado de Connecticut, a 1241 milhas da Flórida, eles ficaram chocados. Eu me senti como uma alienígena ao dizer que iria estudar na faculdade dos meus sonhos. Em vez de pularem comigo, vibrarem, comemorarem, a primeira coisa que ouvi foi: *você acha que vai conseguir ficar lá por muito tempo? Você se acha tão inteligente assim?*

Preferi deixá-los sem resposta porque, naquele momento, eu percebi que não valia a pena discutir. Então, aos poucos venho entendendo que não serão os *riquinhos e superinteligentes* que irão me afastar de Luna e Raúl e, sim, os próprios, se continuarem com essa coisa chata.

Por fim, resolvo respondê-la resumidamente:

— As coisas estão se ajeitando. Cheguei há poucas horas, ainda preciso conhecer os arredores, mas pelo que vi parece ser bem diferente daí, sim. Pelo menos, o clima é mais ameno.

— *Humm, legal! Bem, preciso ir para o Charles* — diz, referindo-se ao restaurante em que trabalha. — *A gente se fala depois, então.*

— Tudo bem. Bom trabalho.

Encerramos a chamada e meu instinto não poderia estar mais certo. Infelizmente, ou felizmente, os ciclos se renovam de tempos em tempos, abrindo portas para pessoas e oportunidades que nos acrescentam e fechando para as que não agregam e nem estão na mesma sintonia.

DOIS

Deixa eu apresentar meu novo amigo
Eu tenho um novo amigo!
Deixa eu apresentar meu novo amigo

NEW FRIEND, NO DOUBT.

Liz Perez

Após encontrar uma cafeteria que também serve refeições, dentro do campus e não muito distante do meu dormitório, almocei e sem pensar duas vezes entreguei meu currículo para o gerente. De cara, gostei bastante do lugar e pelo que ouvi é o *point* dos alunos na hora do almoço e após as aulas. O rapaz ficou de me ligar assim que conversasse com o proprietário. Fiquei animada e tenho esperança de que pode dar certo.

De volta ao meu quarto, desfaço as malas, coloco todas as roupas dentro do armário e guardo os três romances que trouxe comigo na estante. Aproveito para deixar meu notebook na mesa retrátil, pois preciso me lembrar de ver meus e-mails.

Por incrível que pareça, mesmo sem as aulas começarem, há inúmeras mensagens da faculdade com orientações, informações sobre as matérias que escolhi, convites para eventos futuros, o que me tomará um tempinho. Antes, decido ir para o banho, tirar todo o suor do corpo e ficar mais à vontade.

Pego uma toalha, os produtos que preciso, calcinha e meu pijama mais confortável. O ruim de compartilhar o banheiro é que a todo momento terei de levar minhas coisas e trazê-las de volta, isso não é nada prático.

Saio do quarto e sigo para a porta que imagino ser o banheiro. Acertei. Pelo menos, é espaçoso.

Ligo meu celular e deixo a *playlist* da minha cantora preferida tocando. Eu adoro cantar debaixo do chuveiro e já que estou sozinha no apartamento, aproveito. Quem nunca fez isso, não é? Me julguem!

Never Be The Same ecoa pelo espaço e quando Camila Cabello entra com os acordes, solto minha voz.

Ligo o chuveiro e deixo a água fria me molhar da cabeça aos pés. Que delícia! Acabei me acostumando a tomar banho frio em *Little Havana* e só consigo voltar para o quente no inverno. Em uma das minhas pesquisas, vi que o inverno daqui é rigoroso, nem se compara com o meu antigo lar. Inclusive, assim que ganhar meu primeiro salário, caso consiga o trabalho, vou correr para um brechó que encontrei na internet para comprar roupas de inverno aceitáveis. As minhas... não dá nem para comentar. Provavelmente, passarei frio se contar com elas.

Enquanto passo xampu, canto o refrão:

Assim como nicotina, heroína, morfina

De repente, estou viciada e você é tudo que preciso, tudo que preciso

Não sou fã de muitas celebridades, mas a Camila merece meu respeito. Talvez seja pela origem cubana e pelo exemplo de sucesso e determinação, afinal, sua carreira começou por meio do *reality show The X Factor*. Fora que muita gente me compara a ela, tanto pela altura quanto pelos traços e o cabelo longo e ondulado. Só gostaria de um *Shawn Mendes* para chamar de meu. Só isso.

Rio sozinha, voltando a cantar. Estou absorta na música e quando abro os olhos para pegar o sabonete, vejo uma pessoa do outro lado.

— *Ahhhhh!* — grito, colocando a mão no coração.

— *Ah, meu Deus!* — diz, mas não entendo muito bem, pois parece ter falado em outra língua. Em seguida, completa: — Não queria te assustar. Eu tentei te chamar algumas vezes, mas como não me respondeu, eu entrei.

Como pude me esquecer de trancar a porta? E como a pessoa invade um banheiro, mesmo sabendo que está ocupado?

Estava bom demais para ser verdade. Que droga!

Tento esconder meu corpo com as mãos, mas a intrusa faz o favor de virar o corpo para me dar privacidade.

— Me desculpa mesmo, só queria saber quem estava aqui — diz. — Cheguei agora ao dormitório e estou um pouco perdida.

— Tudo bem — passado o choque, respondo. — É urgente?

— Eu estou louca *pra* fazer xixi e não encontro outro banheiro — diz, ainda virada, mas percebo a vergonha em seu tom.

Jesus! Só me faltava essa.

— Olha, eu também cheguei hoje e não consigo te ajudar agora. Você consegue aguentar só...

— Garota, estou quase fazendo nas calças. Se não fosse absurdamente urgente, eu nem teria entrado. Mil desculpas, mas posso fazer enquanto você toma banho? É rapidinho, não vou demorar nem um minuto.

Quando eu pensei que não poderia piorar... O que vou fazer? Negar? E se ela mijar nas calças por minha culpa? Que situação!

— Pode fazer — digo.

— Ai, muito obrigada. Estou te devendo uma. Desculpa por isso, sério! Pago seu jantar...

— Não se preocupe. Depois a gente conversa melhor.

Estamos no banheiro, somos duas desconhecidas, preciso avisar a ela que não é a melhor hora para termos uma conversa?

— Você não tem noção do que eu passei *pra* chegar até aqui. Foram vinte horas de voo, duas conexões... estou morta!

É sério que ela vai continuar conversando aqui mesmo, enquanto faz suas necessidades e eu tomo banho? Como se fôssemos melhores amigas da vida? Nunca fiz isso nem com a Luna, que cresceu comigo.

Mas vinte horas de voo? De onde será que ela veio? Apesar de estar curiosa, me seguro. Se somos do mesmo apartamento, tenho certeza de que teremos tempo para trocarmos figurinhas.

A música continua tocando e ela diz:

— Adoro a Camila.

Bom, ganhou pontos comigo.

— Eu também — resolvo responder, terminando de enxaguar meus cabelos.

Acho que não tenho opção a não ser relaxar e deixar rolar. Vou considerar essa situação constrangedora como uma experiência de faculdade.

— Acabei! Nossa, muito, muito obrigada! Você não tem noção de como me salvou. — Ouço o barulho da descarga.

— Sem problemas.

— Quando você sair, a gente conversa melhor — fala.

— Isso! Já estou terminando por aqui.

— Okay!

— Tchau!

A porta se fecha e respiro fundo, voltando a tomar meu banho. Quer dizer, só falta tirar o sabão do meu corpo.

Preciso ser mais cuidadosa por aqui. Lá em casa eu não trancava a porta do banheiro, até porque eram raras as vezes em que não estava sozinha. Agora as coisas são bem diferentes.

Desligo o chuveiro e começo a me secar, fazendo meu ritual pós-banho.



Já vestida, saio do banheiro e entro em meu quarto, tomando um susto logo de cara ao perceber que a outra cama está ocupada.

Rio internamente.

É claro que a “intrusa” é minha colega de quarto.

Tão surpresa quanto eu, a menina levanta o tronco da cama e com os olhos arregalados, pergunta:

— Nós somos colegas de quarto?

— Se você for a DL, sim.

— Então você é a LP.

— Sim. Liz Pérez.

— Sou a Daniela Lima, prazer.

Ela tem uma beleza exótica. A pele alguns tons mais bronzeada do que a minha realça seus olhos verdes e os lábios carnudos chamam bastante a atenção. Seus cabelos são meio lisos, meio encaracolados, como se tivesse feito algum procedimento. Dá para ver que é vaidosa. O conjunto da obra a definiria como uma modelo latina. Mesmo sentada, consigo ver que a menina tem muitas curvas, aposto que vai fazer sucesso.

— Prazer, Daniela.

— Pode me chamar de Dani. É como todos me chamam no Brasil.

— Brasil?

— Sim, sou brasileira, mais especificamente do Rio de Janeiro.

— Uau! Por isso a viagem foi tão longa.

— Nossa, nem me lembre — fala, sentando-se com as pernas cruzadas sobre o colchão. — Juro que eu quase fiz xixi nas calças enquanto assinava os papéis na recepção. Acho que pensaram que eu era atleta de marcha atlética, já viu como eles andam?

Tento segurar uma risada, mordendo o lábio inferior, mas ela me surpreende:

— Pode rir. Foi realmente muito engraçado.

— Gosto de pensar que isso faz parte da experiência universitária — comento. — Assim como a cena do banheiro.

— Concordo plenamente — ela ri. — Me desculpe por aquilo.

— Sem problemas. Já esqueci — brinco.

— Você é americana mesmo? Pergunto, pois, assim como eu, pode ser de outro lugar, quem sabe...

— Sou americana, sim, mas venho de uma família cubana. Minha mãe era de Havana e veio para os Estados Unidos. Eu nasci em *Little Havana*, um bairro que mais parece Cuba dentro da América, lá em Miami.

— Que demais! Duas latinas no mesmo quarto! *É isso aí, garota!*

— O que você disse por último?

— Olha, não esquentar com isso. Eu acabo misturando o inglês com o português. Apesar de ser fluente, tem termos que eu preciso falar na minha língua porque *sei lá*, é costume.

Nós duas rimos. Essa garota é engraçada. Apesar do susto no banho, parece ser gente boa. Sabendo que é brasileira, compreendo melhor seu jeito espontâneo e prático, muito parecido com os meus conterrâneos cubanos.

— Mas você não respondeu à minha pergunta, quero saber o que falou. Acho sempre válido aprender novas línguas.

— Eu disse: é isso aí, garota! — traduz para o inglês e depois fala em português.

Tento imitá-la, mas o sotaque espanhol vem junto, não tem jeito.

— Você fala espanhol? — pergunta, como se já soubesse a resposta.

— Sim.

Minha mãe vive misturando o inglês com o espanhol — repleto de *cubanisms*, o que acaba se tornando um idioma próprio — por isso, desde pequena fui obrigada a aprender. Além do mais, é quase como uma condição para viver na comunidade, uma forma de não abandonar nossas raízes.

— Ah, então você vai conseguir entender várias palavras. Porém, preciso evitar falar português, de qualquer forma.

— Entendo, você vai fazer qual curso?

Ela abre um sorriso enorme e responde:

— Medicina. Quero entrar na área de pesquisas, descobertas, essas coisas. Meu sonho é fazer algo importante na área de saúde do meu país.

Arregalo os olhos, surpresa ao me deparar com uma pessoa tão obstinada e focada como eu. Eu já sabia que encontraria muitos estudantes com o mesmo objetivo por aqui, mas conhecer de perto, e logo a minha colega de quarto, é inspirador. Faz com que eu não me sinta tão deslocada, como meus amigos Luna e Raúl me faziam sentir.

— Uau! Isso é genial!

— Eu ainda não acredito que consegui a bolsa que tanto queria. Cheguei a ficar doente de tanto estudar.

Pelo visto, temos mais em comum do que eu imaginava.

— Eu também sou bolsista — compartilho.

— Sério? E o que você vai cursar? Vai me dizer que é Medicina também? Porque se for, aí eu vou ficar com medo de tanta coisa parecida.

Essa garota não para de me fazer rir.

— Não, não vou fazer Medicina. Sou de humanas. Quero fazer Direito.

— Caramba!

— Assim como você, quero fazer a diferença. Meu desejo é ser especialista na defesa dos direitos dos imigrantes que vêm para os EUA à procura de oportunidades. Desde pequena, vejo muita injustiça, então decidi que gostaria de fazer alguma coisa para mudar o cenário. Pode ser uma visão inocente, utópica, mas o primeiro passo já consegui, entrei em uma das melhores universidades do mundo. Agora, é continuar trilhando meu caminho.

É a primeira vez que falo isso em voz alta. O único momento em que expus esse desejo foi quando precisei fazer uma redação para ingressar em Yale, explicando meus motivos para querer estudar nesta Universidade. Pela nota que tirei, ficou claro que eles gostaram dos meus argumentos, o que me deu ainda mais gás para continuar no mesmo propósito.

— É isso aí, garota! — Dani repete a frase em português, fazendo um movimento de torcida com o braço direito.

— É isso aí, garota! — repito, do meu jeito, mas até que ficou legal.

Ela se levanta e não posso deixar de examiná-la de cima a baixo, confirmando minha análise anterior. A calça jeans justa e a blusinha de alcinhas que está usando destacam suas curvas. Ela tem um corpão!

— Você é muito bonita. Sempre ouvi falar das mulheres brasileiras, mas achei que fosse algo estereotipado, como falam das mulheres latinas no geral — me pego falando.

— Oh, obrigada! Você também é. Linda, por sinal. É o nosso sangue, *hermanita*! O melhor é que além de quentes, somos inteligentes.

Ela pisca para mim e não consigo controlar a minha risada.

— E esse *cabelão* fica muito bem em você — finaliza, apontando para meu cabelo, que molhado fica ainda maior.

Dani é a primeira pessoa a me dizer isso sem criticar a minha altura e não consigo esconder um sorriso. Apesar de ser alguns poucos centímetros mais alta, ela não me encara como uma anã ou uma pessoa inferior, como já experienciei.

— Obrigada! Eu adoro.

— Você é a Camila Cabello de Yale.

— Jesus, você também... — Coloco as mãos no rosto.

— O que posso fazer? Você tem traços muito parecidos. Assim que entrou no quarto o nome dela me veio à cabeça e você estar ouvindo suas músicas no banheiro também me ajudou a fazer a ligação.

— Quando me dizem isso, sempre brinco e digo que só me falta um Shawn Mendes. — Ela cai na gargalhada.

— Garota, tenho uma colega brasileira que está no último ano daqui e me deu várias dicas de como as coisas funcionam em Yale para eu não ficar perdida quando as aulas começarem.

— Sério? — pergunto genuinamente curiosa e Dani assente.

— Inclusive, segundo ela, tem muito cara gato por aqui, principalmente nos times de futebol americano e basquete. Quem sabe você não encontra seu Shawn...

— Passo. Não quero que nada tire o meu foco, Dani. Foi muito difícil ser admitida em uma faculdade como Yale e estou fugindo de distrações e complicações. Você sabe que a gente vai precisar se esforçar dez vezes mais do que os alunos convencionais.

— Você está certa, também penso assim, mas olhar não faz mal, não é? — pergunta, piscando e movendo as sobrancelhas para cima e para baixo.

— Claro! A gente abre uma exceção para isso, mas me conta o que sua colega veterana comentou sobre o campus.

— Vou contar, só que preciso de um banho. Me espera?

— Sim, pode ir sem pressa. Eu sou outra pessoa depois de ter tomado aquele banho.

— É disso que eu preciso.

— Acho que vamos nos dar muito bem — admito. — Eu estava com o maior medo de morar com uma menina metida ou que não batesse comigo, mas senti uma coisa boa vindo de você.

— Não tenho a menor dúvida de que vamos nos dar bem, Liz. Eu também senti uma *vibe* muito boa vindo de você.

— Agora vai tomar o seu banho *pra* gente voltar a conversar — corto e ela sorri. — Só não se esquece de trancar a porta.

Ela solta uma risada alta.

— Pode deixar, aprendi a lição.

Acho divertido termos uma piada interna logo no primeiro dia. Conhecer minha companheira de quarto foi melhor do que o esperado. Em poucos minutos, ela se mostrou ser uma garota comunicativa, estudiosa e divertida.

Aproveitando sua ida ao banheiro, sento-me de frente para a mesa e ligo o notebook para verificar minha caixa de e-mail até que ela retorne.

TRÊS

Talvez eu não devesse tentar ser perfeito
Confesso, estou obcecado com a superfície
No final, se eu cair ou se conseguir tudo
Eu só espero que isso valha a pena

NERVOUS, THE NEIGHBOURHOOD

Liz Perez

— Bom dia! — Escuto a voz de Dani antes mesmo de abrir os olhos.

Solto um resmungo e tento prosseguir com meu sono, mas a morena é insistente. Mais uma coisa que aprendi desde sua chegada, há cinco dias.

Estamos saindo todos os dias, a fim de conhecer a cidade e os arredores da Universidade, que contempla uma infinidade de prédios; galerias de arte; o enorme campo de futebol americano, o aclamado *Yale Bowl*; bibliotecas — incríveis, por sinal. Minha vontade era passar meus dias na *Biblioteca Beinecke de Livros Raros e Manuscritos*. Simplesmente espetacular. As fotos não fazem jus à beleza que aquele lugar representa de fato.

Fizemos o roteiro completo. Com nosso cartão de acesso entramos em todas as quatorze residências de Yale para conhecermos suas dependências — a Dani foi sorteada para ficar em *Davenport* após o primeiro ano e mesmo tendo doze meses pela frente, já sei que sentirei saudade de sua companhia quando tivermos que nos separar.

Visitando o centro, os parques e algumas lojinhas, pude ver o quanto Yale está entranhada na cidade e a maioria das lembrancinhas remete a ela, desde almofadinhas no formato da letra Y nas cores azul e branco — as cores da Universidade —; jogos de cama; agasalhos; enfeites; até acessórios com a estampa do mascote das equipes esportivas *Yale Bulldog*, o *Handsome Dan*, um cão buldogue.

Antes de chegar a New Haven, eu já tinha a ideia de desbravar meu novo lar, mas as dicas da colega da Dani ajudaram bastante. Além da sugestão de lugares para visitarmos, ela também deu informações sobre como funcionam as coisas durante as aulas, como por exemplo as festas que ocorrem tanto nos dormitórios, como nas mansões das fraternidades, que os principais jogadores do time de futebol são idolatrados por toda a faculdade, assim como os jogos são os principais eventos de Yale.

Disse também que o refeitório é dividido por grupinhos — líderes de torcida, nerds, atletas, calouros, músicos —, e que aqui se destaca nas aulas quem pensa diferente, “fora da caixa”.

Tudo isso me deixou mais preparada para enfrentar o novo. Apesar de ter noção das rixas e que os populares sempre se destacam, saber de tudo isso de maneira concreta faz com que eu não crie expectativas de que as coisas serão mil maravilhas. Me faz enxergar que preciso ficar na minha, sem me deixar levar pelo deslumbramento.

— Acorda, dorminhoca! — Desta vez, Daniela se senta na ponta do meu colchão e fica cutucando minhas costas.

— Ai! Isso dói — reclamo. — Intimidade é uma merda.

— Ainda mais com brasileira. — *Ela faz a piada dela.*

— Por que você quer levantar agora?

— Porque lá fora está a maior agitação com a chegada de novos alunos e veteranos, e não quero ficar trancada no quarto o dia todo.

— Você pode sair, não tem ninguém te impedindo. — Jogo minha isca, mas a morena não cai.

— *Ha-ha.* Que graça teria ir sozinha? Vamos, Liz Pérez! Hoje é sábado, esqueceu que temos um compromisso mais tarde e precisamos nos preparar?

— Lá vem você com essa ideia doida. Eu já disse que não estou a fim de ir, Dani. A gente andou *pra* caramba a semana toda, preciso descansar para as aulas daqui a dois dias.

— Você tem quantos anos, mesmo?

— Nem vem com essa. Eu só quero relaxar enquanto posso porque depois sei que vou ficar louca de tanto estudar e trabalhar.

Por falar em trabalhar, recebi uma mensagem do gerente da *University of Coffee*, a cafeteria que eu havia deixado meu currículo, dizendo que consegui o emprego e que posso começar na segunda, após minhas aulas. Fiquei muito empolgada com a oportunidade e, claro, extremamente aliviada por ter um meio de me sustentar por aqui. Logo minhas economias acabarão e não posso me dar ao luxo de ficar sem uma renda.

— Poxa, eu te contei tudo o que a Carla me passou, te fiz companhia durante a semana, e você não vai fazer isso por mim?

Num minuto estou de braços, no outro, sentada e boquiaberta.

— Sério que você vai jogar isso na minha cara?

Dani faz sua melhor cara de “cachorrinho pidão”, como se eu fosse a maior vilã da história e não consigo deixar de rir. Essa garota não existe e, por incrível que pareça, já gosto muito de sua amizade para não atender a um pedido seu feito com tanta persistência.

Derrotada, respondo:

— Ok, a gente vai sair agora, mas não garanto nada de mais tarde. Como a sua colega disse, essas festas são bem loucas.

— Ela chegou do Brasil hoje cedo e já foi para a residência. Inclusive, foi a Carla quem nos chamou, Liz, não tem com o que se preocupar, mas depois a gente conversa sobre isso. Vamos tomar aquele café da manhã das campeãs e observar a galera

chegando ao campus.

Antes de se levantar, ela me dá um tapinha no ombro e balanço minha cabeça.

— Estou perdida com você.

— Muito pelo contrário. Você encontrou a amiga perfeita, querida. Agora vai pentear esse cabelo, escovar esses dentes e passar uma *make* leve.

— Okay, *mãe*.

Ela revira os olhos e começa a se vestir.

Não vendo alternativa, me dou por vencida e me levanto da cama.



— Gente! — exclamo, espantada demais com o caos generalizado.

O que antes parecia calmo foi substituído pelo alvoroço.

— Ainda bem que viemos antes — Dani murmura ao meu lado.

Após tomarmos um café da manhã reforçado, decidimos estender uma canga em um dos gramados do campus, embaixo de uma árvore que nos abriga com sua sombra, só para observarmos a movimentação. Como o sol está forte, resolvemos colocar vestidinhos sem manga, leves e curtos.

Eu não tinha ideia do tanto de gente que chegaria aos dormitórios, mas a quantidade de pessoas com caixas nas mãos, pais acompanhando seus filhos, calouros caminhando como se estivessem perdidos...

— Agora, sim, eu sinto que cheguei em Yale — reflito em voz alta e meus olhos brilham.

— Concordo. Liz, ainda não acredito que estou aqui.

— Tenho a mesma sensação, Dani. Vez ou outra me belisco para saber se é real ou apenas mais um dos meus sonhos.

Ela ri e acena a cabeça com o olhar focado nas pessoas.

— Eu quase não consegui vir — confessa, o timbre baixo e um pouco rouco, o que me faz virar em sua direção.

Desde que chegou é a primeira vez que a vejo sem um sorriso no rosto. Como não falo nada, ela continua:

— Minha mãe morreu há três meses. Câncer.

— Oh, Dani! Meus sentimentos — digo, sincera, e coloco minha mão sobre a sua.

— Ela era a minha maior fã. A pessoa que mais me motivava neste mundo. Foi... foi horrível vê-la definhando dia após dia — diz, com a voz embargada e lágrimas deslizam por seu rosto.

— Eu não posso imaginar o que você passou. — Tento consolá-la, tocada com a sua perda. — Nunca tive uma boa relação com a minha mãe, mas se algo assim acontecesse a ela, eu ficaria transtornada.

É a pura verdade. Não desejo essa doença nem para o meu pior inimigo. Não é porque não me dou bem com Carmen que não ficaria triste. Por falar nela, não conversamos desde o dia em que ela precisou desligar a chamada correndo. Eu sabia que mais uma vez ela não cumpriria com sua palavra.

— Minha mãe era a minha melhor amiga — Dani declara. — Depois que ela partiu, fiquei sem rumo. Meu pai a idolatrava e ficou dias de cama, sem conseguir fazer nada. Minha vida virou de pernas para o ar e no meio disso tudo ainda tinha que lidar com o processo de admissão em Yale. De repente, o meu maior sonho se tornou pequeno diante da perspectiva de viver sem minha mãe.

— Deve ter sido muito difícil *pra* você.

— Foi! Eu me trancava no quarto e chorava todos os dias sem fazer barulho para o meu pai não ouvir. Já bastava sua própria tristeza, eu não queria ser mais um fardo para ele cuidar.

Uma lágrima escorre em meu rosto e rapidamente a limpo. Não sou de demonstrar emoção tão facilmente, muito menos de chorar, mas a história da Dani é muito triste.

— Dias depois, contei a ele que havia passado em Yale, mas que não viria porque não queria deixá-lo sozinho. Na mesma hora, meu pai olhou para mim e disse: “É o seu sonho e você já conseguiu o que muita gente não consegue. Sua mãe estaria muito orgulhosa e diria, com toda certeza, para você ir. Eu quero que seja feliz, minha filha. Não se preocupe comigo. Uma hora vai ficar mais fácil suportar a dor e meu coração estará em paz sabendo que você está onde deveria estar.”.

Meu rosto está molhado. As palavras de seu pai foram tocantes. O que eu não daria para ter uma família que se importasse comigo a esse ponto.

— Você vai dar muito orgulho a eles, Dani. Seja onde sua mãe estiver, ela está muito feliz pela filha incrível que você é. Corajosa, destemida, sonhadora. Você tem uma nova admiradora e torcedora — declaro e nós duas sorrimos enquanto nos abraçamos.

— Obrigada, Liz. Muito obrigada por me acolher tão bem em tão pouco tempo. Eu tento ser alto-astral, esquecer um pouco da tristeza de meses atrás, mas não é nada fácil. Vez ou outra ainda tenho recaídas.

Tirando algumas mechas de cabelo do seu rosto, digo:

— Isso é completamente normal. Você é de carne e osso, mas logo vai ficar bem. Tenho certeza disso.

— E você? — pergunta, redirecionando o assunto para mim. Os olhos verdes atentos segurando meu olhar. — Você disse que não se dá bem com a sua mãe. E seu pai? Foi muito difícil para você chegar até aqui?

Antes que eu consiga responder, duas meninas, a poucos metros de nós, começam a gritar e se abraçar. O escândalo faz algumas pessoas pararem e nossa conversa pausar.

— Pelo visto, estão se reencontrando — Dani supõe, com uma risada.

— Só pode.

Penso que escapei de suas perguntas, mas rapidamente a brasileira volta sua atenção para mim, aguardando minha resposta.

— Bem, eu não gosto de falar do meu passado, mas posso te dizer que toda a minha vida foi um empecilho para chegar aqui.

— Fique à vontade, Liz. Não é porque eu me abri, que você deve fazer o mesmo. Eu precisava desabafar, mas não quero te forçar a nada. Teremos tempo para nos conhecermos melhor, adquirirmos confiança uma na outra.

— Eu sempre tive dificuldade de me expressar — confesso, mordendo o lábio inferior em seguida. — O que posso dizer, por enquanto, é que minha mãe e eu nunca nos demos bem. Cresci basicamente sozinha, porque ela mal ficava em casa, o que me fez começar a trabalhar aos 14 anos.

Daniela arregala os olhos, como se não esperasse por isso.

Nunca tive amizades fora do meu antigo bairro, então não precisei explicar para alguém o que eu passei ou como cresci, pois todos já sabiam da minha situação. Penso no quanto Dani foi sincera ao compartilhar parte da sua vida e ao mesmo tempo tenho que me lembrar de que nos conhecemos há apenas cinco dias. Ainda é cedo demais para me expor e não quero receber olhares de pena.

Passo a mão direita pela grama, para lá e para cá, sentindo cócegas na palma.

— Quanto ao meu pai, nunca o conheci.

— Que droga, Liz! — Dani exclama, com a expressão compadecida.

Meu sorriso não chega aos meus olhos quando a encaro.

— A única coisa que eu posso dizer é que estudar me deu forças para não sucumbir. Eu colocava nos estudos a minha esperança, o meu futuro. Era a minha âncora. Um dia eu te conto tudo. Ainda não estou preparada para mexer nesse assunto. É algo que preciso tratar dentro de mim, sabe?

— Eu entendo completamente o seu ponto. Não vou te obrigar a falar nada que não queira. Estou apenas perplexa, porque eu imaginei uma coisa completamente diferente sobre você.

— As aparências enganam, não é? Assim como eu não imaginei que você havia sofrido uma perda há poucos meses.

— Você tem razão. Precisei aprender a mascarar a minha dor.

— Todos colocamos uma máscara quando o assunto é a nossa sobrevivência. É sobre o que deixamos as pessoas verem e o que escondemos.

— Exatamente. Somos duas ferradas, *hermanita* — diz, em um tom divertido e rio com suas palavras. Ela não poderia estar mais certa. — Vamos mudar de assunto porque o dia está lindo e o nosso momento *stalker* se tornou uma sessão de terapia.

— Concordo plenamente.

— Não brigue comigo, mas acho que nós duas merecemos uma festinha hoje.

Antes, eu estava convicta de que não iria de jeito nenhum para a festa de boas-vindas que vai acontecer hoje à noite, contudo, depois de saber que Dani perdeu a mãe há pouquíssimo tempo, as coisas mudaram e terei que dar o braço a torcer. Ela precisa se divertir e, pensando bem, eu também.

Nunca fui festeira, nem tive tempo para ser uma adolescente rebelde. As responsabilidades chegaram até mim muito cedo e não pude viver conforme a minha idade.

— Tudo bem! Eu vou — comunico e, sem que eu espere, Dani solta um gritinho e me abraça.

— Obrigada, obrigada, obrigada. Você não vai se arrepender. Amanhã podemos tirar o dia todo para descansar. Vou avisar a Carla que nós iremos.

Dani pega o celular e rapidamente digita uma mensagem para sua conterrânea.

— Só espero que não me deixe sozinha para ficar com a sua *amiguinha*.

A morena me olha de esguelha e abre um sorriso malicioso.

— Ciúme, *Señorita*?

— Que ciúme o quê! Só estou dizendo que não estou acostumada a ir em festinhas, ainda mais quando não conheço quase ninguém. E para de deboche.

— Ok, não está mais aqui quem falou, Cami... ops, Liz. Tão bravinha ela.

Reviro meus olhos e dou um empurrão de brincadeira em minha nova amiga, que começa a rir.

De todas as coisas que imaginei fazer em Yale nos primeiros dias, nunca me passou na cabeça que iria a uma festa, nem que minha colega de quarto se tornaria uma possível grande amiga.

É, nem tudo sai exatamente como planejamos. Resta a mim aguardar as cenas dos próximos capítulos e o que o futuro me reserva.

QUATRO

Porque eu tenho uma sensação
De que hoje será uma boa noite
De que hoje será uma boa noite
De que hoje será uma boa, boa noite
Uma sensação (uau-oooh)

I GOTTA FEELING, BLACK EYED PEAS

Liz Perez

— Tem certeza de que essa combinação ficou boa, Dani? — Insegura, não consigo parar de olhar para o meu reflexo no espelho.

Não estou acostumada a me arrumar demais para sair. Posso contar nos dedos de uma mão as vezes em que fui a uma festa. Todas com Luna e Raúl. Ainda assim, não eram *beeeem* festas, e sim encontros em um bar mais movimentado da cidade. Nada de mais.

Quando comprei roupas novas, antes de chegar a New Haven, selecionei algumas peças coringas, mais arrumadas, para eventos ou saídas. Claro que eu não imaginava que iria a uma festa logo na primeira semana de aula, então estou improvisando.

Escolhi uma calça *skinny* que me apaixonei de cara e amei em meu corpo e um *body* frente única que contém um leve brilho e transparência, além de uma gola que fecha no pescoço. Tudo na cor preta. Nos pés, coloquei uma sandália de salto alto da mesma cor, que apesar de ter dez centímetros não é fino, o que me deixa confortável para caminhar pelo campus.

Salto alto é algo que não abandono e posso dizer que sou uma usuária profissional. Não é à toa que as sandálias e sapatos que trouxe têm salto ou plataforma. A gente usa as armas que tem para disfarçar a “deficiência” de altura, não é mesmo?

— Liz, você está incrível. Essa roupa valorizou muito as suas curvas. A *Señorita* tem uma cintura finíssima, uma bunda que vai fazer qualquer cara babar só de olhar. E vamos combinar que preto é preto, não é? Não tem como errar. Ainda alongou sua estrutura.

— Você só enrolou para não falar que não pareço tão baixinha.

— Não é nada disso. — Dani revira os olhos e se posiciona atrás de mim, apoiando suas mãos em meus ombros. Seus olhos encontram os meus no espelho e continua: — Estou falando sério. A roupa apenas realçou sua beleza natural. E não ser alta não te faz menos bonita.

Abro um sorriso diante de sua sinceridade e agradeço.

— Você acha que devo prender meu cabelo? — pergunto, levantando os fios grossos ao simular um rabo de cavalo.

— De jeito nenhum! Está perfeito assim. Dá o toque final no seu estilo mulher fatal.

Balanço a cabeça ao dizer:

— Só você mesmo.

Com o secador ajeito minha franja e, ao ficar satisfeita com o resultado, desligo o aparelho e solto um longo suspiro.

— Estou pronta — anuncio.

— Ótimo! Só vou finalizar minha maquiagem e podemos sair. Carla enviou uma mensagem dizendo que já estava indo para a festa.

Um frio percorre minha barriga, demonstrando o quanto estou nervosa. Eu não gosto de sair da minha zona de conforto porque odeio me sentir insegura, sem saber o que me espera, o que vou encontrar, mas a nova Liz Pérez precisa se adequar ao seu novo mundo.

Observo Dani se maquiar, percebendo como somos diferentes. Ela está incrível dentro de um vestido curto, sem alças, preto também, que realça o bronze de sua pele hidratada. Os olhos parecem mais verdes por conta da sombra escura e os lábios cheios se destacam com o *gloss* que os deixa em um tom de rosa-claro. Os cabelos escuros com reflexos acobreados foram enrolados com *baby liss*, dando-lhe um ar selvagem, um pouco parecidos com os meus até, porém, mais modelados.

Definitivamente, a brasileira está pronta para *causar*.

— Você está linda, Dani. Amei seu cabelo assim.

— Obrigada, Liz. Estou passando por uma transição capilar e não vejo a hora de chegar ao meu cabelo natural. Por muito tempo fui escrava de químicas, mas decidi assumir meus cachos.

— Isso é incrível. Não é todo mundo que consegue se livrar de algo que a sociedade vive impondo como correto ou padrão de beleza. Parabéns pela coragem!

A morena sorri, mostrando os dentes brancos e alinhados, voltando a passar um iluminador que deixa seu rosto com diversos pontos de luz. Resolvo me sentar na cama e pego meu celular para ver se há alguma mensagem ou ligação.

Nada. Nem de Carmen, nem de Raúl ou Luna.

De uma vez por todas, preciso aceitar que estou sozinha. Ao invés de me sentir triste ou pesarosa, sinto-me... indiferente. Não sei. É como se a vida estivesse me preparando para isso há algum tempo.

De repente, uma palma alta ecoa pelo quarto e meu susto é tão grande que dou um pulo em cima do colchão.

— Estou pronta! — Dani exclama.

— Jesus, quase morri agora, garota! — digo, com uma mão no peito, sentindo meu coração acelerado.

— Você estava *viajando*. Agora vamos, que uma festa nos espera.

— Você é louca!

— Uma louca que você já adora. Admita!

Sorrindo, balanço a cabeça e me levanto.

— Vamos dizer que você é *legalzinha*.

Com a boca aberta, ela finge que ficou ofendida. É claro que é brincadeira. Em poucos dias, Daniela e eu nos tornamos mais do que simples colegas que dividem um quarto e a conversa de mais cedo só serviu para confirmar este fato.

Ainda que eu não tenha me aberto completamente, sei que logo o farei, no meu tempo, e ela também sabe disso. Essa cumplicidade e compreensão é algo que nunca tive com meus amigos de *Little Havana*.

— Como você é má, *Señorita*! — esbraveja, como uma ótima atriz. — Só por isso não merece encontrar nenhum *Shawn* hoje.

— Que bom, porque eu realmente não quero! — retruco, enquanto saímos do quarto. — Não se esqueça que estou indo só para te fazer companhia. Nada de me abandonar, *hermana*.

Faço questão de usar o apelido que já ficou registrado em nossa recente amizade.

— Farei o possível, *hermanita*.

Seu sorriso travesso não me deixa escolha a não ser sorrir também. Mesmo com tudo o que Daniela passou antes de vir para Yale, a morte de sua mãe, as dificuldades com seu pai, ela consegue transmitir uma alegria inexplicável. Chega a ser contagiante, o que eu aproveito como um vampiro que anseia por sangue. Ok, a metáfora foi horrível, mas resumindo, eu gosto muito de ficar perto dela.

Ao mesmo tempo em que saímos, uma das portas do apartamento se abre e uma garota com longos cabelos ruivos aparece. Ela está com um vestido branco curtíssimo e o decote nos seios é tão revelador que consigo ver o formato exato de duas bolas. Impossível não me lembrar de uma Barbie. O nariz empinado, os olhos castanhos expressivos, os lábios cheios pintados de vermelho... a personificação de uma garota popular.

A ruiva nos olha dos pés à cabeça com uma expressão esnobe, como se achasse superior demais para estar ali. Só me faltava essa. Parece até que estou revivendo um daqueles clichês universitários.

Dani deve ter percebido a mesma coisa que eu, mas diferente de mim, não consegue ficar quieta.

— Oi, tudo bem? Você também está alojada neste apartamento?

A garota a olha como se a resposta fosse óbvia demais.

— Claro que não. Estou no penúltimo ano, *novatas*. Só vim visitar minha irmã.

Ela falou *novatas* de uma forma tão desdenhosa, que é como se nunca tivesse ocupado nosso posto algum dia, ou como se sua irmã também não fosse uma. Hipocrisia, vemos por aqui.

— As *novatas* aqui só estavam sendo educadas — resolvo responder à altura.

Eu demoro a pegar confiança, mas quando pego... Minha mãe costuma dizer que engano bem por conta do meu perfil delicado, a estatura, mas que, na verdade, sou uma *diaba*. Não posso dizer que ela está errada, porque se alguém me ataca, vai receber o contragolpe. As pessoas costumam subestimar quem aparenta ser mais frágil, porém, comigo o buraco é mais embaixo.

A garota arqueia as sobrancelhas desenhadas e nos lança um sorriso cínico, olhando-nos mais uma vez dos pés à cabeça. *Vadia!*

— Economizem a educação, *novatas*. Nos vemos por aí.

Sem olhar para trás, a ruiva sai do apartamento rebolando em seus saltos prateados altíssimos.

Daniela e eu nos encaramos.

— O que foi isso? — pergunta, tão abismada quanto eu.

— Eu pensei que esse tipo de coisa só acontecesse em livros e filmes. A garota nem conhece a gente para nos tratar assim. Você viu como ela nos olhou?

— É uma ridícula. Aliás, gostei da sua resposta. Pelo visto, tenho muito a conhecer de Liz Pérez.

Abrindo um sorriso largo, solto:

— Você ainda vai me conhecer de verdade, Dani.



Chegamos ao local da festa e fico boquiaberta com a mansão de dois andares à minha frente.

— Pensei que às boas-vindas seriam em um dos dormitórios — comento com Dani, sem tirar os olhos da imponente construção, e a morena parece tão deslumbrada quanto eu.

— Eu também. Carla só me enviou o endereço.

Para falar a verdade, eu pensei que só havia prédios por aqui, mas após caminharmos por quase vinte minutos,

começamos a avistar algumas casas que gritam riqueza e ostentação. Como esta.

A quantidade de carros luxuosos estacionados por toda a rua indica que vai além de uma festinha normal.

A porta do casarão, que deve medir uns cinco metros de altura de tão alta, está aberta e mesmo à distância a música chega vibrando até nós. Diversas pessoas estão saindo para fumar, conversar, outras estão chegando. Um tumulto generalizado.

O celular de Dani apita indicando que chegou mensagem e olho para a morena ao meu lado, que rapidamente começa a digitar.

— Carla está vindo nos encontrar — diz e apenas assinto com a cabeça.

Ergo meus olhos para a mansão novamente, as colunas grossas e ornamentadas em cada lado da estrutura monumental, a pintura branca imaculada, as amplas janelas, e lá no alto há três bandeiras hasteadas, a americana, a da Universidade e uma que desconheço.

Analiso cada rosto, as garotas lindas, os caras bonitos, as risadas, os flertes, todos exalando jovialidade, como se nunca tivessem passado por dificuldade alguma ou precisado se preocupar com nada além de seus próprios umbigos. A vida não é injusta com todos, eu sempre soube disso, mas aqui é como se isso estivesse mais evidente, mais escancarado.

— Dani! — Ouço alguém exclamar e só então tomo ciência da presença de uma loira abraçando minha colega de quarto.

Carla.

Ela é muito bonita. Cabelos loiros encaracolados que chegam aos ombros, olhos castanhos, curvas nos lugares certos e está usando um vestido curto azul acetinado de alças finas. Nos pés, calça uma sandália preta com tiras finas e toda cravejada em pedras. No final das contas, estou feliz por ter me vestido minimamente bem para este *evento*.

Fico perdida ao ver que as duas desataram uma conversa e só quando pigarreio e arqueio minhas sobrancelhas, é que Dani percebe que não estou entendendo nada. Ela começa a rir e bate a mão na testa.

— Desculpa, Liz, eu me empolguei. Faz tanto tempo que a gente não se vê pessoalmente, que foi natural falar português.

— Nossa, que falta de educação a minha. Prazer, sou a Carla Moraes.

— Sem problemas, meninas — digo e sorrio, fazendo as duas rirem. — O prazer é meu Carla, me chamo Liz Pérez.

Nós duas nos cumprimentamos e repentinamente a loira me encara intensamente.

— Dani, você não me disse que sua colega de quarto era a cara da Camila Cabello!

Jesus, mais uma.

Reviro os olhos diante do comentário que mais ouço.

— Pois é, acho que sou uma irmã perdida. Qualquer hora, vou reivindicar meus direitos — brinco e elas soltam uma risada alta.

Nessa altura do campeonato, após tantas comparações, nem retruco mais. O jeito é fazer piada.

— Meninas, a festa está incrível. Que bom que vieram, assim posso apresentá-las para minhas amigas — e fazendo uma expressão travessa, completa: — e *amiguinhos*, claro.

Dani olha para mim com uma cara sapeca, suas sobrancelhas subindo e descendo em divertimento, e balanço a cabeça, tentando não rir.

— Carla, você não disse que a festa seria numa mansão — a morena atira.

— Ah, um mero detalhe.

— *Mero detalhe?* — Daniela retruca.

— É claro! Se eu falasse que a festa seria em uma das maiores fraternidades do país, aposto que não viriam.

— Fraternidade? — É a minha vez de perguntar, com os olhos arregalados.

A loira olha para a mansão e abre um sorriso.

— Dani, Liz, bem-vindas à Kappa Alpha, a fraternidade dos caras mais gatos, gostosos, e inteligentes, diga-se de passagem, que vocês conhecerão nesta vida.

— Eu não estou acreditando! — Minha colega de quarto solta um gritinho, toda animada. — Sempre ouvi falar tanto deles, mas nunca imaginei que estaria numa festa organizada pela Kappa.

— Vantagem de ser minha amiga, querida — Carla joga. — Até está acontecendo uma outra festa em um dos dormitórios, mas nada que se compare a esta. Aqui, apenas convidados podem entrar e tenho amigos na Kappa que me autorizaram trazer vocês. Agora vamos, que daqui a pouco começa o show.

— Show? — Pareço até um papagaio de tanto que estou repetindo as palavras, mas é inegável que estou chocada por estar em uma fraternidade tão renomada e respeitada. Nunca em minha vida imaginei sequer colocar meus pés em um lugar como este.

— Sim, o melhor DJ de New Haven vai tocar. Além de lindo, o cara é muito bom no que faz. Se preparem, porque iremos dançar muito!

— Então, vamos logo — Dani diz, a excitação lá no alto enquanto seguimos em direção às escadas.

A cada passo o som vai aumentando e quando chegamos à entrada, um moreno de olhos dourados, lábios carnudos e sorriso bonito cumprimenta Carla, que sussurra algo em seu ouvido, fazendo-o rir.

— Garotas, este é Kevin O'Neil, um dos membros da fraternidade e do time de basquete da Universidade. Kevin, estas são Liz Pérez e Daniela Lima. As duas são calouras e estão comigo.

O rapaz olha de mim para Dani, medindo cada parte do nosso corpo sem qualquer cerimônia e ergo as sobrancelhas, perplexa com o abuso do idiota.

— Sejam bem-vindas, gatinhas. Aproveitem que a bebida está liberada.

— Pelo visto, ele já está *daquele jeito* — Dani murmura para mim e Carla.

— Pensei que só eu havia percebido — comento, acompanhando as meninas para dentro da casa.

Como esperava, o espaço está lotado.

— É uma festa, gente — a veterana alerta, falando mais alto por conta do som. — Vocês precisam relaxar e curtir, senão perderão toda a diversão. É assim que a gente extravasa por aqui. Serão horas de estudos, provas, projetos absurdamente difíceis... apenas relaxem.

Solto um longo suspiro.

— Desculpa, Carla. Não quero parecer uma chata, é que tudo é muito diferente para mim, mas prometo que vou tentar relaxar e me divertir.

— É isso, garota! — a loira vibra. — Vocês são novas, têm alguns anos de Universidade pela frente. Não estou dizendo para serem *porras-loucas*, mas que se permitam viver Yale!

— Com certeza. Quero mais é curtir enquanto os estudos não me consomem — a morena concorda.

— Vamos pegar umas bebidas, meninas — Carla diz, mas antes de seguir em frente, gira os tornozelos em nossa direção.
— Vocês bebem, não é?

— Eu bebo — Dani responde.

— Sim, mas...

— Então, estamos okay! Vamos lá! — a loira me interrompe, quando estava prestes a dizer que não iria beber hoje.

Solto um longo suspiro e me dou por vencida. Já que estou aqui, e preciso relaxar, não vejo motivos para recusar.

Sigo Carla pela bagunça de corpos, esbarro em um, empurro outro, até finalmente chegarmos à área da cozinha, onde há um extenso balcão servindo de bar.

— Ben, querido, faça um drinque forte e gostoso para mim e minhas amigas, por favor. Se puder agilizar, agradeço.

— É *pra* já, Carly! — O garoto de cabelos escuros bagunçados e olhos castanhos rapidamente começa a fazer nossas

bebidas, compenetrado em seu serviço.

— *Carly?* — Dani pergunta, fazendo sua colega rir.

— É o meu apelido por aqui.

Eu deveria prestar atenção na conversa entre Dani e Carla, mas não consigo desviar meus olhos do garoto enquanto chacoalha a coqueteleira. Os músculos de seus bíceps flexionando para cima e para baixo, a parte de uma tatuagem aparecendo sob a manga de sua camisa branca gola *V*.. ele é uma figura hipnotizante. Ben finalmente sobe seus olhos até os meus e, ao me pegar o encarando, abre um sorrisinho ladino, piscando para mim em seguida.

Jesus! Quão patética pareço?

Será que ser bonito é condição essencial para ingressar nesta fraternidade? Não é possível! E o mais excitante de tudo é que são inteligentes, como a própria Carla mencionou.

Foco, Liz!

— Prontinho, Carly! — o rapaz anuncia.

— Muito obrigada, querido.

— Não vai me apresentar às suas amigas? — pergunta, olhando diretamente para mim.

— Estamos com pressa porque o show vai começar, mas estas são Liz Pérez e Daniela Lima, que também é brasileira.

Garotas, este é Ben Salvatore, membro da fraternidade, capitão do time de basquete e *barman* nas horas vagas.

— *Calouras.* — Ao contrário da *ruiva* que encontrei no apartamento, seu tom não denota desdém. Olhando novamente para mim, diz: — *Carne fresca* por aqui costuma atrair muitos tubarões. Cuidado, meninas!

— Se eu não te conhecesse, até acreditaria nessa carinha de anjo, Ben — Carla diz, fazendo o garoto rir.

— Assim você acaba comigo, mulher.

Outras pessoas chegam pedindo bebidas e o rapaz se afasta para atendê-las, não sem antes me olhar uma última vez.

Virando-me para as meninas, a loira levanta seu copo e diz:

— Vamos brindar! — Pego o meu, Dani também e brindamos. — Que seja apenas o começo de uma história incrível para vocês!

— *Uhuuuuu!* — Daniela vibra.

— Amém! — exclamo, aceitando suas palavras em meu coração, pois eu realmente torço para que seja o início de uma história incrível que me faça esquecer de tudo o que passei.

Nós três sorrimos e bebemos um gole do drinque.

— Caramba! Isso é gostoso — declaro e Dani concorda. — E perigoso.

Carla ri e diz:

— Esse cara faz os melhores drinques daqui. O que realmente é um perigo, porque você bebe, bebe, bebe e quando vê, acorda sem saber onde está.

— Agora fiquei com medo — brinco, sorvendo mais um gole da bebida azul. Ela tem um frescor, algo como limão talvez, também tem um gostinho doce que pode ser do licor azul, não sei. O que sei é que está muito bom. — A única coisa alcoólica que eu bebia em *Little Havana* era tequila uma vez ou outra.

— *Porra!* Liz, estou vendo que você não tem nada de *santinha*. — Só consigo rir da fala da Dani. — Tequila me derruba.

— O pior porre da minha vida foi com tequila. Deus me livre! — a loira compartilha.

— Lá na minha comunidade é como se fosse o vinho após um dia de trabalho — digo e sorrio com a cara de espanto das duas. — Mas é claro que se eu beber demais, também me derruba.

Uma voz no microfone nos tira da nossa bolha:

— *Chegou a hora!*

— Vai começar, meninas! — Carla avisa, bebendo o drinque de uma vez, o que Dani e eu também fazemos. — E eu não consegui encontrar minhas amigas ainda. Vamos, porque tenho quase certeza de que elas estarão por lá.

A veterana pega nossas mãos e nos leva dali em direção à apresentação do DJ.

CINCO

Eu adoro quando você me chama de senhorita
Eu queria poder fingir que não precisava de você
Mas cada toque é tipo oh, la, la, la
É verdade, la, la, la
Oh, eu deveria estar fugindo
Oh, mas você me faz ir ao seu encontro

SEÑORITA, SHAWN MENDES (FEAT.CAMILA CABELLO)

Liz Perez

Ao chegarmos à parte externa, tenho ciência da grandeza da casa.

A área está lotada e um pequeno palco se estende em uma extremidade, onde o DJ está tocando. Uma faixa foi pendurada acima com os dizeres: “Kappa Alpha: Ame ou Odeie.” Prepotentes? Nem um pouco, não é?

Uma piscina enorme está coberta com um piso transparente, onde as pessoas dançam, se amontoam, se divertem.

— Será que o piso aguenta esse povo todo? — Só depois que as palavras saem da minha boca, percebo que pensei alto demais.

— Fique tranquila, Liz. É uma cobertura própria para esse tipo de evento. Eles têm as melhores festas por isso, pensam em tudo — Carla assegura. Que bom! Pelo menos, não é na grama, pois aí eu estaria ferrada com os meus saltos. — Venham, vamos chegar mais perto do palco.

Dani pega minha mão e enquanto caminhamos ela mexe o corpo no ritmo da versão remixada de *Sweater Weather*, da banda The Neighbourhood.

— Vamos nos divertir, *hermanita* — ela grita por cima da música.

Sentindo a leveza bem-vinda do drinque me atingir, sorrio e grito:

— Sim!

Por mais que os efeitos da tequila não me atinjam tão rápido, não posso dizer o mesmo de vodca e *otras cositas más*. Ainda mais que bebi muito rápido, então não poderia ser diferente.

Se fosse em outra situação, eu estaria preocupada, afinal, não tenho 21 anos, e imagino que metade das pessoas daqui também não, e todas as vezes em que bebi foram em casa, sozinha ou com meus antigos amigos.

Tento parar de pensar tanto, de ser tão responsável, e foco na música boa que sai das caixas de som.

Quando finalmente chegamos a um ponto em que Carla fica satisfeita, abaixo do DJ, começamos a dançar. Ele realmente é lindo, como a loira havia comentado, com seus cabelos presos em um coque charmoso, barba por fazer e olhos azuis-acinzentados.

A voz de Dua Lipa entra em ação com uma música que adoro, *Hotter Than Hell*, e é aí que me liberto de vez.

Porque estamos quente como o inferno

Pega fogo quando não estou lá?

Quando você está sozinho

Eu sou a resposta para as suas orações

E eu estou dando-lhe o prazer do céu

E eu vou dar a você

Mais quente que o inferno

Mais quente que o inferno

Eu comentei que amo dançar? É algo que faço muito quando estou sozinha. Recordo que uma vez minha mãe me flagrou dançando em meu quarto e caí na gargalhada quando ela disse que eu poderia ser uma dançarina profissional, que estava em meu sangue latino.

Lembro-me que apenas olhei para ela e fechei a porta. A dança não é algo que eu queira usar para ganhar dinheiro. É uma libertação, me deixa livre, como um escape das merdas que a vida vive jogando em cima de mim. O mesmo acontece quando corro.

Por estar me adaptando em New Haven, ainda não consegui voltar com as minhas corridas diárias, algo que, para mim, é essencial e me faz extremamente bem. Acordar e correr pelas ruas, deixar o ar passar pelo meu rosto, entrar em meus pulmões, sentir a cada pisada que estou no controle, que estou viva. Esse foi um dos motivos de ter me inscrito no time de atletismo da Universidade, além de contar como uma atividade para o meu currículo.

Carla diz que vai pegar mais uma bebida e pergunta se queremos. Nós aceitamos e logo ela desaparece na multidão.

— Nunca imaginei que uma festa de faculdade seria tão legal, Liz — Dani sussurra em meu ouvido.

— É verdade. Está incrível! Uma ótima recepção — gracejo.

— E com vários colírios, não é? Olha, nunca vi tanto homem bonito por metro quadrado.

— Concordo em número, gênero e grau, Dani. E as mulheres também não ficam atrás, já viu?

— Vi, mas prefiro ignorar — a brasileira responde e nós duas caímos na risada.

Em nenhum momento paramos de mexer o corpo, rir, brincar, e há muito tempo não fico tão relaxada, com a mente tão

tranquila, como estou agora.

— Garota, você dança demais. Me ensina isso aí.

— Para de bobeira, Dani! Você tem tanta facilidade quanto eu.

— Será que é o sangue, *hermanita*? — ela pergunta, mexendo as sobrancelhas, fazendo-me rir como uma criança.

— Você não existe, *hermana*. Estou muito feliz por ter uma colega de quarto, e agora amiga, como você. Não sei o que faria se tivesse que lidar com uma chatinha.

— Faço das suas as minhas palavras, Liz. Eu não acredito em acasos, a gente *precisava* uma da outra.

Não sei se é a alegria momentânea ou efeito inicial do álcool, mas estamos tão felizes que acabamos nos abraçando.

— Dani, vamos dançar juntas na próxima música? Dançar de verdade. O que acha?

— Eu topo! Só preciso que me guie e te sigo. Espero que as bebidas cheguem logo, porque vou precisar.

A risada é garantida e como se o seu desejo fosse atendido, Carla está de volta.

— Cheguei! — anuncia, com apenas um drinque na mão.

Antes que eu pergunte onde está o meu, sinto alguém atrás de mim. Ao me virar dou de cara com Ben. Os cabelos parecem mais bagunçados e seus olhos parecem sorrir quando fala comigo.

— Hey, gatinha. Trouxe o seu e o da sua amiga.

Olho para Dani e ela abre um sorriso malicioso para mim, o que faz com que eu revire os olhos.

— Obrigada, Ben! Não precisava sair do seu posto.

— Sei disso, mas eu quis — diz, olhando-me intensamente.

De perto, ele fica uns bons centímetros mais alto do que eu, não é à toa que joga basquete. A camisa branca cavada deixa o torso definido à mostra e o contorno de uma correntinha fina de prata.

Dou um gole na bebida e meus olhos focam no copo em minha mão, um pouco sem graça por ser observada dessa forma.

— Você fica linda assim, sabia? — Sua pergunta me confunde.

— *Assim?*

— É. Tímida, como se quisesse se enterrar em algum buraco no chão.

— Eu não sou tímida, apenas não sei como lidar com certas situações.

Dani e Carla estão conversando, mas posso sentir o olhar das duas sobre mim.

— Entendo — é a única coisa que Ben responde, abrindo um sorrisinho de lado, prendendo seu lábio inferior entre os dentes. — Qual curso você vai estudar, Liz?

— Direito.

— Uau! Por essa eu não esperava, Dra. Pérez.

— Não? E o que esperava?

— Não sei, talvez Dança, como a Carla, ou Literatura.

— Sinto te desapontar — ironizo e sorrio com a maneira que o deixei desconfortável.

— Não é nada disso. É só que você me surpreendeu. Eu estou no penúltimo ano de Engenharia.

— Legal!

Bebo mais um longo gole do drinque maravilhoso e me sinto cada vez mais relaxada. De repente, os acordes e batidas de uma nova música preenchem o ambiente e meu olhar dispara em Dani, que grita:

— A sua *músicaaaaaaaaa*. Vamos dançar!

Eu entro em êxtase ao ouvir *Señorita* ressoar nas caixas de som. Em um só gole entorno todo o drinque.

— Você pode jogar o copo fora *pra* mim? — pergunto a Ben, que me encara com curiosidade, sem entender o que está acontecendo.

— É claro. Preciso voltar para o bar.

— Muito obrigada — agradeço e me afasto para começar a dançar conforme prometi à Dani.

Eu adoro quando você me chama de senhorita

Eu queria poder fingir que não precisava de você

Mas cada toque é tipo oh, la, la, la

É verdade, la, la, la

Oh, eu deveria estar fugindo

Oh, mas você me faz ir ao seu encontro

Chego ao lado de Dani e pego sua mão. Giro meu corpo, sem desgrudar minha mão da dela e a puxo para mim. Em um

impulso, eu a lanço para longe e rebolo, devagar, até o chão. Ela faz o mesmo de onde está.

Aproximo-me da morena, cantando e dançando, e a pego novamente, girando-a uma, duas vezes. A morena me acompanha facilmente. Ela tem um gingado natural que facilita e não sei há quanto tempo não me divirto tanto.

É claro que após dois drinques fortes me sinto muito mais leve do que antes. Requebro, passo minhas mãos pelas laterais dos meus seios, cintura, quadris, esquadrinhando meu corpo, sorrindo para minha amiga, que me acompanha como uma bola aluna.

Minhas mãos vão para os meus cabelos soltos, molhados de suor, sem parar de rebolar. Balanço minha cabeça, fazendo meus longos fios girarem à minha volta e me assusto quando ouço gritos e palmas.

Olho ao meu redor e fico surpresa ao constatar que apenas Dani e eu continuamos dançando, pois uma multidão está observando cada movimento nosso.

Jesus!

A música não acabou, então não paro. Já que estou na chuva, vou me molhar. Sabe Deus quando terei coragem para fazer isso novamente.

Em determinado momento, olho para cima e franzo o cenho quando percebo que há uma ampla janela na parte superior da casa e alguém está lá, assistindo. A luz do cômodo não está ligada, mas os holofotes da festa permitem que eu veja que a pessoa está com um colete vermelho e um capuz cobre sua cabeça.

Não paro de dançar, mas a cena me intriga. Quem será? Por que não está na festa?

Voltando minha atenção para Dani, percebo que está tão suada quanto eu e quando a música termina nós duas nos abraçamos.

— O que foi isso, *Señoritaaaaa*?! — ela quase grita em meu ouvido.

— Trabalho em equipe — respondo e rimos juntas.

— *Porra!* Vocês duas foram as estrelas da noite, garotas! — Carla chega ao nosso lado e nos abraça também. — Nunca vi nada igual. Sério!

Somos ovacionadas. Palmas, assovios, gritos e, claro, alguns caras jogam gracinhas, mas o clima está bom demais para me importar. Até o DJ para a programação para falar ao microfone:

— Meninas, vocês foram incríveis! Você — ele aponta para mim —, aceitaria subir aqui por alguns segundos?

Minha respiração acelera e olho para Dani, que apenas murmura em meu ouvido:

— Vai lá! Você foi a estrela da dança, eu apenas te acompanhei. Nem pense em recusar.

— Aproveita, Liz! — Carla joga.

Respirando fundo, percorro o caminho até a subida do pequeno palco e ouço mais palmas.

Ao lado do DJ, ele me dirige um sorriso sem segundas intenções e diz no microfone:

— Boa noite, senhorita...?

— Liz. Liz Pérez — respondo, quando ele estende o microfone que amplia minha voz para toda a festa.

— Humm, temos uma latina por aqui?

— Sangue latino, mas americana.

— Pessoal, temos a nossa *Señorita* de Yale!

Várias pessoas gritam “Camila Cabello”, outras “*Señorita*”, então já sei que o apelido pegou. Ouço um cara na multidão perguntar se já encontrei o meu Shawn e não consigo deixar de sorrir. Eis o *karma* da minha vida.

— Responda para mim, *Señorita* Pérez, chegou agora em Yale?

— Sim, caloura *check*.

Algumas pessoas dão risada da minha resposta e rio também, grata por estar com álcool em meu sangue ou estaria gaguejando.

— Seja bem-vinda à Yale, Liz Pérez! Continue dançando desse jeito e as líderes de torcida vão morrer de inveja.

Deus me livre arranjar briga com as famosas e populares líderes de torcida.

O DJ me agradece e diz que posso descer. Assim que me viro, ele coloca *Havana*, de Camila Cabello, para tocar. Por cima do ombro, eu o encaro e o cínico pisca para mim em divertimento. O cara quer me sacanear, só pode.

O povo continua aplaudindo enquanto caminho até chegar ao lado de Carla e Dani.

— Gente, acho que vou embora — digo, quando a adrenalina vai baixando.

— Está louca? Você acabou de se tornar uma das garotas mais populares da Universidade, querida. E logo na primeira semana. Isso não é nada comum — Carla fala, como se isso fosse me ajudar de alguma forma, mas só piora.

— Eu não quero ser popular. Quero estudar em paz, com tranquilidade, viver o meu sonho, só isso.

— Tarde demais, *Señorita*. — A loira dá ênfase ao meu apelido que deixou de ser apenas da morena brasileira para se tornar de domínio público. — Você e Dani, neste momento, são as mulheres mais desejadas da festa, e com razão. A apresentação que as duas fizeram foi *foda*! De verdade. Não tem por que se envergonharem.

— Na verdade, estou bem tranquila — Dani gesticula. Ao contrário de mim, ela está plena. — Eu amei cada segundo e fiquei muito orgulhosa de você, *hermanita*. Fique tranquila. Isso não vai ditar a sua personalidade. Você é uma mulher incrível, que além de tudo, sabe dançar *pra caralho*. Então, pare de se diminuir e viva! Tudo bem?

Engulo em seco, cada palavra reverberando dentro de mim. Ela tem razão. Não tenho motivos para me preocupar. Ninguém me conhece de verdade, não sabe quem eu sou, o que passei. Eu me diverti e pronto. Não preciso criar uma tempestade num copo d'água.

Soltando um longo suspiro, sorrio fracamente:

— Vocês estão certas. Vamos continuar curtindo.

Involuntariamente, olho em direção à janela no segundo andar, mas diferente de minutos atrás, não há ninguém, somente escuridão.

Decidimos pegar mais uma bebida e no meio do caminho, Dani para, levemente boquiaberta.

— Carla, me diz quem são aqueles caras ali, pelo amor de Deus?

Um pouco mais afastados da muvuca estão alguns garotos em uma rodinha, bebendo. Na verdade, é até pecado dizer que são *garotos*. Todos são enormes, não só de altura, mas de massa corporal. Os músculos saltam de suas camisas coladas, bíceps, antebraços, tatuagens aparentes, as calças de moletom que mais parecem uniformes moldam suas coxas e bundas. Impressionantes.

— Uau! — É a única palavra que consigo pronunciar.

Carla joga a cabeça para trás e ri da nossa reação, mas antes que responda, duas garotas chegam ao seu lado.

— Amiga, até que enfim te achamos.

Dani e eu nos entreolhamos sem acreditar que esta menina é amiga de Carla. Lembra-se da *ruiva*? Pois é.

— Nick, Ruby, vocês lembram que eu disse que estava esperando duas meninas? São elas. Daniela Lima também é brasileira e nos conhecemos há alguns anos e esta é Liz Pérez, sua colega de quarto, que conheci hoje. Meninas — chama, falando comigo e com Dani —, estas são minhas amigas, Nicole Taylor, mais conhecida como Nick, e Ruby Cage.

A ruiva e a morena — que possui cabelos ondulados e olhos verdes —, nos analisam e esboçam um sorriso fraco. Como sua amiga, Ruby usa um vestido curto, rosa, chamativo e quase impossível de ignorar. Os seios igualmente turbinados e os lábios grossos pintados de pink apenas incrementam a combinação: *ei, estou bem aqui!*

— Oh, eu as vi no apartamento da Jess — Nicole joga, indiferente, como se não tivesse sido uma vaca de graça.

— Nossa, que coincidência! — Carla exclama com uma animação que só ela demonstra. Olhando para mim, declara: —

Elas são líderes de torcida do time de futebol.

Tão clichê.

— Assim como eu — a loira completa.

Tanto eu quanto Dani arregalamos os olhos. Por essa eu não esperava. Ela é muito bonita, possui um corpo atlético, porém, é simpática demais. Na minha mente, ser uma líder de torcida é para aquelas garotas que se acham o último biscoito do pacote, como Ruby e Nick. No final das contas, nem todo estereótipo representa a verdade.

— Sêrio? — minha amiga pergunta. — Por que você nunca me contou?

— Queria fazer uma surpresa — diz, sorrindo largamente. — Entrei no time no segundo ano de faculdade, desde então, é a minha grande paixão aqui dentro. Acho que é o que vou sentir mais falta quando me formar.

— Ainda bem que tenho mais um ano pela frente — Nick conta vantagem e sorri.

— *Vadia* — Carla a xinga, porém, fica óbvio que é tudo uma brincadeira, e mais uma vez Dani e eu nos encaramos.

Ok, então, né.

— Vocês viram essas duas dançando agora há pouco? Foi incrível! — Carla fala de repente e sinto meu rosto queimar.

— Não, que pena — Ruby responde, com um falso pesar. — Nick está de mau humor porque não encontrou quem ela queria, aí você já sabe.

— Não precisa espalhar para o mundo, Rub. Já disse que foi a última vez que o procurei — a ruiva contesta e vislumbro um rastro de vulnerabilidade em suas feições.

— Matt de novo, Nick? — Carla pergunta, colocando as mãos na cintura, como se fosse um assunto que já conhecesse há tempos.

— Qual o problema? Achei que com a volta às aulas nós poderíamos conversar...

— Conversar? *Aham*, sei. Você não cansa de correr atrás desse cara, amiga? Sabe muito bem que ele destrói tudo por onde passa e só deixa devastação.

Nossa! É a primeira vez que ouço Carla falar de maneira tão séria, quase como se estivesse com raiva. E quem é esse tal de Matt? Seja quem for, quero ficar bem longe. Saber que ele *destrói tudo por onde passa e só deixa devastação* só me faz querer nunca o conhecer.

Nicole a fulmina com os olhos e dispara:

— Eu não quero nada além de uma boa foda, Carly. Coisa que *ele* sabe proporcionar muito bem quando preciso. Não me

julgue novamente, pois não estou a fim de ouvir sermões.

A loira assente e joga as mãos para o alto, em forma de rendição.

— Não está mais aqui quem falou. Só não quero que uma amiga entre na longa lista de mulheres quebradas nas mãos do todo poderoso Matt Stevens.

— Carly, sei me cuidar. Se me dão licença, vou beber alguma coisa.

Como um cachorrinho, Ruby segue a ruiva, esbarrando em várias pessoas pelo caminho para acompanhar as passadas largas da amiga.

— Uau! Isso foi tenso — Daniela é a primeira a falar e Carla passa as mãos pelos cabelos, parecendo irritada.

No momento em que vou perguntar quem é Matt Stevens, dois dos caras que minha colega de quarto apontou anteriormente, que estavam em uma rodinha, se aproximam como dois felinos prontos para atacar. Com plena convicção de que são lindos e gostosos.

Um deles veste uma camisa vermelha decotada no pescoço — o que parece ser comum entre os caras sarados daqui, enquanto o outro está com uma do mesmo modelo só que branca. A calça de moletom preta faz parte do “uniforme” de ambos.

A pele escura do que está de vermelho é iluminada por um dos canhões de luz, destacando os músculos bem distribuídos do seu corpo. O rosto anguloso é ornado com um bigode bem aparado e barba por fazer. Seus lábios são uma atração à parte. Carnudos e perfeitamente desenhados. Os olhos negros parecem nos puxar, tamanha a intensidade. O toque final fica por conta dos dois brincos de brilhante que adornam suas orelhas. Estilo é o que não falta nesse cara.

Diferente do moreno que tem a cabeça raspada, o da camisa branca possui cabelos loiro-escuros, rebeldes, como se fossem propositalmente bagunçados ou tivesse acabado de sair de um encontro quente. Seus olhos são de um verde profundo e possui um rosto formado por uma mandíbula proeminente. Em uma das orelhas há uma minúscula argola de ouro de onde pende uma cruz. Uma coisa em comum: os dois possuem um furinho no queixo e são muito fortes.

Duas belezas completamente diferentes, mas igualmente arrasadoras.

Mais descontraída, Carla balança a cabeça, sorrindo para os dois.

— Hey, garotos — ela cumprimenta.

Olho para Dani e ela só falta salivar. Aperto sua mão discretamente e, saindo do transe, a morena me encara. Posso ler em sua expressão algo como: *o que são esses dois?* Eu apenas assinto com a cabeça, silenciosamente.

O cheiro de seus perfumes caros chega no mesmo instante em que se postam ao nosso lado.

— Hey, Carly. — O moreno abre um sorriso preguiçoso e, desviando sua atenção para mim e Daniela, diz: — Hey,

meninas. Assisti ao show de vocês e preciso dizer que foi foda *pra caralho!*

— Eu disse a mesma coisa para elas, Jordan. Garotas, estes são Damon Smith e Kellan Jordan. — Ela aponta para o de camisa branca primeiro e depois para o de vermelho. — Além de serem membros da fraternidade, são os destaques do time de futebol americano, e fazem parte do trio mais famoso da Universidade, nós o chamamos de *Triade*.

Carla fala a última parte com uma careta no rosto, o que me deixa ainda mais confusa.

— Onde está o terceiro? — Dani questiona, tirando as palavras da minha boca, mas o loiro se adianta e olha para mim.

— Liz Pérez, não é? Impossível esquecer esse nome, depois de hoje. O show foi *foda, Señorita*.

Seus lábios se erguem em um sorriso e vejo uma covinha em sua bochecha.

— Obrigada. Não pensei que fosse ter tanta repercussão — confesso.

— Como não? *Porra*, vocês agitaram a noite — Kellan declara, um sorriso ladino serpenteia seus lábios carnudos. — Há um bom tempo não temos algo tão interessante em nossas festas.

— Onde está o *mestre* de vocês? — Carla corta e um vinco se forma em minha testa.

Mestre? Dani parece fazer a mesma pergunta quando nos encaramos rapidamente.

— Sério que vai começar com essa merda, Carly? — Damon revira os olhos e passa a mão pelos cabelos.

— Só estou surpresa por não ver o líder de vocês em plena festa de boas-vindas.

— Ele precisou resolver alguns problemas — o moreno responde.

— *Problemas...* sei — a loira ironiza, abrindo um sorriso que não chega em seus olhos. Percebendo que tanto eu quanto Dani estamos perdidas, ela trata de explicar: — Matt Stevens é o capitão do time de futebol e líder da fraternidade. Um idiota que já *fodeu* metade da faculdade e destrói tudo o que toca.

— Carly — Damon a repreende e uma carranca enfeita sua expressão.

— O que foi? Estou mentindo?

— Foi um prazer conhecer vocês, meninas — Kellan intervém, sem responder à provocação de Carla. — Qualquer hora, nos esbarramos por aí. E, Carly, acho melhor manter sua opinião para si. Não se esqueça que você está em uma festa organizada por *ele*. Acredito que não queira que seus privilégios sejam retirados, não é?

Sinto o clima entre nós mudar drasticamente. Carla parece querer retrucar, mas muda de ideia.

— Melhor assim. — O moreno fica satisfeito com seu silêncio e sai com Damon ao seu encalço, como se nada tivesse acontecido.

— *Filhos da puta!* — a loira murmura.

— O que foi isso? — pergunto.

— Matt Stevens, Damon Smith e Kellan Jordan são melhores amigos e os caras mais desejados e invejados da Universidade. Juntos, dizem que já *pegaram* quase toda Yale.

— Uau! — Dani exclama. — E você? Já saiu com algum deles?

Carla nos encara, sem saber ao certo se deve responder, mas por fim se rende:

— Kellan. Algumas vezes, logo que entrei no time. Eu achava que ele não era tão idiota, mas me enganei.

— E qual a diferença dos dois para o tal de Matt Stevens?

Ela sorri, um sorriso sem graça, amargo.

— Stevens é um cara fechado, que exala perigo. Ele não deixa ninguém, a não ser seus dois amigos, se aproximar. É frio, arrogante, inacessível, porém, engana com sua beleza quase sobrenatural. É o cara mais lindo que já vi na minha vida e o mais *filho da puta*. Tudo na mesma proporção. O pior é que mesmo as garotas sabendo desses detalhes, continuam correndo atrás do babaca como cachorrinhos. Depois, ficam sem aparecer por dias na faculdade, se recuperando da destruição deixada pelo *bad boy*.

Os pelos dos meus braços se arrepiam diante de suas palavras e, pela segunda vez na noite, espero que nunca esbarre com esse *destruidor*.

SEIS

Você toma a forma de
Tudo o que me atrai
Você toma a forma de
Tudo o que me atrai
Mas seus olhos
Estão mortos e vermelhos
Vermelhos como a ferrugem

DEVIL, DEVIL, MILCK

Liz Perez

O despertador toca, estridente, mas já estou acordada. Eu sabia que não dormiria direito por conta da ansiedade.

Meu primeiro dia de aula em Yale.

— Merda! — Dani murmura e solto uma risadinha.

Ela se espreguiça e boceja ao mesmo tempo.

— Bom dia, *hermanita*! — cumprimenta, sonolenta.

— Bom dia! — replico.

— Uau, você já está pronta!

— Não consegui dormir direito, então preferi me arrumar logo.

— Ansiosa?

— Muito.

— Vai ser incrível, Liz. O primeiro dia vivendo nosso sonho.

Abro um sorriso e me sento ao seu lado no colchão.

— É o que eu realmente espero, Dani.

— Não sei por que estou com tanto sono — diz, jogando suas pernas para fora da cama. — Ontem a gente descansou o dia inteiro.

Como combinado, Daniela e eu passamos o domingo todo descansando. Chegamos tarde da festa da Kappa Alpha e acordei com uma leve ressaca. A morena não teve tanta sorte e chegou a vomitar duas vezes. Saímos somente para comprar uma comida leve e voltamos para o dormitório.

Sobre a festa, logo após esbarrarmos em Damon e Kellan, ficou óbvio o desconforto da Carla com a ameaça do moreno, só porque ela falou daquele tal de Matt Stevens, mas continuamos bebendo, dançando, e logo o clima tenso se dissipou.

Mais pessoas chegaram para falar comigo e com a Dani, parabenizando-nos pelo pequeno show que demos na pista de dança e aos poucos a ficha foi caindo de que eu não poderia continuar lutando contra a notoriedade que *puxei* para mim. Afinal, não fiz nada de errado, apenas fui *eu*, sem me importar com mais nada. E não posso negar que gostei de me libertar.

Gostei muito.

— Você ficou assistindo àquele filme tosco até tarde — aponto.

— Eu queria saber como ia terminar. — Prendendo os cabelos volumosos em um coque, ela se levanta. — Vou tomar um banho. Que tal fazer uns ovos mexidos *pra* gente?

— Tudo bem. Mas vai logo, porque não quero me atrasar.

— Pode deixar, *chefe*. — Mostro minha língua e ela sorri.

Dani pega uma muda de roupas, uma toalha, uma bolsinha e segue para o banheiro. Eu vou para a cozinha e fico aliviada ao encontrá-la vazia.

Ontem finalmente conhecemos as outras duas meninas que ficarão em nosso apartamento, Jessica Taylor — que descobri ser a irmã da Nick — e Delilah Torne.

Jessica, apesar de ser ruiva, não tem tantas curvas como a irmã, e seu sorriso não “grita” falsidade como o da outra. Delilah, ou Lilah, como prefere ser chamada, usa óculos grandes com aros grossos pretos e os cabelos escuros constantemente despenteados fazem com que pareça uma nerd oficial.

Pego a frigideira e começo a preparar os ovos. De repente, minha mente já não está no que estou fazendo e, sim, na expectativa de entrar em uma sala de aula de Yale, como aluna, *vivendo meu sonho*, exatamente como a Dani externou.

Abro um sorriso largo e mentalmente digo para mim:

— *Eu consegui. Pelo menos, uma coisa boa de verdade aconteceu na minha vida.*



Depois de tomar café da manhã com a Dani, designamos o refeitório como nosso ponto de encontro no intervalo das aulas. Nós nos despedimos com um abraço, uma desejando boa sorte à outra e seguimos caminhos contrários, já que ela optou por matérias diferentes das minhas. Na verdade, temos apenas uma em comum, Filosofia, às sextas-feiras.

Chego à sala para a aula de Literatura e poucas cadeiras estão ocupadas, o que agradeço internamente.

Desço os degraus acarpetados e me sento na primeira fileira, de frente para a mesa do professor. O espaço é amplo e tem capacidade para abrigar muitos alunos. Cada fileira fica um degrau acima, de modo que quem está no último patamar consegue ter uma boa visão de tudo. Eu sempre gostei de ficar no “frente”, então não vai ser agora que vou mudar isso.

Pego minha mochila — com cuidado para não bagunçar as roupas e os tênis que trouxe para o treino de atletismo, que

vai acontecer após essa aula —, tiro meu caderno, canetas e os coloco no apoio ao meu lado. Com meu material a postos, apenas aguardo o início da aula. Cruzo minhas pernas e as balanço, um sinal óbvio de que estou ansiosa.

Por que cheguei tão cedo?

Sem saber mais o que fazer, aperto a tira da sandália de salto plataforma que envolve meu tornozelo. Hoje está fazendo bastante calor, mas não quis usar vestido. Optei por algo mais simples, uma calça jeans justa e blusa *baby look* preta, que deixa um dedo de pele da minha barriga aparecendo.

Discretamente, pego meu celular e com o visor apagado olho para o reflexo do meu rosto, conferindo se está tudo certo. Deixei o cabelo solto, prendendo uma mecha de cada lado com uma presilha e a franja cai um pouco acima dos olhos. Nos lábios passei um *gloss* e nos cílios, rímel. Nada de muito elaborado. Já basta ter chamado a atenção na festa de sábado, quero tentar ao máximo passar despercebida...

— *Señorita!* — uma voz exclama atrás de mim e fecho os olhos com força, baixando o celular até meu colo. — Que surpresa boa.

Um sinal de reconhecimento me atinge e abro os olhos, girando meu corpo na cadeira.

Ben Salvatore.

Ele está tão ou mais bonito do que na festa. Consigo ver melhor as tatuagens em seus bíceps abaixo das mangas da camisa branca — ele não é fortão, mas parece ter o corpo definido —, os cílios longos que cobrem seus olhos castanhos, os ossos da face proeminentes. Alguns cordões de prata estão sobre o colarinho da camisa e só agora percebo que usa um piercing de argola no lábio inferior.

— Você se lembra de mim?

— Claro! — Reviro os olhos e sorrio. — Ryan Sartore, não é?

Ele franze a testa e demora alguns segundos para perceber que estou brincando. Nós dois rimos.

— Além de ser linda e dançar *pra caralho*, tem bom humor. Mais um ponto para você, gatinha — diz e me dá uma piscadela. Forço-me a não corar, mas é inevitável. — Não vi vocês indo embora da festa.

— A gente bebeu além da conta e um amigo da Carla nos deu uma carona.

— Primeira festa em Yale, não é?

— Sim.

— Compreensível.

— Você está em que ano?

— Último, mas preciso refazer a matéria, por isso estou aqui. Meu forte são os números.

— É verdade. Engenharia.

— Isso mesmo.

Ele abre um sorriso bonito, o que me faz retribuir seu gesto.

— Tem alguém do seu lado? — pergunta, apontando os espaços vazios com o queixo.

— Acho que não.

— Bom. — Dito isto, ele desce um degrau e se senta à minha direita.

— Você faz isso com todas as calouras? — jogo.

Ele me encara e sorri novamente.

— Por incrível que pareça, não. Só com quem eu acho que vale a pena.

Okay! Depois dessa é impossível não ficar com as bochechas vermelhas. E eu odeio ser a garota que fica enrubescendo por aí.

De repente, os sussurros cessam e uma voz rouca serpenteia a sala:

— Bom dia!

— Lá vamos nós — Ben sussurra, tão próximo do meu rosto que sinto meu cabelo mexer.

— Ele é muito chato? — sussurro de volta, sem desviar os olhos do professor Richard Sparks.

— Não diria chato, mas exigente. Ele vai querer que você saiba a leitura da vez de cor e salteado.

— Ah, eu me garanto.

Ben me olha, as sobrancelhas arqueadas e um sorriso malicioso.

— Você será minha dupla e nem tente retrucar.

Preciso segurar a risada antes de focar no que o professor está dizendo. Pela minha visão periférica vejo que Ben está me encarando, mas não ousa virar meu rosto.

A aula transcorreu melhor do que eu imaginava. Como Ben já esperava, o Sr. Sparks passou um trabalho em dupla para entregarmos na próxima semana, o que imediatamente fez com que o garoto ao meu lado abrisse um sorriso cúmplice para mim. Sem ter como fugir, aceitei seu pedido, mas avisei que não passaria de um trabalho, para que ele não confundisse as coisas.

— *Fique tranquila, Liz. Temos pelo menos seis meses para você mudar de ideia.*

Fiquei alguns segundos assimilando seu comentário, mas preferi ignorá-lo e não dirigi qualquer palavra a ele durante toda a aula. Covarde? Talvez, porém, não quero perder o controle da situação logo no primeiro dia de aula. Ele é lindo, parece ser legal, mas não quero me distrair.

O sinal toca, indicando que a aula acabou, e me levanto.

— Preciso ir. A gente pode marcar de fazer o trabalho na Biblioteca, o que acha? — pergunto.

Ben se levanta também e me encara.

— Ou você pode me dar seu número e a gente marca de comer alguma coisa enquanto fazemos o trabalho.

Solto um longo suspiro.

— Ben, acho melhor não misturarmos as coisas.

— Não estou te chamando para sair, Liz. Quando eu te convidar para um encontro, você vai saber. Confie em mim.

Penso um pouco e finalmente cedo, estendendo meu celular para que ele marque seu número.

— Eu só estarei livre a partir das cinco da tarde, porque vou começar a trabalhar em uma cafeteria aqui perto.

— Fechado!

— A gente pode marcar na quinta-feira, o que acha? Assim já terei terminado de ler o livro que Sparks passou.

— Não leio tão rápido como você, mas vou me esforçar. Afinal, preciso fazer bonito para uma gata quente que conheci.

Reviro meus olhos pela vigésima vez só nesta manhã e balanço a cabeça.

— Desculpe, *Señorita*, foi mais forte do que eu.

— Vai ficar me chamando assim mesmo?

— Não gosta?

— Não é isso, é que antes de sábado as pessoas me chamavam assim pela comparação com a cantora e eu nunca liguei, mas agora só me faz lembrar da idiotice que fiz na frente de todo mundo.

— Idiotice? Você está falando sério? Foi incrível e sexy. Definitivamente a coisa mais *sexy* que eu já vi.

— E *sexy* é bom? Para uma caloura que quer apenas estudar e passar despercebida por aqui? Não quero ser um símbolo sexual ou algo do tipo.

— Gatinha, isso já está em você. — Ben me analisa intensamente. — Me desculpe se pareço um babaca, mas é a real.

Você é toda sexy sem precisar se esforçar. Há mulheres que querem tanto ser assim, que se atolam em maquiagem, plásticas, mas você... você é naturalmente sexy, e muito talentosa. Não deveria sentir vergonha de algo tão bonito. E ser sexy não quer dizer que você é uma vadia ou algo do tipo, porque dá para ver que não é nada disso, apenas atrai sem fazer esforço.

Uau! Suas palavras mexem comigo e por um instante preciso tomar um tempo para organizar meus pensamentos. Ninguém nunca me disse algo parecido. Eu mesma via a palavra sexy com uma conotação pejorativa, por sempre ver as mulheres serem tolhidas de fazerem o que bem querem, mas a fala de Ben me deu uma outra perspectiva.

— Obrigada, eu acho — falo e rio em seguida. — Acho que você não é de todo ruim com interpretação de texto, Ben Salvatore.

— Fico lisonjeado, Dra. Pérez.

Chegamos ao topo da sala em direção à saída e Ben me pergunta onde é a minha próxima aula.

— No ginásio de atletismo. Me inscrevi no time.

Ele arregala os olhos e coloca a mão no coração de maneira dramática.

— Não acredito que consegue ser mais perfeita.

— Você não cansa de me deixar sem graça, garoto?

Ben me lança um sorriso de lado e sua língua brinca com a pequena argola presa ao lábio inferior.

Isso é muito sexy.

Tiro meus olhos de sua boca e seu sorriso aumenta, como se soubesse exatamente o que estou pensando. Pigarreio e falo:

— Bem, nos vemos na quinta-feira, então.

— Perfeito. Não se esquece de dar um toque no meu celular...

Sem que ele termine de falar, pego o meu aparelho e envio um “oi”. Ben sorri.

— Ganhei meu dia — brinca.

— Preciso ir.

O garoto me surpreende ao se aproximar e me dar um beijo na bochecha.

— Só mais uma coisa — sussurra e minha orelha recebe seu hálito quente.

— Humm?

— Você gosta de basquete?

— Gosto.

Pegando uma mecha do meu cabelo, ele a leva até o nariz e aspira profundamente.

— Que bom, *Señorita*. Que bom.

E, então, Ben se afasta, andando de costas. Ele sorri e pisca para mim, antes de se virar e seguir seu caminho.

O que acabou de acontecer?

Permaneço parada por alguns segundos, tentando assimilar a minha interação com Ben até me forçar a caminhar para fora do prédio. Se eu não andar rápido é capaz que me atrase para o treino e não posso correr esse risco.

Preciso tomar cuidado com Ben Salvatore. Ele é um garoto altamente *perigoso* para se ter por perto. Lindo, legal, parece sincero, faz drinques maravilhosos e seu charme é a cereja do bolo.

Entro no banheiro feminino e me troco em tempo recorde. Coloco um top branco, uma camiseta sem mangas, cavada e comprida, e um short preto, que fica um pouco acima da coxa. Substituo minhas sandálias por tênis e sinto ligeiramente a diferença de tamanho sem meus preciosos saltos, mas não tenho muito o que fazer. Prendo meus cabelos no alto da cabeça e estou pronta.

Após caminhar por quase vinte minutos, finalmente chego em frente ao ginásio *Coxe Cage*. Estou ofegante, porque precisei correr para chegar a tempo e o pensamento de comprar um carro usado não parou de martelar em minha mente. Com o trabalho garantido na cafeteria, posso começar a juntar uma grana para isso. Imagine quando estiver com livros pesados ou chovendo? É algo que preciso pensar realmente.

Entro na enorme estrutura, que mais parece um grande armazém do lado de fora, e fico fascinada. O edifício é fechado, mas muito alto com armações metálicas que sustentam o teto formado por uma cobertura transparente. Há uma arquibancada no fundo — onde algumas pessoas assistem ao treino —, e no centro diversas pistas de corrida. É o *playground* perfeito para quem curte correr.

Chego perto de uma mulher com o uniforme da Universidade e me apresento.

— Olá, sou Liz Pérez. Eu me inscrevi para participar do time.

— Bem-vinda, Srta. Pérez. Sou a treinadora, Katrina Clarke. Está aquecida?

— Sim, vim correndo.

Sem nem me olhar, diz:

— Ótimo. Deixe sua mochila no armário do banheiro feminino e quando voltar pode começar com vinte minutos de

trote.

— Tudo bem.

Direciono-me até o banheiro e paro no meio do caminho quando vejo Carla, Nick e Ruby paradas perto da entrada.

— *Señorita*, o que está fazendo aqui? — a loira pergunta, surpresa, e nos cumprimentamos com um abraço.

— Estou no time de atletismo. Olá, meninas — cumprimento as outras duas, mesmo sendo ignorada. *Escrotas*.

— Oh! Que legal! Não sabia disso. Agora compreendo sua desenvoltura para dançar, o corpo definido — diz, olhando-me de cima a baixo.

— Eu tento — respondo, um pouco sem graça com os olhares das suas colegas, que continuam em silêncio. — E você? Está fazendo o que por aqui?

— De vez em quando a gente vem aqui antes dos ensaios. Como quinta-feira tem o primeiro jogo da temporada, precisamos entrar no ritmo novamente após as férias de verão. Correr faz parte da preparação, aí revezamos entre o ginásio e a esteira na academia.

As três usam um short-saia azul-marinho e uma camiseta branca com um Y azul no meio. Mesmo suadas, a maquiagem em seus rostos não se desfaz. Deve ser a mesma que usam quando fazem o papel de líderes de torcida. Espero que o meu rímel novo seja à prova d'água de verdade, porque ninguém merece ficar como um panda, enquanto elas permanecem lindas e belas.

— Imagino que deve ser intenso.

— Demais. Por que não vai assistir ao nosso ensaio quando acabar seu treino? O estádio fica a cinco minutos daqui.

Nick e Ruby não parecem gostar muito da ideia, mas estou pouco me lixando para o que pensam.

— Pode ser. Marquei com a Dani para nos encontrarmos no refeitório, mas vou ver se ela topa.

— Ótimo. Espero vocês. Bom treino, Liz!

— Obrigada, Carla. Bom ensaio!

Elas marcham em direção à saída e antes que esqueça envio uma mensagem para Dani sobre a mudança de planos.

Coloco o aparelho de volta na mochila e sem mais interrupções a guardo no armário. Ao chegar na pista, a treinadora acena para mim e começo a correr.



— Hey, *Señorita*! — Daniela cumprimenta quando finalmente chega em nosso ponto de encontro, em frente aos portões do *Yale Bowl*.

Não importa se já estive aqui na semana passada, o estádio continua parecendo imponente e intimidante.

A brasileira aceitou a mudança de planos sem muita dificuldade e enquanto a esperava tentei melhorar minha aparência, pois parece que um caminhão passou por cima de mim.

A morena se aproxima para me dar um abraço e rapidamente me afasto, passando uma toalhinha úmida em minha nuca, braços e rosto. Por falar nisso, o rímel foi aprovado.

— Estou toda suada, Dani.

— Ah, para de bobeira, *hermanita*! Continua linda e cheirosa.

Sem se preocupar se vou sujar seu vestido, a garota me abraça e me rouba um beijo na bochecha.

— Alguém está animada demais... — cantarolo.

— Estou mesmo, amei minhas aulas. E você?

— Confesso que esperava mais do treino. Não estou acostumada a competir e pude ver que as alunas têm sangue nos olhos para vencer. Não me senti acolhida, sei lá. Quanto à aula de Literatura, gostei muito. Você não vai acreditar em quem está na mesma turma.

— Me conta, garota!

— Ben Salvatore.

— Não! O cara dos drinques?

— Ele mesmo.

— Garota de sorte você, Liz. Que saco! E aí? Ele falou com você?

— Falou. Na verdade, se sentou do meu lado e vamos fazer um trabalho juntos para a próxima semana.

— Oh, meu Deus! Sinto cheiro de sexo quente.

— Para com isso, Dani! — Bato em seu braço e rio do seu comentário. — Já falei que não quero saber de garotos.

— Eu sei, mas não quer dizer que vocês vão namorar ou algo do tipo. Fala sério!

— Vamos entrar antes que o ensaio das meninas acabe e a gente fique com cara de idiota aqui fora — mudo de assunto.

— Tudo bem, mas depois quero saber tudinho, mocinha. Tenho certeza de que tem mais coisa aí.

Atravessamos os portões e seguimos para o enorme campo.

— Estou com uma fome absurda — Dani declara.

— Eu também. A corrida abriu um buraco no meu estômago. Podemos almoçar quando sairmos daqui, o que acha? Na *University of Coffee* tem uns pratos executivos muito bons. Daí já aproveito e começo a trabalhar em seguida.

— Por mim está perfeito.

Entramos no estádio e viramos à direita, em direção ao gramado. Carla enviou uma mensagem dizendo que não precisaríamos subir até a arquibancada, pois é apenas um ensaio, portanto, podemos permanecer no campo.

Assim que chegamos ao nosso destino, de frente para a imensidão verde, tanto Daniela quanto eu estacamos no lugar.

— Você sabia disso? — pergunta.

— Não — respondo, sem desviar meus olhos da bagunça de corpos se chocando, com suas roupas azuis e brancas e capacetes. — A Carla não comentou. Ela só disse que as líderes de torcida estariam ensaiando.

— Acho que deveríamos imaginar. — Ao olhar para Dani vejo que a morena também está com a atenção voltada para o campo.

Seguimos para onde um grupo de meninas está, sem desviar os olhos das estrelas da faculdade. Esses caras são adorados por homens, mulheres, crianças, famílias, e saber que estou a poucos metros deles faz meu coração acelerar.

— É a primeira vez que assisto a um jogo de futebol ao vivo — confesso.

Dani pega meu braço e me encara.

— Sério?

— Sério.

— Eu pensei que fosse uma extraterrestre por nunca ter assistido a um jogo de futebol no Brasil, mas estamos no mesmo barco, *hermanita*. Não que seja o mesmo tipo de esporte, mas você entendeu.

— Estamos no mesmo barco, sim, *hermana*. — Rimos.

— Se bem que hoje não é um jogo propriamente dito, não é? Só vamos poder dizer que assistimos a um quando for oficial, com direito a torcida e tudo mais.

— É verdade.

— Eles são quentes, não são? — Dani faz uma pergunta sussurrada. — Essas roupas, o porte... ui!

Ela se abana discretamente e não consigo deixar de rir.

Quase chegando aonde Carla e outras meninas estão, passamos por alguns caras e deduzo que sejam os jogadores reservas. Forço-me a não olhar para seus rostos quando ouço alguns assovios baixos. Ainda estou com a roupa de treino e de repente não me sinto tão à vontade. Se eu soubesse que haveria tantos caras por aqui, teria me trocado. Merda!

— Parece que nunca viram uma mulher — reclamo com minha amiga, que concorda, mas fica quieta. Aposto que está se segurando, porque é das minhas.

— Hey! — Carla grita, agitando as mãos, a poucos passos de onde estamos. Dani e eu acenamos de volta.

Ela vem correndo até nós duas e envolve cada uma em um abraço.

— Pensei que não viriam mais.

— Desculpa, Carla. É que estávamos conversando e perdemos a noção do tempo. Já acabou? — indago.

— Que nada! Vamos fazer mais três atos. Se quiserem, podem se sentar naquele banco — aponta.

— Amiga, adorei esse uniforme — Daniela declara.

— Oh, obrigada! Esse é um dos que usamos para o treino.

— Você nem para falar que os caras estariam jogando hoje — censuro, em tom de brincadeira.

— Me desculpa, Liz. É tão natural *pra* mim, que nem pensei em comentar. Os babacas mexeram com vocês?

— Um pouco, mas nada que não estejamos acostumadas — a morena desdenha e rimos.

— Bom, preciso voltar, mas sentem ali onde falei.

Assinto com a cabeça e caminho com Dani até o banco. Nós duas nos sentamos e cruzamos as pernas em cima da superfície de madeira. Enquanto as garotas se preparam, volto meus olhos para o treino dos caras.

Não menti para Ben quando me perguntou se gostava de basquete. Gosto de esportes em geral. Não sei das regras a fundo, mas adoro assistir pela televisão, a sensação de ver quem você torce ganhar, a vibração da torcida... ao vivo deve ser incrível.

Neste momento, os jogadores se agacham em uma fileira, um de frente para o outro, e ao som do apito, os da direita vão empurrando os da esquerda. De repente, o que veste a camisa 01 surge com a bola na mão, correndo como louco. Penso no calor que devem sentir com tanta roupa e protetores.

O mesmo cara continua correndo até parar e arremessar a bola com força para seu colega. Não me passa despercebido que os braços do jogador são enormes e diversas tatuagens descem pelos membros torneados.

Outra coisa que gosto bastante: tatuagem. Tenho vontade de fazer algumas, mas nunca tive certeza do que desenhar. É

algo que precisa ser pensado com cuidado, afinal, vai nos acompanhar para sempre. Por isso homens tatuados me atraem. Eles geralmente sabem o que querem, têm certeza, convicção. É difícil ver um cara assim ter medo de qualquer coisa. Não que seja um padrão, mas tenho essa ideia dentro de mim.

Outro apito ressoa no campo e o jogo recomeça.

— Olha que incrível, Liz. — Dani me cutuca, o que me faz olhar para as meninas. Estou tão entretida com o jogo que até me esqueci do real motivo de ter vindo.

Elas não param de contar em voz alta: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito. Como se fosse um ritmo que precisam seguir.

Em um instante, Carla sobe nas coxas de duas garotas, ficando ereta com os braços para cima e pegando impulso, sobe mais um nível, fazendo as meninas segurarem seus pés na altura do pescoço.

— Uau! — exclamo e não consigo deixar de bater palmas, levantando-me do banco, juntamente com a minha colega de quarto.

Nick e Ruby também sobem, cada uma com uma dupla de garotas embaixo, e ficam as três lá em cima, segurando uma na mão da outra. E, então, todas as líderes de torcida gritam: *let's go, let's go, Bulldogs*.

— Pensei que fosse uma miragem — alguém fala ao meu lado e desvio meu olhar.

Fico surpresa ao me virar e encontrar Kellan Jordan sem camisa, com apenas a bermuda colada do uniforme e o capacete debaixo do braço. Eu me esqueci completamente que tanto ele quanto Damon fazem parte do time de futebol.

— Oi, Kellan. Carla nos convidou para assistir ao ensaio.

— Humm... que pena. Pensei que tivessem vindo me ver — diz, mas fica nítido o tom de brincadeira.

— Nem é arrogante — Dani ironiza, revirando os olhos.

— Na verdade, a gente não sabia que vocês estavam por aqui — esclareço.

— Estou brincando com vocês. Dá para saber quem vem por nossa causa. — Ele pisca para nós duas. — As nossas garotas arrebetam, não é? — fala, indicando Carla e as outras.

— Elas são incríveis — declaro, com sinceridade.

— Bem que vocês duas poderiam se candidatar, hein... O time ia pegar fogo.

— Vai sonhando — a morena joga.

Damon Smith chega ao lado do amigo, também sem camisa, os cabelos loiros mais escuros por conta do suor e nos

direciona um sorriso, deixando à mostra suas covinhas.

— *Señorita* Liz Pérez. — Ele pega o dorso da minha mão e a beija. Já percebi que esses garotos mais ladram do que mordem e por isso apenas sorrio.

— *Señor* Smith — rebato e o loiro ri.

— Hey, Daniela — ele cumprimenta minha amiga, com um pouco mais de cautela e finco meus dentes no lábio inferior para não rir. Parece até que eles têm medo dela.

— Hey, Smith — ela responde.

— Vocês dois vão comigo? — Uma voz grave interrompe nossa conversa e minha curiosidade se eleva.

Um cara surge atrás de Damon e Kellan, e juro por Deus que precisei dar um passo para trás para ter uma visão melhor. Os garotos que estão conosco abrem espaço, deixando o desconhecido ficar no meio.

Jesus!

Eu poderia dizer que é o homem mais lindo que já vi na minha vida, mas seria clichê demais. Para ele tinha que haver uma classificação original, porque olha... *Putá merda!* O pior: também está sem camisa.

O que vejo?

Músculos. Muitos músculos. Bíceps e antebraços com veias saltadas, mãos enormes.

Tatuagens. Muitas tatuagens. No peitoral, ombros e ao longo dos braços. Constato que ele é o número 01 que vi correndo com a bola na mão.

Rosto anguloso, com uma mandíbula quadrada e boca desenhada.

Olhos azuis penetrantes, claríssimos, mas que não posso comparar com o mar do Caribe porque parecem revoltos demais para o meu gosto.

Cabelos loiros platinados, que agora estão molhados, mas dá para ver a raiz crescendo. Eles são raspados nas laterais e mais volumosos em cima.

Barba rente à pele, perfeitamente aparada.

Um abdômen que poderia servir de tanque para lavar todas as roupas que tenho.

Como percebi isso tudo?

Não consigo tirar meus olhos do cara, que deve ter 1,80m de altura, talvez, a julgar pelo fato de que preciso elevar meu queixo para encará-lo. Não consigo sequer desviar quando começam a conversar. Mas não estou sozinha. Ele mantém sua

atenção em mim de uma maneira tão intensa que é como se enxergasse a minha alma.

Crio coragem e consigo desfazer o contato mais estranho que já experienciei. De soslaio olho para Dani e percebo que está tão impactada quanto eu, mas sua atenção está em mim e não no homem à nossa frente. Não tem como chamar esse cara de garoto. Não digo pela idade, mas tem alguma coisa nele, além do corpo, que me diz que ele é tudo, menos um garoto.

— *Porra*, é claro que a gente vai com você. Está com pressa? — Escuto Jordan perguntar com indignação e volto à realidade.

— A gente veio falar com as meninas que conhecemos no sábado, Liz e Dani. Lembra quando comentamos que duas calouras dançaram *pra caralho* na festa? — É a vez de Smith entrar em ação.

Olhando para mim, o cara responde, sério e indiferente:

— *Fodam-se* vocês dois! Estou indo embora. Não vou perder nem mais um segundo do meu tempo. — Como chegou, arrogante, prepotente, ele se vira, deixando as costas extremamente musculosas à vista, e vai embora.

Daniela e eu estamos com nossos queixos levemente caídos diante do que acabamos de presenciar.

— *Puta que pariu!* Ele é *foda!* — Kellan Jordan exclama, passando as mãos na cabeça. — Vocês não têm nada a ver com isso, meninas. Ele está...

— Stevens — murmuro, recordando o que a Carla contou.

É claro! *A Tríade*.

— O quê? — Jordan questiona.

— Esse é o tal Matt Stevens, não é?

— O próprio — Damon Smith responde, soltando um longo suspiro.

Agora compreendo a raiva da Carla, o conselho à amiga. Esse cara tem um aviso na testa: “sou um *filho da puta* arrogante e causo destruição por onde passo”, mas a sua beleza realmente pode enganar.

Por alguns instantes quase fui arrebatada por seus olhos tempestuosos, a maneira como parecia me compreender, o corpo que é o próprio pecado. A melhor coisa é fingir que nunca o conheci, porque ele é problema na certa.

SETE

Se eu te dissesse o que eu era
Você viraria as costas para mim?
E se eu parecesse perigoso
Você ficaria com medo?
Tenho a sensação apenas porque
Tudo o que eu toco não é obscuro o bastante
Se o problema está em mim

MONSTER, IMAGINE DRAGONS

Liz Perez

Caminhando até a cafeteria, continuamos perplexas com o que presenciamos no estádio. Damon e Kellan tentaram nos dizer que o amigo não está em um bom dia, mas isso não é desculpa para nos tratar como se não fôssemos nada. Como se não existíssemos.

Contamos o ocorrido para Carla e a loira automaticamente fez uma cara de desgosto, dizendo apenas: eu avisei.

— Ridículo — disparo.

— *Filho da puta* — Dani retruca.

Estamos nesse bate-volta há um tempo. Tudo bem, pode ser imaturo, mas tivemos uma péssima primeira impressão do líder da Kappa Alpha e é o nosso jeito de extravasar.

— Escroto.

— Nojento.

— Como pode ser tão lindo e asqueroso ao mesmo tempo? — questiono.

— E aquele corpo? Tanto cara legal por aí e Deus resolve abençoar logo um babaca.

— E os olhos?

— *Hermanita*, ele estava te comendo com os olhos!

— Então devo ser uma comida que ele odeia — rebato e caímos na risada.

— A Carla detesta o cara com razão.

— Pois é, achei que fosse exagero, mas o idiota conseguiu surpreender, para pior.

Dani murmura alguma coisa, mas não entendo.

— O que você falou?

— Ah, é uma expressão em português que se eu traduzir não vai ter o mesmo sentido.

— Mas eu quero saber.

— Falei que Matt Stevens é um *filhote de cruz-credo*.

— *Filhote de cruz-credo?* Que porra é essa? — Franzo o cenho com a expressão que nunca ouvi antes.

— Eu falei que não tem como traduzir. Lá no Brasil a gente diz isso quando o *ser* é muito feio, horrendo.

Dou um gritinho antes de soltar uma gargalhada alta. Minha barriga chega a doer e me curvo, apoiando as mãos nos joelhos. Lágrimas se acumulam no canto dos meus olhos, mas não consigo parar de rir. Não sou a única. Ela também está gargalhando ao meu lado.

— Dani... Sério! Eu não poderia ter uma colega de quarto melhor — declaro, ainda sem parar de rir.

— Digo o mesmo, Liz.

A gente bate uma mão na outra em um *high five* e paramos de rir quando finalmente avistamos a *University of Coffee*.

— Está preparada? — pergunta.

— Estou. Não é a primeira vez que irei trabalhar, de qualquer forma.

— Tenho certeza de que vai dar conta do recado.

— Obrigada, *hermana*. Agora vamos comer, que o meu estômago está quase saindo pela boca.

— Já ouvi a expressão “*o coração quase saiu pela boca*”, mas estômago é a primeira vez.

— Para você ver como o meu estado é crítico.

Nós duas rimos e entramos no estabelecimento. Como esperado, o lugar está cheio de estudantes e nos sentamos nos únicos assentos disponíveis, em frente ao balcão de atendimento.

Um cheiro maravilhoso de bacon inunda o espaço e fecho os olhos.

— Sinta esse cheiro, Dani.

— Delicioso. Vamos pedir logo.

Duas pessoas estão trabalhando no local, um garoto e uma garota, que deve ser a que vou substituir daqui a pouco. Não encontro o gerente que me contratou, Tony Myers, então ergo a mão para ser atendida.

O rapaz, que possui cabelos platinados, vem em minha direção e abre um sorriso largo. Durante a semana passada vim alguns dias, mas não me lembro de ter visto esse garoto.

— Boa tarde, meninas. O que desejam?

— Você é novo por aqui? — pergunto de uma vez e ele ergue as sobrancelhas.

— Sim, por quê?

— Vou trabalhar na cafeteria também. Daqui a pouco.

— S3rio? Legal! Espero que seja mais rápida do que a Samantha — ele diz, apontando a loirinha que está atendendo outra mesa. — Ela é boa, mas demora demais para entregar os pedidos.

— Tenho experiência. Acho que serei rápida, sim.

— Isso é muito bom. — Ele abre um sorriso que me permite ter ciência de como é bonito. Os cabelos platinados bem tratados estão penteados para trás e as sobrancelhas grossas e escuras destacam seus olhos azuis. Muito bonito. Novidade por aqui, não é? É óbvio que estou sendo sarcástica. — Qual seu nome?

— Liz Pérez. E o seu?

— Michael Wilson. Mas todos me chamam de Mike.

— É um prazer, Mike. Esta é Daniela Lima, minha colega de quarto.

— Olá — a morena acena.

— Olá — ele repete.

— Bom, estamos morrendo de fome — digo e Mike solta uma risadinha. — Quero um cheeseburger com bastante bacon e batatas fritas. E você, Dani?

— Quero o mesmo.

— E para beber?

— Um suco de laranja para mim — respondo.

— Quero uma Coca-Cola — completa Dani.

— Ótimo. Já, já trago o pedido de vocês.

— Obrigada! — minha amiga e eu respondemos.

— Que desperdício! — a morena murmura com o queixo apoiado nas mãos ao observar Mike se afastando.

— Como assim?

— Você não percebeu?

— O quê?

— Liz, querida, você precisa ficar mais atenta aos detalhes.

— Odeio quando você começa a falar por enigmas.

— Mas não estou falando por enigmas. Está na cara. Mike é gay.

— Sério? — Olho para o rapaz novamente, que agora está conversando com um outro garoto e vejo como sorri de maneira diferente. — *Putá merda!* Ele é.

— Falei.

— Acho que não percebi, porque ele não é espalhafatoso.

— Nem todo gay é assim, *hermanita*.

— Eu sei, mas os que conheci eram bastante. — Olho para o garoto mais uma vez e digo: — Pelo menos, podemos ser bons amigos.

— Lá vem ela querendo colocar gente no meu lugar.

Solto uma gargalhada.

— Não sabia que era ciumenta.

— Não sou. Apenas sei onde é o meu lugar. O primeiro, sempre.

— Você não existe, Dani.

— Eu sei. Sou única.

— Prontinho, meninas — Mike avisa, entregando nossos hambúrgueres e bebidas.

Dou uma mordida grande no meu e fecho os olhos, quase gemendo de prazer diante de tamanha orgia gastronômica.

— Que delícia! — murmuro com a boca cheia, o que faz com que os dois riam da minha cara.

— Não é à toa que é o nosso queridinho — o atendente informa.

O sino localizado na porta indica que uma pessoa entrou ou saiu e automaticamente olho em sua direção.

Quase engasgo com o enorme pedaço de sanduíche que ainda está na minha boca e bebo um longo gole de suco.

— Merda! — Mike pragueja, antes de se afastar do balcão e ir de encontro à pessoa que chegou.

— O que foi? — Dani pergunta e mira para onde estou olhando. — *Putá que pariu.* O que ele está fazendo aqui?

Finalmente consigo engolir o pedaço de sanduíche e respondo:

— Não faço ideia.

Pego um punhado de batata-frita e como sem parar. Meus olhos acompanham cada movimento de Matt Stevens. Ele parece ser o dono do lugar e não tira os óculos escuros estilo aviador.

Diferente de mais cedo, seus cabelos estão secos e a cor platinada ressalta o rosto bronzeado e perfeitamente harmonizado. O *quarterback* veste uma camiseta cinza, expondo as tatuagens dos braços musculosos e uma parte do tórax, com uma calça preta que abraça as pernas torneadas. Nunca vi um cara tão forte como Stevens. Ele é *todo* grande.

Observo-o se sentar em um dos bancos do bar, que acabou de vagar, a poucos metros de mim, porém, ele ainda não me viu, ocupado demais com sua própria soberba.

— Como pode se achar tanto? — Dani sussurra e acabo rindo mais alto do que deveria.

E é claro que ele ouviu.

A cabeça loira vira lentamente em minha direção e abusada como sou, aceno, mexendo os dedos e sorrindo falsamente.

Se estou no inferno, vou abraçar o capeta. Estava sentindo falta dessa Liz, para falar a verdade.

Percebo o vinco em sua testa, a incompreensão do porquê estou falando com ele e, mais uma vez, como se eu não fosse ninguém, o babaca me ignora e começa a mexer no celular.

— *Filho da puta* — murmuro sozinha.

— Esse cara deve ter algum problema muito *fodido* — Dani especula.

— *Foda-se* ele.

Deixo o idiota de lado e dou atenção ao meu hambúrguer, que vale muito mais a pena. Não olho para ele nenhuma vez depois disso, mesmo tendo certeza de que estou sendo observada.



— Entendi, Tony! Obrigada pela oportunidade — agradeço ao gerente da *University of Coffee* quando ele me entrega o uniforme, devidamente ajustado para o meu corpo, e me dá os últimos avisos.

Pouco depois que terminei de almoçar, ele chegou e Dani foi para o apartamento. Tony Myers não deve ter mais de trinta anos e parece ser muito correto. Gosto disso.

Durante o “tour”, conheci os cozinheiros Bart e Marcy. Eles devem estar na faixa dos quarenta anos e me pareceram bastante simpáticos, além de muito talentosos na cozinha.

— Espero que seja uma ótima experiência para ambos os lados, Liz. Agora vamos, porque a Samantha já foi embora e logo isso aqui vai ficar um caos.

— Claro!

Dirijo-me até o banheiro e me troco. Estou doida por um banho, mas terei que esperar chegar em casa.

Ao retornar para o salão, esbarro em Mike. Desde que o babaca do Matt esteve aqui, ele está agindo de um jeito estranho e não me dirigiu à palavra nenhuma vez. Descobri que o líder da Kappa vem todos os dias para pegar uma vitamina que só esta cafeteria faz — *tão mimadinho*. Aquelas ironias que o destino gosta de fazer.

— Está tudo bem? — pergunto, realmente preocupada.

— Tudo ótimo. A mesa 03 está chamando.

— Oh, *okay*. — Corro para atender ao chamado.

Posso dizer que não parei de trabalhar, a não ser pelos dois intervalos de quinze minutos que Tony liberou para descanso.

Estou acabada. Nem parece que é o meu primeiro dia.

Foi tudo tão intenso, e é só uma palhinha do que me espera ao longo da faculdade. Não vou reclamar, pois prefiro mil vezes sentir esse cansaço a ficar em *Little Havana* sem qualquer perspectiva de futuro.

Envio uma mensagem para Dani e digo que estou a caminho do apartamento. É quando noto que tenho duas chamadas perdidas de Luna. Toco em seu nome e imediatamente ligo de volta.

— *Não precisava me ligar* — ela diz, assim que atende e fico confusa com seu tom.

— Oi, Luna. O que aconteceu?

— *Precisa acontecer alguma coisa para conversar com a minha amiga?*

— Claro que não, só estranhei você me ligar duas vezes.

— *Quer saber? Não quero te atrapalhar, Liz. Eu sabia que isso ia acontecer. Mal chegou em outra cidade e já abandonou seus amigos.*

— Isso de novo, Luna? Eu estava trabalhando — justifico, cansada de suas acusações sem nexos.

— *Foda-se o seu trabalho! Eu quero a minha melhor amiga de volta* — grita e preciso afastar o telefone do ouvido.

Fico em silêncio e deixo que ela extravase.

— *Você nos abandonou aqui. É uma egoísta que só pensa em si.* — Ela pausa, mas sei que vem mais coisa e apenas espero. — *Sabe de uma coisa? Você é igualzinha à sua mãe.*

Luna sabe como isso me afeta. Mais do que ninguém, ela sabe. Ainda assim, fala de propósito, para me machucar.

Fico alguns segundos sem saber o que responder, até que o cansaço me atinge com força, o físico e o mental, misturando-se à decepção e digo:

— Luna, se você não entende minhas escolhas, se não torce por mim, não vibra pelas minhas vitórias, definitivamente não somos amigas.

Ela tenta falar, contudo a corto.

— Não precisa me ligar mais. Já entendi que a nossa amizade tinha data de validade e só servia enquanto morava em *Little Havana*. Tudo o que a gente já viveu não significa nada para você, pelo simples fato de eu não estar aí. Porque prefere me ver em uma vida infeliz a vibrar pelas minhas conquistas. Então, agora sou eu que não quero mais a sua amizade. Sou eu que não quero mais receber suas ligações que fazem com que um dia incrível se torne uma merda. Não, eu não quero mais isso *pra* mim.

Desligo.

Demoro um tempo para compreender o que acabei de fazer.

— Hey, está tudo bem?

Mike aparece e só agora percebo que estou sentada na escada dos fundos da cafeteria com os cotovelos apoiados nos meus joelhos e as mãos segurando a cabeça. Lágrimas molham meu rosto, mas não faço questão de pará-las.

Olho para cima e sorrio fracamente.

— Não, mas vai ficar.

Ele se senta ao meu lado no degrau e permanece calado, como se dissesse “eu estou aqui” e isso me faz chorar copiosamente. Um cara que acabei de conhecer tem mais sensibilidade do que uma amiga de anos, parece até uma piada de mau gosto.

Antes que eu perceba estou rindo.

— Essa risada é macabra — Mike brinca e eu rio ainda mais.

Quando me acalmo, agradeço:

— Obrigada!

— Todos temos dias ruins, Pérez.

Giro meu corpo e fico de frente para o loiro, trazendo minhas pernas até o peito.

— Você ficou diferente depois que o idiota do Matt Stevens esteve aqui. Ele foi babaca com você?

Suas sobrancelhas escuras se erguem e ele ri.

— Uau! A caloura aqui já conhece Matt Stevens.

— Infelizmente.

Ele balança a cabeça e olha para longe, passando as mãos nos fios platinados.

— Uma coisa que você deve guardar é que as aparências enganam.

— Ah, é? Estou errada em dizer que ele é um idiota arrogante e prepotente?

Mike solta um riso nasalado.

— Você vai ter que descobrir por si só.

— Quero ficar bem longe daquele cara.

Ele fica em silêncio, estalando os dedos e me encara.

— O que quero dizer é que nem tudo é o que parece. O fato de ter ficado estranho hoje não tem nada a ver com Stevens, por exemplo. Qual curso você vai fazer?

— Direito.

— Direito — ele repete, mordiscando o lábio inferior. — Você, mais do que ninguém, precisa estudar as pessoas antes de julgá-las.

— Nossa, essa doeu! Me desculpa se entendi errado, só estava preocupada. E se bem me lembro você falou um “merda” quando ele chegou.

Mais uma vez ele ri, sem olhar para mim.

— Me desculpa, mas não foi para ele especificamente que eu disse isso. Agradeço sua preocupação, mas é que detesto quando as pessoas julgam sem conhecer as outras, sabe? Eu sou gay e, *porra*, é uma merda ter que ouvir um monte de bosta só por causa disso. Estou cansado de pré-julgamentos.

— Alguém mexeu com você hoje, foi isso?

Estou envergonhada porque a primeira coisa que veio à minha mente foi o óbvio, pelo menos para mim: Matt Stevens apareceu e *fodeu* com a cabeça do garoto. Pelo visto, não foi nada disso.

O loiro passa as mãos pela nuca, apertando-a enquanto olha para cima.

— Não, não mexeram comigo. Foi apenas uma ilustração porque você falou do Stevens. O motivo de ter ficado chateado foi outro. A gente vai ter tempo para se conhecer melhor, quem sabe um dia eu te conte a minha história...

Ao ouvi-lo dizer essas palavras me identifico no mesmo instante, porque também não me sinto preparada para expor algumas partes da minha vida, nem para Dani, nem para ninguém.

— Eu entendo e respeito sua posição, também tenho uma certa dificuldade em me abrir. Mas me diga, você está em que ano? Qual curso?

— Penúltimo ano de História.

— Que legal!

Engatamos uma conversa e decido enviar uma mensagem para Dani, explicando que irei demorar um pouco. Conto para Mike de onde vim, ele diz que é de Nova York e faz parte da Kappa Alpha, o que me surpreende. Novamente ele faz uma observação sobre como as aparências enganam e vejo que, sem perceber, tenho julgado bastante as pessoas sem as conhecer, de fato. Ou sempre fiz isso e nunca me atentei?

Preciso me policiar. Não que a minha primeira impressão de Matt Stevens tenha mudado, mas mantereí a guarda aberta.

Não sabia que aprenderia tanto no primeiro dia de Yale. Não somente com as matérias universitárias, mas sobre a vida, e isso só me fez ter certeza de que estou no lugar certo e fiz a melhor escolha para mim. É isso o que verdadeiramente importa!

OITO

Tem toda a multidão
Gritando nosso nome
É uma explosão
É um furacão

FOR THE GLORY, ALL GOOD THINGS

Liz Perez

Os dias têm passado em um *flash*. Quando se tem tantas atividades para fazer é como se as horas voassem. Aulas, trabalho, treinos, deveres de casa. Eu pisquei e já é quinta-feira.

Rabisco algumas anotações na aula de Ciências, a última do dia, e estou em dúvida se dou atenção à explicação do professor ou se respondo à mensagem de Ben.

Desde terça-feira venho recebendo suas mensagens aleatórias, como “bom dia”, “está gostando do trabalho?”, “boa noite”, “já leu o livro que o Sparks passou? Estou quase acabando” e confesso que não esperava que ele fosse tão atencioso.

Dani diz que devo mantê-lo em banho-maria para aproveitar lá na frente, quando estiver preparada, mas tenho minhas dúvidas. Estamos na primeira semana e acho muito estranha essa atenção toda de repente. Não estou acostumada com esse tipo de coisa. Ben mal me conhece e é impossível não desconfiar de suas intenções. Logo eu, a garota que vive com o pé atrás.

E se, por um acaso, ele nutrir um sentimento mais forte por mim? Não posso carregar esse peso nas costas. E se quiser me usar? São muitos “e se” para pensar e não quero ter que lidar com isso agora.

Quando comentei sobre o assunto com Mike, ele disse que Ben Salvatore é discreto, apesar de ser o capitão do time de basquete, mas não o conhece tão bem para falar sobre sua índole.

O loiro, inclusive, ficou sabendo do meu showzinho na festa e compartilhou que na fraternidade não se fala em outra coisa: “*as latinas que colocaram fogo na pista*”, “*as garotas mais quentes de Yale*”, entre outras coisas desnecessárias. Até então, Mike não sabia que uma das latinas em questão era eu. É claro que agora ele só me chama de *Señorita*, porque descobriu que adora uma zoação.

A cada dia de trabalho nos aproximamos mais, o que tem me rendido alguns pequenos ataques de ciúme por parte de Daniela. Ela diz que tem confiança no taco dela, mas não acredito na morena.

A relação de amizade que tenho construído com ela é completamente diferente da que estou construindo com Mike, contudo, não há pódio, pelo contrário, os dois têm me feito muito bem.

Quando cheguei tarde da noite na segunda-feira, Dani ficou preocupada com meu estado, afinal, chorei tanto enquanto conversava com Mike que meu rosto estava todo vermelho. Conte sobre Luna e a morena rapidamente me acolheu, preparando um chá para mim e, em seguida, passou a noite me fazendo cafuné até que eu dormisse. Atitudes como esta não têm preço. Este é o verdadeiro sentido de amizade para mim.

Examino mais uma vez a mensagem de Ben, que hoje me perguntou se estava tudo certo para mais tarde, e apago o visor. Temos uma atividade para entregar na próxima segunda-feira, mas não sei se remarco nosso compromisso para amanhã, pois ainda estou decidindo se vou ao primeiro jogo de futebol da temporada ou não.

Daniela já confirmou que vai e está me infernizando para ir também, já que nós duas nunca assistimos a um jogo ao vivo. Carla me ligou algumas vezes e disse que se eu não for vou perder uma grande experiência. Como se não tivessem outros jogos pela frente.

Na verdade, eu quero muito ir, mas só de pensar que aquele babaca vai jogar, me desanima um pouco. Apesar de vê-lo de relance quando vai pegar a bendita vitamina na cafeteria — descobri que contém melão, abacate, banana e amêndoas e é muito boa para dar energia —, o idiota continua me ignorando, então resolvi fingir que ele não existe.

Mike diz a todo instante que não posso julgar as pessoas sem conhecê-las de verdade, mas fica difícil quando o cara não coopera. De qualquer maneira, não sinto que algo de bom viria dele, não depois de tudo o que Carla compartilhou.

O sinal toca e a aula é encerrada. Saio da sala, rumo à cafeteria, quando sinto um peso sobre meus ombros.

— Hey, gatinha.

Ben caminha comigo, como se eu fosse sua garota, e minha vontade é rir. Esse cara não existe.

— Hey, Ben. Está à vontade demais, não? — pergunto e me desvencilho do seu toque.

— Poxa, você é muito má.

Sorrio e o encaro.

— O que está fazendo aqui?

— Vim te ver. Você demorou a me responder, então quis ter certeza de que está tudo bem.

Ergo as sobrancelhas, surpresa com sua sinceridade.

— Eu estava em aula.

— Eu sei, mas senti saudade.

— Ben...

— Eu sei, eu sei que você não quer nada comigo, gatinha. Estou brincando.

Analiso sua expressão e sei que não está sendo totalmente sincero.

— Não estou fazendo joguinhos, Ben. Não quero me comprometer com nada além dos estudos. Se quiser ser meu amigo, sem segundas intenções, estou aqui, mas se estiver tentando me conquistar, já digo que não vai ter sucesso, porque *eu* não

quero, pelo menos, não por enquanto. Posso soar dura, mas preciso que entenda. Não quero ser injusta.

Ele para no meio do estacionamento do prédio, o que me faz parar também.

— Você disse: *não por enquanto*. Quer dizer que há uma possibilidade lá na frente?

— Ben, ainda é muito cedo para sequer conversarmos sobre isso. Você me conhece não faz nem cinco dias.

— Mas eu gostei de você logo de cara, Liz. Você é linda, inteligente, divertida. E acho que a sua dança me enfeitiçou.

— Essa é boa. — Nós dois rimos.

De repente, ele fica sério e se aproxima de mim.

— Mas quero que saiba que não sou louco de forçar as coisas com uma mulher que não me quer, nem tenho a intenção de te deixar constrangida, porque me contento com a sua amizade. Gosto da sua companhia, da sua energia e se um dia acontecer de ficarmos juntos, vai rolar naturalmente.

Ele abre um sorrisinho de lado que o deixa ainda mais bonito. Os cabelos lisos estão jogados para trás e apenas uma mecha cai em sua testa. As sardas em seu rosto estão mais aparentes e sua língua brinca com o piercing no lábio inferior sem parar.

Olhando para os seus olhos expressivos, digo:

— Obrigada por me entender, Ben. Também gosto da sua companhia. — Ele faz um aceno com a cabeça e muda de assunto.

— Está indo para a cafeteria? Quer uma carona?

— Não precisa mudar sua rota.

— Para de bobeira, Liz. Estou indo para a fraternidade, é caminho.

O moreno abre a porta de um Jeep preto para mim e só agora percebo que estávamos parados diante do seu carro. Entro no veículo e Ben dá a volta para se sentar em seu lugar.

Ele liga o rádio até sintonizar em *Do the Evolution*, do Pearl Jam, e começa a dirigir.

— Adoro Pearl Jam — confesso.

— Eu também. Eddie Vedder é foda.

Ficamos em silêncio, apenas ouvindo a música, quando Ben resolve fazer uma pergunta:

— A gente vai se encontrar mais tarde ou não?

— Estou pensando. Hoje tem jogo e as meninas me chamaram para ir.

— Não sabia que gostava de futebol.

— Eu gosto de esportes, mas nunca fui a um jogo de futebol antes.

— Não pode ser.

— É sério!

— Em que planeta você vivia, Liz?

— No planeta chamado *Little Havana*.

Ele ri e balança a cabeça.

— Se você quiser ir, podemos marcar de fechar o trabalho de Literatura amanhã. Sem problemas.

— Você não vai?

— Não curto futebol. Meu negócio é basquete.

— Entendo. Acho melhor marcarmos para amanhã, então.

— Beleza. Só não poderei demorar muito porque sexta-feira, você sabe como é...

— Como é? — pergunto, me fazendo de boba.

— Ah, fala sério. Festas, essas coisas.

— Humm... esqueci que você é da elite.

— Eu não sou da elite — diz, parecendo ofendido.

— Aham.

— Estou falando sério.

— *Okay*, Ben-Kappa-Alpha-capitão-do-time-de-basquete.

— *Okay*, talvez eu seja, mas não ajo como um idiota. Ou ajo?

Ele parece realmente preocupado, mas sorrio.

— Não, não age. Estou brincando.

— *Porra!* Que susto.

Solto uma gargalhada e sinto o clima entre nós ficar mais leve. Quando menos espero, chegamos em frente à *University*

of Coffee.

Ele salta do carro e rapidamente está ao meu lado, abrindo minha porta.

— Muito obrigada pela carona! — agradeço, ao aceitar sua mão e descer do automóvel.

— Estou às ordens. Quando quiser, só chamar.

— Obrigada! Amanhã nos falamos, então.

— Tudo bem. Bom trabalho, Liz. E se for ao jogo, bom jogo!

Como se fosse a coisa mais normal do mundo, ele me dá um beijo na bochecha e pisca para mim, repetindo o feito da última vez que nos encontramos.

— Até logo, gatinha!

Observo quando ele entra no Jeep e segue seu caminho, por isso nem percebo que alguém está parado ao meu lado.

— Esse cara está caidinho por você.

— Ai, Mike, não enche o saco. Você não deveria estar trabalhando?

— *Oi, tudo bem com você? Tudo bem, comigo está tudo ótimo.*

— Tão cínico. Vai, me responde!

— Estou no meu intervalo, *gatinha*.

— Você adora zoar com a minha cara, não é?

— Não sei se te chamo de *Señorita*, *gatinha* ou Liz.

Reviro meus olhos e sigo em direção ao estabelecimento, sem sequer esperar por ele.

— Você está fazendo história, querida. Uma caloura geralmente não tem esse poder todo.

— Que poder, garoto? Para de falar merda.

— Tudo bem, só quero saber se decidiu se vai ao jogo ou não.

Caralho! Não aguento mais ouvir falar desse jogo. Cansada de me esquivar, tomo uma decisão para o bem da minha sanidade. Fico de frente para o loiro e respondo:

— Vou.

— *Porra!* Não acredito! Nunca demorei tanto tempo para convencer alguém a ir a um jogo dos *Bulldogs*.

— Não sou qualquer pessoa.

— Ah, tenho certeza! Por falar nisso, quando vai dançar de novo, hein?

— Vai se *foder*!

— Olha a boca! Não pense que vou desistir. Eu ainda quero ver você dançando, *Señorita*.

Bufo e saio pisando forte até entrar no restaurante, não sem antes ouvir a risada alta de Mike Wilson. Intimidade realmente é uma merda.



— Estou pronta — aviso à Daniela.

A morena está tão nervosa que parece até que vai a um evento importantíssimo.

— Estou quase — responde, passando rímel nos longos cílios.

Decidi vestir uma calça branca de cintura alta, justa e com alguns rasgos, um *cropped* frente única rosé e uma botinha cinza de cano curto e salto alto quadrado. Deixei os cabelos soltos, pois estão com um ondulado legal e dividi o franjão ao meio. No rosto, passei o básico. Estou confortável e é isso o que importa. Afinal, estamos indo a um estádio, não a uma noitada.

Depois de estudar durante toda a manhã e trabalhar por seis horas, o cansaço quase me rendeu, mas quando cheguei em casa e avisei, de surpresa, a Dani que iria ao jogo, ela quase surtou, e isso renovou minhas forças. Pulou no meu colo, colocou uma música brasileira para tocar e começou a rebolar. Eu morri de rir, mas até que a música era boa, por isso não perdi tempo e a acompanhei.

Tão logo tomei a decisão de ir, enviei uma mensagem para Ben, confirmando nosso compromisso para amanhã, o que ele apenas respondeu com um “ok”.

— Você está tão gata! — ouço Dani falar.

— Obrigada! Você também está belíssima, querida.

A morena veste uma calça preta justa e uma camiseta branca, que mais parece um corpete e destaca seus seios. Nos pés, calça uma bota de cano curto, preta. Desta vez ela preferiu prender os cabelos em um coque alto, deixando duas mechas soltas em cada lado, moldando seu rosto bonito.

— Eu sei — responde, convencida. — Estou pronta!

— Ótimo! A gente vai com a Carla ou de táxi? — pergunto, já que o *Yale Bowl* fica um pouco distante do nosso

apartamento.

— Oh, a Carla já foi! Vamos ter que chamar um táxi.

— Deixa eu ver se o Mike já foi.

— *Mike, Mike, Mike*. Não aguento mais você falando nesse garoto.

Solto uma gargalhada e pego meu celular. Envio uma mensagem para meu novo amigo, questionando se já foi para o estádio. Quando ele responde que não, pergunto se teria como passar aqui para nos dar uma carona e rapidamente retorna com a resposta.

— Vamos com Mike — grito.

Dani revira os olhos e fica em silêncio.

— Para de ciúme bobo, *hermana*.

Sua boca carnuda forma um bico e de brincadeira pego seu queixo com o polegar e o indicador e o aperto.

— Você fica mais linda quando está irritada.

— E você é uma ridícula — diz, tirando meus dedos do seu rosto.

— Sou, é? Estou indo para essa porcaria de jogo por sua causa e eu sou ridícula?

Ela me olha de soslaio e seus ombros caem.

— Brincadeira, você não é nada ridícula, Liz.

— Humm, bom saber.

A brasileira me abraça repentinamente e sussurra:

— Estava brincando, *tá*? Não quero ser uma amiga tóxica. Pode ter quantos amigos quiser, desde que saiba que estarei sempre aqui para você.

Eu a abraço com força, porque ela sabe o quanto isso significa para mim.

— Muito obrigada, Dani. A recíproca é verdadeira.

Meu celular toca e quando atendo Mike diz que já posso descer.

— Ele chegou — aviso.

Ao sair do prédio, vejo um carro parado e Mike está do lado de fora, de braços cruzados. Ele veste uma camisa polo rosa e uma calça jeans justa. Muito bonito, por sinal.

— Hey, Dani! Hey, *Señorita!* — cumprimenta, com um sorriso largo, que deixa à mostra seus dentes brancos.

— Olá, Mike! — a morena responde.

— Hey, *chatinho!* Sempre me esqueço de perguntar, mas esse seu cabelo é para homenagear o seu *amiguinho*? — pergunto, com puro sarcasmo.

Ele sabe muito bem de quem estou falando e solta uma risada.

— Acho que alguém está *obcecada* pelo meu *amiguinho*.

Faço uma cara de nojo e nem me importo em xingá-lo:

— Vai se *foder*, Mike.

Dani me encara, os olhos arregalados, chocada com a nossa interação.

— Desculpa, amiga, mas esse garoto me tira do sério.

A única coisa que ouço é a gargalhada do loiro.

— Só para constar e não te deixar *mais* curiosa, eu sempre descolori o cabelo, o meu *amiguinho* não. Ele gosta de *diversificar*, se é que me entende.

Reviro os olhos com o duplo sentido de sua frase e me espanto com a risada abafada de Daniela.

— Até você? — pergunto.

— O quê? Foi engraçado. Nem foi preciso dizer o nome do cara para eu saber de quem estão falando.

— Ela é das minhas — Mike declara.

Ao entrar no carro depois de Dani, tomo um susto quando vejo um garoto desconhecido atrás do volante. Fiquei tão aérea com o papinho do meu amigo que nem percebi que ele não estava sozinho.

— Liz, Dani, esse é meu amigo, Travis Walker.

O garoto, que tem cabelos escuros moldados por algo parecido com gel, acena para nós e liga o automóvel.

Estreito os olhos na direção do loiro e ele faz questão de olhar para frente.

Humm... tem coisa aí e o filho da mãe não me falou nada.

Em vinte minutos chegamos ao ginásio e do estacionamento conseguimos ouvir a gritaria da torcida.

— Minhas mãos estão suando! — Dani exclama.

— As minhas também — digo, partilhando do mesmo sentimento.

— Você vão pirar lá dentro — Mike afirma. — Eu que venho a jogos desde pequeno fico nervoso, imagino vocês.

Olho para Travis, que está bastante quieto, e constato que é o seu jeito. Observo o loiro, todo falante, gesticulando as mãos sem parar. É, os opostos definitivamente se atraem.

Mike e o amigo entram na fila para comprarem os ingressos e Dani e eu ficamos em um canto mais afastado, longe da galera que tumultua os portões.

— Será que os dois se pegam? — Dani pergunta e eu sei exatamente sobre o que ela está se referindo.

— Não tenho ideia.

— Ai, estou ansiosa para entrar logo — diz, mudando de assunto subitamente.

— Eu não estava até chegar aqui, mas agora parece que tem um bumbo no meu peito.

A morena pega minha mão e sorri para mim. Sua felicidade é palpável e fico satisfeita por ter vindo.

— Ingressos comprados, meninas — Mike anuncia, entregando-nos os bilhetes.

Seguimos para a entrada e o loiro nos guia em um caminho diferente de quando vim ao ensaio das meninas. Subimos algumas escadas até chegarmos ao topo da arquibancada e sou obrigada a parar para sorver tudo o que estou vendo.

A multidão se espalha pelos assentos, os holofotes estão ligados, iluminando o campo de uma forma que parece mágica, a banda da Universidade toca diversas músicas conhecidas, as líderes de torcida animam o público, vendedores de cachorro-quente fazem seu trabalho, anunciando aqui e ali, o mascote do time, um *Bulldog*, está no meio do estádio, fazendo suas dancinhas.

A sensação de estar aqui é surreal. É a *minha* faculdade, o *nosso* time, a *nossa* torcida.

— Estou impactada — balbucio, mas Daniela consegue me ouvir.

— Eu também, *hermanita*. Eu também.

— Vamos descer, que os nossos lugares são perto do campo — informa Mike.

— Mas não eram mais caros? — pergunto, saindo do meu torpor.

— Um pouco, mas eu quis dar esse presente para vocês.

— Mike! Você está louco? Não precisava! — esbravejo e Dani está sem reação.

— Vocês merecem. Considerem como um presente de boas-vindas.

— Garoto! — Eu o abraço e tomo um susto quando Dani envolve seus braços sobre nós, formando um abraço triplo.

Nunca fui mimada. Nunca tive alguém que cuidasse de mim. Que se importasse com os meus sonhos ou vontades. Esse gesto vai muito além do sentido material, toca na minha alma.

— Muito obrigada — a brasileira agradece, com sinceridade.

Seguro o rosto de Mike com as duas mãos, sem me importar que meus olhos estão marejados e abro um sorriso enorme.

— Obrigada! Nunca vou me esquecer disso. Parece pouco, mas significa muito *pra* mim.

Ele morde o lábio inferior e sorri sem graça com a atenção inesperada, e afastando-se rapidamente, bate palmas.

— Vamos, antes que o jogo comece.

Descemos os degraus e os torcedores começam a gritar sem parar: *let's go, let's go, Bulldogs*. Alguns têm um Y inflável nas mãos, bonés personalizados, outros estão com o rosto pintado de azul e branco.

— É aqui! — o loiro grita, indicando uma fileira que tem uma vista privilegiada do campo.

Pedimos licença para as pessoas e chegamos aos nossos assentos. Daqui dá para ver perfeitamente as líderes de torcida fazendo seus saltos, entre elas encontro Carla e aceno em sua direção, que a princípio fica confusa, mas quando me reconhece acena de volta.

— Olha, Dani! — chamo minha amiga. — A Carla está ali.

— Onde?

— Ali! — Aponto.

A morena grita ao meu lado e a loira agita seus pompons branco e azul em nossa direção.

— Que demais! Ela está linda.

— Muito! Amei o uniforme das meninas.

E amei mesmo. É como se fosse um vestidinho todo branco, sem mangas com a saia rodada, mas eu sei que há um short por baixo. O nome da Universidade e algumas listras são em azul-marinho.

Não dá para negar que há todo um glamour em ser uma líder de torcida, contudo o esforço delas também merece ser exaltado. Segundo Carla, elas acordam às 5h da manhã para correr, depois vão para o treino de saltos em trampolins e ainda têm que manter os músculos em dia na academia. Além disso tudo, precisam estar sempre com notas altas, só assim conseguem manter suas bolsas de estudos. Fora o assédio que sofrem e as piadinhas que ouvem. Como a brasileira diz, tem que ser apaixonada pelo que faz.

— Os *Bulldogs* vão entrar. — A voz de Mike interrompe meus devaneios.

— Eles são melhores do que Princeton? — Refiro-me ao time da Universidade rival que tem um tigre como mascote e são conhecidos por *Tigers*.

— Muito melhores.

— Que bom! — vibro, ansiosa para aprender cada jogada.

— Vocês querem comer alguma coisa? Beber? — Desta vez é Travis quem fala conosco e estranho sua interação, que até o momento era nula.

— Não sei, o que vocês vão querer? — pergunto e olho para Dani, que dá de ombros.

— O que vocês quiserem, para mim está ótimo — ela responde.

— Então vou pegar alguns cachorros-quentes, cervejas e refrigerante para o Mike.

O rapaz some da nossa vista e olho para o meu amigo.

— Pensei que ele fosse mudo.

Dani gargalha ao meu lado.

— Você é ridícula, Liz — ele rebate.

— O que deu em vocês hoje para me chamarem de ridícula?

O loiro e a morena se entreolham e começam a rir. Eu, claro, caio na risada também, satisfeita por eles estarem se dando bem.

O barulho da banda fica mais alto e noto que é a do time adversário, pois um tigre está dançando entre eles.

De repente, diversos caras de uniforme laranja entram em campo e os seus torcedores, mesmo em menor número, gritam, simultaneamente com as líderes de torcida deles.

Quando chega a vez dos garotos de Yale entrarem eles mantêm o suspense, deixando a torcida ensandecida. Do nada, Mike tira um potinho do bolso e abre a tampa.

Tinta.

— Preparem-se para a experiência completa, meninas! — Estou levemente boquiaberta ao vê-lo fazer duas listras azuis em cada lado do seu rosto. — Quem é a próxima?

— Eu! — Fico de frente para ele enquanto pinta minhas bochechas.

— *Porra*, Mike! Você é *foda*! — Dani diz, animada, ao se aproximar do loiro e ser pintada também.

A nossa banda entra em ação, o mascote canino faz suas dancinhas e os gritos ao redor se tornam ensurdecedores, mas não fico para trás, grito junto. Daniela e Mike fazem o mesmo.

No meio dessa loucura generalizada é que o time entra. Seus uniformes são brancos e assim como os das meninas, os detalhes dos números nas costas, colarinho e as bainhas das mangas são azul-marinho.

É emocionante presenciar tudo isso.

— Por que não tem os sobrenomes deles nas costas? — pergunto no ouvido de Mike.

— Só na liga profissional é que usam os sobrenomes. Aqui eles são conhecidos pelos números.

— Oh!

Os *Bulldogs* fazem um círculo e um grito de guerra ecoa, acendendo a paixão dos torcedores.

O número 01 dá um pulo e choca seu corpo imenso contra o 23, fazendo o mesmo com o 21. O cumprimento é bruto e só poderia ser entre a *adorada* Triade, não é à toa que o público vai ao delírio. Matt Stevens é o 01 e agora reconheço o 23 como Damon e 21, Kellan.

Stevens caminha imponente e arrogante até seus colegas reservas, que se encontram alguns metros abaixo de onde estou, e tira o capacete para beber um isotônico. Eu não deveria continuar olhando, eu deveria fingir que ele não existe, mas não consigo desviar minha atenção. A roupa o deixa ainda maior, mais intimidante, e as listras pretas pintadas abaixo dos olhos lhes dão um ar sombrio, como se estivesse prestes a ir para uma guerra.

Enquanto bebe o líquido com avidez, suas orbes azuis tempestuosas escrutinam a arquibancada e se não fosse absurdo eu poderia cogitar que me encontraram.

Ele joga a garrafinha no chão, mas permanece focado em minha direção. Só posso estar imaginando coisas. Estou tão *puta* com esse cara, que já estou com mania de perseguição.

Incomodada, finalmente tomo coragem e me viro para Mike, eu só não poderia contar que meu amigo estaria com um sorriso diabólico no rosto.

— O que foi? — pergunto.

— Nada — o cínico responde, dando de ombros.

Não insisto porque, na realidade, não quero saber o que ele acha que viu, por isso me viro para Dani, que vibra e grita, pois o jogo está prestes a começar, e sorrio, jogando para longe qualquer pensamento que não seja a sensação de assistir ao meu primeiro jogo de futebol ao vivo.

NOVE

...eu adoro a adrenalina nas minhas veias
Eu faço o que for preciso
Pois eu adoro a sensação
De quando eu quebro as correntes.

WHATEVER IT TAKES, IMAGINE DRAGONS

Liz Perez

O jogo termina e estou eufórica. Eu poderia facilmente me viciar com essa sensação. Assistir a cada lance, presenciar a torcida vibrando, xingando, animando — eu e meus companheiros estamos nesse meio —, foi uma experiência que valeu a pena, com toda a certeza.

Os jogadores de Yale vibram, pulam, com razão, afinal, foram os grandes vencedores da noite. O jogo foi violento, os corpos pesados se chocando um contra o outro me fizeram entender o porquê de tanta proteção sob suas roupas. Sem contar as quase-brigas, faltas e lesões, o que é comum nesse tipo de esporte.

— E aí? O que acharam? — Mike pergunta.

— Eu amei! — Dani responde, quase gritando de tanta excitação.

— Foi além do que eu esperava — confesso, deslumbrada.

— Eu falei!

Neste momento, algumas pessoas estão indo embora e outras permanecem, querendo aproveitar até o último minuto.

Meus olhos percorrem o campo, os garotos conversando com as líderes de torcida, o técnico parabenizando seus pupilos, mas uma cena em especial chama a minha atenção. É tão surpreendente que me vejo hipnotizada.

Matt Stevens está sorrindo.

É a primeira vez que o vejo abrir um sorriso e...

É arrebatador.

Eu tentei ignorá-lo durante todo o jogo, mas foi uma tarefa impossível, já que ele é o principal integrante do time.

Algo nele me intriga, confunde e me faz pensar que se esconde atrás de uma máscara de arrogância e prepotência; que propositalmente coloca um muro para que ninguém se aproxime ou o conheça de verdade. São pensamentos soltos que permeiam minha mente após ver seu sorriso e o quanto ele parece diferente. Se esse for o caso, eu o entendo, pois por muito tempo venho escondendo quem sou, fingindo que não tive uma adolescência de merda e uma mãe ausente.

Também posso estar totalmente errada e ele pode ser desse jeito somente porque quer. Isso é algo que, se depender de mim, nunca vou descobrir, porque Matt Stevens tem todo o jeito de ser um campo minado e não tenho interesse algum em me arriscar a esse ponto.

Damon, Kellan e Matt tiram suas camisas, expondo seus corpos suados e musculosos, o que desencadeia em uma série de assovios e gritinhos. Os três se abraçam, ignorando o assédio, e, pela primeira vez, estimo a amizade entre eles. Dá para ver que são quase irmãos e o modo como um protege o outro é admirável. Podem ser grandes *filhos da puta*, mas entre si é notável como se respeitam e se gostam.

— Eles são muito gostosos — Daniela murmura ao meu lado.

— Quem? — pergunto, mas sei exatamente quem são.

— A Tríade.

— Pena serem tão ordinários.

— Estranho seria se não fossem, não é? — ironiza e concordo. — Lá vai a Nick. Depois do que a Carla falou, estou com pena dela.

A ruiva caminha até Matt e toca o braço musculoso, como se o chamasse. O sorriso que antes enfeitava o rosto do loiro se desfaz em segundos. Ele se afasta alguns passos dos amigos e a encara, franzindo a testa quando ela começa a falar. Não sei o que estão conversando, mas Nicole não está feliz.

A garota gesticula, como se estivesse discutindo, e coloca uma mão no rosto de Stevens, mas ele a retira delicadamente pelo pulso, balançando a cabeça.

— Isso não é hora de ter uma DR — comento com Dani, sem desviar os olhos do campo. — Ela não está vendo que o cara não quer conversar agora?

— A paixão cega, *hermanita*.

— Eu não tenho pena dela, Dani. Ela se gaba, desdenha das pessoas, se acha a melhor, talvez assim perceba que é uma garota normal que pode levar o fora de um cara a qualquer momento.

— Pensando bem, você tem razão.

— Estão prontas para o próximo round? — Mike pergunta, interrompendo nossa conversa e nós nos viramos em sua direção. Ele coloca o celular no bolso e aguarda nossa resposta.

O loiro estava conversando com alguém por mensagem e imagino que seja Travis. O garoto precisou ir embora mais cedo, porém, foi um ótimo parceiro de jogo, buscando bebidas de tempos em tempos. Esse é o motivo de estar um pouco “alegrinha”. Mike, no entanto, ficou só no refrigerante.

— Próximo round? — Daniela indaga, tão perdida quanto eu.

— Vão me dizer que não sabem que todo final de jogo tem festa na Kappa?

— Não sabia — respondo, de imediato.

— Nem eu — diz a morena.

— Agora já sabem.

— Eu não vou — manifesto.

Meu colega de trabalho arqueia as sobrancelhas.

— Por quê?

— Porque não quero voltar tão cedo naquele lugar.

— Está com medo? — o safado me desafia, abrindo um sorrisinho cínico.

— Medo?! Por que eu teria medo?

— Talvez de encontrar *alguém* e seguir seus impulsos e desejos mais sombrios. — Estou indignada com sua petulância, porque é óbvio de quem ele está falando. Pelo menos para mim. E continua: — Ou medo do que as pessoas vão falar se dançar novamente. Só acho que deveria pensar menos e viver mais, Liz.

Abro e fecho a boca, mas nada sai. Quando finalmente encontro as palavras que me faltaram, lanço:

— Você só pode estar louco!

— O que você anda escondendo, *Señorita*? — A morena entra no meio com as mãos apoiadas na cintura, desconfiada.

— Dani, por favor, não caia na dele.

Mike apenas ri, o canalha, antes de falar:

— Se demorarmos mais um pouco aqui, a gente vai pegar um trânsito *fodido*.

— Vamos, então — chamo.

Seguimos em direção à saída, subindo os degraus lentamente em uma grande fila, e sem pensar muito viro meu rosto, dando uma última olhada no extenso gramado.

Surpresa me invade e fico parada no lugar, sem saber o que fazer, o que pensar.

Seus olhos azuis estão cravados em mim. O semblante indecifrável, sério.

Nicole não está mais com ele e não sei o que está acontecendo neste instante, mas isso me dá a certeza de que era para mim que estava olhando no início do jogo.

O que isso significa? Ele está brincando comigo?

Uma hora me ignora, na outra não para de me encarar.

Se o babaca pensa que serei mais uma aos seus pés, está muito enganado. Ergo minhas sobrancelhas, colocando meu ar indiferente em ação e lhe dou as costas, andando até alcançar Mike e Dani.

Não olho mais para trás.



— Por favor, Liz! Eu faço o café da manhã por uma semana.

— E eu atendo as mesas mais chatas por duas semanas.

— Gente, é sério! Por que *eu* preciso ir a essa festa?

— Porque você tem que se divertir. Está trabalhando *pra caralho*, estudando igual a uma louca. *Hermanita*, lembra que combinamos de aproveitar ao máximo a faculdade?

Falando desse jeito, nem parece que estamos na *primeira* semana de aula. Tudo bem que vivemos os dias intensamente por aqui e as relações estão se estreitando com rapidez, mas ainda assim, é apenas a primeira semana.

— Mas estou aproveitando, Dani. Fui ao jogo, me diverti, só estou cansada. E não é como se amanhã não tivesse aula.

Os dois ficam com uma expressão derrotada e minha vontade é rir. São muito figuras.

Estamos há vinte minutos parados em frente à mansão da fraternidade, dentro do sedan de Mike. O som da festa nos alcança e carros e mais carros não param de chegar. Pelo visto, vai encher mais do que a de sábado.

De repente, o loiro ergue a cabeça e bate uma palma. Ele está no assento do motorista e eu do carona, enquanto Dani está no banco de trás.

— Já sei!

— O quê? — pergunto, confusa.

— Além de atender às mesas mais chatas por duas semanas, vou te ajudar a procurar um carro quando conseguir juntar sua grana. Serei seu motorista para visitarmos as concessionárias que você quiser. Dentro de New Haven, obviamente.

Meu queixo cai levemente diante da sua proposta. Muito indecente, por sinal. Dani coloca uma mão na boca para impedir que uma risada saia e eu reviro os olhos.

— Isso é um golpe muito baixo — falo, admitindo que talvez eu tenha perdido meus argumentos.

— É pegar ou largar, *Señorita* — ironiza Mike, sabendo que venceu.

Solto uma lufada de ar e fecho os olhos. Não sei o motivo de estar tão relutante para entrar nessa festa, mas por fim, tenho minha decisão.

— Tudo bem.

Mike e Daniela fazem uma bagunça dentro do automóvel e um sorriso escapa em meus lábios. Dois malucos juntos dão nisso.

— Mas vou cobrar o que prometeram.

— Palavra é palavra — a morena fala. — Vamos que eu não aguento mais ficar dentro deste carro.

Já do lado de fora, caminhamos em direção à mansão. Checo minha roupa, a calça branca, o *cropped*, e desembaraço meus cabelos com os dedos. Pelo menos, as listras de tinta que estavam em minhas bochechas já tirei no banheiro do estádio.

Sinto-me pronta e já que estou aqui, vou me divertir.

Diferente da festa de sábado, ninguém nos recepciona e entramos no mar de gente. O ambiente está sem muita iluminação, a não ser por alguns focos de luz coloridos, que se movem constantemente, como em uma boate.

— Bebidas? — Mike quer saber.

— Pode ser.

— Eu quero — Dani se manifesta.

— Será que Ben está aqui? — pergunto, enquanto seguimos até o bar improvisado.

— Duvido. Ele não costuma vir às festas pós-jogo de futebol — meu amigo responde.

— Sério? É algum tipo de rivalidade futebol x basquete?

— Não diria rivalidade, mas eles não se misturam tanto como nas outras festas aleatórias da Kappa.

— Entendo.

Um garoto ruivo está atrás do balcão e faz uma saudação diferente para Mike.

— Coisas de fraternidade — explica.

— O que vão querer? — o rapaz pergunta.

— Oito cervejas e duas Coca-Cola, Simon.

Arregalo os olhos.

— *Pra* que tudo isso?

— Calma, querida. Eu vou ficar com as cervejas, para vocês não precisarem vir aqui toda hora, entendeu? A tendência é encher cada vez mais.

Esperto.

— Estamos com o cara certo — Daniela elogia.

As bebidas chegam e meu amigo entrega uma cerveja para mim e outra para Dani, colocando o restante em uma bolsa térmica que Simon emprestou.

Gente preparada é outro nível.

Caminhamos para a área externa e após um esforço para desviar da galera, chegamos.

Mais uma vez a piscina está coberta e muita gente dança sobre ela. Sinto alguns olhares em minha direção, mas finjo que não noto. Dani percebe, pois não para de me cutucar.

Vejo Nicole e Ruby dançando com dois caras, mas Carla não está com elas.

Um garoto chama Mike e o loiro diz que já volta.

— Vai dançar, Dani — digo.

— Não vou te deixar sozinha.

— Ah, para de bobeira. Só porque não quero dançar, vai ficar aqui?

— Você está muito *chatinha*, Liz. — Ri, mas sei que não é 100% brincadeira porque também estou me sentindo chata.

— Mike está certo, sabe? Você tem que parar de pensar tanto e viver mais. Não conheço toda a sua história, mas o que vejo, na minha frente, é uma garota linda, inteligente, batalhadora, que merece ser feliz, e livre.

Sorrio e bebo um gole da minha cerveja. Ela faz o mesmo.

— Estou um pouco confusa, Dani. Não é fácil girar a chave. Há algumas semanas estava em *Little Havana*, vivendo uma vida pacata, sem grandes acontecimentos, com meus dois melhores amigos de infância, aceitando as desculpas e a ausência da minha mãe. Sim, eu tinha o sonho de vir para Yale, mas não imaginei que conseguiria. Na verdade, não pensei que fosse *capaz*. E de repente estou na faculdade dos meus sonhos, em outro estado, morando sozinha, fazendo novos amigos, indo a festas, descobrindo o que eu realmente gosto e não gosto, me encontrando...

Nem termino de falar porque ela me abraça.

— Me desculpa desabafar aqui.

— *Shhhhhh*, não precisa se desculpar por nada, Liz. Eu que peço desculpas por não ter te compreendido. Quero que você se divirta e seja feliz, sim, mas que faça isso por si mesma, não por mim, Mike ou qualquer outra pessoa.

— Ai, vocês duas são um saco. Estamos em uma festa, *caralho*!

Dani e eu começamos a rir e nos afastamos.

— Está *estressadinho, baby*? — ironizo.

— Vamos agitar as coisas — Mike diz e um brilho perpassa seus olhos. — No três, vocês vão beber. *Todas* as garrafas.

— O quê? A gente vai ficar louca — grito. Não que a quantidade seja grande, mas tenho certeza de que o álcool vai “subir” rápido demais.

— Vocês querem se divertir ou não? É isso que fazemos com os calouros, queridas. Quem perder, vai dançar. Literalmente. — Ele aponta para a pista de dança e abre um sorriso malicioso.

Canalha!

— Não é justo. Você mentiu, Mike!

— Eu não menti. Só disse que peguei as cervejas para vocês não precisarem ficar buscando mais. Depois do nosso joguinho, acho que não vão querer voltar lá mesmo.

Estou indignada com sua jogada, mas Dani parece se divertir.

— E você? — pergunto.

— Eu sou o juiz e veterano. Considerem como um trote.

— Isso é a coisa mais idiota que já ouvi — praguejo.

— *Chorem, calouras*. Vamos lá!

Olho para Dani e ela dá de ombros, abrindo um sorriso que me encoraja.

O loiro abre as seis garrafas e as deixa em uma mureta para termos fácil acesso.

— Essas que estão bebendo já vão contar.

Reviro meus olhos, ainda sem acreditar que estou participando de um jogo tão idiota, mas é Yale, *baby*!

— Vamos lá! — Entro no clima e Daniela solta um “uhu”.

A música está alta, mas onde estamos conseguimos nos comunicar tranquilamente.

Alguns caras — veteranos, com certeza — percebem o que está acontecendo e param na nossa frente, batendo palmas e

escolhendo para quem vão torcer. Como não sabem nossos nomes me chamam de *Señorita*, não sei nem por que tinha dúvidas sobre isso, e a Dani de *Brasil*.

Que merda! Adeus planos de passar despercebida.

Antes que eu fale para o povo seguir seu rumo e ignorar o que está acontecendo, Mike começa a brincadeira. Com isso, mais gente se aproxima.

— Um — ele conta e, mesmo sendo uma competição boba, a adrenalina corre em minhas veias. — Dois. Três!

Daniela e eu entornamos a primeira garrafa quase juntas e logo Mike nos entrega a segunda. Bebo, bebo, bebo. Pego a terceira e minha garganta parece estar de sacanagem comigo. Desespero me bate quando vejo que Dani já bebeu a terceira e pega a quarta.

Put a que pariu!

Os gritos ao nosso redor me desestabilizam e sei que perdi quando levantam Daniela pela cintura. Em vez de ficar *puta* por não ter vencido, começo a rir. Sem parar.

É tão insano isso tudo, mas também a coisa mais legal que já fiz em muito tempo.

— A *Señorita* perdeu! — Mike anuncia.

Pensei que o movimento ao nosso redor tivesse se dispersado, mas me enganei. Uma galera está à nossa volta, gritando:

— *Dança. Dança. Dança. Dança.*

— Você é um *filho da puta*! — xingo meu amigo, com menos seriedade do que gostaria.

— Calma, querida! Extravase essa raiva na pista, vai.

— Eu também vou! — Daniela dá um berro e rio sem parar.

— Vamos! Vou cuidar das duas. — Pelo menos não é um idiota total.

Quando entramos no meio da bagunça, a música que originou meu apelido começa a tocar. Estreito meus olhos para Mike, sem acreditar que ele arquitetou isso tudo e só consigo rir.

— Cara, você é um idiota, mas eu te adoro! — sussurro em seu ouvido e ele joga a cabeça para trás, rindo.

— Eu também te adoro, querida. Agora dance. Mostre para todo mundo por que você é a nossa *Señorita*.

E eu danço.

Danço como se não houvesse amanhã.

É isso o que a bebida faz. Tira as limitações, a pessoa se torna destemida e não se importa com os julgamentos alheios ou, no meu caso, com o autojulgamento.

Mas não estou sozinha. Mike e Dani dançam comigo, a dupla mais improvável que eu poderia ter como amigos.

As pessoas que acompanharam a brincadeira aplaudem, mexem seus corpos ao som de Camila Cabello e Shawn Mendes. Saber que essa brincadeira, esse apelido, talvez me acompanhe até o final da faculdade não me deixa mal. Pelo contrário, mostra que as pessoas estão me vendo, que, pela primeira vez, não sou invisível.

Desembarco em Miami

O ar estava quente da chuva de verão

Suor escorrendo de mim

Antes mesmo de eu saber o nome dela, la-la-la

Parecia ooh-la-la-la, sim não

Safira e luar, dançamos por horas na areia

Tequila, nascer do sol

seu corpo se encaixa bem em minhas mãos, la-la-la

Parecia ooh-la-la-la, sim

Mexo meu corpo no ritmo da canção, que ao mesmo tempo que me lembra de casa, me faz suspirar por estar *vivendo*.

Giro, rebolo, danço o que sempre tive vergonha de dançar. Pelo medo de me julgarem, de me diminuírem.

Sou surpreendida quando mãos circulam minha cintura e ao abrir os olhos não consigo parar de rir. Damon Smith e Kellan Jordan dançam comigo e ambos cantarolam a música.

A galera vibra.

— E novamente a *Señorita* é o centro das atenções — Jordan murmura, dançando todo desengonçado.

— Desse jeito vamos te contratar, *Señorita* — Smith completa, com um pouco mais de ginga.

— Eu juro que não tive culpa — falo, sentindo o álcool me relaxar mais e mais. — Parabéns pelo jogo, meninos.

— Obrigado, Liz — o moreno agradece, seguido pelo amigo.

Os dois podem ser *escrotos* no quesito relacionamentos e mulheres, mas gosto deles como colegas. Eles fazem com que eu me sinta acolhida.

Daniela chega à minha frente e me puxa pela mão, fazendo com que ambos se afastem.

Ela parece tão leve quanto eu e seguimos dançando. Não é que estejamos dando vexame, mas com certeza estamos mais “libertas”, digamos assim. Dani se coloca atrás de mim, seguindo meus passos e dá para ver que isso deixa os caras malucos. A fantasia masculina vai longe.

Mike se posiciona à minha frente, com um sorriso lindo estampado nos lábios, e, então, nós três entramos em uma perfeita sintonia. Como se tivéssemos ensaiado uma coreografia.

Sinto minha calça colar em minhas pernas por causa do suor e preciso me lembrar de vir com um vestido na próxima vez. Sim, próxima vez, porque não quero mais parar.

A música acaba e as palmas ecoam por toda a festa. Sorrio e aplaudo junto, agradecendo a todos e Daniela me abraça.

— Amiga, nós somos *fodas*! — ouço-a gritar.

Outra música começa e me viro para a brasileira.

— Sim, nós somos! Dani, adoro essa música! — digo, em referência à versão remixada de *Whatever It Takes*, de Imagine Dragons.

— Eu também!!!

Juntas começamos a pular. Sinto como se nós duas guiássemos a pista de dança porque todos nos seguem, pulam, vibram, aguardando nosso próximo passo e isso é muito louco.

O refrão chega e pulamos mais ainda. Meus cabelos longos chicoteiam meu rosto quando o giro de um lado para o outro e o coque de Dani, que estava se desfazendo, desmonta de vez.

O que for preciso

Pois eu adoro a adrenalina nas minhas veias

Eu faço o que for preciso

Pois eu adoro a sensação

De quando eu quebro as correntes

O que for preciso

Você me leva para o topo, estou pronto para

O que for preciso

Pois eu adoro a adrenalina nas minhas veias

Eu faço o que for preciso

Eu sempre acreditei que a música é muito mais do que uma mistura de instrumentos. Ela fala, tem poder, motiva, anima, seduz, inspira. É o que sinto neste momento. Não me importo o quão exausta estou, em como preciso acordar cedo amanhã, apenas sinto a música pulsar em minhas veias.

Daniela e eu cantamos como se a nossa vida dependesse disso. Logo as pessoas à nossa volta estão fazendo o mesmo e estou assustada com o poder que temos neste instante. E, *porra*, essa música fala comigo!

Sempre tive medo de ser normal

Olhando para o meu corpo me sentindo miserável

Sempre me prendendo no visual

Eu quero ser invisível

Olhando os meus anos como um martírio

Todo mundo precisa fazer parte deles

Nunca fui um filho prodígio suficiente

Eu nasci para correr, eu nasci para isso

Continuamos dançando, cantando, as mãos para cima no ritmo das batidas e quando a música acaba, preciso apoiar minhas mãos nos joelhos a fim de puxar ar para os meus pulmões.

— Tudo bem? — Mike pergunta, fazendo um carinho em minhas costas.

Fico ereta e sorrio para ele.

— Tudo ótimo. Só preciso fazer xixi.

Ele solta uma gargalhada.

— Até que demorou.

— Onde fica o banheiro?

— Vem comigo.

Olho para trás para avisar à Daniela que estou indo ao banheiro e fico chocada com a cena que presencio. Damon está quase engolindo minha amiga. Eles se beijam de um jeito tão lascivo que chega a dar calor.

— *Caralho!* — exclamo, sem conseguir tirar meus olhos da morena.

— Pois é — é a única coisa que Mike fala, antes de pegar minha mão.

Ele me puxa, fazendo com que eu desvie dos corpos que não param de dançar. Alguns caras tentam me agarrar, outros gritam: linda, *Señorita*. É tudo muito estranho. Do nada ser objeto de desejo. Nunca imaginei que algo assim aconteceria comigo.

Entramos na casa, que está abarrotada de gente dançando, se beijando, quase transando — juro — e o loiro me leva até o começo das escadas para o andar superior.

— O banheiro fica na segunda porta à esquerda. Não se esqueça disso! É melhor ir nele porque o daqui de baixo está com uma fila gigante.

— Tudo bem.

Subo degrau a degrau, apoiando-me no corrimão, tendo ciência de que não estou tão sóbria como imaginei.

Mike falou a primeira porta à esquerda? Ou a segunda?

Merda!

Abro a primeira e, no momento que faço isso, prendo a respiração. Minha mão vai à boca antes que eu perceba.

Put a que pariu!

Esforço-me para permanecer parada, escorando-me no batente da porta.

Nada poderia me preparar para o que estou vendo.

Nada.

Estou paralisada.

Hipnotizada.

Excitada.

Matt Stevens está sentado na beirada de uma cama de casal, completamente nu, as tatuagens à mostra, os músculos enormes saltando, e uma morena está ajoelhada entre suas pernas, igualmente nua. Não preciso pensar muito para saber o que ela está fazendo quando sua cabeça sobe e desce e um gemido gutural ecoa da boca do loiro.

Preciso sair, mas a cena me prende de uma forma que não sei explicar. Ele está de olhos fechados, alheio a qualquer coisa senão ao boquete que está recebendo, guiando a cabeça da mulher cada vez mais fundo.

Engulo em seco quando percebo que a cena mexe comigo, em um ponto específico do meu corpo. Mordo meu lábio inferior e junto minhas pernas para que a latência amenize, mas não funciona.

Ele urra, levantando a pélvis para que ela vá mais fundo e a morena não arreda.

Estou ofegante e sei que preciso fechar a porta.

Como se o destino estivesse zombando com a minha cara, olhos azuis tempestuosos me encaram. Ele não está surpreso. Como se soubesse que estou aqui esse tempo todo.

Stevens não para de *foder* a boca da garota. Claro que não! Eu deveria sair, fugir, correr, mas estou presa em seu olhar flamejante. Ele enrola os cabelos longos da mulher em sua mão, fazendo-a ir mais fundo e seus urros aumentam.

Demoro a sentir o gosto metálico até perceber que mordi meu lábio com força demais.

O que estou fazendo aqui?

É quando volto à realidade.

Num rompante, fecho a porta e me assusto com o que acabei de fazer. Finalmente encontro o banheiro, entro e tranco o cômodo, respirando fundo por muitos segundos até me acalmar.

O que foi que eu fiz?

No que eu estava pensando?

Abro a torneira e molho meu rosto, nuca, afastando o calor que estou sentindo. Um calor que vem de dentro para fora.

Faço o que vim fazer, equilibrando-me nos meus saltos e dou descarga.

Lavo as mãos e me encaro no espelho. Minhas bochechas estão vermelhas não só por causa da dança, mas pelo que acabei de presenciar. Meus cabelos estão úmidos de suor, a franja grudando em minha testa e prendo os fios com um nó.

Minha mente lança imagens de Matt Stevens nu, urrando de prazer, definitivamente é uma cena que não esquecerei tão

facilmente. Seus olhos fixos em mim, como um predador, fazendo-me imaginar ser a morena aos seus pés, mas não deixo que isso me desestabilize.

Aconteceu, já foi. Ele deve estar acostumado a passar por isso, ou teria trancado a porta. Arrogante como sempre.

Respiro fundo e fecho a torneira.

Seco minhas mãos e o rosto com algumas toalhas descartáveis e abro a porta.

Dou um grito quando vejo quem está na minha frente.

Vestindo apenas uma calça moletom, Matt Stevens me analisa intensamente com os braços tatuados cruzados, que o deixam ainda mais perigoso, e um sorriso malicioso se abre em seus lábios.

— Gostou do show?

Estou encurralada.

Completamente *fodida*.

DEZ

Eu conheço o seu tipo
Garoto, você é perigoso
Sim, você é esse cara (esse cara)
Em que eu seria burra de confiar

**GOOD GIRLS GO BAD, COBRA STARSHIP
(FEAT. LEIGHTON MEESTER)**

Liz Perez

— Você pode me dar licença?

Ele arqueia as sobrancelhas, mas não se mexe, impedindo-me de sair.

— Você só faz isso? — pergunto, quando uma irritação repentina me toma.

— Isso o quê?

Reviro os olhos com sua falsa ingenuidade.

— Fica levantando as sobrancelhas, vive com a cara fechada, essa pose de mau...

— Você tem algum problema comigo?

— Nenhum, por isso não temos nada para falar.

Dou um passo à frente, mas o corpanzil frustra minha tentativa de fugir.

— Vai continuar fingendo? — questiona.

— Fingindo o quê? — Nem ferrando vou dar o braço a torcer e dizer sobre o que vi há poucos minutos.

Ele solta uma risadinha nasalada e volta a ficar em silêncio.

— Olha, eu preciso descer. Estão me esperando.

— Vai dar mais um show?

Sua pergunta me surpreende.

Ele me viu dançar ou está usando a informação dos amigos?

O que me incomoda é a forma que Stevens diz “show”, em um tom de ironia e meu sangue ferve.

— E se der?

Matt segura um sorriso, mas não por muito tempo.

— Duração, não é?

É a minha vez de ficar calada.

Sem vergonha nenhuma, ele esquadrinha meu corpo dos pés à cabeça. Praguejo mentalmente quando meus mamilos endurecem e lembro que estou sem sutiã. Merda! Cruzo os braços, mas o idiota solta uma risada grave e mordisca o lábio inferior, estreitando os olhos para mim.

Olhando de perto assim, vejo como seus olhos são lindos. Uma tonalidade diferente de azul, mas que neste momento são como brasas prestes a me queimar.

Os cabelos platinados estão desgrenhados, os lábios inchados, aposto que de tanto beijar, também vejo marcas de unha em seu tórax tatuado. Sua altura faz com que, mesmo de salto, eu precise olhar para cima e me sinto menor do que já sou.

Sem paciência, lanço:

— Você não tem que voltar para o que quer que estivesse fazendo?

Abrindo um sorriso sarcástico, responde:

— Não sei. Devo?

Confusa, retruco:

— Como assim? Você pode fazer o que quiser.

— Posso mesmo?

Não estou gostando da direção dessa conversa. Ele só pode estar tirando uma com a minha cara.

— Olha... — começo a falar, mas sou interrompida quando Mike aparece, esbaforido.

Jesus Cristo! Até que enfim fui salva dessa “conversa” louca.

— Porra, Liz, achei que estivesse passando mal — meu amigo diz e parece realmente preocupado.

Só então ele se dá conta do que está acontecendo e olha de mim para Matt.

— Atrapalhei alguma coisa?

— É claro que não, garoto! Estou querendo sair do banheiro, mas seu *amiguinho* está obstruindo a passagem.

Mike arregala os olhos para Stevens em busca de uma explicação que não vem.

— Wilson, da próxima vez que a sua *amiguinha* invadir meu quarto, não serei tão tolerante.

Meu queixo está no chão, assim como o do meu colega de trabalho que deve estar se perguntando como fui parar lá.

Como se não fosse nada, o babaca se vira, mas antes de entrar no cômodo que “invadi” por engano, questiono em voz alta, o ódio me consumindo:

— *Tolerante?* O que isso quer dizer? Vai me bater da próxima vez?

Assim que as palavras saem da minha boca, sei que cometi um erro. Minha intenção foi mexer com ele, pois de alguma forma eu sabia que o líder da Kappa não encostaria um dedo em mim.

Quando ele para no meio do caminho e cerra as mãos ao lado do corpo, tenho a plena certeza de que fui longe demais. Eu me deixei levar pela ira e a “coragem” causada pela bebida.

Ao se virar, sua expressão é de uma pessoa transtornada e não tenho tempo para pensar em mais nada, porque em segundos Matt Stevens está na minha frente, parando apenas quando seu nariz toca o meu.

Ambos estamos ofegantes e, por conta da diferença de altura, ele precisa se curvar alguns centímetros. Sinto seu hálito em meus lábios, mas não tem nada de sensual neste ato.

A fúria exala de seus poros. Os olhos claros estão mais escuros, como o mar na tempestade, agitado, revoltado.

— Eu. Nunca. Bateria. Em. Uma. Mulher. — Cada palavra sai com ênfase e a raiva em sua voz é palpável. — Nunca! Você me entendeu?

Engulo em seco e assinto com a cabeça.

— Responda para mim. Você me entendeu?

— Sim.

Recuperando a postura, Matt se endireita e fecha os olhos com força, respirando fundo, enquanto passa a língua pela boca seca.

— Me desculpa — peço, tentando diminuir a tensão. — Eu estava...

— Com raiva? — incita.

— Sim.

— É melhor ficar mais mansinha, para o seu próprio bem. A *Señorita* — em sua boca o apelido sai como um xingamento — chegou agora em Yale e não é nada mais do que uma *caloura*. Então, não pense que por causa de algumas dancinhas, o mundo está aos seus pés.

Seu comentário é carregado de sarcasmo e por alguns instantes não tenho o que falar. Sinto como se tivesse levado um “soco no estômago” e meu sangue ferve.

Quem ele pensa que é?

Sei que perdi o controle, que eu mal o conheço, mas não mereço ser tratada assim. No final das contas, ele também não

me conhece.

— Você é um babaca! — esbravejo, mas isso só arranca uma risadinha irônica do idiota.

Ele volta a se aproximar, mas não me afasto. Quero ver até onde Stevens vai. Meu pescoço chega a doer com a tensão e por olhar tanto para cima, mas aguardo seu próximo passo, sem abaixar a cabeça.

— Conheço seu tipo, sabe? A garota que *finge* ser inocente, que faz amizade com quem lhe convém e só falta gritar por atenção. Você é apenas mais uma na fila, *querida*. Não há *nada* de especial.

Minhas narinas se expandem com a vontade que sinto de agarrar *esse filho da puta* pelos cabelos platinados, mas apenas o encaro, sem deixar transparecer o quanto estou irada.

— Primeiro, não me chame de querida. — Ele ri. — Segundo, *you não me conhece* — friso pausadamente. — Terceiro, não tenho medo de você. Quarto... vá se *foder*!

Ambos nos encaramos, o sorrisinho convencido do idiota não abandona seus lábios. Ouço alguém praguejar e lembro que Mike está aqui, assistindo ao nosso *showzinho*.

Stevens olha para mim, os olhos injetados de cólera e diz, ignorando tudo o que falei:

— Não vou continuar perdendo meu tempo aqui, porque tenho coisas mais *interessantes* para fazer. — Ele deixa subentendido, mas a insinuação em seu tom não passa despercebida. — Mas para finalizar, é bom você saber que a última pessoa que entrou no meu quarto, sem meu convite, foi impedida de aparecer na minha fraternidade. É uma regra e deve ser seguida. Wilson sabe disso.

O babaca acena para meu amigo, que engole em seco e desvia os olhos dos meus, parecendo culpado por não ter mencionado algo tão importante.

E continua:

— Quanto a bater em alguém, como você *sugeriu*, eu faço em outro lugar, e *nunca* contra uma mulher. Agora *you* já está ciente, caloura. Se quiser entrar no meu quarto, vai ter que fazer por merecer.

Ele pisca para mim, abrindo um maldito sorriso ladino e imito sua expressão indiferente ao dizer:

— Eu nunca entraria em seu quarto por vontade própria.

Matt joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada, como se a minha resposta fosse uma piada.

Gente, mas esse cara se acha demais!

— Vou me lembrar disso, *amor*.

Penso em contestar o apelido idiota, mas deixo quieto. Não vale a pena. Ele fez de propósito para que eu perca a cabeça.

O líder da Kappa se afasta e estala os dedos, só então percebo como a região dos metacarpos está avermelhada. Matt percebe para onde estou olhando e lentamente se vira.

Já de costas para mim, deseja uma boa noite para Mike. *Apenas para Mike.*

Somente quando a porta se fecha é que volto a respirar normalmente. O álcool em meu sangue parece ter evaporado com todo esse estresse.

— *Putá que pariu!* — meu amigo solta, passando as mãos no cabelo.

— Me desculpa por ter te metido nessa confusão, Mike. Eu estava tonta e abri a primeira porta. O resto da história você acompanhou.

— Eu tinha que ter tomado mais cuidado. Ninguém vem ao banheiro daqui de cima justamente para não correr o risco de esbarrar com ele. Deveria ter previsto que daria algo errado. E por que *caralhos* você tinha que falar com o cara daquele jeito?

Desço meu corpo até me sentar no chão acarpetado do corredor e fico em silêncio por alguns minutos, recapitulando tudo o que aconteceu: o momento em que abri a porta errada, a excitação que envolveu todo meu corpo ao me dar conta do que estava acontecendo, o olhar de Matt Stevens, o instante em que apareceu na porta do banheiro, seu jeito arrogante e prepotente.

— Fiquei *puta*, Mike. Você viu como ele falou comigo?

— Você o provocou, *porra!*

— Oh, a culpa foi minha, então? Ele apareceu na porta do banheiro, do nada, parecendo o rei do mundo, depois fez aquela ameaça sobre não ser *tão tolerante*. Não satisfeito, me acusou de ser uma louca por popularidade. Como não vou ficar *puta*?

Ele se senta ao meu lado e fica pensativo. Sua expressão não é das melhores e estou perplexa por vê-lo desse jeito só porque não mencionou uma regra idiota.

— Você precisa segurar a onda, Liz. Não queira ter Matt Stevens como inimigo.

— *Porra*, eu não fiz nada de mais! Descumpri uma regra, que nem sabia que existia, e isso não vai voltar a acontecer. Ponto. Não precisa se preocupar tanto.

— Além de ter insinuado que ele te bateria, ter chamado o cara de babaca e o mandado se *foder* — aponta. — Realmente, não foi nada de mais.

— *Caralho*, nem parece que você estava aqui! Ele ficou agindo como um idiota, Mike. Me provocou até que eu perdesse o controle. Sinto muito, mas não sou como as garotas que vocês estão acostumados a lidar.

— Você deveria ter ficado na sua.

— Mike, ele pode ser seu amigo, mas ninguém fala comigo daquele jeito. Não sou obrigada a deixar que um *mimadinho-podre-de-rico* me rebaixe a nada. Ainda criança aprendi a reconhecer meu valor. Nunca tive quem me defendesse das rasteiras da vida, por isso sempre fui minha própria defensora.

O loiro balança a cabeça com o olhar vago.

— Me desculpe, Liz. Não foi minha intenção te fazer passar por isso. Que merda!

— Eu sei. Jamais te culparia pelas ações de outra pessoa.

— Só que Stevens é meu líder, devo respeito a ele.

Franzo o cenho ao ver que ele fala sério.

— *Caralho*, parece até que o cara é um deus e os membros da fraternidade, seus servos!

Sei que estou pesando a mão nos palavrões, mas quando fico irritada não consigo me segurar.

— Pode brincar o quanto quiser, Liz. Você nunca vai entender. Eu mesmo demorei a compreender o real sentido de fazer parte de uma irmandade, até ser salvo pela Kappa Alpha.

Surpresa com suas palavras, viro meu corpo até ficar de frente para Mike.

— Salvo?

— Isso é assunto para outra hora — desconversa e, ao se levantar do chão, estende uma mão para me ajudar. — Já tivemos muita emoção para uma noite.

Assinto em concordância, sem querer parecer curiosa demais, ainda que mentalmente esteja me fazendo um monte de perguntas, dentre elas: *o que aconteceu com Mike Wilson?*

— Vou chamar a Dani. *Pra* mim, esta festa já deu — digo, seguindo Mike escada abaixo.



— Tem certeza de que você está bem?

— Estou ótima, Liz. Pode ir para o seu *encontro-que-não-é-encontro* tranquilamente, que eu vou ficar em casa

descansando.

— Dani, pode me ligar a qualquer momento que eu volto, *okay*?

— Pelo amor de Deus, só estou de ressaca!

— Nunca vi uma ressaca durar o dia todo.

— Talvez porque não fiquei apenas nas cervejas que bebemos juntas. Eu abusei, confesso, mas não vou fazer mais isso.

— *Aham...*

Na noite passada, a morena precisou ser carregada por Mike até o carro porque suas pernas não a obedeciam. Durante a madrugada acordei algumas vezes para ajudá-la enquanto vomitava as tripas, preparei um chá e só depois de um tempo ela conseguiu dormir. Resultado disso foi que acordei atrasada e Dani passou o dia na cama, faltando à primeira aula que teríamos juntas.

— Estou falando sério! Mal me lembro de ter beijado o Damon. O DAMON! — ela grita, inconformada com o fato de não recordar muitas coisas sobre a festa após a nossa dança. — Absurdo um negócio desse. Vou ter que experimentar de novo para dar meu veredito.

— Ah, é?

— Claro! Beijar um dos caras da *Triade-Toda-Poderosa* e não lembrar é uma afronta.

Reviro meus olhos e sorrio.

— *Okay*, então — digo, terminando de calçar minha bota preta de plataforma.

Apesar de ser sexta-feira, estou saindo para fazer o trabalho de Literatura com Ben, portanto, não há necessidade de me arrumar tanto. Optei por uma calça jeans de cintura alta — amo esse tipo de calça — e uma blusinha com uma estampa de arco-íris, estilo *cropped* — o que amo também —, que deixa quatro palmos da minha barriga à mostra.

Ele ficou de me pegar aqui no dormitório, pois quer me levar para uma lanchonete que tem o melhor hambúrguer de New Haven, obviamente, não reclamei porque adoro hambúrgueres.

Eu achei que a cafeteria onde trabalho tinha o melhor da cidade, mas Ben me garantiu que estou enganada.

Enquanto aguardo minha carona, me pego pensativa pela milionésima vez no dia. Hoje foi um tanto estranho. Mesmo que eu tenha blindado minhas emoções ao longo dos anos, as palavras de Matt Stevens conseguiram me desestabilizar e me atingiram de uma forma que eu não esperava.

Ele me machucou, não tenho por que negar.

Foi por isso que decidi que não vou aparecer na fraternidade por um tempo. Não quero me autossabotar, muito menos prejudicar aqueles com quem me importo.

Resolvi não contar para Dani o ocorrido, pois seria mais uma pessoa para ficar preocupada com minhas ações e não quero trazer esse fardo para ela.

No trabalho, Mike parecia tenso, preocupado e me evitou algumas vezes — ainda que eu tenha pedido desculpas —, e quando o líder da Kappa apareceu para pegar sua vitamina diária, vi meu colega chamá-lo em um canto.

Tentei não bisbilhotar, mas foi difícil. Precisei dividir minha atenção com os clientes e a conversa entre os dois. Pude ver Mike gesticulando e Stevens apoiando a mão no ombro do garoto. A cena me deixou mais curiosa porque não entendo qual a relação deles.

Encaro meu telefone e releio a última mensagem de Carla, dizendo que não foi à festa porque estava em um encontro com um garoto de outra Universidade, mas precisa conversar comigo. Nós não nos esbarramos todos os dias, por isso nosso meio de comunicação tem sido pelo aplicativo no celular, mas a loira não quis adiantar o assunto, quer me encontrar pessoalmente. Por este motivo estou tão ansiosa. Não tenho ideia do que ela quer falar comigo.

Recebo uma mensagem de Ben dizendo que chegou e me levanto da cama. Pego minha mochila e aviso:

— Estou indo. Qualquer coisa, você já sabe.

É a vez de Dani revirar os olhos verdes.

— Vai logo, garota!

Beijo seu rosto e saio do apartamento. Ben está do lado de fora do carro e abre um largo sorriso quando me vê. Ele está muito bonito, como sempre. Os cordões de prata estão sobre a camisa preta e a calça jeans se ajusta muito bem ao seu corpo.

— Hey, gatinha — cumprimenta, olhando-me por mais tempo do que o normal e abre a porta para mim.

— Hey! — Ele fecha a porta e corre para o seu lado, acomodando-se no banco do motorista. — Animado para concluir o trabalho?

— Com certeza. E você? Animada para provar o melhor hambúrguer de todos os tempos? — Ben liga o automóvel e começa a dirigir.

— Animadíssima!

— É isso aí! E o que achou do livro?

— Cansativo. Por várias vezes o sono quase me venceu.

Ele solta uma gargalhada e coloca uma estação para tocar no rádio.

— Tenho que concordar com você, mas é por isso que precisamos tomar cuidado. Veja o que aconteceu comigo.

— Não tenho a menor dúvida. Posso ter achado muito chato, mas me aplico da mesma maneira do que se tivesse gostado. Dever é dever.

— Nerd é outra coisa.

— Eu não sou nerd! — exclamo, dando um tapa de leve em seu braço e ele faz uma careta fingindo dor.

— Mas me conta, como foi a festa ontem?

O sorriso morre lentamente em meu rosto.

— Foi boa.

Ele desvia rapidamente o olhar da rua para mim, enquanto sua língua brinca com a argola presa no lábio inferior. Uma mania que deve fazer muitas garotas se distraírem.

— *Boa?*

— Sim. Estava lotada, uma galera bêbada... essas coisas.

— Bom, que eu saiba é isso o que acontece em festas.

Rio e de repente me sinto uma idiota.

— É verdade. Mas gostei, no geral.

— E dançou novamente?

— Adivinha?

Ben começa a rir.

— Eu sabia.

— Mas dessa vez não foi iniciativa minha. Perdi uma brincadeira que Mike fez e o desafio foi dançar na pista.

— Mike Wilson?

— Isso. Ele trabalha comigo na cafeteria.

— Não sabia.

— Ele começou há pouco tempo também. Estamos caminhando para uma amizade.

— Legal! Ele parece ser um cara bacana. Apesar de sermos da mesma fraternidade, fazemos parte de grupos diferentes.

— Ele é bacana, sim. Mas e você? — pergunto, desviando o assunto.

— O que tem eu?

— Vai sair hoje, não é? Sexta-feira e tal.

— Ah, vou sim. Meu parceiro de time vai dar uma festa no apartamento dele.

— Legal!

Ele fica em silêncio por alguns segundos e suas mãos batucam o volante no ritmo da música, antes de perguntar:

— Quer ir comigo?

— Obrigada pelo convite, mas vou ter que recusar. Estou muito cansada. Minha colega de quarto bebeu além da conta e fiquei acordada quase a noite toda. Só perguntei, porque você disse que faria alguma coisa hoje. — É a pura verdade. Estou exausta.

— Eu entendo, sem problemas.

Mais alguns minutos e chegamos a uma lanchonete iluminada e espaçosa. Um letreiro vermelho luminoso escrito *Haven's Burger* pisca sem parar em cima do estabelecimento, que pela quantidade de carros é bem popular.

— Espere aqui. — Ben corre até o meu lado e abre a porta.

— Assim vou ficar mal-acostumada — falo, em um tom divertido.

— Que bom — responde, abrindo um sorriso malicioso.

Ele pega seu material no banco detrás e eu coloco a mochila nas costas. Lado a lado seguimos para a entrada da lanchonete. Ben abre a porta e, educado como sempre, pede que eu vá na frente.

Uma atendente pergunta se queremos nos sentar no balcão ou em uma cabine.

As cabines contêm dois bancos estofados, um de frente para o outro, separados por uma mesa retangular e na parte do encosto há uma divisão para outra cabine e assim sucessivamente.

— Preferimos uma cabine — o moreno responde. Afinal, estamos aqui para estudar também.

— Podem vir comigo — a mulher pede para a acompanharmos e passamos por algumas mesas, todas ocupadas.

O local está cheio e além de famílias, noto que há diversos estudantes.

Quando a mulher aponta para a cabine que devemos ocupar, meus olhos são atraídos para um grupinho que está sentado logo atrás.

Só me faltava essa. A gente tenta fugir do diabo, mas ele tem suas artimanhas, não é possível!

— Salvatore! — Kellan Jordan exclama, batendo uma palma na outra. Concentrando-se em mim, expande seu sorriso, e diz: — *Señorita*.

— Hey! — Sorrio de volta.

— Jordan, Smith, Stevens. Tudo certo? — Ben pergunta, nem um pouco intimidado pela presença da Tríade, afinal, são seus parceiros de irmandade.

Eles não estão sozinhos. Uma loira está ao lado de Matt Stevens e outra entre Kellan Jordan e Damon Smith, mas as duas não fazem questão de prestar atenção no que está acontecendo ao redor, pois só têm olhos para eles.

— Tudo em paz — Damon responde. E quando fixa o olhar em mim já sei que vem besteira. — Já conquistou a caloura mais quente da Universidade, Salvatore?

Não disse? Eles são muito previsíveis. Faço uma cara de: “sério mesmo?” e ele começa a rir.

— Você não deixa de ser um *filho da* puta nem por um segundo, Smith? — Ben questiona, claramente contrariado.

— Eles estão brincando — intervenho. — São uns idiotas.

Isso faz com que Damon e Kellan caiam na gargalhada e sou obrigada a rir também.

— Não está dolorida por ontem, Liz? Dançou *pra caralho*! — Damon Smith pergunta e não vejo maldade, por isso o respondo:

— Até que não. As corridas me ajudam com o condicionamento.

— Ela é a garota perfeita, eu disse para vocês — Kellan Jordan complementa.

Ben arqueia as sobrancelhas, surpreso com a nossa interação, e dou de ombros.

— Salvatore.

Stevens finalmente dá o ar da graça e saúda o colega com a voz grave e rouca. Tenho ignorado sua presença desde que o avistei, mas por alguns segundos sou vencida pela minha curiosidade. A blusa branca com a gola decotada permite que uma parte das tatuagens em seu peito fiquem à mostra, assim como o tórax definido.

Os braços fortes estão sobre o tampo da mesa, as veias saltadas, como se tivesse saído da academia há pouco tempo, as mãos grandes... Sem dúvida alguma, nunca vi um cara tão musculoso como ele. E tão babaca, trato logo de lembrar.

— Deveria ter ido à festa ontem — o líder da Kappa completa, olhando diretamente para Ben.

— Você sabe...

— Sim, eu sei, mas acho que está na hora de parar com essa merda.

Humm... como eu suspeitava, há uma certa rivalidade entre eles.

— Depois conversamos — o loiro decide, bebendo um gole de cerveja direto na garrafa. — Pode voltar para o seu encontro.

Imediatamente seus olhos azuis encontram os meus e compreendo o desafio silencioso. Eu não vou brigar, nem dizer que não é um encontro. Ele não precisa saber disso, e agradeço internamente por Ben não desmentir. Quero mais é que esse ridículo esqueça que eu existo!

— Depois conversamos, Stevens — Ben revida, finalizando a conversa e nós nos viramos para a nossa mesa.

O moreno pede que eu sente primeiro e em seguida se acomoda à minha frente. Estou justamente no banco que se interliga com o assento onde estão o meu atual desafeto e uma das loiras. Por isso, no ângulo em que estou, consigo vê-lo com minha visão periférica. Só pode ser *karma*, não é possível.

O melhor que eu faço é ignorar sua presença.

— Não sabia que conhecia os garotos — Ben sussurra, a fim de não ser ouvido pelos colegas.

— Nós nos conhecemos nas festas. Damon e Kellan, no caso. O Matt Stevens só fui conhecer ontem. — Faço um breve resumo, porque não estou a fim de continuar falando deles, mais especificamente do babaca, quando tenho um trabalho de Literatura para fazer.

— Humm... entendi!

— Vamos fazer nossos pedidos? Já perdemos tempo demais.

— Verdade. Estou faminto e temos um trabalho para focar.

Quinze minutos depois, os hambúrgueres chegam e entre mordidas e anotações, discutimos sobre a leitura que fizemos. O lanche é realmente delicioso e faz jus à fama de ser o melhor da cidade, por isso prometo a mim mesma que vou trazer Dani aqui.

— Preciso ir ao banheiro, já volto — Ben comunica.

— Tudo bem. Vou continuar passando as respostas a limpo.

O garoto se levanta e some da minha vista. Volto a focar no caderno quando uma sombra cobre a mesa.

— Parece que alguém quer ser popular a todo custo.

Sinto os pelos do meu corpo se arrepiarem ao som de sua voz, o que só pode ser a raiva querendo se libertar.

Olho para cima e vejo Matt Stevens com os braços cruzados.

— Como é que é?

— Tenho que admitir que te subestimei.

Como não falo nada, ele continua:

— Se não consegue o capitão do time de futebol, corre para o de basquete. Ligeira você.

Calma, Liz, não entre na dele!

Calma!

A minha vontade de enfiar a mão na cara desse *filho da puta* é tão grande que preciso cerrar as mãos em cima do caderno.

Olho para trás e fico surpresa por não encontrar seus amigos. Estive tão focada nos estudos, que nem percebi que saíram.

Respiro fundo e pisco os olhos lentamente, fazendo minha melhor pose de indiferença.

— Sinto discordar do *incrível* — aciono meu modo sarcástico — Matt Stevens, mas não preciso ficar correndo atrás de homem, sabe? Eles é que costumam correr atrás de mim, como você está fazendo neste exato momento.

Ele não responde e satisfação me invade ao ver que consegui tirar seu sorrisinho idiota do rosto. Alguns segundos depois, Stevens se arma novamente e solta:

— Você quer fazer Direito, não é?

Porra! Por que o Ben está demorando tanto?

Escolho ficar calada. Depois de tudo o que ouvi, não quero compartilhar nada da minha vida com esse troglodita.

— Eu sei que sim, *caloura*. Inclusive, estou no último ano do curso, para sua informação. — Tento disfarçar meu choque, mas não tenho êxito. — Entendo a surpresa, mas é a verdade, *amor*.

— E o que eu tenho a ver com isso?

— Na verdade, nada. Mantenha-se à distância e nós nos daremos bem.

Antes que eu conteste seu comentário, Stevens se afasta e caminha até a saída com sua postura inabalável.

Por que tudo tem que ser tão complicado para mim?

ONZE

Ele passa sua vida como
Um sentinela silencioso
Que todos temem
Ele anda, ele fala, ele pensa, ele sente
Mas ninguém ousa se aproximar.

DESTROYER, TWISTED SISTER

Matt Stevens

Minha mente está confusa *pra caralho*.

Pensamentos desconexos tiram o foco do que estou fazendo.

Todo ano é assim.

Nesse dia, meus amigos sabem que não devem ficar por perto e os membros da minha fraternidade não me dirigirem à palavra. Eles não têm conhecimento do que essa data representa, mas respeitam o meu momento.

É como se cada fragmento espalhado em minha memória se juntasse e formasse lembranças que não quero trazer à tona, porém, é mais forte do que eu.

Como se não bastasse, recordo do seu cheiro, do seu sorriso, do seu abraço, dos seus olhos. E, maldita seja, ela não vai embora.

Treze anos depois e a mulher que me destruiu continua impregnada em mim.

Treze anos que ela me deixou.

Treze anos que abandonei tudo o que tinha e corri para o nada.

Treze anos que desacreditei do amor e me blindei completamente.

Se não fossem o futebol e a Kappa, que não me permitem sair da linha, provavelmente estaria enchendo meu nariz de pó.

Não sou um usuário de drogas, mas uma vez, na adolescência, nesta mesma data, resolvi experimentar. Comecei o dia com maconha e terminei com cocaína. Fiquei tão louco que até hoje não me recordo das merdas que fiz. O resultado não poderia ser diferente, parei no hospital.

Entretanto, não tenho a menor intenção em me tornar um viciado, o que só pioraria o caos que me rodeia, sendo assim, prefiro recorrer a outros meios em busca de adrenalina, e dor.

A dor faz parte de mim. Eu preciso senti-la para saber que estou vivo. É meu combustível, meu ar. Assim como a adrenalina me faz querer extravasar, jogar tudo para fora, sentir o coração acelerado.

— Fique de quatro — comando e rapidamente a loira obedece, virando-se de costas na cama.

Sem rodeios, enrolo seus cabelos em uma mão e com a outra aperto sua cintura, voltando a *fodê-la* com força. Ela

arrebita a bunda esbelta, me convidando a ir mais fundo e, claro, dou o que quer, acompanhado de um tapa que a faz gemer sem parar.

— Isso, Stevens! *Fode* gostoso.

Aproximo-me do seu ouvido e sussurro:

— Não quero conversa, entendeu? A única coisa que eu quero ouvir é você gritando.

Estoco fundo e a garota faz como ordenei, grita tão alto que aposto que Damon e Kellan estão ouvindo em seus quartos. Ainda é cedo, passei a noite toda *fodendo* e, mesmo assim, não consegui aliviar a tensão que insiste perturbar a *porra* do meu juízo.

Com o passar das horas, minha angústia vai aumentando e estou sem paciência para conversas. Pensei que o sexo me distrairia do dia que está por vir, que me deixaria exausto até apagar, livrando-me das recordações torturantes da pior época da minha vida, mas não está funcionando.

A loira continua gemendo alto, berrando meu nome, enquanto a penetro sem parar. Estou suado, ofegante, urrando e ainda com os cabelos longos enrolados em minha mão, trago seu tronco até mim, colando meu corpo no dela.

Desço uma mão para o meio de suas pernas e circulo seu clitóris, sentindo o quanto está molhada. Tenho que confessar que me surpreendi com sua resistência. Não é qualquer uma que consegue aguentar meu ritmo. Tivemos poucas pausas, que não passaram de alguns minutos até recomeçarmos tudo.

— *Ahhhhh* — ela grita, jogando o pescoço para trás, apoiando-se em meu ombro.

Eu sei exatamente do que elas gostam. Conheço cada parte que lhes dá prazer, que as faz gritar e implorar por mais.

Afasto a mão que segurava os fios loiros e vou de encontro a um dos seios volumosos, beliscando o mamilo durinho. Não lembro seu nome, mas a garota é gostosa. Ou não estaria aqui.

Quando ela disse, com todas as letras, que gostaria de ser *fodida* por Matt Stevens e que não queria nada mais do que isso, a encarei e senti sinceridade em suas palavras, então decidi que seria uma ótima distração.

Estou sem condições de lidar com as que se apegam em uma única noite. Nick e tantas outras já têm me atormentado o bastante para que eu não queira me envolver com mulheres que demonstram ser sensíveis demais.

Não é difícil conseguir propostas indecentes por aqui. Não quando você é o capitão do time de futebol e líder de uma das maiores fraternidades do país. As coisas vêm fácil quando se tem um rostinho bonito e um corpo formado por músculos, afinal, ninguém se arrisca a enxergar por dentro e ver o quão quebrada é a sua alma.

Ao mesmo tempo que me desejam, me temem. Observo mais do que falo e sou mais introspectivo que meus amigos,

talvez seja isso que as excite tanto.

Não são todas as garotas que têm coragem de vir até mim. Muitas apenas me encaram de longe, seja por medo ou por me verem como um objeto de desejo inalcançável, *secam* meu corpo, sonham em me ter dentro de suas calcinhas, porque sabem da fama que tenho em satisfazer uma mulher na cama. Assim como sabem que não repito encontros. Salvo raras exceções, como aconteceu com Nicole, e acredito que esta seja a razão de a ruiva ter confundido a *porra* toda.

Embora sejam cientes de que não prometo nada, que não sou carinhoso e que não pretendo criar qualquer tipo de vínculo, continuam me desejando, com a utopia de que um dia ficarei rendido por alguma delas. Sou sincero com cada uma ao dizer que não adianta se esforçar ou tentar me manipular, eu *nunca* vou me apaixonar.

Após conseguir o que quero, nada além do que uma boa *foda*, caio fora. Por esse motivo tenho alguns apelidos *carinhosos* por aí, como: *filho da puta*, destruidor de corações, homem de gelo e até diabo. Eu apenas ligo o *foda-se* e continuo vivendo a *porra* da minha vida. Há muito tempo deixei de me importar com o que os outros pensam sobre mim.

Esse pensamento me lembra da caloura que tem me tirado do sério.

Liz Pérez.

A primeira vez em que a vi eu estava no meu quarto, sozinho, com as luzes apagadas, em plena festa de boas-vindas da Kappa. Naquele dia, cheguei tarde à fraternidade e não quis descer para lidar com um bando de novatos, muito menos com Nick.

E lá estava a morena, dançando como se fosse uma deusa da sedução. O mais interessante é que ela não tinha a menor noção dos olhares maliciosos ao seu redor. O jeito que seu corpo se mexia enquanto dançava me fez imaginá-la em minha cama, a *fodendo* em milhares de posições.

Uma coisa não posso negar: ela é quente como o inferno.

Seus cabelos ondulados e compridos, o sorriso bonito, as curvas bem-desenhadas em seu corpo miúdo... Aliás, não me recordo de já ter visto uma bunda como a dela. As calças justas que teima usar deveriam ser proibidas. Duvido que alguém na faculdade desbanque a comissão traseira daquela mulher. Ela seria perfeita se não fosse tão problemática.

A garota é uma incógnita. Orgulhosa, teimosa, petulante. Não me lembro de outra pessoa ter me desafiado como ela fez na festa pós-jogo, dez dias atrás, sem demonstrar medo e sem medir palavras.

O contraste de raiva e excitação me deixou extremamente *puto* naquela noite. Raiva por ter insinuado que eu bateria nela — esse tipo de violência sempre mexe comigo — e excitação quando a morena invadiu meu quarto e ficou lá, parada. Deixei que visse o que eu queria mostrar e reconheci seu olhar repleto de luxúria e desejo, os dentes mordendo seu lábio inferior. Aquilo me excitou *pra caralho*.

Como agora.

A loira começa a gemer com mais frequência e volto à realidade.

Puta que pariu! Não posso acreditar que a caloura conseguiu atrapalhar a minha *foda*.

Filha da puta!

Ela estaria rindo de mim agora, assim como na nossa pequena discussão na hamburgueria. Aquele sorrisinho convencido. O mesmo que costumo usar quando quero desestabilizar alguém.

A morena tem uma língua esperta e afiada, mas adoraria vê-la com a boca cheia do meu pau.

Foda-se!

Fecho os olhos e levo minhas mãos para a bunda da loira e a aperto, guiando-nos em um ritmo frenético. Minha mente tenta me sacanear, trazendo imagens da latina fogosa de quatro, com aquela bunda deliciosa para cima, os cabelos enormes como uma cortina sobre sua cintura fina, mas me concentro no que está acontecendo aqui, no meu quarto, neste dia de merda.

Mais uma prova de como estou fora de controle.

Suor escorre pelas minhas costas, meu rosto, e ao abrir os olhos desfiro um tapa forte na pele alva da garota, voltando a tocar seu clitóris com rapidez.

— Matt... Oh! Eu vou...

Ela nem precisa terminar de falar, porque sua boceta contrai meu pau de um jeito que me deixa louco e sei que está gozando.

— *Porra!* — exclamo, segurando-me ao máximo.

Quando percebo que a garota terminou, saio dela, tiro a camisinha e me masturbo com urgência.

Ela continua na mesma posição, rebolando na minha frente apenas para me instigar e a visão me faz chegar ao êxtase. Gozo com força, lambuzando suas costas e bunda, passando a cabeça do meu pau em seu cuzinho.

Meus rugidos são altos, selvagens, como um animal se libertando.

Por alguns segundos, penso que finalmente consegui saciar a minha fome de adrenalina, mas então como se zombasse de mim o rosto *dela*, pálido, os lábios arroxeados, invade a minha mente.

Treze anos e não consigo entender como ainda exerce tanto poder sobre mim.

Não, não é saudade.

Depois do que ela fez, eu não me permiti sentir saudade.

Ao longo dos anos, passei por psiquiatras, psicólogos, grupos de apoio e de nada adiantou. Continuo vivendo com o mesmo rancor de quando tinha dez anos de idade. *Por ela e por ele.*

Nunca vou me esquecer como a minha cabeça ficou *fodida*, como me senti fraco e indefeso. Por esta razão, na adolescência, comecei a malhar que nem um desgraçado. A disciplina moldou minha vida e quanto mais massa muscular eu ganhava, mais obstinado ficava. Esse é um dos motivos por ser tão requisitado no futebol e de receber propostas tentadoras de outras Universidades. A Yale Bulldogs não quer abrir mão do seu melhor atleta, por isso tenho minhas regalias, mesmo quando descobriram sobre minhas saídas noturnas. O acordo é este: eles não se metem na minha vida e eu continuo jogando.

Respirando fundo, pego a camisinha do chão e sigo para o banheiro da suíte. Jogo o preservativo no lixo, ligo a torneira e me limpo superficialmente. Depois que a garota for embora, tomo um banho demorado, sem interrupções. Preciso colocar minha cabeça no lugar ou vou enlouquecer com tantos pensamentos chegando sem freio algum.

Volto para o quarto e a loira está em pé, sorrindo, como se não tivesse um monte de *porra* escorrendo pelas pernas.

— Pode tomar seu banho.

— Não quer vir comigo?

— Não comece — corto.

— Nossa, é apenas um banho!

— Nunca é apenas um banho.

Sem retrucar, vai para o banheiro e fecha a porta com força.

Porra, fodemos a noite toda e me vem com essa de banho?

Eu disse. Elas sempre querem mais, mesmo quando dizem que não. Inacreditável!

Nu, sento-me no colchão e minhas pernas estão inquietas, subindo e descendo sem parar. Ouço o chuveiro ser ligado e pego meu celular na pequena cômoda que fica ao lado da cama.

São quase oito horas da manhã. Ainda.

A overdose de sexo não foi suficiente.

Hoje é sexta-feira e já decidi que não vou à aula, só não poderei faltar ao treino de futebol, porque daqui a uma semana vamos enfrentar Harvard, nossa maior rival.

Caralho! A minha vontade é sumir e só voltar na próxima semana, mas se tem algo que considero, é o meu time e a minha fraternidade. São as únicas coisas na minha vida que me fazem sentir que pertenço a algum lugar. Portanto, terei de fingir que está tudo bem no treino e isso não é problema para mim. Depois de um certo tempo, a gente se acostuma com as

máscaras.

Com o telefone em mãos, procuro um nome bastante conhecido na agenda e faço a chamada.

A única forma de aliviar esse peso no meu peito é fazendo o que me liberta de verdade. A junção de dor e adrenalina, o meu escape. Onde me sinto *eu* mesmo e posso mostrar o que reside em mim. Quem eu sou. O que sou capaz de fazer.

Longe da fraternidade, da Universidade, desse mundo perfeito.

A ligação cai direto na caixa postal e quase jogo o celular longe.

Porra! Quando mais preciso, o Sonic não dá sinal de vida.

Finalmente, a garota sai do banheiro com uma toalha presa ao corpo e recolhe suas roupas.

— Você me dá uma carona?

— Não vai dar.

— É sério?

— É sério.

Ela demora a assimilar minha resposta, até que solta um riso nasalado.

— Bem que me falaram que você era um *filho da puta*, mas não pensei que fosse tanto.

— Uma pena não atingir suas expectativas.

— Idiota.

A loira se desfaz da toalha e se veste rapidamente. Em menos de cinco minutos, pega sua bolsa e sai do meu quarto.

Sozinho, posso finalmente ter meu momento.

Passo as mãos nos cabelos, aflito, e tento ligar mais uma vez para Sonic.

Um toque, dois, três... nada.

Filho da puta!

Não vai ter jeito, terei que ligar para Mike. Hoje não estou a fim de esperar.

— *Stevens?*

— Wilson, preciso que veja se tem algo para mim.

— *Hoje?*

— Sim, *porra!* Estou tentando falar com o Sonic, mas só dá caixa postal. Vou te dar essa incumbência e você se vira!

Quero *pra* hoje!

— *Matt, da última vez...*

— *Foda-se* a última vez, Wilson. Eu quero! Entendeu?

Ele fica em silêncio e solta um longo suspiro.

— *Entendi. Tudo bem. Vou falar com ele.*

— Valeu.

Desligo a chamada e com a certeza de que Mike não vai me decepcionar, vou para o banho.



O dia parece se arrastar como uma maldita câmera lenta.

Treinei com o time, suei, liberei mais um pouco de endorfina e como se não bastasse, acabei de sair da academia, onde malhei pesado, tanto que as veias dos meus braços e mãos estão mais saltadas do que o normal.

Sinto-me 100% preparado para mais tarde.

Neste momento, estou chegando à cafeteria onde Wilson trabalha para pegar a minha vitamina e fazer os últimos acertos, conforme combinamos.

Abro a porta e o sino indica minha entrada. Olho ao redor à procura do loiro, mas encontro apenas a sua *amiguinha*. A blusa com o logo do estabelecimento e a saia curta se moldam completamente ao seu corpo pequeno e consigo visualizar sua bunda gostosa. Preciso fazer um esforço para não olhar por muito tempo, afinal, a garota se acha *pra caralho*.

Liz Pérez me observa com o rosto impassível e a cabeça erguida, como se me desafiasse. Seus cabelos longos estão presos em um rabo de cavalo alto e a franja cobre suas sobrancelhas.

A última vez que trocamos algumas palavras foi no Haven's Burger. Desde então, apenas nos encaramos, em um tipo de jogo idiota de quem desvia primeiro. Não sei quem começou com essa merda, mas não sou de perder quando estou em uma competição. Pelo contrário, vou com tudo para ganhar.

Ela analisa minha camiseta cavada, suada, perscruta minhas tatuagens, sem qualquer constrangimento ou medo, como em todas as vezes, mas continuo sem piscar, olhando-a fixa e intensamente. Absorvo cada detalhe, as argolas grandes que enfeitam suas orelhas, os fios que se desprendem do rabo de cavalo, a boca desenhada, o nariz pequeno e arrebitado.

Não demora muito e Liz Pérez desvia o olhar, pois alguém a chama, e eu, claro, sorrio daquele jeito que a morena odeia. Divirto-me quando revira os olhos e seu rosto se contorce em desgosto ao se virar para atender à mesa.

A recíproca é verdadeira, amor.

Sento-me em um dos bancos altos do extenso balcão, distante da movimentação, e envio uma mensagem para Mike, dizendo que cheguei.

Volto minha atenção para a *esquentadinha* e vejo que continua na mesma mesa, porém, sua feição não é das melhores. Considero-me um bom observador e no decorrer dos dias fui estudando as expressões corporais e faciais da latina, que deixa transparecer facilmente suas emoções.

É inegável que está incomodada. Não como no nosso joguinho, que mais nos provocamos do que qualquer outra coisa, agora ela parece *realmente* furiosa, mas está se contendo. Um vinco se forma em minha testa e só então noto os quatro garotos sentados, dando risadinhas, enquanto a olham com malícia. Não percebi de imediato, mas agora me lembro que fiz a iniciação deles para a Kappa Alpha. São todos novatos.

Continuo analisando a situação, até que um deles pega uma mecha de cabelo da morena e a leva até o nariz, aspirando profundamente. Liz tira os fios da mão do garoto, que apenas ri e tenta fazer a mesma coisa novamente, tirando a mulher do sério. Este é o sinal que eu estava esperando.

Não vejo mais nada ao meu redor e quando me dou conta, estou parado ao lado da morena, que mesmo com os saltos plataformas que costuma usar, bate em meu ombro.

Os risinhos cessam e os garotos arregalam os olhos ao me verem.

— Matt Stevens — um deles sussurra.

— Algum problema por aqui? — pergunto, arqueando as sobrancelhas.

Ao meu lado, Liz me olha de esguelha, demonstrando o quanto está confusa com a minha intromissão.

— Nenhum — outro diz. — Estamos apenas admirando a *Señorita*. Você já viu como ela dança?

Ignoro sua pergunta e prossigo:

— Como integrantes da Kappa, vocês sabem que devem dar o exemplo, não sabem?

— Sim, Stevens. Não estamos fazendo nada de mais.

— Eles estão certos, Srta. Pérez? — questiono e fixo o olhar na atendente, que está me olhando como se eu tivesse duas cabeças.

— Está tudo bem — a garota responde, sem a usual postura defensiva com indiretas e alfinetadas, e isso me deixa

estranhamente incomodado. — Vou fazer os pedidos.

Quando Liz se retira, permaneço de frente para os novatos. Apoio minhas mãos no tampo da mesa e digo em um sussurro:

— Se eu souber que estão descumprindo o nosso maior lema que é o respeito e a lealdade, vocês não voltarão para a Kappa.

— Mas... — Um tenta me interromper, porém, meus olhos queimam em sua direção.

— Estou sendo claro?

— Sim — os quatro respondem e pavor toma conta de suas feições.

— Melhor assim.

Estalo meu pescoço de um lado e de outro, uma mania que tenho quando estou estressado acima da média, e me afasto da mesa. Liz está atrás do balcão, pegando algumas bebidas e me sento no banco à sua frente. Antes que eu comece a falar, ela joga:

— Não precisava se intrometer. Consigo lidar com idiotas como eles.

— Não tenho a menor dúvida, mas queria saber se estavam te desrespeitando. Afinal, fazem parte da *minha* fraternidade e preciso saber se merecem tal título.

Seus olhos castanhos encontram os meus e vejo como está perturbada.

— Oh, só você pode me desrespeitar, não é? Além de tudo, é um babaca contraditório.

Solto um riso nasalado e balanço a cabeça, sem acreditar que estou perdendo meu tempo com essa garota, logo neste dia de merda.

— Você e eu temos um histórico de troca de *elogios*, digamos assim. Quem começou com tudo isso foi você, *amor*, então, não me venha com ataques desnecessários ou lição de moral.

— Para de me chamar desse jeito, seu...

— Quer saber? *Foda-se!* Não preciso me meter em problemas que não são meus. Na verdade, não sei nem por que fui até àquela mesa. A *Señorita* claramente não precisa de alguém para te defender.

Levanto-me em um rompante e desisto de pegar minha vitamina. Ao me encaminhar para a saída, finalmente encontro com Mike.

— *Porra*, até que enfim! Demorou *pra caralho!*

— Foi mal. Estava conversando com o gerente. O que foi aquilo? — o loiro questiona.

— O quê?

— A cena com a Liz.

— Não que você tenha algo a ver, mas essa garota é insana.

Wilson fica quieto, ponderando meu comentário, mas com a paciência esgotada, pergunto:

— Conseguiu falar com o Sonic?

— Sim. Ele ficou louco, gritou no meu ouvido, mas depois de um tempo disse que para você abriria uma exceção. O cara não é burro. Marcamos para às nove da noite.

— Ótimo! Pelo menos uma coisa boa hoje.

— Você tem certeza disso, Stevens?

— Absoluta.

Ele balança a cabeça, soltando um longo suspiro, e passa as mãos pelos cabelos.

— Matt, isso é loucura! Da última vez, você quase saiu carregado.

— Mas ganhei. É isso que importa.

— *Porra*, qual o seu problema? Quer se matar? É isso? Eu nunca vou esquecer o que você fez por mim, o quanto sou grato, mas não consigo entender o motivo de se submeter a uma coisa tão degradante. Você não precisa disso.

Fixo meus olhos nos dele e digo, sério:

— Wilson, não tente entender meus motivos. Não se esqueça que se não fosse por aquele lugar, nunca teríamos nos conhecido e sabe Deus onde você estaria agora ou o que estaria fazendo. Naquele lugar é que encontro forças para continuar seguindo em frente. É lá que consigo exorcizar meus demônios. Assunto encerrado.

Passo por Mike e sem olhar para trás saio da cafeteria. Ele pensa que me conhece, que somos iguais de alguma forma, mas não somos nada parecidos.

Ninguém sabe pelo que passei. Ninguém conhece a minha história.

DOZE

Estou cansado de ser o que você quer que eu seja
Me sentindo tão sem esperança, perdido abaixo da superfície
Eu não sei o que você está esperando de mim
Me pressionando para seguir seus passos

NUMB, LINKIN PARK

Liz Perez

Não consigo entender qual é a desse cara.

Uma hora pede que eu me afaste, na outra dá uma de salvador da pátria diante dos seus coleguinhas. Completamente confuso e, por tabela, me deixa confusa também.

Os idiotas estavam me perturbando, chamando-me pelo apelido que já circula por toda a Universidade, tentando tocar em mim, como se eu fosse muito fácil só por gostar de dançar. Por pouco, não os mandei tomar naquele lugar. Como preciso do emprego, precisei respirar fundo e enviar a impulsividade para longe.

Então, quando menos esperava, Matt Stevens apareceu ao meu lado, como se fosse o rei do mundo. Ao mesmo tempo que fiquei surpresa, a raiva se avolumou dentro de mim, pois não preciso que um babaca convencido como ele resolva meus problemas.

A única coisa boa foi que depois de sua aparição, os garotos não me dirigiram mais à palavra. Bando de riquinhos medrosos.

Enquanto atendo a alguns clientes, observo Mike conversando com Matt. Meu amigo está tenso desde cedo e não tenho ideia do que possa estar acontecendo. Pelo jeito que conversa com Stevens, ora passando as mãos pelos cabelos, ora cruzando os braços, sei que tem algo errado.

Nos últimos dias, Mike e eu nos aproximamos bastante, o melhor é que Dani também se aproximou dele, por isso tem sido comum recebermos o loiro em nosso dormitório. Conversamos, assistimos a filmes, seriados, estudamos — cada um com sua própria matéria — e desde o episódio com o líder da fraternidade, não vou a uma festa na Kappa, conforme prometi a mim mesma.

Apesar de ter pensado em não contar para Dani sobre a briga com Matt, acabei decidindo falar a verdade quando ela me chamou para ir a uma festa na mansão e pela segunda vez consecutiva neguei, dizendo que iria estudar. A morena ficou *puta* por eu ter escondido algo tão importante, mas disse que não deixaria de ir, afinal, estava focando apenas em se divertir e que eu era uma boba por deixar que os comentários maldosos de um babaca como Stevens se infiltrassem em minha mente. Ela não estava errada, mas eu precisava desse tempo. Mal entrei na faculdade e já estou envolvida em tanta coisa, que eu precisei parar e pensar mais nas minhas prioridades.

De qualquer maneira, quem precisa ir a uma festa quando se tem amigos como Daniela e Mike? Sem se importarem se

estava dormindo ou não, os dois chegavam rindo alto e contavam tudo o que havia acontecido, inclusive que diversos caras andavam perguntando por mim e por que estava sumida.

O celular vibra em meu bolso e disfarçadamente vou para trás do balcão a fim de verificar o que é.

O nome de Ben aparece no visor com uma mensagem perguntando se estou bem e solto um suspiro, sem saber se respondo ou não.

Após apresentarmos nosso trabalho de Literatura, o que foi um sucesso, decidi me afastar um pouco do capitão do time de basquete. Nós nos encontramos nas aulas, mas não temos conversado muito. Posso estar sendo injusta, pois ele nunca me tratou mal, porém, as palavras de Matt Stevens ainda me perseguem.

“Se não consegue o capitão do time de futebol, corre para o de basquete.”

Esse filho da mãe conseguiu me desequilibrar de um jeito que nunca pensei que pudesse acontecer comigo. Eu sou forte, sei da minha capacidade, não me deixo ser levada pelas palavras maldosas de alguém, mas esse cara... ele me atingiu de uma forma inexplicável, a ponto de duvidar das minhas próprias intenções.

Matt Stevens é perigoso. Perigoso demais.

Impossível não me lembrar do que a Dani ficou sabendo e compartilhou comigo, três dias atrás, quando comentei sobre o olhar intenso que Matt me lança sempre que me encontra, como se eu fosse um joguinho que ele adorasse jogar. Ridículo!

— Liz, você precisa tomar cuidado com esse cara.

— Como assim, Dani? Não tenho nada com ele. Pelo contrário, quero distância desse babaca.

— Eu sei, só estou reforçando. Não se deixe levar por aquela beleza avassaladora, hermanita. Ele é problema. E dos grandes.

— Do que você está falando?

— Hoje fiquei sabendo de uma história muito bizarra.

— Me conta logo, Dani!

— Há dois anos, uma garota, estudante de Direito, tentou se suicidar em uma das residências. — Arregalei os olhos imediatamente.

— Tentou se suicidar?!

— Sim. E você não vai acreditar no motivo.

— Se não me contar, não vou mesmo — disse, impaciente.

— *Ela estava saindo com Stevens e todo mundo achava que a garota, Ellen Greyson o nome dela, tinha finalmente conquistado o “coração de gelo”, porque os dois viviam pra lá e pra cá de mãos dadas, se beijando em público, mas então, de uma hora para a outra, ele parou de falar com ela e começou a agir como se a garota não existisse. Não atendia a suas ligações, quando Ellen ia procurá-lo na fraternidade seus parceiros diziam que ele não estava e não a deixavam entrar. Resultado: ela pirou. Não conseguia mais acompanhar as aulas, vivia tomando remédio para dormir, até que a encontraram com os pulsos cortados e por pouco não foi tarde demais.*

— *Jesus!*

— *Pelo que disseram, os pais a tiraram da Universidade e a colocaram em uma clínica psiquiátrica.*

— *Jesus!* — Era só o que eu conseguia falar.

— *Logo as pessoas foram esquecendo, mas desde então nunca mais viram Matt Stevens com uma garota só por muito tempo. Ele faz o que quer e sai fora. Ainda assim, deixa seu rastro de destruição por onde passa, Liz. Garotas correndo atrás, chorando, implorando por sua atenção... Toma cuidado, amiga, por favor!*

Saio do meu torpor e vejo que Stevens já foi embora e Mike está atendendo a um casal. Relembrar de tudo o que Daniela me disse faz um arrepio percorrer meu corpo inteiro. Tentativa de suicídio é muito sério. Qual o motivo do cara ser tão ruim? Por que preferiu sumir a ser sincero com a menina? Não queria mais, falasse com ela, *porra!*

Não sei quantas vezes tive vontade de ir atrás dele só para falar umas verdades, mas me obriguei a permanecer na minha, sem qualquer contato com aquele ogro. Tentei conversar com Mike, porém, mais uma vez ele veio com um papo enigmático de que toda história tem dois lados. Estou ficando cansada dessas frases que não dizem nada.

— Você demorou com o Tony — digo, ao me aproximar do loiro que está colocando café em uma xícara.

— Não foi nada de mais. Ele perguntou se conheço alguém para nos ajudar, porque viu que estamos ficando sobrecarregados em horários de pico.

— Nisso, eu concordo. Tem hora que fico igual a uma barata tonta.

A garota que trabalhava aqui pediu demissão e sobrou para nós dois.

— Vou ver se um colega meu, que também precisa de grana, aceita trabalhar aqui.

— Legal. E o seu *amiguinho*? Saiu daqui *putinho*, pelo visto. Nem levou a *vitaminazinha* dele desta vez.

— Liz, Liz, você adora brincar com fogo, não é?

— Eu? O cara vive me perturbando e a culpada sou eu?

— Se não te conhecesse, até acreditaria na sua inocência, mas comigo não cola.

— O que você quer que eu diga? O cara me evita por dias, semanas, e de repente vem dar uma de defensor dos pobres e oprimidos? É claro que ele estava querendo zoar com a minha cara.

Meu parceiro de trabalho balança a cabeça e respira fundo.

— Não o provoque. Para o seu próprio bem.

— Isso é uma ameaça? Ele pediu para você falar isso para mim?

Mike arqueia as sobrancelhas.

— Claro que não, maluca! Estou apenas tentando te proteger.

— Sei me virar, querido. Não quero me meter no caminho do *grande* Matt Stevens, mas ainda fico curiosa para saber por que você mantém tanta lealdade a esse cara.

— Está com ciúme?

— Isso não é ciúme, querido, e, sim, curiosidade. Vocês não têm *nada* em comum, a não ser o platinado *fake* nos cabelos.

— Nem toda amizade é óbvia, *lindinha*. Agora, me dá licença que a minha cliente está me fuzilando com os olhos.

Mike segue em direção à mesa e mais uma vez foge da minha pergunta.

— Pode tirar seu horário de descanso, Liz.

Viro para trás e encontro meu gerente.

— Ah, sim. Obrigada, Tony.

— Fique tranquila, que a partir da semana que vem espero ter mais uma pessoa para ajudar vocês.

— Ótimo, será um adianto.

Saio pela porta dos fundos e me sento em um dos degraus. Puxo meu celular do bolso da saia e além da mensagem de Ben, agora há uma de Carla.

Apoio meus cotovelos nos joelhos e fico olhando para o aparelho em minhas mãos por alguns segundos. Estou me sentindo uma péssima amiga.

Há uma semana encontrei com a loira e conversamos bastante, contudo não esperava que ela me convidasse para ser uma das líderes de torcida do time de futebol. A princípio, neguei, disse que não era a minha praia, que não tinha nada a ver comigo, mas ela pediu para eu pensar, pois ao contrário do que acredito, falou que levo jeito, sim, tenho desenvoltura, conhecimento de dança e tamanho e peso ideais para ser uma das Flyers do grupo — as que realizam movimentos no ar.

Sinceramente, não sei o que fazer. O que eu *sei* é que não estou gostando do atletismo, pois não consigo me entrosar com a equipe. Por outro lado, tenho quase certeza de que algumas meninas, entre elas Ruby e Nick, não vão receber bem a notícia, caso eu aceite o convite de Carla.

Também me pergunto se vou aguentar as brincadeiras e piadinhas, como as que aqueles garotos fizeram minutos atrás, até o final da faculdade. Será que as pessoas vão me ver apenas como um pedaço de carne? Será que vão me julgar por usar uniformes curtos e dançar como gosto? São tantas dúvidas. Por tudo isso, não me sinto preparada para responder à brasileira.

Não poderei fugir para sempre, porque haverá um jogo importante na próxima semana e ela gostaria que eu comesse a treinar como reserva, até pegar o jeito.

Dani e Mike dizem que estou fazendo uma tempestade em um copo d'água e que deveria aceitar logo, pois há muitas garotas que gostariam de estar no meu lugar, mas não têm oportunidade. Neste instante, decido que vou me dar só mais este final de semana para pensar e na segunda-feira passarei meu veredito. Com isto em mente, envio uma mensagem para Carla. Aproveito e respondo a Ben de maneira sucinta, dizendo que está tudo bem. Pronto!

Consulto a hora e me assusto como o tempo passou rápido. Levanto-me do degrau e volto ao trabalho.



Estou prestes a sair do banheiro quando meu celular começa a vibrar. Jesus! Todo mundo resolveu falar comigo hoje.

Meu expediente na *University of Coffee* acabou há trinta minutos e finalmente posso dizer que o fim de semana chegou. Tony pediu para que Mike e eu estendêssemos nosso turno com a recompensa de um extra generoso e é óbvio que aceitamos. Sexta-feira fica bem agitado por aqui e seria impossível o gerente conseguir atender a todas as mesas com apenas uma atendente.

Ao ver o nome de Carmen piscando, não sei o que pensar. Faz semanas que não nos falamos e sequer recebi notícias suas.

Cogito não atender, pois estou louca para ir embora, mas antes que perceba, já toquei no botão verde e me encosto na parede de azulejos.

— Alô!

— Oi, *Lizzzzzz!*

Conheço essa voz arrastada. Ela não está sóbria. Fecho meus olhos e respiro fundo.

— Oi. Tudo bem por aí?

— *Tudo óóótimo. Encontrei com a Luna ontem à noite e ela me disse que vocês brigaram.*

— Sério que, depois de semanas, você está me ligando para falar da Luna?

— *Claro que não, queriiiida.*

— E ainda por cima bêbada — completo.

— *Qual o seu problema, g-garota?* — Ela soluça em meu ouvido e tenho vontade de desligar.

— Olha, é melhor a gente se falar quando você estiver melhor.

— *Sempre tão sobeeeeerba. Nem parece minha filha.*

Estava demorando.

— Que eu não pareço ser sua filha, isso é óbvio, Carmen, mas dizer que sou soberba é o cúmulo. Onde você está?

— *Não te interessa. Você está se achando a fodona só porque está na universidade, não é? Finalmente conseguiu o que queria, abandonou sua mãe, seus amigos e agora está aí, vivendo em seu mundinho cor-de-rosa. Cuidado para não cair do cavalo, querida.*

— Do que você está falando? Eu estou me matando de tanto estudar, trabalho *pra caralho* para me bancar e você diz que estou vivendo no meu mundinho cor-de-rosa? De onde tirou isso? Até que demorou para jogar tudo na minha cara — digo, com a voz alterada, sem me importar que estou no banheiro de funcionários da cafeteria.

— *Você é uma ingrata. Sempre foi. Fiz de tudo por você e para quê? Para morar do outro lado do país e fazer a faculdadezinha que tanto queria, como se fosse mais especial do que seus amigos. Eu sei que você tem vergonha de mim, garota, mas, na verdade, sou eu que tenho vergonha de você.*

— Eu não vou continuar falando com você bêbada desse jeito. Fique sóbria e a gente conversa civilizadamente.

— *Oh, a puritana está mostrando as garrinhas.*

Ela começa a rir tão alto, que preciso afastar o telefone do ouvido. Eu odeio quando Carmen fica desse jeito. Parece outra pessoa, porém, é impossível não avaliar a hipótese de que ela pode estar mostrando quem é de verdade, e isso me deixa enojada.

De repente, a linha fica muda e quando volta a falar, seu tom está mais grave, sombrio, o que há muito tempo não ouço e meus braços se arrepiam instantaneamente:

— *Sabe, às vezes fico pensando que seria melhor ter me livrado de você quando tive chance. Além de ter acabado*

com meu corpo, torrou meu dinheiro todo com comida, escola, roupas. Tuuuuudo por nada. Porque você sempre preferiu ser a differentona, essssnobe, soberba, egoíísta...

— Para! — sussurro e é tarde demais para evitar que lágrimas grossas caiam pelo meu rosto.

— Não foi à toa que nem seu pai te quis.

Sinto como se tivesse sido nocauteada. Meus joelhos fraquejam e caio no chão frio. Tiro o celular do ouvido e o jogo longe para não me render à vontade de quebrá-lo.

Por que tudo tem que ser tão difícil para mim? Qual o sentido de uma mãe, bêbada, talvez até drogada — não seria a primeira vez —, ligar para sua filha e falar tantas coisas horríveis? Poderia ser uma brincadeira de muito mau gosto, mas é apenas a minha vida.

Ela sabe o quanto isso me machuca, como me deixa arrasada, mas faz de propósito, como se sentisse prazer em ver meu sofrimento. Carmen pode estar alterada, mas se tem algo que aprendi ao longo dos anos é que quando está assim, ela fala o que não tem coragem de dizer sóbria. Usa a raiva, o rancor, o arrependimento e despeja de uma só vez, porém, hoje ela ultrapassou todos os limites.

Tenho certeza de que amanhã vai me encher de mensagens, ligações, como sempre faz depois que *vomita* suas frustrações em cima de mim. Uma verdadeira *morde e assopra*. Contudo, não serei tão leviana. Carmen precisa ser mais responsável pelos seus atos. Não sou seu saco de pancadas para ficar levando na cara sem reagir.

Cada palavra dirigida a mim causou um impacto em meu coração. As feridas que estavam cicatrizando foram abertas, sem piedade, e a dor me envolve como um cobertor de cem quilos. Encontro-me acuada, machucada, solitária, e minha vontade é sumir.

Os soluços vão aumentando gradativamente à medida que recordo de sua voz cheia de raiva.

Eu sei que você tem vergonha de mim, garota, mas, na verdade, sou eu que tenho vergonha de você.

Você sempre preferiu ser a differentona, esnobe, soberba, egoísta...

Não foi à toa que nem seu pai te quis.

Um gemido sai da minha garganta e me contorço com a angústia que toma conta do meu corpo. Tudo o que venho reprimindo há anos parece querer se libertar de uma vez, minhas mãos suam, a garganta se comprime, minha cabeça lateja, mas tento me segurar, como sempre fiz.

Eu precisei aprender a me bastar, a me amar ante a ausência de uma mãe de verdade. De uma família. De amor. De cuidado. De proteção.

Apoiada na parede, trago minhas pernas até o peito e me permito chorar sem reservas. Não consigo enxergar um palmo por causa das lágrimas que inundam meus olhos, por isso tomo um susto quando sinto uma mão em meu ombro.

— Calma, sou eu. — Mike se senta ao meu lado e me puxa para um abraço apertado. Sem forças, não o afasto nem o respondo.

Seus braços me acalentam ao mesmo tempo que me fazem chorar ainda mais.

— Me desculpe por ter entrado, a porta estava destrancada. — Só então me recordo que estava prestes a sair do banheiro e por isso destranquei a porta. — Ouvi alguns barulhos estranhos e fiquei preocupado. Não precisa falar nada. Estou aqui para você, Liz.

Agarro sua camisa e começo a soluçar como uma criança desesperada. A constatação de que estou sozinha no mundo é brutal. Não é a primeira vez que penso nisso, mas é a primeira que tenho certeza.

Não ter o amor de uma mãe é duro e doloroso ao extremo, mas ter ciência de que ela sente raiva e arrependimento pelo nascimento de um filho é atroz, devastador, destruidor.

É como me sinto. Destruída.

Não sei quanto tempo se passou, mas continuo agarrada ao corpo de Mike, recebendo seu carinho como um viciado em busca de drogas. Eu não sabia que precisava tanto de carinho até sentir os braços do meu amigo ao meu redor.

— Me desculpe por molhar a sua camisa — digo, enfim, quando me afasto do seu contato.

Observo a mancha no meio do seu peito e sorrio de leve ao vê-lo fingir que está com nojo.

— Desde que sejam apenas lágrimas, está tudo bem. — Bato em seu braço e fico admirada por estar sorrindo novamente depois de tudo o que ouvi.

Mike me encara, ajeitando alguns fios que se desprenderam do meu rabo de cavalo e pergunta:

— Está bem?

— Vou ficar. Sempre fico.

— Não vou te forçar a falar sobre o que aconteceu, mas quero que saiba que estou do seu lado. A gente pode se conhecer há um mês, Liz, mas você é uma das poucas pessoas com quem me importo.

Suas palavras tocam meu coração, mas ainda não me sinto pronta para falar sobre Carmen e o que acabou de acontecer. É mais por vergonha do que qualquer outra coisa. Não quero que ele me olhe de maneira diferente, com pena, entretanto, prometo para mim mesma que em breve contarei tudo para ele e para Dani. Eles merecem me conhecer melhor.

Pego as mãos de Mike e declaro:

— Não tenho a menor dúvida disso e digo com toda minha sinceridade que me importo muito com você. Pensei que tivesse amigos onde eu morava, mas aqui, em Yale, é que estou descobrindo o verdadeiro significado da palavra *amizade*, com você e com a Dani.

O loiro abre um sorriso enorme, ressaltando sua beleza, e se levanta em um pulo.

— Vem! — Ele estende a mão para mim e eu a pego, erguendo meu corpo do chão. — Você é minha esta noite.

— Uau! — Rio e um pouco da tristeza vai se dissipando. — E para onde nós vamos? Eu quero beber alguma coisa, ficar *loucona* — digo, porque, definitivamente, preciso me distrair.

— Você confia em mim?

Acho um tanto estranha sua pergunta e franzo o cenho.

— É claro que confio.

— Que bom, porque eu também confio em você e quero te levar a um lugar que em hipótese alguma poderá falar com outra pessoa sobre sua existência.

— É para me assustar? Porque está conseguindo.

— Não, mas preciso que mantenha sua palavra, caso contrário vou me *foder*.

Arregalo os olhos e por um momento apenas o encaro, buscando algum sinal de divertimento, o que não encontro. Ele está falando sério. A curiosidade vence o medo e aceito sua condição.

— Ótimo. Prometo que depois de lá você vai beber à noite toda no Sammy's, um dos melhores bares que já fui. Ele fica mais afastado da região, mas você vai adorar, tenho certeza. Inclusive, até eu vou beber hoje.

— Sério? Não acredito nisso! Podemos chamar a Dani?

Mike mordisca o lábio inferior e nega com a cabeça.

— É melhor não. Já estamos atrasados. Outro dia podemos nos organizar com mais tempo.

— Espera! Eu não vou poder nem trocar de roupa? — pergunto, pois estou com a mesma roupa que fui para a aula de manhã e apesar de ter tomado um banho agora há pouco, gostaria de ter me preparado melhor para uma sexta-feira à noite.

— Não vai dar tempo, gata. O Tony me ferrou com a extensão do turno. Acredite em mim, você está linda.

Dou uma olhada em meu reflexo no espelho comprido, analisando a calça escura de cintura alta, o *cropped ciganinha* branco que deixa um palmo de pele à mostra, a sandália de plataforma preta e suspiro, derrotada, quando concordo que não estou tão mal assim.

— Tudo bem, só preciso lavar meu rosto e a gente vai.

— Vou te esperar lá fora. — Ele abre a porta, porém antes de sair se vira e me direciona um sorriso de quem está aprontando. — Prepare-se, Liz Pérez, para uma experiência única.

Não sei se foi a sua intenção, mas um arrepio me atinge dos pés à cabeça com a expectativa do que estou prestes a experimentar.

TREZE

A multidão desaparece, minha visão está limitada
Estou entorpecida
E a única coisa que sinto é você
Seguimos lentamente em perfeita sintonia
Cara a cara
Me diga, você está sentindo isso também?

ALL NIGHT, STEVE AOKI (FEAT. LAUREN JAUREGUI)

Liz Perez

— Tem certeza de que você não vai me matar? — pergunto para Mike e ele tem a coragem de soltar uma gargalhada.

Sinceramente, nunca estive tão curiosa em toda minha vida. Estamos há quarenta minutos dentro de um táxi e meu amigo não abre a boca para me dizer o nosso destino. Para que, não é mesmo? Está se divertindo à minha custa, o idiota.

O que senti mais cedo, a tristeza, a crise de choro, deram lugar à excitação por não saber para onde estou sendo levada. Mike conseguiu fazer com que eu me distraísse e sou grata pelo seu cuidado comigo.

Tenho certeza de que esta é a primeira vez que passo por esta região ou teria me recordado. A área urbana já se foi há um tempo e agora estamos percorrendo uma parte com menos construções e mais mato.

— Já estamos chegando, engraçadinha.

— Se eu soubesse que era tão longe, não teria vindo.

— Vou me lembrar disso. Chegamos, *reclamona!*

Olho ao meu redor e avisto uma estrutura grande, assemelhando-se a um enorme celeiro. Um armazém, não sei. O mais interessante é que é a única construção por aqui. Seja o que for, a intenção é ser afastado de tudo.

Mike paga o táxi e já do lado de fora permaneço com minha atenção voltada para os carros que vão chegando — muitos carros, por sinal.

O que está acontecendo?

Meu amigo se aproxima e arqueio as sobrancelhas para ele, aguardando que, enfim, diga o que viemos fazer aqui ou em que tipo de lugar estamos.

— Você é muito curiosa, garota!

— *Porra!* Por que será? Você me diz para confiar em você, faz todo um mistério e me traz para o meio do nada. É óbvio que estou curiosa!

— Vamos lá. Fique ao meu lado, ok?

Assinto com a cabeça e molho meus lábios secos com a língua, resultado do nervosismo.

— Espera! Deixa *eu* passar um *gloss* rapidinho — peço.

— Tudo bem, *Señorita*.

— Pronto! — digo e voltamos a andar.

Há uma fila enorme, mas Mike passa reto.

— Nós não precisamos pegar a fila?

— Não.

— Agora realmente estou achando que você faz parte de uma máfia ou algo parecido.

— Para de me fazer rir, Liz. Você está muito engraçada se cagando de medo.

— Idiota! Estou me sentindo vendida aqui, sem saber de nada.

— É porque você está desesperada. Calma, vai descobrir tudo em alguns segundos.

Caminhamos até uma porta nos fundos e o loiro aperta uma campainha. Um homem alto e corpulento vestindo um terno sob medida abre a porta e, ao reconhecer meu amigo, abre passagem para que a gente entre.

— Definitivamente, estou com medo de você — sussurro para Mike e ele joga a cabeça para trás, rindo como se eu tivesse contado a piada mais engraçada de todos os tempos.

— E você é uma figura — retruca.

Passamos por um corredor e o barulho de gritos e vozes fica cada vez mais alto. Antes de abrir uma outra porta, no entanto, Mike vira para mim e avisa:

— A partir de agora, tudo o que você ver, não poderá sair daqui. Entendeu?

— Já entendi, garoto! Vamos logo, antes que eu enlouqueça.

Sem falar nada, ele abre a porta e fico paralisada.

— Bem-vinda ao Matadouro. — Ouço sua voz perto do meu ouvido ou não conseguiria escutar diante de tanta gritaria.

Matadouro? Que merda é essa?

Examino cada parte do espaço amplo e lotado. Desde as arquibancadas nos lados direito e esquerdo até o ringue no centro. Um ringue!

— O que é isso, Mike? — balbucio, sem conseguir parar de analisar os mínimos detalhes.

Ele não me responde. Em vez disso, pega minha mão e me arrasta até a primeira fileira de uma das arquibancadas. Preciso piscar algumas vezes para compreender que estou vendo Damon e Kellan sentados, alheios a qualquer movimentação.

a não ser o ringue.

Como se fosse um filme em câmera lenta, ambos viram seus rostos e me encontram. Suas sobrancelhas parecem que vão parar na testa de tanto que eles ficam surpresos.

— Hey — eu os cumprimento, fingindo que não fui igualmente surpreendida com a presença dos dois.

Eles olham para Mike, como se estivessem conversando telepaticamente, mas meu amigo finge que nem é com ele.

— *Señorita* — Damon Smith quase grita e se levanta para falar comigo. — Que surpresa!

— Nem me fale — respondo. — Se não fosse por Mike, nunca saberia deste lugar.

— Imagino — Kellan rebate, juntando-se a nós e encara o loiro com um semblante que não consigo decifrar. Não sei o que está acontecendo, mas consigo sentir o ar mais pesado. — Já que está aqui, senta com a gente. A atração principal vai começar agora.

Atração principal?

Meu amigo acena para mim, em um comunicado silencioso de que podemos ficar com eles e nos sentamos. Os assentos ficam de frente para o ringue. Com apenas alguns passos consigo encostar na rede de proteção.

— *E chegou a hora!* — um homem no meio do octógono grita no microfone, fazendo o barulho aumentar.

Muitas mulheres estão presentes e parecem ansiosas para o que vai acontecer, a julgar as frases que berram: “vem, gostoso!”, “pode me destruir!”.

Pode me destruir? O que isso significa? Jesus, estou completamente perdida!

Eu nunca assisti a uma luta e nem tenho ideia do porquê Mike me trouxe, mas confesso que a adrenalina corre em minhas veias de uma forma que nunca vivenciei antes. Pensei que nada poderia superar assistir a um jogo de futebol, porém, estou sentindo na pele que estava errada. Isso aqui é tensão pura.

Ver as pessoas ensandecidas e batendo palmas me deixa mais ansiosa. É diferente de um jogo em que basicamente já sei o que vai acontecer. Aqui, alguém pode acabar muito mal, com ossos quebrados ou coisa pior. É isso que está fazendo meu coração acelerar como um louco dentro do peito.

— *Hoje teremos uma disputa que muitos estavam esperando* — o locutor volta a falar e o barulho do público se torna ensurdecador. — *Como vocês sabem, não teríamos encontro esta noite, mas mexemos os pauzinhos e conseguimos fechar uma ótima rodada. Sempre digo para não ignorarem as mensagens que enviamos, para depois não haver arrependimentos e o que mais escutam por aqui: “oh, não fiquei sabendo”. Se não querem perder um encontro, fiquem atentos. E o principal: o que acontece no Matadouro...*

— *Fica no Matadouro* — o público responde, em um coro.

Nossa, o negócio é realmente muito organizado.

— As pessoas recebem mensagens sobre os dias de luta, é isso? — pergunto a Mike.

— Exato. Todos que se cadastram no site do Matadouro e assinam o termo de confidencialidade são avisados da hora das lutas, o que ocorre somente no dia do evento.

— E por que tanto mistério?

— Porque são lutas clandestinas, sem legalização.

— *Putá merda!*

— Está vendo aqueles caras ali? — Meu amigo aponta para um grupo de homens bem-vestidos.

— Sim.

— Eles são grandes apostadores e vêm a todos os encontros. Na verdade, qualquer pessoa pode apostar, só que é muito difícil alguém chegar ao nível deles. O dinheiro que rola aqui é muito alto, Liz, por isso o Matadouro é tão elitizado.

— Estou chocada. Nunca pensei que existisse um lugar assim.

— Tem muita coisa que rola por aí e a gente não sabe, gata.

O som de uma buzina interrompe a nossa conversa e todos os olhares se voltam para o ringue.

Uma morena de top branco e um short preto curtíssimo desfila pelo octógono com um cartaz escrito *It's time!* e reviro meus olhos quando alguns caras mexem com a mulher. *Bando de babacas!*

O apresentador volta para o centro do ringue e *Master of Puppets*, do Metallica, toca baixinho.

— *Direto de Boston, 30 anos de idade, três vezes campeão regional de MMA e estreante no Matadouro, com vocês, Mark Thorne, o Tratoooooooooooooor!*

A música aumenta e uma parte da torcida bate palmas, enquanto outra vaia.

Em um dos corredores, surge um cara enorme, pulando para lá e para cá, vestindo apenas um short preto colado nas pernas musculosas e as mãos estão cobertas por bandagens pretas.

O suor escorre na pele bronzada como se tivesse acabado de sair da academia. Quando sobe no ringue, tenho noção de como o tal do Trator tem cara de mau. O cenho franzido, a boca se contorcendo para baixo. Além disso, os músculos em seu peitoral e braços chamam bastante a atenção. Por baixo de toda a pose intimidadora, ele é muito bonito. Cabelos e olhos castanhos, lábios desenhados, rosto marcado, barba por fazer. Muito bonito, mesmo.

— Esse cara é uma delícia. — Custou a acreditar que foi Mike quem abriu a boca, porque nunca o vi ser tão direto em relação a outro homem. Quando vê minha expressão, indaga: — O quê? Não acha?

— Acho, só não estou acostumada com o Mike-Tarado.

— Oh, prazer, então.

Nós dois caímos na risada e ao me virar para o meu lado direito vejo que Damon e Kellan me encaram.

— O que foi?

— Gostou do *filho da puta*? — Damon pergunta para mim, com um risinho cínico.

— E o que isso te importa?

— A mim, nada! É que a mulherada sempre prefere o próximo cara.

— Ah, é? Pode deixar, vou ficar de olho também.

O sorriso do integrante da Tríade aumenta e em seguida me envia uma piscadela. *Só me faltava essa.*

O lutador continua pulando no octógono ao som da música, sem se importar com as vaias e aplausos ao redor. O locutor volta para o centro e o moreno se afasta para ficar em um canto previamente separado para ele.

— *Do outro lado...* — O homem mal anuncia e a multidão vai à loucura.

— Gente! — murmuro. — O próximo lutador deve ser o *fodão, né?*

— Tipo isso — Mike responde.

A música muda e a reconheço no mesmo instante. *Destroyer*, da Twisted Sister, uma banda das antigas. Sei disso porque adoro a batida dela. Pelo visto, cada lutador escolhe a trilha sonora para entrar na arena.

— *Vocês o conhecem muito bem, senhoras e senhores. Direto de New Haven, 23 anos de idade, o garoto de ouro do Matadouro, invicto em todas as lutas até o momento, o prodígio, o destruidor, inclusive de corações* — o homem acrescenta, abrindo um sorriso malicioso —, *vem aí... DESTROOOYEEEEEEEEER!*

Destroyer. Esse nome é bem sugestivo e agora entendo a música escolhida. Não há dúvidas de que o cara é o *fodão*. Ainda mais por ser invicto em *todas* as lutas até o momento. O apresentador disse que ele só tem 23 anos? De fato, um prodígio.

Se eu achava que o público estava ensandecido quando cheguei, é porque não tinha visto como estão neste momento. As batidas de *Destroyer* só complementam o espetáculo e quando chega o refrão todo mundo canta junto:

Destruidor, destruidor, destruidor

Ele está na cidade

Destruidor, destruidor, destruidor

Ele está na cidade

De repente, várias mulheres — desde a minha idade até as mais adultas — erguem cartazes com frases tipo: “vem me destruir, gostoso!”, “deixa eu aquecer sua cama, DESTROYER”, “quero te lambar todinho depois dessa luta”, “vem *destruir* meu corpo porque o meu coração já é seu!”.

— O que é isso, Mike? Nunca vi nada parecido na vida. Até eu quero saber quem é esse cara.

— Ele está vindo — Kellan sussurra e, só então, percebo que falei alto demais.

Olho para onde o moreno aponta e a gritaria generalizada me faz tapar os ouvidos. O homem apelidado por *Destroyer* vem trotando, usando um colete vermelho com capuz que, infelizmente, esconde seu rosto e as bandagens que cobrem suas mãos têm a mesma cor do colete. Neste momento, a multidão está em pé, à espera do grande protagonista da noite.

O refrão da música é entoado mais uma vez por um coro de vozes que me faz entender que isso já é um ritual. É simplesmente sensacional. Mike não estava errado quando disse que esta seria uma experiência única.

— Estou adorando isso aqui — confesso para o loiro, tomando cuidado para os dois intrometidos não ouvirem.

— Eu disse! Calma que a melhor parte está chegando.

— Melhor parte?

— Sim, continue olhando.

Dou de ombros, sem entender muito bem o que ele quis dizer, e volto meus olhos para a figura esguia que sobe no ringue. Como o Trator, *Destroyer* está com um short de lycra que deixa os músculos de suas coxas à mostra, além do volume no meio das pernas, que chama a atenção de qualquer pessoa. O cara é *muito* gostoso.

— Isso sim é delícia, Mike! — murmuro, para que apenas ele escute, sem conseguir desviar meus olhos do brutamontes, e meu amigo ri.

Ele ainda não tirou o capuz e o colete de zíper continua fechado, mas as tatuagens nos braços fortes se destacam. Minha mente alerta que já vi aqueles desenhos antes, mas não consigo identificar onde.

— *Tira tudoooooooo* — uma mulher grita atrás de mim e chego a me encolher com o susto.

Não entendo o que ela quer dizer, até ver o suposto objeto de desejo de todas as mulheres presentes abrir o zíper do seu colete e jogar o capuz para trás.

Não!

Não pode ser!

Tenho absoluta certeza de que estou boquiaberta.

Sem reação.

Chocada.

Impactada.

Não pode ser ele.

Sua expressão é completamente diferente. Os olhos azuis estão mais escuros e sua feição me causa medo, inquietação, agonia. Ele parece outra pessoa. Nada a ver com o capitão do time de futebol de Yale, muito menos com o líder da Kappa Alpha.

Aqui, ele é *Destroyer* e não o universitário com pinta de *bad boy*. É um homem frio em busca de violência, sangue, libertação.

Eu reconheço sua sede, sua raiva, sua determinação.

A imagem da noite em que brigamos reaparece em minha mente, em como suas mãos estavam avermelhadas. Agora sei o motivo.

Matt Stevens é o *Destroyer*. Um lutador clandestino. A mina de ouro do Matadouro. *Putá merda!*

Seus olhos estão focados em seu adversário e quando Kellan grita um “vamos, *porra!*” ele parece sair do seu transe e vira em nossa direção.

Não sei o que pensar quando suas íris azuis encontram as minhas castanhas. Por alguns segundos vejo um vinco em sua testa, mas ele logo se recompõe, continuando a trotar em cima do octógono com arrogância e imponência.

Uma campainha soa e ele só tem tempo de jogar o colete para um homem, que deve ser seu treinador, antes da luta começar.

Após o choque de descoberta, viro meu rosto para Mike e ele busca alguma reação minha, assim como Kellan e Damon do meu outro lado. É óbvio que todos eles sabiam. *Filhos da puta!*

A primeira coisa que consigo falar vem em um grito:

— *Caralho!* Eu não estou acreditando que vocês me fizeram de idiota!

Com o barulho da torcida, ninguém além de nós quatro consegue me ouvir. Smith e Jordan apenas riem — quer dizer, eles estão se *acabando* de rir —, enquanto meu *amigo-cínico-da-porra* tem a coragem de dizer:

— Surpresa!

— Você é ridículo! Como pode ter me escondido algo assim?

— Aproveite a experiência, gata. Quando estivermos enchendo a cara, te explico.

— É bom mesmo.

Todos resolvemos focar na luta à nossa frente e me perco admirando a estrela da noite.

Ele abre um sorriso preguiçoso para o Trator, como se promettesse que logo vai nocauteá-lo e seu oponente parece não gostar nem um pouco, reagindo com socos que não atingem seu objetivo.

Porra! Stevens fica sexy desse jeito. *Sexy pra caralho!*

Até então, não tinha noção de como seu corpo é feito para massacrar alguém até vê-lo no ringue. Suas coxas definidas, o abdômen que mais parece um tanque de lavar roupa — e do tipo que é perfeitamente *lambível* —, o peitoral e braços tão grandes e esculpidos que fazem mulheres e homens suspirarem.

Destroyer finta para um lado e Trator o segue, perdendo o equilíbrio. Uma vez que o rosto de Mark Thorne parece estar desprotegido, Stevens o acerta com uma direita bem dada, convulsionando o galpão em gritos.

O juiz os afasta e Matt trota de maneira convencida, irritando seu adversário. Os pelos dos meus braços se arrepiam e o centro das minhas pernas se comprime ao ver o loiro dominando o ringue.

Assistir ao seu torso suado, os músculos trabalhando sem parar, os disparos de socos e chutes no adversário, despertam um lado meu desconhecido até por mim. Um calor fora do normal me invade, minha respiração fica ofegante, a boca está seca. Estremeço e a imagem do *Destroyer* me pegando de jeito, na parede, de quatro, em qualquer lugar, não para de me atormentar.

Que merda é essa que estou pensando? Estamos falando do babaca do Matt Stevens! Preciso reforçar isso até que minha mente pare de pregar peças.

Ele está vidrado enquanto soca seu opositor, com uma expressão mortífera e furiosa, que chega a deformar seu belo rosto. Seus amigos não param de gritar, incentivando-o a continuar, xingando, levantando-se dos assentos, e até Mike está na onda.

Passados vinte minutos, assusto-me quando Trator cai duro no chão e a multidão faz a contagem para ver se o lutador vai reagir.

Um.

Dois.

Três.

Quatro.

Cinco.

Seis.

Ao chegar ao “dez” sem que Mark Thorne levante, sabemos que o menino de ouro do Matadouro é o grande vencedor. Sem esperar pelas palavras do apresentador, *Destroyer* sobe na grade de proteção, ficando de frente para mim e seus amigos, e ergue as mãos para o alto, o que faz a torcida vibrar.

Damon, Kellan e Mike vão até ele e o cumprimentam com tapas em seu rosto e gritos de: “é Destroyer, *porra!*”, “foi muito *foda!*”, “acabou com o *filho da puta!*”. Em resposta, Matt Stevens berra: “aqui é Destroyer, *caralho!*”.

O loiro ergue a cabeça e me encara, sem desviar sua atenção nem por um instante, e eu sustento seu olhar. O caos ao redor aumenta, ele desce para o ringue novamente, mas sua concentração continua em mim. E permanece assim, mesmo quando o locutor ergue sua mão e o declara oficialmente o vencedor da noite.

Não sei o que isso significa, essa intensidade que me consome, e de repente me sinto exposta demais. Perturbada, corto a estranha conexão e caminho em direção ao banheiro.

Chegando ao meu destino, ainda estou confusa e tento acalmar meu coração que bate acelerado. Uma explosão de adrenalina parece tomar conta do meu corpo, uma junção pela experiência inédita e a expectativa em lidar com Matt Stevens, vulgo *Destroyer*.

Pensando bem, esse apelido tem tudo a ver com ele e duvido que não tenha sido de propósito. Como o próprio apresentador falou, ele é um destruidor, *inclusive de corações*, mais um motivo para manter a distância.

Após fazer minhas necessidades, lavo as mãos, o rosto, aperto o rabo de cavalo no topo da minha cabeça e ajeito a mochila em minhas costas.

Assim que abro a porta nem consigo dar um passo à frente, pois meu corpo é jogado para dentro do banheiro novamente. Preciso piscar várias vezes para entender o que está acontecendo. Estou prensada na parede, a mochila escorrega pelos meus braços e suas mãos estão espalmadas na altura da minha cabeça, impedindo-me de sair.

— Você não deveria estar aqui — vocifera e seu hálito de menta chega ao meu nariz.

— O que você pensa que está fazendo? — pergunto, tomando ciência de que ele está sem camisa e o suor escorre

livremente pelo seu tórax tatuado.

Droga, isso não deveria me afetar tanto!

— Estou garantindo que você não vai me *foder*, amor.

— Não me chame assim, *Destroyer*. — Dou ênfase ao seu codinome e Matt abre um sorrisinho que não chega aos seus olhos. — E pode deixar que não vou espalhar o seu *segredinho* sujo.

— Você pode pensar que me conhece, mas não está nem perto de saber quem realmente sou. Não tente jogar comigo, porque você vai perder.

Meu sangue ferve.

— Quem disse que eu quero jogar com você, hein? Eu só vim porque Mike me convidou. Eu nem sabia que você era um dos lutadores, até te ver em cima do ringue.

— E gostou? — A mudança brusca de assunto me deixa atordoada.

Por conta da diferença de tamanho, ele é obrigado a se curvar e seu rosto está a centímetros do meu, prendendo-me com seus olhos hipnotizantes.

— Você só ganhou porque o cara era fraco — solto.

Ele joga a cabeça para trás e ri.

— Você mente tão mal, *amor*. Eu *vi* como você gostou.

Seu nariz se aproxima do meu pescoço e preciso me forçar a não fechar os olhos. Se ele soubesse dos pensamentos impuros que passavam em minha mente enquanto lutava, eu estaria ferrada. Será que deixei transparecer de alguma forma? Duvido. Ele está jogando verde, só pode.

— Qual o seu problema com banheiros? — esbravejo, resolvendo ignorar seu comentário.

Dou um passo para frente, a fim de escapar do seu domínio, mas o idiota não sai do lugar, o que me deixa quase colada ao seu peito.

— É uma coisa nossa, eu diria — diz, com sarcasmo.

— Se está com medo de que eu comente com alguém sobre este lugar, fique tranquilo que não sou fofqueira. Vou fingir que nunca estive aqui, muito menos que você é o aclamado *Destroyer*.

— Não estou com medo. Se você abrir a boca, Mike é que vai se *foder*.

— Mas ele só me trouxe porque...

Paro no meio da frase ao perceber que estava prestes a falar demais.

— Porque... — incita-me a continuar.

— Esquece! Olha, agora que tivemos essa conversa *esclarecedora*, você pode me dar licença? Lá fora tem um mundo de mulheres querendo sua atenção, coisa que você não vai conseguir comigo.

Stevens solta uma risada nasalada e tomo um susto quando coloca uma mecha de cabelo que se desprende do rabo de cavalo atrás da minha orelha.

— *Amor, amor...* — cantarola, erguendo os lábios em um sorrisinho ladino, e balançando a cabeça se afasta, olhando-me dos pés à cabeça. — Você está certa. É perigoso ficarmos sozinhos.

Em uma fração de segundos, Matt Stevens se vira, abre a porta e sai do banheiro, deixando-me completamente perdida e com seu cheiro impregnado em mim. Masculino, como ele. Delicioso, como ele.

Não estou gostando do que esse cara está me causando. Mais do que nunca, preciso beber e aliviar essa tensão toda que estou sentindo.

CATORZE

Você estava estendendo a mão para eu segurá-la

Certo

Mas eu não sou aquele cara

Não me diga que você pode mudar minha mente

Eu vou te contar tudo que você quer ouvir, baby

Tente dar a você enquanto estou aqui, baby.

DEVIL'S IN THE BACKSEAT, LOSTBOYCROW

Matt Stevens

Finalmente consigo sair do galpão. Após tomar um banho demorado, ainda precisei lidar com as mulheres que me aguardavam. É sempre assim. Como em Yale, a maioria das garotas que vem ao Matadouro quer a minha atenção, seja oferecendo uma noite quente ou querendo jogar charme para cima de mim. Contudo, hoje, em especial, declinei suas investidas, dizendo que já tinha um compromisso e precisava voltar para a cidade.

A luta foi *foda*, consegui liberar a raiva que estava sentindo, a frustração que me persegue neste dia específico do ano e agora preciso me desfazer da adrenalina que corre em excesso nas minhas veias.

Quero beber. E quero *foder*.

Meu pau endurece só de lembrar do cheiro viciante daquela morena, sem contar que estava uma delícia naquela calça justa e uma blusinha que mal cobria sua pele bronzeada. Estive tão perto de cometer uma loucura, que precisei de todo meu autocontrole para me afastar, e por estar com o short de luta tive que me esforçar sobremaneira para não ter uma ereção.

Não sei o que deu em mim para segui-la até o banheiro, mas enxerguei tudo vermelho quando a vi na primeira fila da arena. Este lugar não é para ela. Eu não estava preparado para que visse quem eu realmente sou e se der com a língua nos dentes, pode ferrar com a minha vida acadêmica.

Por ser um lugar afastado e abrigar um público elitizado é que aceitei o convite para lutar no Matadouro. Eu precisava exteriorizar a fúria que sinto constantemente e participar dos encontros foi uma saída. É claro que o dinheiro me atraiu bastante. A cada vitória, ganho muita grana e é com ela que mantenho meu padrão de vida dentro da Universidade.

Algumas pessoas de Yale sabem desse meu outro lado, mas nunca tiveram coragem, e nem culhão, para me desafiar. Já essa garota é uma incógnita para mim e seu jeito esquentado não me permite saber o que está pensando ou o que pretende fazer com o meu *segredinho sujo*, palavras dela, não minhas.

Primeiro fui tirar satisfação com Mike e o garoto me garantiu que Liz Pérez é de confiança. Ele deixou escapar que a amiga não estava em um bom dia e não quis deixá-la sozinha. Wilson é um bom garoto. Não esperaria menos dele, mas precisa tomar cuidado em quem confia. Uma vez já se deu muito mal por confiar em quem não devia e não estarei sempre disponível para livrá-lo de suas merdas.

— E aí? Vamos sair ou voltar para a fraternidade? — Jordan pergunta, entrando em sua caminhonete. Ele é o motorista da vez e o agradeço por isso, porque tenho certeza de que não estarei em condições de dirigir mais tarde.

— Vamos sair. — Dou a palavra final.

Damon sugere o bar de sempre e é para lá que vamos. O Sammy's parece uma boate, já que tem uma área onde as pessoas ficam dançando e às sextas-feiras costuma ficar bem cheio. O melhor é que quase ninguém da cidade vem para esses lados, então não preciso me preocupar em ser reconhecido.

Lá posso pegar uma gostosa qualquer que ela não vai saber quem eu sou ou o que faço da vida. Mais fácil para me livrar no dia seguinte.

Vinte minutos depois, chegamos e constato o esperado, o lugar está lotado. A pista de dança está apinhada de gente e, apesar da iluminação reduzida, uma pessoa chama a minha atenção de imediato.

Só pode ser sacanagem.

Abro um pequeno sorriso com a coincidência e Jordan pergunta:

— O que foi?

Aponto com o queixo e digo:

— Aquela garota não pode ver uma pista de dança.

— *Porra*, é a Liz!

— Essa mulher parece que tem o diabo no corpo quando está dançando — comenta Smith. — Se não fosse tão mandona, eu chegaria nela. É gostosa demais.

Giro a cabeça para o meu amigo e ele desvia o olhar da morena para me encarar.

— O que foi? — pergunta. — Estou errado?

Como só o observo, ele abre um sorriso.

— Já sei, quer para você, não é? *Porra*, Stevens, é só...

— Cala. A. *Porra*. Da. Boca! — pontuo, o rosto quase colado ao dele.

— Qual é cara? Pensei que a luta tivesse melhorado seu humor, *caralho*! — Jordan interfere.

— Vão se *foder*! — lanço e caminho até o balcão, sem esperar pelos dois.

Porra! Não consigo entender por que uma simples brincadeira me deixou tão *puto*. Estamos acostumados a zoar e falar abertamente sobre mulheres e o que queremos fazer na noite, mas a insinuação de Smith me deixou incomodado.

Eu não a quero para mim!

Odeio que coloquem palavras em minha boca.

Sem paciência, preferi me afastar para não fazer merda. Pelo visto, não estou 100% de boa, afinal de contas, este dia de merda não terminou.

Sento-me em um dos bancos altos do bar e peço seis doses de vodca para começar. Mais do que nunca preciso ficar no grau e decido *caçar* depois. Quando Joe — o *barman* que sempre me atende —, posiciona os seis copinhos à minha frente, viro um seguido do outro.

A ardência causada pelo álcool é muito bem-vinda e relaxo subitamente. Movimento as mãos, estalando dedo por dedo, com a lembrança vívida dos socos que desferi em meu adversário.

Em cada impacto eu via o rosto *dele*.

Foi com esta motivação que comecei a treinar, ainda adolescente.

Já se tornou um ritual.

Visualizo suas feições em todos os meus oponentes e por isso não me permito esquecê-lo. Os olhos pretos, constantemente avermelhados, as bochechas gordas e os cabelos castanhos. Como esquecer, afinal? *Ele* é o meu pior pesadelo, o homem que destruiu minha mãe e, por consequência, me destruiu também.

O *homem ruim* que me apavorava quando era criança. O *filho da puta* que nunca foi um pai de verdade.

Por sua causa, tive uma infância de merda. Recebia tantos socos e chutes que ficava dias sem conseguir andar. Amor? Não sei o que é isso, e quando pensei que soubesse, fui perversamente enganado.

E hoje eu precisava *vê-lo* novamente. Não digo pessoalmente, porque depois que fugi, nunca mais o encontrei. O covarde sumiu da face da Terra e me fez um favor no processo. Projetar seu rosto em outra pessoa alivia a pressão no meu peito e me ajuda a descarregar uma parte do ódio que se acumula dia após dia dentro de mim.

Às vezes me sinto como um reservatório, que em vez de armazenar água, acumula raiva, e quando sinto que vou transbordar, preciso de um escape, um desvio, antes que perca o controle. É isso o que a luta faz por mim.

Não sou um lutador profissional, nunca quis ser, mas com treino pesado e disciplina aprendi bastante. Foi assim que consegui minhas faixas pretas em Jiu-Jitsu e Judô. Para um garoto que tinha vivido em um inferno até os dez anos, essas atividades foram essenciais para aplacar a fúria que tentava me consumir diariamente.

Tudo o que me proponho a fazer, faço com determinação e foco, não foi à toa que consegui tudo o que tenho hoje, inclusive, minha admissão em Yale.

Ao pensar nisso, relembro de uma frase que *ela* me dizia constantemente, mesmo que eu não entendesse muito bem na

época: “Faça o seu melhor, meu filho. Sempre. Só os excelentes se destacam em um mundo repleto de bons.”. Quando tive a real compreensão do que a frase queria dizer, resolvi que seria a única que levaria daquela mulher para a minha vida. Além da semelhança física.

Porra, por que ela não lutou?

Por que preferiu se render àquele monstro a fugir comigo? Nós dois, juntos, teríamos conseguido ter uma vida boa.

Peço mais seis doses para Joe e prontamente sou atendido. Ele coloca os copos à minha frente e quando me preparo para entornar o primeiro, sou interrompido.

— O gostosão precisa de uma companhia? Garanto que tenho o que precisa.

Uma loira com peitos enormes para ao meu lado e apesar de ser muito gostosa, minha cabeça continua *fodida*. Não consumi álcool suficiente para aproveitar a noite como quero.

— Agora não. Me procure mais tarde.

Ela sorri maliciosamente e pisca para mim.

— Com certeza. Até logo, delícia.

Estou acostumado com o assédio escrachado desde cedo. Trabalho muito para manter o corpo que tenho e que as garotas vivem admirando. Não sou idiota para ignorar isso. Ser capitão do time de futebol e líder de uma fraternidade respeitada completam o pacote. E ainda tem as que só conhecem o *Destroyer*, o lutador invicto do Matadouro.

Volto a focar nos copos à minha frente e quando me preparo para entornar o primeiro deles, mais uma vez sou impedido.

— Noite difícil?

Uma voz que eu não esperava ouvir tão cedo me faz virar a cabeça. Esquadrinho seu rosto à procura do costumeiro deboche, mas não o encontro. Ela parece genuinamente curiosa.

O álcool das seis primeiras doses começa a cumprir com seu propósito e talvez por isso resolvo não mentir.

— Digamos que sim.

— Pensei que fosse comemorar a vitória do *Destroyer*.

Rio de sua forma de falar, como se *Destroyer* fosse um personagem, porém, mal sabe ela que, na verdade, o personagem aqui é Matt Stevens.

Ignorando seu comentário, enfim pego um dos copos e bebo a dose de vodca em um gole. Quem sabe, ficando em silêncio, ela se toque de que não estou para conversa.

Entretanto, novamente sou surpreendido quando Liz se senta no banco livre ao meu lado e puxa um dos copos para si, bebendo o conteúdo de uma única vez e para finalizar bate o vidro com força na madeira.

Essa garota é imprevisível.

— Alguém está com *sede* — comento.

— Você não tem ideia!

Ela está mais agitada do que o normal e noto, pelo modo como move o corpo no ritmo da música, que não está completamente sóbria.

— Dia difícil? — pergunto, assim que me lembro da conversa que tive com Wilson.

— Digamos que sim — responde, replicando minhas palavras.

— Cansou de dançar? — Demoro-me em analisar os detalhes do seu rosto sem maquiagem, a curva do seu pescoço, os cabelos presos que caem como uma cascata negra em seu ombro esquerdo.

Ela é linda. Sua beleza somada ao jeito naturalmente sexy é uma combinação arrebatadora. Só ela parece não enxergar.

Falei algumas merdas quando nos estranhamos, mas tenho visto que Liz Pérez é muito diferente das outras garotas que vivem correndo atrás de mim e fazem qualquer coisa por atenção. Esta morena, pelo contrário, chama a atenção sem fazer esforço, e isto me intriga *pra caralho*.

— Não. Vim pegar algo para beber e quando te vi todo aéreo quis te perturbar.

— Ah, é?

— Sim — admite, sem vergonha alguma e sou obrigado a rir de sua cara de pau. — Seus amiguinhos estão aproveitando também. Por que não está com eles?

— Não sabia que era tão curiosa.

— Você não tem noção. Mike que o diga.

Abro um sorriso e por instinto mordo meu lábio inferior, só não esperava encontrar seus olhos levemente pesados focados em minha boca.

— Não me olhe assim!

— Assim como? — Ela parece confusa, como se não tivesse feito de propósito, e solto um longo suspiro. Essa mulher ainda vai me deixar louco.

— Esquece.

— Eu, hein, você é maluco, sabia?

— E você está bêbada.

— Oh, me julgue!

— Não estou julgando, só afirmando.

— Não estou bêbada o suficiente.

— Humm... Quer ficar mais?

— Com certeza!

Observo seus dedos batendo na madeira do balcão, inquietos, suas pernas subindo e descendo do apoio.

— Está nervosa?

— Por que estaria?

— Talvez por estar aqui, comigo. Causo isso nas mulheres.

Ela joga a cabeça para trás e solta uma gargalhada. Consegui meu objetivo. A tensão que a envolvia parece se dissipar.

— Tão convencido, *Sr. Matt Destroyer Stevens*.

— Sempre, *amor*.

Sei o quanto ela odeia que a chame assim, mas não consigo evitar. O apelido surgiu com o intuito de deixá-la sem graça, mas depois que notei como ela fica irritada, decidi que seria uma ótima forma de implicar com a morena.

— Olha só — coloco dois copinhos à sua frente —, já que nós dois queremos ficar bêbados, vamos parar de jogar conversa fora. Você bebe esses dois que eu bebo estes aqui.

— Ei! Você tem que me garantir que não vai me sacanear!

— *Porra*, nós *queremos* ficar bêbados! O que tiver que acontecer, vai acontecer, *amor*. Ou está com medo?

— Por que estaria com medo? — Sempre na defensiva.

— Não sei, talvez você admita que me acha gostoso e isso não vai pegar bem para o seu orgulho.

— Nossa, cala a *porra* da boca! Vamos logo, eu quero voltar para a pista.

— Novidade... — murmuro e ela dá um tapa em meu braço.

— Para de ser chato!

Não a respondo e entorno as duas doses de vodca.

— Nossa! — ela exclama e os lábios carnudos ficam entreabertos em choque.

— O quê? Você pediu para eu calar a *porra* da minha boca, então só vou beber.

Sentindo-se desafiada, Liz bebe uma dose e depois outra. Uma gota teimosa escorre dos seus lábios e desliza pela sua garganta.

Porra! A vontade de percorrer o mesmo caminho com a língua é tão intensa que preciso focar em outra coisa.

Chamo Joe e peço mais seis doses de vodca, mas a morena me interrompe:

— Vodca, não. Traga seis doses de tequila, por favor!

O *barman* me olha, perguntando silenciosamente qual pedido deve trazer.

— Pode trazer o que ela pediu — digo e ele desaparece. Encarando Liz, questiono: — Tequila, hum?

— O quê? Não gosta? Muito forte para você?

Tenho que rir do seu desaforo.

— *Amor*, você definitivamente não me conhece.

Doze doses de tequila depois, seis para mim, seis para ela, estamos falando tanta merda que é impossível não rir.

Estou anestesiado. A mistura de vodca com tequila foi perfeita para o que eu queria: ficar no grau. E minha acompanhante não arregou em nenhum minuto. Pelo contrário, descobri que em Miami ela só bebia tequila, por isso é tão resistente à bebida. Ainda assim, é visível que está alterada.

Damon, Kellan e até Mike passaram por aqui, mas eu os mandei se *foder*. Wilson teve a coragem de pedir para que eu tomasse cuidado com sua amiga. A garota não deixou barato e disse que não era criança para ter uma babá. Por fim, os idiotas desistiram de nos perturbar.

Qual o problema de duas pessoas quererem encher a cara? *Okay* que não sou o cara mais confiável do mundo, mas pela primeira vez estou curtindo beber com uma garota. Uma garota que *sabe* beber.

— Vamos jogar! — Liz dispara.

— Jogar?

— Sim! Eu Nunca!

— Você não ia voltar para a pista há meia hora?

Ela ri, e para não se desequilibrar do banco, sua mão direita vai até minha coxa e a esquerda espalma meu peito.

Mesmo de calça jeans, é impossível ignorar o calor do seu toque.

— Ops! — diz, antes de começar a rir novamente.

Chamo Joe e peço duas garrafinhas de água.

— Para de estragar a festa, *porra*!

— Adoro essa boquinha suja, *amor*.

— Adora minha boca ou adora a minha boquinha suja?

Ela só pode estar me provocando de propósito.

— Vai me bater se eu disser a verdade? — Entro na dela.

Sem que eu espere, a gatinha arisca bate em meu braço.

— *Porra*, virei saco de pancada! Eu deveria ganhar uma massagem gostosa depois da luta e não uma sessão de tapas.

— Por que não pediu para uma daquelas mulheres que estavam quase tirando a roupa na arena?

— Porque nenhuma tinha um metro e meio, longos cabelos negros e uma boquinha suja.

— Ai, você é tão babaca!

Ao perceber que suas mãos continuam me tocando, Liz as afasta de imediato e se apoia no balcão.

As garrafinhas de água chegam e rapidamente pego uma e a bebo, como se a minha vida dependesse disso. Logo que termino, olho para o lado e Liz continua bebendo a dela. Algumas gotas escorrem de sua boca direto para o seu decote. Estou paralisado, acompanhando o trajeto, querendo ser a *porra* de uma gota só para aproveitar o calor dessa mulher.

Eu deveria me levantar, caçar aquela loira gostosa, mas estou aqui, bebendo com Liz Pérez, a garota que me odeia, como se fôssemos a *porra* de melhores amigos.

O que está acontecendo comigo, caralho?

— Vamos dançar! — ela grita.

— Você não queria *jogar*, minutos atrás?

— Mas agora quero dançar. Quero aproveitar que estou me sentindo a mulher mais corajosa deste lugar.

Ouvir isso mexe comigo. Ela não falaria esse tipo de coisa se soubesse o que está passando em minha mente.

— Vamos lá! — insiste.

— Pode ir. Prefiro ficar aqui.

— Não gosta de dançar, *Destroyer*? — provoca. — Oh, ele é muito másculo para dançar. Oh, mestre da masculinidade.

Estou cansado de me controlar. Cansado de ser desafiado. Cansado de ser o *amiguinho fake* de uma garota que eu gostaria de *foder* como se não houvesse amanhã!

Em um rompante, desço do banco e pego sua mão, arrastando-a pela multidão até a pista de dança. Tenho noção de que o meu tamanho intimida, por isso não encontro dificuldade de chegar até o meu destino.

— Pode começar a dançar — sussurro, perto o bastante para morder o lóbulo de sua orelha. E é o que faço.

Rapidamente ela se afasta, um pouco trôpega, e estreita os olhos em minha direção.

— Ridículo!

Liz se vira de costas para mim e começa a dançar. Os cabelos, antes presos em um rabo de cavalo, agora estão soltos e chegam um pouco abaixo da cintura. Tento não me concentrar em seu corpo definido, na bunda perfeita, nos cabelos compridos, mas falho miseravelmente. Mesmo com suas sandálias altas, ela fica na altura do meu peito e imagino como seria tê-la debaixo de mim, tão pequenina, gemendo meu nome, contorcendo-se de prazer.

Envio o pensamento para longe e me aproximo, tocando novamente em sua orelha com minha boca.

— Não me provoque, *amor*. — Enlaço meu braço em sua cintura nua e colo seu corpo no meu, sentindo-a estremecer. — Vai ser do *meu* jeito. É assim que eu gosto de dançar. Você aguenta?

Analiso seu perfil e vejo quando abre e fecha a boca sem ter o que falar.

— Apenas dance, Liz Pérez. Finja que não estou logo aqui, atrás de você, tocando seu corpo. Consegue? Onde está a garota que gosta de me provocar? *A mais corajosa deste lugar*?

— Filho da...

— Shhhhhh. Dance, *amor*! Você me chamou, eu estou aqui. Agora é a sua vez de cumprir com o acordado.

Como uma boa jogadora, a morena se rende e relaxa, voltando a dançar.

O torpor do álcool finalmente chega à minha mente e me deixa levar. Não há passado, não há tristeza, há apenas o agora e esta morena que adora me desafiar.

Meu braço direito continua em sua volta e com a mão livre coloco seus cabelos para o outro lado, deixando seu pescoço exposto.

Por instinto, levo meu nariz até sua pele e aspiro seu cheiro. Uma mistura de perfume cítrico e suor. Delicioso. Minha língua coça para experimentar seu gosto, mas me contenho. Se fosse uma mulher qualquer, já estaríamos na minha cama, mas essa garota...

— Eu vou me afastar e quero que dance *daquele* jeito que só você sabe.

Ela vira seu rosto e nossas bocas ficam a centímetros de se tocarem. Sinto sua respiração se fundindo com a minha e meu sangue ferve. Meu olhar é intenso em seus lábios e aperto sua cintura.

Com a voz fraca, diz:

— Você é insuportável. — Sua fala está mais arrastada, seus movimentos mais lentos e, ainda assim, insiste em não baixar a guarda. Uma gatinha arisca, sem sombra de dúvidas.

Abro um sorriso de lado.

— Posso dizer o mesmo de você, *amor*.

— Só vou fazer isso porque você pagou todas as bebidas. Considere como meu pagamento.

Com um impulso, Liz sai dos meus braços e, agora sim, começa a dançar de verdade. Sem tirar os olhos dos meus, ela rebola, passa as mãos em seu corpo e fico louco quando vejo seus mamilos duros despontando sobre a blusa curta e colada.

Caralho! Como pode ficar mais gostosa a cada segundo?

Molho meus lábios e meus dentes mordem o inferior com força, enquanto a observo intensamente. O jeito que ela mexe, que balança sua bunda, os cabelos. Nunca vi nada igual.

Recordo do comentário de Damon e não poderia concordar mais com ele. É como se a mulher estivesse possuída e tivesse o poder de seduzir quem quisesse.

Ao redor, observo alguns caras a encarando com pura luxúria e minhas mãos se fecham com uma vontade insana de quebrar a cara desses *filhos da puta*, porém, seus olhos castanhos estão focados em mim, e é isso que importa.

Fodam-se!

Concentro-me em cada passo, cada movimento e quando me dou conta estou a poucos centímetros de Liz. Ela não desvia sua atenção nem por um segundo, dançando ao som de *Dancing in the Dark*, de Marc Philippe.

Por alguns minutos, apenas nos encaramos. Um de frente para o outro. Estudando. Assimilando. Provocando.

Seus olhos descem para minha boca, meu torso, assim como tenho feito com ela. Liz pode negar, mas me quer tanto quanto eu a quero.

Minha mão tem vontade própria e envolve seu rosto. Meu polegar desliza pelos seus lábios desenhados e sinto meu pau endurecer quando, ao lubrificar o lábio, sua língua encosta em meu dedo.

Estou à flor da pele. Sedento. Faminto.

A necessidade de ter essa mulher me consome de um jeito que é quase doloroso resistir.

Trago-a ainda mais perto, ela não me impede, e minha mão livre alcança sua nuca até seus cabelos, agarrando-os de um jeito que a faz fechar os olhos. Tenho certeza de que ela está sentindo o volume da minha calça em sua barriga lisa, assim como sinto seu peito subir e descer cada vez mais rápido.

Intensifico o aperto em seus cabelos e guio seu rosto para mim.

Não falamos nada. Ela não me censura nem para de dançar, esfregando-se em meu corpo.

— O que você quer, *amor*? — pergunto, incitando-a.

Sem tirar meus olhos dos dela, mordo seu lábio inferior e mesmo com a música consigo ouvir um gemido. Passo minha língua em seu pescoço, como idealizei mais cedo, e é a minha vez de gemer em satisfação. Seu gosto é delicioso.

Quero agir como um selvagem, do jeito que meu corpo pede, mas também quero saboreá-la lentamente.

Suas mãos pequenas puxam meus cabelos, arranham meus ombros sobre a blusa, apertam meus bíceps. Ela também está me *saboreando* e isso me deixa louco.

O álcool está nos impulsionando, deixando-nos vulneráveis ao que queremos, por isso não me afasto. Pelo contrário, seguro seu corpo contra o meu com mais força, pouco me *fodendo* em quem está à nossa volta. Porque eu a quero *pra caralho*. Quero provar essa boca esperta. Quero que se perca em mim.

— O que você quer, Liz Pérez?

— Quero que você cale a boca — murmura, sem forças, rendida em meus braços.

— Vem calar!

Por alguns instantes, ela apenas me encara, os olhos brilhantes, os lábios carnudos entreabertos, e tomo a iniciativa ao deslizar minha língua por seu lábio superior, depois o inferior, repetindo o processo mais duas vezes, sem encostar minha boca na dela. A gostosa se comprime contra mim, ofegando audivelmente.

— Não quer me calar? Não é o que o seu corpo está dizendo.

— Você... Você é um babaca!

— Concordo, mas pelo menos admito o que quero.

Respirando fundo, pergunta em um fiapo de voz:

— E o que você quer?

O som rola solto, mas é como se estivéssemos na *porra* de uma bolha.

— *Amor*, você não está preparada para saber tudo o que quero fazer com você, mas para começar, quero chupar essa língua arisca, que adora me provocar, e beijar essa boca como se estivesse devorando seu ponto mais quente, lentamente, sentindo seu gosto, sugando, e que deve estar molhadinho neste exato momento. O que eu não daria para conferir...

Assim que termino de sussurrar cada palavra em seu ouvido, suas costas arqueiam, empurrando os seios que estou louco para abocanhar em meu peito duro. Curvo-me o suficiente para encaixar sua entrada em meu pau e quando a seguro pela bunda avantajada, a morena se esfrega em mim com vontade. *Porra*, estou perdendo o controle!

Algo dentro dela se rompe, porque em segundos suas mãos seguram meu rosto e seu peito sobe e desce, arfante.

— Comece, então — pede.

Então, sem cerimônia, eu começo.

Com uma mão continuo a segurando pela bunda, com a outra agarro sua nuca, seguindo para seus cabelos e aproximo seu rosto do meu, lambendo seu queixo, o maxilar, pescoço, até voltar para sua boca novamente, lambendo, sugando seus lábios, mordendo.

Sua língua encontra a minha, como se não aguentasse mais esperar, e as duas encontram um ritmo tão insano que tenho vontade de urrar como um bárbaro. Como prometido, eu a sugo, intensifico o aperto em seus cabelos, ela geme e quando faz o mesmo comigo, sugando minha língua com avidez, meu desejo é que estivéssemos na minha cama para *foder* sua boca gostosa.

Forço minha pélvis para encontrar com a dela mais uma vez e ambos gememos, sem desgrudar nossas bocas. Levo as mãos até sua bunda gostosa, aperto-a com força e a morena agarra meus cabelos, puxando-os de uma maneira que me faz querer sair daqui o mais rápido possível.

Mas, então, Liz sai do meu aperto e dá alguns passos para trás. Nós dois estamos ofegantes e ao recuperar o fôlego, diz:

— Acho melhor pararmos.

Ela olha à nossa volta, como se estivesse desorientada e só agora percebesse que estamos em um bar lotado de pessoas.

— Isso foi um erro — declara e vejo confusão em seu olhar.

Liz sai da pista de dança a passos largos, desviando-se dos corpos que se amontoam e dançam, e segue em direção aos banheiros.

Que porra foi essa?

Sem pensar no que estou fazendo, eu a sigo e quando a morena está prestes a fechar a porta do banheiro feminino, entro no pequeno cômodo e tranco-me com ela.

— O que você está fazendo, Matt? — pergunta, apoiando as mãos na louça da pia.

— O que *eu* estou fazendo? Não é essa a pergunta certa, e, sim, o que *você* está fazendo? *Porra*, em um segundo estamos nos beijando como loucos, no outro você corre e foge de mim, como se eu tivesse uma doença.

Ela fica muda e eu estou furioso.

Ser rejeitado dessa forma por uma garota? Isso nunca aconteceu comigo. O mais bizarro é que ela estava tão entregue quanto eu e, de repente, a *porra* toda desandou.

— Não era *pra* gente ter chegado àquele ponto. Eu bebi demais...

— Oh, vai me dizer que só me beijou porque está bêbada? O seu corpo *todo* estava implorando pelo meu toque e vem me dar essa desculpa?

Sua feição se transforma e ela se aproxima com autoridade, mesmo sendo vários centímetros mais baixa do que eu.

— Qual é o seu problema? Que eu saiba, ainda posso mudar de ideia, *porra*! Vai dar uma de macho alfa *pra* cima de mim? Eu não sou como essas garotas que você está acostumado, *Destroyer*.

Não consigo resistir e começo a rir. Não acredito que por um minuto pensei que essa garota havia baixado a guarda. Ela me provocou, seduziu e enganou. De repente, estou sóbrio demais e isso me deixa *puto*.

— Não, você não é como nenhuma delas, e quer saber? *Foda-se!* Este dia para mim já é uma merda, não preciso acrescentar mais um motivo para ser pior.

Aproximando-me do seu rosto, respiro profundamente, a raiva querendo me dominar, e finalizo:

— O que aconteceu esta noite não vai se repetir, *amor*.

— Nem espero que aconteça, *Destroyer*. Foi um erro. Eu não sou o que você procura.

Solto um riso nasalado e desço minha boca até encostar de leve em seu ouvido:

— Não tenha a audácia de pensar que sabe o que estou procurando, Liz Pérez, mas tenha certeza de que sou o que muitas procuram. Agora, se me der licença, vou recuperar o tempo perdido.

Saio do banheiro e sei que preciso de uma bebida para tirar o gosto dessa mulher, o desejo avassalador que me fez sentir, os pensamentos que estão *fodendo* com a minha cabeça, e, principalmente, preciso encontrar a loira que chegou em mim mais cedo.

Enquanto percorro o caminho até o bar, ainda sinto aquelas mãos pequenas me envolvendo, a forma como estava se esfregando em meu pau, sem pudor, sem controle, o jeito que dançou para mim...

Foda-se aquela garota!

QUINZE

Por que todas as boas meninas gostam dos meninos maus?

(...)

Diga-me, por que o lado escuro simplesmente captura meus olhos?

Eu sei que você é um vilão, mas não consigo parar esse sentimento.

GOOD GIRLS LIKE BAD BOYS, JADYN MARIA E FLO RIDA

Liz Perez

Tento abrir os olhos, mas não consigo.

Remexo-me na cama e uma dor quase sobrenatural atinge minha cabeça.

Jesus! Eu nunca mais vou beber.

Juro!

Alívio me invade quando lembro que hoje é sábado e não trabalho ou estaria muito ferrada.

— Pensei que estivesse morta. — A voz de Dani ressoa no quarto e solto um gemido. — Tome!

Abro uma fresta no cobertor que me cobre por inteiro e, com um olho meio aberto, vejo que ela me estende um comprimido e um copo de suco de laranja.

— Vamos, Liz! Já é uma hora da tarde e quero saber o que aconteceu ontem, para você ter largado sua amiga e bebido tanto.

— Como cheguei ao dormitório?

— Você não lembra?

— Não.

— Meu Deus, então foi pior do que pensei. Mike te trouxe até aqui, carregada.

— Sério?

— Sério! Ele também estava alterado, mas não tanto como você.

— Que merda!

Faço um esforço sobrenatural para me sentar e minha cabeça quase pende para o lado com o peso que estou sentindo.

— *Put*a merda! — xingo.

— Imagino a sua ressaca. A *Señorita* abusou demais e quero saber o motivo disso. Logo que recebi sua mensagem, te enviei outra, só que você não me respondeu. Fiquei preocupada, mas depois imaginei que só queria se divertir um pouco com Mike.

Enfim, consigo me sentar e encosto minhas costas na cabeceira, com os olhos fechados.

— Não vai tomar o suco? — pergunta, sentando-se ao meu lado.

— Calma — respondo, inspirando e expirando devagar.

Flashes e mais flashes da noite de ontem me atingem em cheio, fazendo a dor piorar. Que merda! Só de me lembrar de tudo o que aconteceu, e o que fiz, sinto um enjoo repentino.

Corro até o banheiro, abrindo a porta do meu quarto, e dou graças a Deus que não tem ninguém. Ajoelho-me em frente ao vaso e vomito de uma vez. Logo sinto duas mãos envolverem meus cabelos, prendendo-os no alto da minha cabeça.

— Ai, Dani! Eu fiz merda. E das grandes — reclamo, enquanto continuo despejando líquido e mais líquido.

— Ah, droga! Estou louca para saber o que aconteceu.

Após vomitar o que tinha e o que não tinha, procuro apoio na parede gelada atrás de mim e trago minhas pernas até o peito. Daniela dá descarga e se senta ao meu lado.

— Quando estava saindo do turno extra da cafeteria, minha mãe me ligou. Ela estava bêbada e falou tanta coisa *pra* mim, que eu fiquei muito mal...

— Por que você não me chamou, Liz? — A brasileira coloca uma mão em forma de concha em meu rosto e sinto seu carinho.

— Porque não queria jogar meus problemas no seu colo. Já basta Mike ter visto o meu estado, como fiquei transtornada, não queria te preocupar com isso também. Aí, disse a ele que eu queria encher a cara.

— Eu estou aqui para você, Liz. Pare com isso de não querer me preocupar. Te contei a pior coisa que aconteceu na minha vida, porque confio em você. Só peço que confie em mim também.

— Eu vou contar, Dani. Quando estiver melhor e menos machucada, vou contar toda a minha história. Eu confio em você, só não consigo trazer tudo à tona neste momento.

— Eu compreendo, amiga. Fique tranquila.

Além do teor da conversa com Carmen, deixo de fora a parte do Matadouro, pois não quero ferrar com meu amigo. Não é um segredo meu, então não posso compartilhar, por mais que esteja louca de vontade de falar o que vi e senti naquele lugar. Aposto que ela ficaria doida para ir.

Por falar nisso, descobri que Mike é o agenciador das lutas de Matt Stevens. Se antes eu não entendia a ligação que um mantinha com o outro, agora entendo, mas sinto que não é só isso. Meu amigo ainda esconde alguma coisa.

Olho para Dani e começo a falar sobre minha ida ao Sammy's:

— Mike me levou a um bar que fica um pouco distante da cidade e é bem bacana, tanto que comentei com ele que quero te levar lá qualquer dia. Chama-se Sammy's e tem uma pista de dança, um monte de gente que não é da Universidade, eu só não esperava encontrar com a Triade lá.

— Mentira!

— Sério!

— E aí?

Deixo de enrolar e compartilho com Dani o que aconteceu no bar. Desde o momento em que cheguei e comecei a beber com Mike, quando saí da pista de dança para pegar mais um drinque e encontrei com Matt Stevens, bebendo sozinho com um semblante triste e perdido, até a parte em que nos atracamos na pista e, por fim, saí correndo e ele me seguiu.

Minha amiga está boquiaberta.

— Eu sei, eu sei! Fiz uma merda das grandes. Você me avisou, mas não conse...

— Liz, eu não vou te julgar. Ele é extremamente gostoso e vocês tiveram uma identificação, estavam bêbados, nem sempre a gente consegue controlar as situações.

— Nós estávamos bêbados, sim, Dani, mas o que fiz não foi por causa do álcool. Eu o queria de verdade e, por pouco, não fui longe demais. Eu só ouvia a sua voz falando sobre aquela garota que quase se matou por causa dele e não pude continuar.

Ela me analisa, balançando a cabeça em concordância.

— Imagino o seu conflito, Liz. É uma droga, mas dá para entender. Eu também sentiria o mesmo, porque *pintam* o cara de um jeito que me dá medo.

— Exatamente.

— E depois que ele te deixou no banheiro, o que aconteceu?

— Fui procurar o Mike, mas ele estava conversando com um garoto e não quis atrapalhar. Por isso, resolvi voltar para o bar. No caminho, encontrei com Stevens e uma loira se beijando.

— *Putá que pariu!*

— Eu já esperava que ele fizesse algo do tipo. Ele ficou *puto* por eu ter fugido.

— E o que você sentiu quando viu a cena?

Penso em sua pergunta, em como me senti ao ver sua boca, a mesma que me beijou de um jeito que nunca fui beijada

antes, em outra mulher. Suas mãos, as mesmas que tocaram meu corpo, tocando o de outra mulher.

— *Me* senti estranha. Eu não queria ficar daquele jeito, só que foi mais forte do que eu. Fiquei chocada com a rapidez com que ele encontrou outra pessoa.

— Amiga, você deu um fora no *Todo-Poderoso-Matt-Stevens*! É óbvio que o cara iria partir para cima de outra mulher. Mas foque no principal: *você* deu o fora no babaca!

Rio de sua expressão perversa, como uma perfeita bruxa de contos de fadas.

— Sim, eu sei, mas é que... Eu nunca fui beijada daquele jeito, Dani. Não sei nem se um dia vou me esquecer da sensação, do que eu *quis* fazer e do que permiti que ele fizesse comigo...

— Só não vai esquecer se não quiser.

— Lá vem você.

— Estou falando sério. Primeiro, você vai aceitar o convite da Carla. Tenho certeza de que vai chover homem gostoso no seu gramado. Segundo, pense em dar uma chance a Ben. As meninas têm falado muito bem dele, que não é um *filho da puta* como o capitão do time de futebol e é atencioso com as garotas que sai. É disso que você precisa.

— Sei lá, Dani. Vou deixar que as coisas aconteçam naturalmente.

— Você está certa. Não se prive, mas também não precisa correr atrás. O que tiver de ser...

— Será! — completo.

— Agora vá beber o suco que preparei com todo amor e carinho e não se esqueça do Advil. Vai te ajudar com a dor.

— Muito obrigada, amiga.

— Este final de semana temos um encontro marcado com a *Netflix*.

— Pensei que fosse sair hoje.

— *Nah!* Vou ficar com minha amiga. A faculdade está puxada, seu trabalho também, estou com saudade de ter um tempo só nosso.

— Ah! — Eu a abraço. — Obrigada por ser tão maravilhosa e não me julgar.

— Amiga de verdade não julga, *hermanita*.

Nós duas nos levantamos e voltamos para o quarto. Bebo o suco e o remédio no automático, aos poucos assentando tudo o que vivi nas últimas horas. A briga com minha mãe, a luta clandestina onde descobri que Matt Stevens é conhecido como *Destroyer*, o clima totalmente inesperado que rolou entre mim e o líder da Kappa.

Até agora não consigo acreditar que fui tão longe. Eu o provoquei, tenho noção disso. Fui eu que cheguei e me sentei ao seu lado, bebi da sua bebida, mas em nenhum momento tive a intenção de o sacanear. Eu queria conversar com ele, tentar compreender o motivo de estar tão para baixo, mesmo após uma vitória incrível no Matadouro, e com o passar do tempo a coisa foi evoluindo até começar a sentir algo diferente. E isso me assustou.

Eu percebia seus olhares demorados, como seus dentes mordiam os lábios quando eu o tocava despretensiosamente, e isso foi me aquecendo cada vez mais. Para *piorar*, Matt estava lindo de morrer vestido com uma blusa preta de mangas e gola cavada que abraçava perfeitamente seus músculos e uma calça da mesma cor. Os olhos azul-piscina brilhavam toda vez que sorria — e eu me derretia quando mostrava seus dentes perfeitos —, as tatuagens pretas e bem-desenhadas chamavam tanta atenção que, por vezes, me peguei tentando decifrá-las e os cabelos platinados estavam despenteados de um jeito *fodedor*. Só de lembrar sinto uma quentura no meio das pernas.

Eu não o enganei.

Foi tudo real.

O que senti.

O que eu quis.

Só não consegui levar adiante.

O aviso da minha amiga me perseguia, lembrando-me do que aconteceu com a garota que tentou se suicidar por causa de Matt, a voz da Carla e até imagens da Nick vieram me atormentar.

Jesus! Não consigo acreditar que tive coragem de dançar daquele jeito com ele. Não foi uma dança, foi quase um show sensual. Ele apertando minha bunda, eu agarrando seus cabelos, ouvi-lo falando o que gostaria de fazer comigo, o modo como me esfreguei sobre sua calça, os lábios macios percorrendo meu pescoço, envolvendo minha boca como se estivesse faminto por mim...

— Terra chamando Liz.

— Oi?!

Procuro a Dani e a encontro sentada em seu colchão, enquanto estou parada no meio do quarto.

— Vai ficar parada aí, sonhando acordada?

Reviro meus olhos e me deito na cama, sentindo a fraqueza da ressaca me abater.

— Eu não estava sonhando acordada. É que aos poucos as lembranças vão chegando com mais nitidez. Depois que o vi com a loira, voltei a beber como uma louca e não me lembro mais de nada. Inclusive, preciso ligar para Mike.

— Ah, esqueci de te avisar que quando você estava dormindo, ele ligou e pediu que quando acordasse desse sinal de vida.

— Vou fazer isso agora. Obrigada, Dani. Você viu minha mochila?

— Está ali na cadeira. Se não fosse por ele, teria ficado no guarda-volume do bar.

— Que vexame!

Saio da cama com cuidado, pois estou tonta, e pego a mochila. Logo no bolso da frente encontro meu celular, porém, sem bateria.

Conecto o aparelho ao carregador que fica ao lado da cama e espero até que ligue. Quando o telefone acende, diversas mensagens chegam ao mesmo tempo.

Uma de Ben.

Duas de Mike.

E, como esperava, diversas de Carmen, além de muitas ligações.

Ignoro as dela e corro meus olhos pelas de Mike.

Quando acordar, trate
de me ligar,
safadinha!
– 08:00am

Ainda não
acordou?!!!!!
– 12:00pm

Sorrio sozinha e vejo a de Ben, enviada nessa madrugada.

Hey, gatinha! Como
você está? Topa
conversar na
segunda?
– 01:00am

Leio e releio a mensagem algumas vezes, tentando identificar algum sinal de segundas intenções e, por fim, resolvo responder:

Tudo bem. Que tal
após a aula de
Literatura?
— 01:30pm

Já sei o que vou encontrar nas mensagens de Carmen, mas só para confirmar, decido olhar por alto.

Liz, por favor, me
perdoe!
— 02:00am

Liz, me
atende!
— 02:05am

Não faça isso comigo!
Já estou me punindo,
não preciso que me
puna também.
— 02:30am

Desisto de ver o resto, porque não está me fazendo bem. O que menos quero agora é recordar de suas palavras horríveis e de como me senti mal.

Procuro o número de Mike na agenda e ligo para meu amigo. No primeiro toque, ele atende.

— *Até que enfim, caralho!*

— Nossa! Bom dia para você também.

— *Que bom dia o quê, garota! É quase noite.*

— Como é exagerado.

— *A única pessoa exagerada aqui é você, que achou que poderia beber duas garrafas de tequila sozinha.*

— Vamos lá, jogue tudo na minha cara.

— *Eu não vou fazer isso. Fiquei realmente preocupado com você, Liz.*

— Me desculpe, Mike. Eu...

— *Não precisa me pedir desculpa. Você merece se divertir, mas não pensei que fosse me chocar tanto. Que porra foi aquela com o Matt? Só me explica isso, que eu paro de encher seu saco.*

— Ai, Mike. A gente bebeu *pra* cacete e quando fomos dançar juntos, rolou.

— *Rolou? Minha querida, vocês dois abalaram aquele bar. Damon e Kellan apostaram comigo que você e Matt se pegariam e, eu, inocente, apostei que não, afinal, vocês se odeiam. Quem perdeu quarenta dólares? Eu!*

— Mike, eu juro que não foi premeditado. Não sei o que...

— *Eu tenho certeza de que não foi premeditado, mas, mulher! Aqueles beijos, aquele amasso... Puta merda! Até eu que não gosto do que você tem entre as pernas, fiquei excitado em te ver dançando daquele jeito.*

— Ai, garoto! Para de falar merda. — O idiota solta uma gargalhada e, mesmo que não me veja, meu rosto esquenta tamanho meu constrangimento.

— *Falando sério, não entendi o que aconteceu depois. Foi o tempo de conhecer uma pessoa e ver que Matt já estava com outra garota aos beijos e você, bebendo todas no bar.*

— Pois é, eu não consegui continuar. Dei um fora no Matt e ele ficou *puto*.

— *Você deu um fora no Stevens?*

— Sim. Em um clique de sobriedade eu o afastei e disse que não sou como as garotas que ele está acostumado a sair. Na verdade, entrei em pânico por ter beijado um cara que tanta gente me avisou que é perigoso e que eu senti na pele como é babaca.

Olho para minha amiga e ela está estudando com seus fones de ouvidos, alheia à minha conversa.

— *Caralho! Não estou acreditando que você deu um chute no Destroyer. Você tem ideia de quantas mulheres correm atrás dele? Quantas garotas inventam um monte de merda só para não terem competição? O que você achou, Liz? Sem a intervenção de terceiros, me diga, o que você achou do cara? Porque o que eu vi naquele bar e naquela pista de dança foi algo inédito. Stevens nunca conversa com uma garota por muito tempo, muito menos vai dançar do jeito que dançou com você. O mais bizarro é que não me lembro de ter visto o cara sorrindo tanto como estava sorrindo com você. Então, sério, me fala, o que você achou dele?*

É claro que Mike me daria um sacode. Ele é um garoto justo, que tem me ensinado muito sobre não julgar, mas eu segui meu coração. Segui o aperto que estava sentindo no peito. Se isso foi interferência do que me disseram, eu não sei, contudo o que sei é que Matt não é o bonzinho da história. *Okay* que não encontrei o cara *frio, arrogante e inacessível* que Carla descreveu, mas continua sendo o famoso *bad boy*, garanhão e que sabe seduzir como ninguém.

— Mike, se eu não soubesse que ele é Matt Stevens, o teria achado um cara incrível. Ele me fez rir, fiquei à vontade em sua presença, me senti muito bem, porém, ele é Matt Stevens e não pude ignorar tudo o que ouvi. Sei que não devo julgá-lo, mas não foi apenas uma pessoa, mas várias me falaram sobre sua índole. Inclusive, a briga que tivemos quando invadi o quarto

dele, sem querer, me mostrou como pode ser ruim. Por tudo isso, resolvi cair fora antes que fosse tarde demais. Stevens pode ser um *filho da puta* depois que consegue o que quer, só não esperei que fizesse isso comigo ou que me machucasse de alguma forma.

— *Então, resumindo, você gostou?*

— Gostei. O cara é experiente, gostoso *pra caralho* e sabe como pegar uma mulher. Já eu, sou uma zero à esquerda no quesito relacionamento. Só estive com um garoto em toda minha vida, Mike, e pela inexperiência dele posso até ser considerada uma virgem, não que isso seja possível.

— *Você só dormiu com um garoto até hoje?*

— Sim. Eu te falei que não tinha tempo para essas coisas. Minha vida sempre foi estudar, trabalhar e cuidar da casa. Com Juan só aconteceu porque ele era legal, bonito e cuidadoso comigo. Acredito que foi mais por carência minha do que qualquer outra coisa. Minha mãe não ficava em casa, ele ia me fazer companhia e acabou acontecendo uma vez, há seis meses, mas isso é assunto para outra hora.

— *Estou chocado, porque eu tinha certeza de que você era mais experiente. Sei lá, quando você dança aparenta ser uma mulher que sabe o que quer, que seduz com um propósito, mas ouvindo você falar que só esteve com um garoto, concluo que é uma coisa natural sua.*

— É isso. Viu só? Sem querer você me julgou.

— *Com certeza e te peço desculpas por isso. Você sabe como detesto essas coisas.*

— Eu sei, só estou apontando que julgar é do ser humano. Nós somos condicionados a *enxergar* apenas o que estamos vendo e não procuramos saber a *verdade* sobre aquilo.

— *Você tem total razão. Mas me diga, você está bem? Eu fiquei muito preocupado. Por sorte, Jordan nos deu carona, porque nenhum táxi se arriscaria a te levar bêbada daquele jeito.*

— Que droga! Eu não vomitei no carro do Kellan, certo?

— *Não. Você apagou.*

— Menos mal.

— *Liz, preciso desligar, mas olha, continue seguindo seus instintos. Não se baseie no que os outros dizem ou espalham, mas procure saber das coisas por você. Tenho certeza de que vai se assustar com a quantidade de mentiras que o povo consegue espalhar para prejudicar alguém.*

— Obrigada, Mike, por se preocupar comigo e pelas palavras muito bem-vindas. Te adoro, garoto.

— *Eu também te adoro, Señorita. Nos vemos na segunda-feira.*

— Até segunda! Ah, Mike, só mais uma coisa.

— *O quê?*

Penso por alguns segundos se pergunto ou não, mas resolvo jogar a dúvida para fora:

— *Ele foi embora com a loira?*

Meu amigo fica em silêncio e já sei a resposta, antes que ele diga:

— *Sim.* — É claro que sim.

— Ótimo! Até segunda.

Desligo o celular sem dar chance para Mike retrucar ou me zoar e assimilo tudo o que ouvi. Chego à conclusão de que fiz o melhor, única e exclusivamente para *me* proteger.

Foi tudo muito intenso com Matt Stevens. Em um minuto eu o odiava, no outro o desejava como nunca desejei um homem. Eu não soube lidar com esse sentimento louco, e novo, que se apossou de mim. Como disse para meu amigo, não tenho a menor experiência com esse tipo de situação, por isso a probabilidade de sair machucada é alta demais.

Meus dedos encontram minha boca, trazendo à memória aqueles lábios quentes e molhados em minha pele, acendendo meu corpo, espalhando faíscas. Aquele ponto certo que ele insistia em esfregar com sua rigidez e que me deixou fora de mim. Os braços enormes me envolvendo, apertando. Perto dele eu me senti uma garotinha, menor do que realmente sou, tamanha a imponência do seu corpo arrebatador. Ao mesmo tempo me senti poderosa por arrancar seus gemidos e sentir a fome com que me devorava. Matt Stevens não é apenas um destruidor no ringue e de corações, mas de calcinhas também, e falo por experiência própria.

Além do prazer que senti, recordo de sua expressão furiosa quando fugi do seu contato e entrei no banheiro feminino. Cada detalhe vem com uma clareza arrasadora à minha mente e sinto dificuldade em respirar.

— *O que você está fazendo, Matt?*

— *O que eu estou fazendo? Não é essa a pergunta certa, e, sim, o que você está fazendo? Porra, em um segundo estamos nos beijando como loucos, no outro você corre e foge de mim, como se eu tivesse uma doença.*

— *Não era pra gente ter chegado àquele ponto. Eu bebi demais...*

— *Oh, vai me dizer que só me beijou porque está bêbada? O seu corpo todo estava implorando pelo meu toque e vem me dar essa desculpa?*

— *Qual é o seu problema? Que eu saiba, ainda posso mudar de ideia, porra! Vai dar uma de macho alfa pra cima de*

mim? Eu não sou como essas garotas que você está acostumado, Destroyer.

Ele deu aquela risadinha sarcástica e voltou a ser o cara que conheci. O babaca que encontrei quando invadi seu quarto na fraternidade.

— Não, você não é como nenhuma delas, e quer saber? Foda-se! Este dia para mim já é uma merda, não preciso acrescentar mais um motivo para ser pior.

A minha intenção ao encontrá-lo no bar era de saber se estava tudo bem, perguntar por que parecia tão triste, mas quando me sentei ao seu lado e começamos a beber juntos, o rumo da conversa mudou e imaginei que ele estivesse precisando de uma companhia, assim como eu estava buscando uma para esquecer a fatídica ligação de Carmen. Acabou que não descobri o motivo do seu dia ter sido uma merda e só piorei a situação.

O golpe final veio quando nos despedimos, ainda no banheiro.

— O que aconteceu esta noite não vai se repetir, amor.

De uma forma estranha, me acostumei ao apelido e só de lembrar de sua voz grave me chamando de “amor” sinto arrepios percorrerem minha espinha até os pés. Só posso estar louca.

Em um acesso de fúria, retruquei, o orgulho subindo à cabeça:

— Nem espero que aconteça, Destroyer. Foi um erro. Eu não sou o que você procura.

— Não tenha a audácia de pensar que sabe o que estou procurando, Liz Pérez, mas tenha certeza de que sou o que muitas procuram. Agora, se me der licença, vou recuperar o tempo perdido.

De fato, Matt Stevens recuperou todo o tempo perdido. Para um cara como ele, o mais gato e gostoso da noite, é fácil. Se uma mulher o nega, procura outra. Por que seria diferente comigo?

Neste instante percebo que não consigo parar de pensar nesse idiota.

Neste instante percebo que, talvez, eu tenha chegado perto demais do fogo e uma parte minha foi seriamente afetada pela sua chama.

DEZESSEIS

Assim como nicotina, heroína, morfina
De repente, estou viciada e você é tudo que preciso, tudo que preciso
Sim, você é tudo que eu preciso.

NEVER BE THE SAME, CAMILA CABELLO

Liz Perez

Seus lábios macios distribuem beijos molhados por toda minha pele, começando dos meus pés e vão subindo pelas panturrilhas, joelhos, coxas e ao chegarem à minha virilha sua língua me lambe lentamente, até encontrar minha calcinha de algodão.

Sinto um espasmo quando, sobre o tecido fino, ele me beija e permanece com a boca ali, beijando, lambendo, fazendo-me imaginar tudo o que pretende fazer comigo sem o obstáculo em forma de calcinha.

— Você está pronta para mim? — pergunta, a voz grave e rouca de desejo.

— Sim — balbucio, ofegante.

Ele ri, daquele jeito safado, e o som desperta algo dentro de mim que me faz gemer.

— Tão fogosa, *amor*.

Com uma rapidez quase sobrenatural, seu corpo enorme cobre o meu e sua boca toma a minha de uma maneira tão voraz, que só consigo fechar os olhos e aproveitar o que me oferece.

Sua língua experiente acaricia a minha, como se uma estivesse transando com a outra, e isso me faz gemer de uma maneira que nunca pensei que faria. Sempre achei que esse tipo de som era coisa fingida, que só existiam em filmes pornô, mas agora estou aqui, rendida, quase gritando de prazer.

Arranho seus bíceps, tríceps, as costas, tantos músculos que me deixam louca. A cada toque eles se flexionam, hipnotizando-me. As tatuagens são uma visão à parte. Pretas e perfeitamente desenhadas, brilhando com o suor de seu dono. Uma serpente prestes a dar o bote no lado esquerdo do peito, as tribais que descem por seus braços, algumas estrelas espalhadas em seu tórax, adagas em seus antebraços. Uma obra de arte digna de admiração.

Uma mão grande e repleta de veias sobressaltadas encontra meu seio direito, que parece ainda menor sob seu toque, e o massageia, beliscando meu mamilo duro. Enquanto isso, sua boca suga minha língua em um gesto obsceno e extremamente delicioso.

— *Ahhh* — murmuro em seus lábios.

Sua outra mão agarra minha bunda com força e arqueio minhas costas, deixando meus seios mais próximos do seu rosto perfeito.

— Adoro essa bunda gostosa. Não vejo a hora de te ver de quatro, rebolando *pra* mim, com seus cabelos enrolados e bem presos em minha mão, enquanto te *fodo* com força. É isso que você quer?

Não consigo responder, porque estou inebriada com a intensidade que ele abocanha um seio, chupando, brincando com meu biquinho duro e excitado, e depois faz o mesmo com o outro.

— Responda! — insiste, mordendo meu mamilo e quando penso que vai me machucar, o calor entre minhas pernas fica insuportável.

Porra! Nunca pensei que pudesse sentir tanto prazer.

— Sim! É isso o que eu quero! — grito.

— Bom! Porque é o que vou fazer depois que te chupar e sugar todo seu gozo.

— Oh, Deus!

— Deus, não! É o *meu* nome que você vai gritar.

Eu poderia gozar apenas com sua voz selvagem.

Mais uma vez ele solta uma risadinha grave, de quem sabe como estou completamente dominada, e desce novamente até ficar com o rosto entre minhas pernas.

Apoio meus cotovelos na cama, sem querer perder nenhum detalhe, e seus olhos azuis, quase negros de luxúria, encontram os meus. Sem desviar a atenção um do outro, suas mãos deslizam lentamente a calcinha pelas minhas pernas e mordo meu lábio inferior em antecipação ao que está prestes a acontecer.

Suas íris brilham quando se concentra em meu centro e com a língua molha sua boca, como se estivesse se preparando para devorar uma comida muito succulenta.

— Encharcada. Consigo ver daqui. — A voz grave está rouca e isso me acende.

Abro mais minhas pernas, expondo-me completamente sem vergonha alguma, e como um animal faminto ele vem.

Meus cotovelos amolecem ao sentir sua língua lambe minha boceta de baixo para cima e meu corpo cai com tudo no colchão. É quase demais para suportar.

— Deliciosa — sussurra e volta a me enlouquecer.

Agarro o lençol com força quando ele chupa meu clitóris e aperta minha bunda com as mãos poderosas. Seu cabelo platinado é a única coisa que consigo enxergar e o puxo, sem me importar se está forte demais.

— Oh, meu Deus! — falo e nem reconheço minha voz fraca.

Levanto minha pélvis e sua língua trabalha sem parar, lambendo o pequeno botão com uma rapidez que faz meu coração acelerar e meu ventre se contorcer. Como se não bastasse, penetra dois dedos em mim.

— Eu não vou aguentar...

Ele não para.

Pelo contrário, continua com mais vigor.

Seus dedos chegam fundo, em um ponto que me faz revirar os olhos, então gira a língua, chupa, suga, lambe, beija-me como se fosse minha boca e sei que não vou conseguir mais me segurar.

— Oh, estou gozando, Matt! Matt! Oh, Matt!

E, então, acordei.

Se você ficou *puta* por pensar que era verdade, imagine eu que tenho sonhado com isso duas noites seguidas?

Não é à toa que a semana mal começou e já estou irritada em um nível elevadíssimo.

O pior? Acordei gemendo o nome do desgraçado, nas duas vezes, e o que aconteceu? Daniela começou a zombar da minha cara e, desde então, não para de dizer que, enquanto não transar com Matt Stevens, não terei paz. Segundo ela, é o tal do desejo reprimido.

Foda-se o desejo reprimido. Não vou mais chegar perto daquele idiota. É perigoso demais. Se com uma pegada bem dada estou assim, imagine se tivesse cedido à tentação? Não gosto nem de pensar na probabilidade de ficar obcecada, como tantas outras garotas já ficaram.

Nicole é um exemplo disso. A ruiva vive se rebaixando para ter a atenção do capitão do time de futebol e se esquece do seu próprio valor, algo que nunca vou permitir que aconteça comigo. O meu orgulho é a única coisa que me resta.

Volto minha atenção à aula e de esguelha percebo como Ben parece ansioso. Nosso professor de Literatura fala sem parar e os dedos do moreno batucam levemente na mesa em um ritmo constante, além de sua perna esquerda subir e descer de maneira contínua.

— Você está bem? — pergunto, em um sussurro.

Ele pisca algumas vezes e me olha, como se tivesse saído de um transe.

— Sim, por quê?

— Não sei, está estranho.

— Deve ser porque não dormi bem.

— Humm...

Sua resposta não me convence, mas não insisto. O momento da nossa conversa está chegando e não tenho ideia do que ele quer falar comigo.

Passei o final de semana todo descansando, assistindo a filmes e aproveitando a companhia da minha amiga, mesmo assim, é como se uma tonelada de preocupações estivesse nas minhas costas.

Não respondi às inúmeras mensagens de Carmen, pensei bastante na resposta que preciso dar à Carla — a loira me convidou para malhar e aceitei — e não parei de refletir em como será encontrar com Matt Stevens após a noite no Sammy's, e só de saber que o verei mais vezes do que gostaria, revira meu estômago.

O alarme toca e dou graças a Deus que a aula acabou. Ao meu lado, Ben junta suas coisas e eu faço o mesmo, guardando meu caderno, livro e canetas.

— Você prefere ir à cafeteria ou ficar pelo campus? — pergunta.

— Podemos nos sentar no gramado perto do meu dormitório, o que acha? Assim é mais fácil chegar ao meu quarto, porque logo em seguida tenho que encontrar com a Carla na academia e de lá vou trabalhar.

— Sua agenda está cheia. — Ele ri e concordo com a cabeça. — Sem problemas. Vamos, que eu não quero te atrasar.

Mesmo não sendo tão longe, Ben prefere ir de carro para não atrapalhar meus planos e sorrio diante de sua consideração comigo.

— Chegamos! — exclama. — Só não trouxe uma toalha para nos sentarmos.

— Não se preocupe. Eu tenho uma canga na mochila. Fica sempre aqui, porque Dani e eu temos o costume de nos sentarmos nos gramados de Yale.

— Ótimo! Espere aqui.

O moreno sai do Jeep e corre para o meu lado, abrindo a porta, como um perfeito cavalheiro.

— Obrigada!

— Não por isso.

Assim que encontro um lugar reservado e com uma boa sombra nos protegendo do sol forte, estendo a canga na grama e nos sentamos em seguida.

Ajusto o vestido para que cubra minhas coxas e Ben tira os tênis, ficando o mais à vontade possível. Seus cabelos estão bagunçados e o piercing em seu lábio inferior chama a minha atenção. Faz dias que estou evitando o capitão do time de basquete e havia esquecido como é bonito. Não uma beleza avassaladora como a de um certo babaca, mas, ainda assim,

chamativa.

Por que pensei naquele cara? Eu não deveria sequer dar lugar a ele em meus pensamentos. Já basta tomar conta dos meus sonhos. Maldito!

Apesar da movimentação ao nosso redor, um silêncio agradável nos cerca, até que Ben o corta:

— Liz, eu te chamei porque não quero que continue me evitando.

— Ben...

— É sério! Você é uma garota espetacular, e já te falei isso, mas entendi o recado. Podemos ser amigos e está tudo bem, desde que você não me afaste.

Estou me sentindo culpada. Eu realmente o evitei por dias, deixei de responder suas mensagens, com um medo bobo do que iriam falar, e tudo por causa de um comentário de mau gosto daquele idiota.

Prendo seus olhos castanhos nos meus e digo:

— Me desculpe, Ben. Eu agi como uma criança, sendo que em nenhum momento você me tratou mal. Fiquei assustada por tanta atenção logo nos primeiros dias de aula e não estou acostumada a isso. — Com a cabeça baixa, sem conseguir encará-lo, confesso: — Ouvi uns comentários maldosos sobre a forma como danço, que estava querendo aparecer, chamar a atenção dos veteranos, em especial dos caras populares...

Seus dedos erguem meu queixo e a intensidade que encontro em suas orbes castanhas me paralisam.

— Você não precisa de nada disso para chamar a atenção, Liz, e eu nunca pensaria mal a seu respeito só porque gosta de dançar, o que faz extremamente bem. Falatórios sempre existirão, seja aqui ou em qualquer outro lugar, mas você não pode se isolar por conta deles, muito menos afastar quem realmente se importa com você.

Pegando a mão que continua segurando meu queixo, eu a aperto e sorrio.

— Obrigada, Ben. Obrigada por não desistir de mim. Eu aceito ser sua amiga.

O garoto sorri, mostrando os dentes brancos e alinhados, e retribui o aperto em minha mão.

— Amigos? — pergunta.

— Amigos!

Os minutos se passam e tentamos resgatar o tempo perdido. Ele diz que anda treinando bastante porque logo terá um jogo importante, eu conto sobre a proposta que recebi de Carla e ele arqueia as sobrancelhas, surpreso.

— E já tem a resposta?

— Sim.

— Uau! Já imagino Liz Pérez causando ainda mais inveja na população feminina de Yale.

— Que nada!

Papo vai, papo vem, Ben e eu acabamos nos deitando na canga. Ele com a cabeça apoiada em sua mochila e eu com a minha. O moreno me confia que conversou com o líder da Kappa e ambos se resolveram sobre a presença do time de basquete nas festas pós-jogo de futebol na fraternidade. Inclusive, nesta semana ele e seus amigos irão à que vai rolar após o jogo entre Yale e Harvard.

— Isso é bom, não é? — pergunto. — Afinal, é uma *fraternidade*.

Ele ri e assente.

— Sim, é bom para mantermos a união, mas não quer dizer que sempre concordamos com nosso presidente. O que temos é respeito pela hierarquia.

— Entendo.

Ao sentir o celular vibrar em meu colo, tomo um susto com a hora e a mensagem de Carla me desespera, quando diz que já está me esperando na academia.

— *Put* merda! — exclamo. — Estou atrasada.

Levanto-me em um pulo e calço minhas sandálias.

— Foi mal, Liz. Nem percebi o tempo passar.

— Fique tranquilo, Ben. Eu também não percebi. O bom é que estou perto do dormitório.

Ele me entrega a canga e a enfio de qualquer jeito na mochila.

— Adorei a nossa conversa! Obrigada! — Jogo meus braços ao redor do pescoço do meu mais novo amigo e o abraço apertado.

— Eu que agradeço, Liz. — Seus braços apertam minha cintura e quase me levantam do chão.

Nós dois rimos e, por fim, me desvencilho do seu aperto.

— Nos vemos por aí, gatinha. E me avise sobre a conversa com Carla.

— Pode deixar.

Sopro um beijo em sua direção e saio correndo para o meu quarto.



Entro na ampla academia e fico chocada com a quantidade de alunos que se exercita neste horário. É a primeira vez que venho aqui e me sinto bem com o clima do lugar. Passo por uma extensa fileira de esteiras e na última delas avisto Carla correndo. A loira acena para mim e sorrio em reconhecimento, caminhando rapidamente até ela, que diminui a intensidade de sua corrida.

— Desculpa o atraso, Carla. Vim correndo, literalmente.

Ela sorri e balança a cabeça.

— Sem problemas, Liz. Guarde sua mochila no vestiário que te espero aqui — diz, apontando para uma placa que sinaliza onde preciso ir.

— Tudo bem!

— Gostei do conjuntinho! — a loira exclama, olhando-me dos pés à cabeça. — Já te vejo em um dos nossos uniformes.

Mesmo não sabendo da minha resposta, ela tem certeza de que irei aceitar o convite e apenas rio do seu comentário, seguindo em direção ao vestiário.

Sinto-me bem com a escolha da minha roupa. Sempre gostei de comprar vestimentas de ginástica que me deixassem confortável e valorizassem meu corpo ao mesmo tempo. Desta vez, coloquei um conjuntinho branco que adoro. Ele é composto por um short curto e top no estilo nadador. Nos pés calcei tênis preto e branco, próprio para atletismo.

Confiro se meu rabo de cavalo continua firme e antes que chegue ao meu destino, preciso parar para assimilar o que vejo.

Meu.

Doce.

Jesus!

Tento não chamar atenção para mim e me encosto em uma pilastra.

Sem sombra de dúvidas é uma imagem que guardarei em minha memória.

Não sei se isso é bom ou ruim, a julgar os últimos sonhos que tive. Vívidos demais para a minha própria sanidade.

Putá merda! Só pode ser *karma*.

Em uma área separada, com pesos no chão, caixotes e bolas que já vi em galpões de crossfit, está Matt Stevens vestindo

apenas uma calça preta de moletom, pingando de suor, enquanto pula corda com uma desenvoltura profissional. Coisa que só tinha visto em filmes como Rocky Balboa ou Nocaute, com o ator Jake Gyllenhaal que amo.

Com um fone de ouvido envolvendo suas orelhas, ele não para de pular com uma rapidez impressionante, saltitando como se não fizesse esforço algum. Cruza a corda em sua frente e salta, e repete isso por incontáveis vezes.

Seus músculos rígidos sequer se mexem, o peitoral liso e tatuado está impecavelmente firme, os gomos do seu abdômen estão mais rasgados do que nunca, as entradas da felicidade perfeitamente delineadas, seus cabelos, molhados, e o rosto corado com a intensidade do treino.

A visão é arrebatadora e logo me lembro do *Destroyer* em ação. Me pergunto quando haverá outra luta e se Mike me levaria novamente, porque uma coisa não posso negar: ver este cara no ringue é surreal.

Ao redor, percebo os olhares das mulheres em sua direção, mas ele está preso em seu mundo, em sua concentração disciplinada.

Sinceramente, é incrível de acompanhar. Um espetáculo que eu poderia ficar assistindo por horas.

Caio na real de que preciso guardar minha mochila e voltar para Carla, quando Stevens troca de exercício e levanta uma barra com muitos quilos de cada lado.

Eu fico cansada só de ver, mas ele não para. Logo a malícia invade meus pensamentos: *se é assim malhando, imagine na cama.*

Liz Pérez, esse homem é uma zona proibida. Afaste-se!, meu cérebro alerta, e só então consigo seguir até o vestiário.

Estou ofegante quando finalmente chego ao local designado. É inacreditável como fiquei afetada só por vê-lo malhando. A que ponto cheguei? Logo eu, uma garota que nunca se atentou para o lado sexual, estou salivando por um cara desejado por quase toda a Universidade. Que merda!

Guardo minha mochila e quando retorno pelo único caminho disponível, Matt Stevens continua lá, mas, diferente de antes, agora tem total conhecimento da minha presença.

Eu paro de andar e retribuo seu olhar.

Seus olhos azuis claríssimos vasculham meu rosto, descem pelo meu corpo, sem constrangimento, e demoram-se em meus seios. Só então tenho noção de que meus mamilos estão eriçados.

Instantaneamente me lembro do sonho, o modo que seus lábios sugavam e mordiam meus bicos duros, tão real que preciso esfregar uma coxa na outra para aplacar o inchaço de prazer que surge entre minhas pernas.

O que está havendo comigo?

Sua mandíbula trava, as mãos se fecham ao lado do corpo, os olhos parecem faiscar. Ele está *puto* por me ver? Não tenho tempo para pensar em mais nada porque como se não me conhecesse, ele se vira e continua com seus exercícios.

Como eu esperava, o *filho da puta* prefere me ignorar.

Foda-se!

Solto um longo suspiro, recuperando a capacidade de respirar e bato em retirada até encontrar com Carla, que ainda está correndo.

— *Porra!* Você demorou demais! — ela exclama.

— Eu sei. Desculpa, precisei atender ao telefone — minto e subo na esteira ao seu lado, precisando correr o mais rápido possível para oxigenar minha mente confusa.

Aumento a velocidade da esteira até me igualar com a loira e gradativamente vou me rendendo à sensação que tanto amo. A endorfina e a dopamina estão sendo liberadas, afastando minhas frustrações, o estresse e a tristeza. Meus músculos se ajustam, uma calma bem-vinda vai tomando conta da minha mente e enfim encontro meu relaxamento.

— Temos quanto tempo, até você entrar no trabalho? — Carla pergunta.

— Duas horas.

— Ah, está ótimo. Podemos correr por mais vinte minutos e começamos a malhar em seguida.

— Por mim, beleza.

— E aí? Já tem uma resposta? — Ela me olha de relance e sorri.

— Vamos conversar enquanto corremos? — pergunto, sem acreditar que ela vai me fazer correr e falar ao mesmo tempo.

— Por que não?

— Você é louca!

— Quero saber se tem uma resposta, *Señorita* — insiste, ansiosa ao extremo.

— Sim — respondo, sem dizer muito e sei que a deixei com a pulga atrás da orelha.

— E?

— Vou precisar que tenham paciência comigo.

— *Ahhhhhhh!* — ela grita, fazendo com que algumas pessoas se virem para ver o que está acontecendo. — Não acredito que teremos Liz Pérez no time. Você vai se apaixonar, pode escrever.

Arfando de ansiedade e pela velocidade da corrida, respondo:

— Espero que sim... — respiro fundo —... me decepcionei com o atletismo, espero me encontrar como líder de torcida, Carla.

— E vai! Hoje à noite... já quero você... no nosso ensaio.

— Hoje? Já?

— É claro! — Pegando ar, continua: — Quanto antes começar a treinar, mais rápido vai aprender. Já vou preparar... os trâmites da sua admissão e hoje à noite vou te... passar nossos horários de treino na academia e no ginásio. Você... já tem a desenvoltura, Liz, só falta aprender algumas técnicas de ginástica olímpica. Já... fez alguma vez?

— Quando era pequena..., mas não me lembro de nada.

— Com certeza seu corpo... lembra. E os treinos... vão te ajudar bastante.

— Espero que sim.

— Estou tão feliz que... você aceitou! Estávamos precisando... de sangue novo.

— Eu... só espero... que as outras meninas... fiquem felizes também. — Rio e Carla me acompanha.

Ela sabe do que estou falando e do meu receio em pensarem que estou tomando o lugar de alguém. Principalmente Nick e Ruby.

— Elas vão... se acostumar. Seja bem-vinda, *Señorita*!

De repente, estou muito animada para começar esta nova etapa da minha vida. Aos poucos, as coisas vão se ajustando e tomando seu próprio rumo. É o que mais preciso.

DEZESSETE

Eu me apaixonei pelo diabo
E agora estou com problemas
Eu me apaixonei pelo diabo
Estou sob o seu feitiço
Alguém me mande um anjo
Para me emprestar uma auréola
Eu me apaixonei pelo diabo
Por favor, me salve deste inferno.

I FEEL IN LOVE WITH THE DEVIL, AVRIL LAVIGNE

Liz Perez

Confesso que estou nervosa e emocionada.

Não imaginei que me ver com o uniforme de líder de torcida dos *Bulldogs* me faria viajar pelo meu passado e me lembrar da garota que sonhava em estudar em Yale. Ao analisar a figura diante do espelho em um conjunto azul-marinho, composto por um *cropped* justo com o usual “Y” branco na frente, short-saia, meias até os joelhos e tênis brancos, é impossível não me recordar das inúmeras vezes em que achei que nunca conseguiria chegar até aqui, seja por não ter apoio, seja por não confiar na minha capacidade.

Um filme da minha vida passa na minha frente. As vezes em que precisei correr para não chegar atrasada na aula, pois estava cansada demais, resultado do trabalho e estudos madrugada adentro; quando meu professor de Redação comentou na turma que as inscrições das principais universidades dos Estados Unidos estavam abertas; o dia em que briguei com Carmen porque, milagrosamente, ela estava em casa, ouvindo músicas no último volume e bebendo todas, enquanto eu precisava me concentrar no formulário de Yale; e, finalmente, o momento em que soube que havia sido admitida.

Quem não vê nossas batalhas tem o péssimo costume de dizer que o que conquistamos foi por sorte, mas só eu sei o que passei para chegar onde estou. Se eu contasse com a sorte, sem o esforço sobre-humano que fiz, tenho certeza de que não estaria aqui.

— Você está linda! — Carla elogia, chegando por trás de mim e suas mãos seguram meus ombros.

Sorrio.

— Você também.

Seus cabelos loiros e curtos foram enrolados e um laço azul prende uma parte das mechas no alto de sua cabeça. Sua maquiagem está perfeita, expondo todo o glamour de uma líder de torcida. Descobri como é importante estar apresentável nesse meio, além de contar bastante para as apresentações. Não é apenas vaidade, é um ritual.

— Gostou da maquiagem e do penteado? — pergunta.

— Amei! Deby e Alicia arrasaram.

As meninas ondularam meus cabelos com *baby liss*, prendendo uma parte com um laço branco e o resto ficou solto, me maquiaram e, pela primeira vez, estou usando uma sombra azul-claro nas pálpebras, além de um delineado *gatinho* perfeito.

Nem se eu tentasse dez vezes conseguiria fazer parecido.

— Todas estão gostando bastante de você, *Señorita*.

— Há controvérsias.

— Para com isso! Nick e Ruby são chatas por natureza, inclusive, comigo. — Mudando de assunto, pergunta: — Está nervosa?

— Bastante.

— É normal, mas não deixe que isso te domine. Respire fundo e faça exatamente o que ensaiamos.

— Obrigada, Carly. — Nestes últimos dias comecei a chamá-la pelo apelido que as garotas usam aqui e a brasileira parece gostar.

— De nada! Agora se prepare que entraremos em quinze minutos.

— Tudo bem.

Apesar de não participar dos passos mais elaborados — afinal, treinei apenas três dias —, farei parte da animação de torcida, com direito a pompons e tudo.

Assim que a Carla me apresentou às meninas no primeiro ensaio, recebi o abraço e acolhimento de todas, com exceção das duas que já esperava que não dariam pulos de alegria. Não sei qual o problema que elas têm comigo, mas não venho me preocupando tanto com isso, porque estar no time me fez ter certeza de que encontrei meu lugar. Muito diferente do atletismo, com elas eu me sinto à vontade e mesmo com os poucos treinamentos que tive, pude ver que tenho habilidades para explorar.

Hoje, posso dizer com convicção que ser uma líder de torcida não é nada fácil. Os treinos são pesados, precisamos conhecer muito bem o jogo e seus termos, conciliar nosso desempenho com os estudos — no meu caso, com o trabalho também — e a disciplina é fundamental. Sem contar com as dores musculares que têm atingido lugares que eu nem imaginava que poderiam doer.

O ritmo esta semana foi ainda mais frenético por causa do jogo. Segundo Carla, não é sempre assim, e não que eu tenha pensado em desistir, mas seria muito complicado se continuasse daquele jeito. Mal tive tempo de almoçar ou fazer meus deveres, pois assim que saía das aulas, ia direto para a academia ou para o ginásio, almoçava rapidamente, seguia para a cafeteria e, após o trabalho, corria para o estádio ensaiar.

Carla é uma ótima professora. Tem paciência e realmente acredita no meu potencial. Quando dei alguns giros no ar com a ajuda da cama elástica, fiquei muito animada e ri tanto que parecia uma criança.

Meus amigos também têm me impulsionado demais. Com essa rotina louca, tenho chegado tarde e extremamente cansada

no apartamento, e Dani prontamente me espera com um lanche. Ela está tão ansiosa para me ver em campo, que já me ligou duas vezes. Primeiro, para me acalmar e dizer que está feliz por mim. Segundo, para falar que está a caminho do estádio. Cada atitude sua aquece meu coração de um jeito que jamais senti antes. Assim como Mike.

Por falar no bendito, ele confidenciou a mim e à Dani que os garotos da fraternidade ficaram loucos após saberem que a *Señorita* agora é uma líder de torcida. Para completar, aconselhou que devo aproveitar minha recente popularidade para sair com alguns gatinhos. Só ele mesmo.

Não posso me esquecer de Ben, que ficou feliz pela minha decisão. Temos conversado por mensagens e telefonemas desde que selamos nosso acordo e estou me sentindo muito bem com tudo isso. Inclusive, marcamos de nos encontrar na festa pós-jogo mais tarde.

Como nem tudo é perfeito, fui obrigada a ver Matt Stevens todos os dias. Ora na academia, ora nos ensaios que aconteciam durante o treino de futebol. Em todas as vezes ele me encarava intensamente e depois virava as costas ou dava atenção para as garotas que vivem correndo à sua volta. A diferença é que eu também passei a ignorá-lo.

— Está na hora, meninas! — A voz de Carly chama a minha atenção e pego os pompons azuis.

Respiro fundo, giro meus ombros e busco relaxar. Daqui consigo ouvir o burburinho da torcida e sinto um frio na barriga.

As garotas se juntam em uma roda e rapidamente tomo meu lugar.

A loira grita:

— O que nós somos?

Todas respondemos:

— *Bulldogs!*

Ela repete a pergunta e respondemos novamente.

Uma das coisas que precisei aprender, obviamente, foram os gritos de guerra. É incrível como a animação delas é contagiante, não é à toa que nosso trabalho é justamente este, contagiar e animar a torcida.

Formamos uma fila e cada uma sai correndo com seus pompons nas mãos, chacoalhando as fitas até formarmos um único som.

Quem diria que a Liz que sempre quis se manter invisível está a poucos passos de chamar a atenção de milhares de pessoas. Sorrindo, dançando, gritando. É cada coisa que acontece na nossa vida sem que a gente preveja, que tenho vontade de rir.

Chegamos ao campo e o grito da torcida tira o meu ar. Corro junto com as meninas, sem deixar de olhar para a multidão ao meu redor e fico boquiaberta com a quantidade de pessoas no estádio. É quase o dobro do público que estava no jogo anterior.

Por mais que já soubesse que hoje será um clássico — Harvard é a nossa maior rival —, não esperava algo tão *assustador*.

Sim, assustador para uma primeira vez como líder de torcida.

Putá merda!

Paramos enfileiradas para apresentar uma dancinha e a torcida vibra. O mascote está no meio, dançando, e quase deixo escapar uma risada.

A experiência toda é incrível! A banda tocando, a multidão nos acompanhando e quando finalizamos nossa apresentação inicial, gritamos todas juntas, com a ajuda do público:

— *Let's go, Bulldogs! Let's go, Bulldogs!*

Meu Deus! Meu coração saltita com tantos sentimentos misturados. Nervosismo, emoção, euforia, apreensão.

Carla passa por mim e diz que chegou a hora da entrada dos garotos. Conforme ensaiamos, seguimos em direção ao túnel por onde eles sairão e fazemos duas fileiras, uma na frente da outra, com os pompons a postos.

O time de Harvard já entrou e suas líderes de torcida animam seu lado do estádio. Observo como os movimentos se assemelham com os nossos. Não que seja copiado, mas aprendi que os passos essenciais não mudam, apenas as coreografias.

A voz do apresentador ecoa pelo estádio, deixando o público em polvorosa e nos preparamos para recepcionar as estrelas da noite. Olho para cima a fim de procurar por Dani ou Mike na arquibancada, mas é como procurar uma agulha no palheiro.

Uma música muito conhecida começa a tocar e os torcedores de Yale batem palmas no ritmo das batidas de *In the End*, do Linkin Park, na voz inconfundível do saudoso Chester. As luzes do estádio diminuem e os pelos dos meus braços se arrepiam.

Estar na torcida me deixou extasiada, mas como líder de torcida, não tenho nem palavras para descrever o que estou sentindo.

Ao chegar ao refrão da música, os atletas saem do túnel e o barulho é tanto que se torna ensurdecedor. Os garotos passam trotando ao nosso lado com seus capacetes intimidadores e chacoalhamos os pompons sem parar, gritando “*go, go, Bulldogs*”. Quando o último deles trota tão perto de mim, que tenho que dar um passo para trás, não preciso nem ver a

numeração da camisa para saber quem é.

Filho da puta!

Quando ele pisa no campo, os holofotes se acendem por completo e a gritaria é generalizada. Girando de um lado para o outro, Stevens me encara. Mesmo com o capacete vejo as maçãs do seu rosto com listras pretas, que o tornam perigosamente sexy. Seja em campo, seja no ringue, ele mantém sua pose de *todo-poderoso* e é isso que parece enlouquecer as mulheres, que em sua maioria grita seu nome com desespero.

Os olhos azuis absurdamente claros não deixam de supervisionar cada parte do meu corpo. Ele ainda não tinha me visto de uniforme. Arqueio as sobrancelhas e seguro seu olhar.

“Gostou, babaca?” Tenho vontade de perguntar, mas o som de um apito me traz de volta à realidade e corto qualquer ligação com o loiro ao me virar para o outro lado. Porém, ao fazer isto, encontro os olhos castanhos de Nick sobre mim e finjo que não percebo sua carranca. Não me interessa o que ela pensa que viu, mas não darei abertura para que tente me constranger.

Passo o jogo todo seguindo as meninas. Não nos movimentos complexos, mas na animação de cada ponto ganho. E não está fácil. O time adversário é muito bom e vejo como nossos jogadores estão mais cansados do que o normal.

Nos minutos finais, Yale consegue a melhor com um passe espetacular de Stevens para outro jogador que corre como um louco até conseguir a maior pontuação do jogo: Touchdown!

Finalmente, o juiz dá o jogo por encerrado e nosso time é o campeão. As garotas e eu pulamos, vibrando com a torcida, até começarmos a abraçar umas às outras.

Carla vem ao meu encontro e me abraça forte.

— Você foi incrível, *Señorita*! — grita para mim.

E sem conseguir conter a emoção, lágrimas rolam pelo meu rosto.

— Obrigada pela oportunidade, Carly! E-eu não tenho palavras para explicar o que estou sentindo neste momento.

— Eu sei, Liz! Eu sei! É por isso que meu coração se aperta por saber que é meu último ano aqui.

Ela se afasta e suas bochechas, assim como as minhas, estão molhadas.

— Você vai encontrar seu lugar. Não fique triste! Se é o que você quer fazer, tenho certeza de que conseguirá entrar em uma liga profissional, quem sabe. Só depende de você.

— Sim! Tenho noção disso. Estou estudando minhas opções. Obrigada, Liz!

A loira me abraça mais uma vez e assim que nos separamos, sou levantada no ar.

— Mas o que...

Olho para baixo e me deparo com Kellan Jordan.

— Você é louco! — esperneio e o moreno, que já está sem a parte de cima do uniforme, abre um sorriso largo para mim.

— Ganhamos, *caralho*!

— Eu sei, estava vendo também — debocho.

— Já te falaram que você ficou ainda mais gostosa com essa roupa, *Señorita*?

— Garoto! — Dou um tapa em seu braço e ele solta uma gargalhada. — Intimidade é uma merda, viu?

Jordan me coloca no chão e responde:

— Pelo menos, sou sincero.

— Até demais.

Damon Smith, que também está sem camisa, chega correndo e me abraça, girando-me no ar.

— Vocês só podem estar de sacanagem comigo! Smith, você está nojento, *porra*! E ainda está molhando meu uniforme todo.

Colocando-me no chão, ele abre um sorriso de canto e me olha dos pés à cabeça. Antes de falar, já sei que vem besteira:

— É o que costumo fazer. Deixo as garotas molhadinhas. — Para finalizar, ele pisca para mim e faz um *high five* com o amigo.

— Qual a *porra* do problema de vocês?

— A gente está brincando, *Señorita*. Relaxa! — o loiro diz, mas não desfaço minha cara amarrada. — Até porque, Stevens nos mataria.

— Continue falando merda, que eu não vou me importar em dar um chute aí no meio para testar esse protetor de saco.

Damon faz uma cara de dor, como se estivesse imaginando a cena e ergue as mãos para cima.

— *Pra* quê tanta agressividade, Liz?

— Você me provoca, eu dou o troco.

Sou obrigada a conviver com suas gracinhas depois de terem me visto na maior agarrção com Matt, no Sammy's, mas isso não quer dizer que não revido.

Quando souberam que eu estava no time, os dois vieram com uma ideia louca, sem pé nem cabeça, dizendo que eu teria

que fazer uma dancinha em homenagem a eles em campo. Veja se posso com uma coisa dessa! Apesar das brincadeiras sem-noção, eles têm sido muito legais comigo desde que nos conhecemos, diferente do babaca que chamam de amigo.

— Sei! Antes que eu esqueça, parabéns para vocês! O jogo foi sensacional.

— Obrigado, Liz. Foi *foda*, mas a gente conseguiu! — Kellan agradece, seguido por Damon.

Duas colegas de time chegam para falar com eles e aproveito para dar uma olhada ao redor. Quem sabe não encontro com Dani e Mike pela arquibancada. Tenho a sensação repentina de que estou sendo observada e ao me virar para o outro lado do campo, onde os atletas de Harvard estão, percebo que um deles está me encarando e abre um sorriso ladino quando retribuo a atenção. Só então constato que é muito bonito. Na verdade, é lindo.

Cabelos pretos, olhos dourados e o torso definido de um excelente atleta. Como meus colegas, está sem a parte de cima do uniforme e um homem mais velho conversa com ele.

Desvio meu olhar e começo a me retirar do campo. Quando Carla avisou que muitos caras se aproximariam de mim pela nova posição que ocupo, não pensei que fosse tão explícito, mas pelos comentários maliciosos de Damon e Kellan — ainda que em um tom de brincadeira — e os olhares desse garoto, começo a perceber o motivo do seu aviso.

A sorte é que tenho meus pés firmes no chão ou acreditaria que príncipes encantados existem.

Estou a um passo de entrar no túnel em direção ao vestiário feminino, quando sinto alguém tocar minha mão de leve.

Giro meus tornozelos e dou de cara com o garoto desconhecido. Ele sorri, deixando à mostra os dentes alinhados que enfeitam sua boca naturalmente avermelhada. De perto, é três vezes mais bonito.

— Hey! Desculpa chegar assim, mas eu não poderia te deixar ir embora sem me apresentar antes. Me chamo Scott O'Connor.

Ele estende a mão e para não o deixar no vácuo, o cumprimento.

— Hey, Scott. Meu nome é...

— *Ela* não.

Uma voz grave me interrompe e todos os pelos do meu corpo se arrepiam em reconhecimento. Não preciso me virar para saber quem está atrás de mim. Estou tão chocada com sua intromissão, que perdi a voz. A única coisa que consigo fazer é separar minha mão do garoto.

— Stevens. Não sabia que ela era sua — o outro retruca.

— Vou avisar uma única vez, O'Connor. Vire-se e volte para o seu bando de perdedores.

As narinas do moreno se expandem e consigo sentir sua raiva de onde estou.

— Nos encontraremos no *Stadium*, Stevens — Scott adverte, referindo-se ao estádio de Harvard. — E veremos quem serão os perdedores.

Antes de sair, no entanto, O'Connor sorri para mim e sussurra em meu ouvido:

— Espero revê-la em breve, *linda*.

Pela respiração pesada de Matt, sei que ouviu cada palavra e assim que o garoto sai da minha frente, retomo o controle do meu corpo e viro lentamente até me deparar com os conhecidos e perturbadores olhos azuis. As bochechas ainda estão marcadas pela tinta preta e o jeito que me olha, de maneira inquisitiva, faz minha raiva crescer.

Sem meus saltos, fico tão pequena perto dele, que isso só me deixa mais *puta*.

— O que você pensa que está fazendo? Quem te deu o direito de responder por mim?

Só de lembrar que não consegui reagir e fiquei calada o tempo todo como uma submissa, fico possessa.

Como não poderia ser diferente, o babaca está sem camisa, expondo toda a sua magnitude, mas não me permito olhar para seu tronco musculoso, muito menos para as tatuagens que o cobrem. Apenas fuzilo suas orbes azuis intensamente para que ele veja, e sinta, a minha ira.

Stevens permanece em silêncio.

— Responda! — exijo.

— Eu te fiz um favor — grunhe.

Chego bem perto dele e ergo minha cabeça o máximo que consigo.

— Você acha que eu sou o quê? Já passei por muita merda para chegar aqui e encontrar um *playboyzinho* que me trata como se eu não existisse e quando bem entende quer dar uma de dominador para cima de mim. Eu já te falei que não sou como essas garotas que você usa e depois joga fora. Você. Não. Vai. Fazer. Isso. Comigo. Você. Não. Vai. Me. Destruir, *Destroyer*!

Fico hipnotizada quando suas pupilas dilatam e os olhos claros vão se tornando mais escuros. Não sei se ele vai gritar comigo, me xingar ou cuspir na minha cara, contudo o *filho da puta* contraria todas as minhas expectativas quando seu polegar desliza pelo meu lábio inferior.

O toque é tão inesperado que me desarma e fico, mais uma vez, sem reação.

— Essa boca atrevida... — murmura, com o timbre rouco, mais para si do que para mim.

— *Stevens!* — alguém o chama, mas estou tão atordoada que não reconheço a voz, porém, me faz sair do meu torpor e rapidamente dou um passo para trás.

Olho para o lado e vejo Nicole com a testa franzida.

Merda! Tudo o que eu não precisava era dar motivos para a ruiva me odiar com razão. Não bastasse ter presenciado a troca de olhares fulminantes entre mim e Stevens no início do jogo, agora me pega com ele tocando minha boca.

Uma imagem vale mais do que mil palavras e antes que eu tenha a chance de explicar que não tenho nada com o *quarterback*, ele a responde, sem se dar ao trabalho de desviar o rosto de mim.

— Diga, Nicole.

A garota faz uma careta de desgosto e rapidamente se afasta, caminhando para fora do campo.

— Por que você a trata assim? Por que não diz de uma vez que não a quer?

— Nem todas são como você, *amor*. Enquanto umas correm do precipício, outras querem se jogar, e não se importam com as consequências.

Stevens dá um passo para trás, depois outro, e assim vai, sem me dar as costas e quando está distante o bastante, medito no significado de suas palavras.

Ele se autodenominou um precipício, um abismo, um perigo, um caminho sem volta, e isso me leva a pensar que o cara carrega muito do *Destroyer* dentro de si.

Matt Stevens não é perigoso. Ele é *muito* perigoso.

DEZOITO

Insano, por dentro, o perigo me deixa louco
Não consigo me ajudar, tenho segredos que não posso dizer
Eu amo o cheiro da gasolina

(...)

Eu acendo o fósforo para saborear o calor
Eu sempre gostei de brincar com fogo
Brincar com fogo

PLAY WITH FIRE, SAM TINNESZ

Matt Stevens

Chego ao vestiário e a bagunça entre meus colegas é generalizada. Foi uma vitória difícil, mas o que importa é que conseguimos.

Toda a excitação que estava sentindo com a nossa merecida conquista foi para o ralo quando vi o *filho da puta* do O'Connor correr como um lobo em cima de Liz Pérez.

A caloura não o conhece, mas eu sei bem da fama do *quarterback* de Harvard. Não teve um *puto* que não a olhasse maliciosamente naquele campo. A morena, que já é gostosa em seus jeans apertados, estava ainda mais deliciosa naquele uniforme que deixa pouco para a imaginação.

Meu sangue desceu direto para o meu pau assim que a vi com aquela roupinha moldada em seu corpo tonificado e, se não estivesse com um protetor na área, teria passado vergonha. *E doeu para um cacete.*

Os seios médios e firmes prensados no top de compressão, as coxas musculosas à mostra, o short-saia que mal cobria sua bunda, as meias até os joelhos... *Porra!* A fantasia de qualquer homem.

Depois do que aconteceu no Sammy's, eu estava decidido a esquecer essa mulher. Saí com aquela loira, a fodi à noite inteira, mas nada me fazia esquecer da intensidade da morena, de sua boca atrevida sugando minha língua — que só me fazia imaginar que poderia ser o meu pau no lugar —, o jeito que seu corpo pequeno se ajustou ao meu enquanto dançava e se esfregava em mim, a forma que me arranhava sobre a blusa.

E, então, ela fugiu.

Eu me senti rejeitado, negado, frustrado, e odiei a sensação, com todas as minhas forças. Eu a queria na minha cama, de inúmeras formas, como uma necessidade que precisava ser suprida, e não me lembro de ter sentido algo parecido com outra mulher.

Caralho! Só de lembrar preciso me conter para não socar alguma coisa ou alguém.

Smith e Jordan viram tudo e não entenderam nada quando Liz se afastou e correu para o banheiro do bar. Na opinião deles, ela estava com medo das merdas que, com certeza, disseram sobre mim e não quis pagar para ver. Os dois gostam da novata e até entendo que possa ser uma boa amiga, mas não tenho condições de ser amigo de uma mulher que me desperta tantos sentimentos contraditórios. Por isso, decidi a ignorar. Pelo menos, tentei.

Como uma brincadeira de mau gosto, ela surgiu na academia que frequento desde que cheguei à Yale, toda gostosa em um conjuntinho branco. Para *foder* com a minha cabeça, assim que me viu, lançou-me um daqueles olhares de puro desejo e aposto que foi involuntário. Seu orgulho não me deixaria perceber algo assim tão facilmente. Se eu inspirasse um pouco mais fundo, tenho certeza de que poderia sentir a excitação exalando dos seus poros.

É incrível como seu corpo me chama, sua pele se arrepia à mínima aproximação, inclusive, ao som da minha voz, e, mesmo assim, prefere reprimir o que sente a se entregar.

Para piorar — pois é, a situação só piora —, foi anunciada como a nova líder de torcida do time. Em consequência disso, fui obrigado a vê-la várias vezes ao dia. Malhando, ensaiando, quando aparecia na cafeteria para pegar minha vitamina. Para onde eu olhava, lá estava ela, se alongando, correndo como uma pequena máquina, suando, e isso só vem aumentando minha frustração. Tenho um fraco *fodido* por mulheres que malham e Liz, com roupas de ginástica, fica nada menos do que espetacular.

Contudo, o que está me deixando louco é a maneira como fiquei quando a vi conversando com Scott há pouco. Meus companheiros falavam comigo e eu não conseguia prestar atenção em nada a não ser nos dois. A forma que Liz sorria para ele, o jeito que o babaca estava encarando sua boca. Quando dei por mim já estava atrás dela, enxotando o babaca como se fosse a *porra* de um segurança.

Por que ela desperta isso em mim?

E tem sido recorrente.

Sempre que estou perto dessa garota, me torno um cara que desconheço. Possessivo, protetor, primitivo.

É óbvio que Liz não deixaria quieto. Sua boca atrevida não economizou nas palavras diretas e retas, coerentes até. E o que aconteceu? Ao invés de deixá-la falando sozinha — como já fiz tantas vezes por menos —, fiquei fascinado pela forma com que mexia seus lábios, como seu peito subia e descia de raiva, o rosto corado. Só conseguia pensar em beijá-la até que perdesse os sentidos e para não me render totalmente à minha vontade, deslizei meu polegar em seu lábio inferior.

A morena não esperava. Muito menos eu. Vi o exato momento em que se desarmou e ficou ali, parada, perplexa.

É claro que algo aconteceria para estragar meus planos. Ouvir a voz de Nicole foi como levar um banho de água fria e a expressão assustada e apreensiva de Liz me disse tudo: ela não queria que sua colega de time pensasse que estávamos juntos.

Todo mundo sabe como Nick pode ser traiçoeira quando o assunto sou eu, mas ficarei de olho em qualquer movimentação suspeita. Não entendo sua obsessão desenfreada comigo, mesmo tendo falado em diversas oportunidades que não estou interessado, mas se não entendeu por bem, entenderá por mal.

Enquanto deixava Liz Pérez no campo, absorta pelo meu toque, tomei uma decisão.

Posso estar decretando a minha própria sentença, mas não abrirei mão de sentir seu gosto novamente, nem que seja a última vez.

Oh, não! Ela não vai se ver livre de mim tão rápido.

Essa garota despertou alguma coisa aqui dentro, que eu não sentia há muito tempo, e não consigo identificar o que é. Quero entender o que está acontecendo, e quando coloco alguma coisa na cabeça, não há nada que me faça desistir.

Absolutamente *nada*.

A handwritten signature in black ink that reads "Liz Perez". The script is fluid and cursive, with the first letters of each name being capitalized and prominent.

Sabe quando entramos no modo automático e não sabemos como chegamos a um lugar? É assim que me sinto quando piso nos degraus que levam à mansão da Kappa Alpha.

Demorei a chegar, porque me arrumei no estádio com as meninas. Carla me maquiou e no lugar das sombras azuis, esfumou uma sombra escura. Nos lábios, passou um gloss em um tom rosado só para dar uma cor. Deby tirou o laço que adornava meus cabelos durante o jogo e os deixou soltos, de um lado só. Por fim, modelou minha franja e a dividiu ao meio. Os cachos pesados formam ondas e mais ondas em meu ombro e me sinto como a própria Beyoncé.

Okay, exagerei, mas é porque estou um pouquinho alterada por causa dos shots de vodca que bebi na pré-festa que as líderes de torcida prepararam no vestiário.

Eu estava fugindo de bebida após a fatídica noite no Sammy's, mas depois do episódio inesperado com Matt Stevens no campo, era tudo o que eu precisava. O cara me deixou perigosamente excitada, irritada e pensativa, eu tinha que relaxar de alguma forma.

Até tentei argumentar, brigar, mas o babaca me desarmou de um jeito que não consegui nem falar. Quando seus dedos calejados tocaram meus lábios... *Filho da puta* mil vezes por me afetar tanto!

— Está tudo bem, Liz? — Carla pergunta.

— Sim, vou esperar a Dani e o Mike. Nós marcamos um ponto de encontro aqui na entrada.

— Eu vou entrar, tudo bem?

— Sem problemas!

Ela me abraça e segue seu caminho.

Depois que me tornei integrante do time, a loira me trata como família e acho isso maravilhoso. Seu cuidado e atenção tem me enchido de gratidão. Se juntar todas as pessoas que tenho conhecido e desenvolvido uma amizade, é como uma família que nunca tive e isso aquece meu coração de um jeito muito bem-vindo.

Desço um pouco o vestido branco e justo que estou usando, xingando Daniela baixinho, e levo um susto quando sinto alguém me abraçar por trás. Imediatamente relaxo porque reconheço seu perfume.

Viro-me para ela e nós duas soltamos um grito quando nos abraçamos e pulamos como duas doidas. Bem, pulamos mais ou menos porque meus saltos não permitem que eu extravase. Não sei o que me deu para usar saltos finos hoje, mas com certeza foi influência da minha amiga, que está calçando um parecido.

— *Hermanita!*

— *Hermana!*

Logo atrás está Mike, com um sorriso tão largo que poderia iluminar nós três.

— Você bebeu? — minha amiga pergunta.

— Um pouco. Por quê? Dá para perceber?

— É que você está felizinha demais.

— Ah, eu estou mesmo.

— Você merece — diz Mike, aproximando-se para me abraçar.

— Ah, obrigada, gente! O que acharam da minha performance? Falem a verdade! Eu sei que tenho muito a aprender ainda...

— Você foi perfeita! — Dani elogia. — Eu chorei, pergunta para o Mike.

— Mentira! Sério?

— Sério! — o garoto responde, sorrindo como um bobo.

— Ai! Nem eu acredito que sou líder de torcida.

— É só o começo, Liz. Você dança demais. Tenho certeza de que vai se destacar logo, logo — meu amigo declara.

— Obrigada, Mike.

— *Hermanita*, dá uma voltinha, vai. O vestido ficou perfeito. E esses cabelos, maquiagem? As meninas arrasaram. Eu diria que estou com ciúme, mas se deixaram minha amiga feliz, é isso o que importa.

— Oh, Dani, elas nunca vão ocupar o seu lugar.

— Sei — diz, revirando os olhos. — Mas me fala, o que achou do seu presente?

Daniela me surpreendeu quando cheguei ao apartamento ontem. Ela deixou um pacote em cima da minha cama e lá estava o vestido que estou usando, junto com um cartãozinho me parabenizando pela conquista.

Eu amei tanto o seu gesto, que pulei em cima dela e beijei suas bochechas. No entanto, a peça é ousada demais para o meu gosto.

— Nunca me senti tão exposta. Olha esse decote, Dani! E toda vez que ando sobe um pouco.

— Sinceramente? Nunca te vi tão linda — Mike opina.

Olho para o vestido, as alças finíssimas, o decote em *V*, que desce um pouco abaixo dos meus seios, que, por sorte, não são grandes, senão estariam para fora do tecido fino. Ele é curto e drapeado, todo colado em meu corpo. Não estou acostumada com vestidos deste estilo, mas depois que você se torna uma líder de torcida, suas definições de roupas curtas e coladas são automaticamente atualizadas.

— Não quero ser ingrata, amiga, só preciso me acostumar.

— Liz, entenda: você é o novo símbolo sexual dessa faculdade. Pode tentar negar, mas o título é seu. Supere!

— Olha só quem fala — lanço, analisando-a dos pés à cabeça.

Daniela está linda. Seu vestido é verde, quase da cor dos seus olhos, e a pele morena está reluzente com o hidratante brilhoso que ela adora passar.

— E você? Está todo *bonitão* — comento, ao olhar para Mike.

O loiro está com os cabelos penteados para trás e veste uma camisa branca de botões, dobrada em seus antebraços, e uma calça jeans escura.

— Obrigado, querida. Para uma vitória como a de hoje, nada como um pouco de glamour.

— Concordo! Foi demais!

— Vamos entrar? — Dani pergunta. — Estou quase dançando aqui na rua.

— Vamos! — meu amigo e eu respondemos em uníssono.

Uma galera passa por nós e mexe comigo, chamando-me de *Señorita*, como se me conhecesse intimamente. Dani, Mike e eu nos entreolhamos e começamos a rir.

— *Putá que pariu!* Você está muito famosinha, amiga. *A pica das galáxias!* — a brasileira dispara.

Não entendo sua última frase e franzo meu cenho.

— O que você falou?

— Ih, *hermanita!* É uma expressão brasileira que não adianta eu explicar. É daquelas que só quem é brasileiro entende.

Você se lembra do *filhote de cruz-credo*? — Assinto, caindo na risada. — Então, é tão confuso quanto isso. Algo como: você está podendo!

Dou de ombros e continuo rindo com Mike.

— *Hermana*, um dia quero ir ao Brasil! Você me leva? — Não sei se é porque estou leve como uma pluma, mas me veio uma vontade grande de conhecer o país de Daniela.

— É claro! Você vai amar o Rio de Janeiro.

— Ei! Eu também quero — Mike fala.

— Te levo também, *baby*. Agora vamos nos divertir, pelo amor de Deus!

Logo que entramos na mansão, aprecio a *vibe* de uma versão diferente de *Umbrella*, da Rihanna.

— Amei essa versão — grito para Dani.

— Eu também!

— Vamos direto para a pista ou querem beber alguma coisa? — nosso amigo pergunta.

— Gente! — exclamo.

— O que foi? — a morena pergunta.

— Esqueci que marquei de encontrar com o Ben também.

— Ele vem? — Mike indaga, com uma expressão confusa.

— Sim. Parece que ele e Stevens conversaram e se resolveram. Seja lá o que isso significa.

— Essa eu quero ver — o loiro murmura e, mesmo não entendendo seu comentário, não o questiono.

Para facilitar minha mobilidade, deixei a mochila no vestiário e a doida aqui se esqueceu de pegar o celular.

— Não duvido que já esteja por aqui — Dani pondera sobre Ben Salvatore. — Vamos pegar uma bebida, depois você o

procura.

— Vai beber hoje, gatinho? — pergunto.

— Um pouco. Estou sem carro — responde e pisca para mim.

Sorrio para ele e seguimos os três até o bar. O garoto que está atrás do balcão me reconhece e abre um sorriso. Sorrio de volta, mesmo não tendo ideia de quem seja.

— Hey, *Señorita*. O que vai querer?

— Humm... o que tem aí?

— Cerveja, vodca, tequila..., mas posso fazer um drinque para você e sua amiga.

— E para mim, Sandler? — Mike pergunta, indignado.

— Wilson, não me leve a mal, mas meus dotes são exclusivos para as garotas.

— *Put a que pariu*, essa foi a pior cantada que já ouvi. Quero uma cerveja — o loiro pede, realmente irritado.

O rapaz não se abala e entrega a cerveja para meu amigo.

— E vocês, meninas? Decidiram?

— Vou querer o melhor drinque que você sabe fazer.

Olhando para Dani, espero sua resposta.

— Eu vou querer o mesmo que ela. Bem caprichados, ok?

— Deixem comigo!

Uma nova música começa a tocar e tanto eu quanto meus amigos começamos a dançar.

Minutos depois, a voz de Sandler chama a nossa atenção.

— Aqui estão, meninas.

Ele nos entrega os drinks e rapidamente experimento o meu.

— Muito bom! Tem um gostinho delicioso de pêssego.

— Obrigado, *Señorita*. Chamo de Sandler's Love.

Mike revira os olhos, sem paciência com o garoto.

— Vamos sair daqui antes que eu dê um soco nesse idiota.

Sigo meus amigos para o lado de fora, desviando da multidão e tomando o maior cuidado para não derrubarem meu drinque. Ao chegarmos à parte externa, descolamos um cantinho tranquilo e Dani olha para Mike.

— Nossa, *pra* que tanta ignorância, gatinho? Ele só foi gentil.

— Gentil de *cu é rola*, Dani.

Quase cuspo a bebida diante de sua resposta. Coloco a mão no peito e engulo devagar. Com a boca livre, finalmente consigo me manifestar:

— O que você tem, Mike? Jesus!

— Odeio esse tipo de coisa. Sandler é um dos caras mais babacas da fraternidade. Aposto que esse é o jeito dele de dizer que não serve bebidas para gays.

— Sério que você acha isso? Não vi maldade naquilo — a morena comenta.

— Eu também não, mas imagino que Mike tenha mais tato para esse tipo de coisa.

— Já passei por muita merda, garotas. Aqui na Kappa as coisas são mais tranquilas, mas só porque Stevens não tolera qualquer tipo de preconceito ou comentário malicioso. Ainda assim, hora ou outra, ouço algumas brincadeirinhas escrotas, mas ignoro.

Só de ouvir esse sobrenome meu corpo estremece.

— Uau! Além de gostoso, Stevens é altruísta — Daniela comenta, olhando propositalmente para mim.

Ela e Mike sabem que, desde o que aconteceu no Sammy's, não quero ouvir piadinhas sobre ele, mas estava demorando para minha amiga quebrar nosso acordo.

— Se eu contar o que ele fez depois do jogo, vocês não vão acreditar — disparo e os dois param tudo o que estão fazendo para me encarar, quase sem conseguirem piscar.

— O quê? — Mike pergunta, dando um longo gole em sua cerveja.

Narro o episódio com Scott O'Connor e meus amigos ficam boquiabertos.

— *Caralho!* Não acredito que Stevens foi falar com o *quarterback* de Harvard só para te proteger. — O loiro parece não acreditar.

— O'Connor é o *quarterback* de Harvard? — questiono, surpresa.

— Sim.

— E por que ele me protegeria de Scott?

— Porque o cara já foi acusado de estupro.

— Estupro? — Dani indaga, horrorizada, e Mike assente. — *Putá merda!* Acho que eu estou me apaixonando por Matt Stevens. Gostoso, altruísta e protetor. Que homem!

Dou um tapa em seu braço e a morena começa a rir.

Imagine se ela souber que além disso tudo, o cara participa de lutas clandestinas e é apelidado de *Destroyer?*, penso, mas não ousa comentar. Não quando o segredo envolve outras pessoas.

Esses dias perguntei a Mike quando haverá uma nova luta no Matadouro e ele me disse que está prestes a acontecer, mas só vai saber no dia. Falei que quero ir novamente e que gostaria de levar a Dani. Não gosto de ficar escondendo coisas dela e tenho certeza de que não abriria a boca. O loiro me garantiu que veria a possibilidade e me falaria.

— Estou falando sério. Esse Matt não parece em nada com o que falaram para mim — minha amiga argumenta.

— Quando eu digo para vocês que não devem acreditar em tudo o que dizem, não estou brincando.

— E sobre Ellen Greyson? — repito a pergunta que lhe fiz há alguns dias.

Mike afasta a garrafa de cerveja da boca e me olha por alguns segundos, com seriedade, antes de responder:

— Pergunte a Stevens, Liz.

— Ai, Mike, assim você não ajuda.

Meu amigo apenas abre um sorriso ladino e continua bebendo.

— Vamos dançar? — pergunto, quando meu drinque acaba.

— Só se for agora — Dani responde, pegando na mão de Mike.

No caminho, alguém enlaça minha cintura e estou prestes a gritar com Dani, quando me viro e sou surpreendida.

— Ben! — Abraço meu amigo pelo pescoço e ele me levanta do chão.

— Hey, gatinha. Você está linda demais — sussurra em meu ouvido, cheirando meus cabelos em seguida. — Parabéns pela estreia no time. Fiquei sabendo que você estava incrível.

— Oh, obrigada! Ficou sabendo, é?

— Pois é. Tenho meus contatos. — O moreno ri.

Ele se afasta e cumprimenta Daniela e Mike. Eu o examino e vejo como está bem-vestido, com uma calça jeans escura e uma blusa branca por baixo de uma camisa xadrez vermelha. O piercing no lábio está presente e sua língua não para de brincar com a joia. Sempre acabo rindo dessa sua mania.

— E aí, Salvatore? Chegou há muito tempo?

— Um tempinho, Wilson. Estava na pista com Hudson e saí para pegar uma cerveja, quando vi vocês três.

— Sentimos falta do seu drinque — Dani comenta.

— Oh, fico lisonjeado, mas hoje estou de folga, Dani. — Ele sorri para minha amiga e ela finge ficar triste. — Vocês estavam indo para a pista?

— Sim — digo.

— Então, vamos.

Assim que entramos no burburinho e uma nova música começa, Dani enlouquece ao meu lado.

— Amiga! A gente precisa dançar essa música.

— Não me lembro de ter ouvido antes.

— Você é louca? É *Me Gusta*, da Anitta com a Card B, *hermanita! Dos reinas!* — Dani está tão empolgada, que até engatou no espanhol, impossível não rir.

— Anitta é brasileira, não é? — Mike entra no assunto.

— Olha, ele! É isso mesmo. Anitta é a cantora mais *foda* que eu conheço e só a minha opinião importa. *Pra* melhorar, é brasileira, e do Rio de Janeiro, minha cidade maravilhosa — Daniela responde, orgulhosa, remexendo o corpo com as batidas da canção.

— Já ouvi algumas músicas dela com o J Balvin. Curto bastante as músicas do cara. — É a vez do Ben me surpreender.

— Então vamos parar de falar e dançar, galera — agito.

Estou feliz.

Muito feliz.

Balanço meu corpo junto à batida contagiante da música, minha amiga sorri e rebola comigo. Ben me puxa de repente e gargalho em seu peito com a surpresa.

Não paro de dançar nem por um segundo, seguida pelo moreno à minha frente. Tomo cuidado para o vestido não ficar subindo, então deixo as duas mãos ao lado do corpo, tentando estabilizar o tecido que teima em subir pelas minhas coxas.

Ben passa as mãos nos cabelos e pisca para mim, sensualizando de um jeito engraçado e não consigo parar de rir.

Quando o refrão toca pela terceira vez, Daniela se aproxima e canta ao meu lado:

— *A mí me gu-uh-uh, A mí me gu-uh-uh, A mí me gu-uh-uh Uh-uh-uh-uh (tra)!*

Como não bastasse, Carla surge do nada e canta junto com Dani. As duas brasileiras fazem uma festa entre si, abraçando-se e rebolando.

Mike e eu nos acabamos de rir, e Ben também não segura a risada. Ele pega minha mão e me gira, chocando-me ao seu corpo novamente. Esqueço o vestido e me permito dançar livremente.

O penteado de Deby se desfaz e meus cabelos se espalham pelas minhas costas.

— Vai, *Señorita!* Vai, *Señorita!* — Mike puxa um coro, batendo palmas, e logo mais vozes se juntam a ele.

De costas para Ben, levo meus braços para cima e o seguro pelo pescoço, mexendo meu corpo de um lado para o outro. Giro para longe do seu contato e ao abrir os olhos quase me desequilibro.

Como em uma câmera lenta, vejo a Tríade parada a alguns metros e com ela a pessoa que tem abalado minhas estruturas.

Seus cabelos platinados estão revoltos, os olhos azuis têm um brilho animalesco e para completar o pacote usa uma blusa cavada — como de costume —, que deixa uma parte da sua tatuagem à mostra, uma jaqueta de couro que abraça seus músculos perfeitamente, calça justa e coturnos, tudo na cor preta. O look parece gritar: “*Perigo! Sou um bad boy!*”.

Stevens está perigosamente sexy. Perigosamente comestível.

Sua presença intimidante faz com que as pessoas ao seu redor se afastem, mas também percebo como o observam com curiosidade e descrença. Não entendo o motivo até Mike murmurar:

— Mais uma inédita. Ele *nunca* entra na pista de dança da Kappa.

Damon e Kellan sorriem, chamando atenção com suas belezas distintas, cumprimentam seus conhecidos, mas *ele* não desvia sua atenção de mim. Do meu corpo. Dos meus olhos.

Estou completamente afetada pela presença destruidora de Matt Stevens.

Sim, destruidora, porque ele conseguiu acabar com o clima leve e feliz de segundos atrás. Porque só em saber que ele está aqui, meu corpo me trai e quer sentir suas mãos grandes em cada parte minha.

O que ele está fazendo?

Um vinco se forma na testa de Ben, como se estivesse tão confuso quanto eu. Assim que para à nossa frente, sinto o perfume de Stevens. Inebriante, como o diabo que ele é.

— Salvatore. — A voz grave me estremece por inteiro e preciso respirar fundo para recuperar meu controle. Que ódio!

— Liz Pérez.

Aceno em reconhecimento.

— Stevens. Não esperava te ver por aqui. — O tom de Ben parece amigável, mas percebo uma leve irritação.

Como se tivesse percebido o mesmo, os lábios do loiro se abrem em um sorriso irônico.

— Imagino que não.

Por alguns instantes, ele me encara, o olhar intenso de sempre, até que seu amigo, Kellan, chama a nossa atenção:

— Galerinha, viemos chamar vocês para jogar Verdade ou Consequência, quem topa?

— Sério? Esse jogo é tão sem graça — respondo, mas ninguém precisa saber que nunca joguei. Eu sei como funciona, obviamente, mas nunca tive interesse em participar.

— É porque não jogou certo, *Señorita*. Pode ser bem interessante — o moreno rebate, erguendo os lábios carnudos em um sorriso malicioso. — Seremos só nós. Lá em cima, no salão de jogos.

— Eu topo! — Dani responde e Mike a segue.

Os dois sorriem para mim, cúmplices, e tenho vontade de esganar um por um.

— Está com medo, *amor*?

Essa voz sussurrada em meu ouvido.

Esse apelido.

Filho da puta!

Ergo minha cabeça e o encaro.

Ele está me desafiando.

É claro que está.

E eu não perco um desafio.

— Okay, eu topo.

DEZENOVE

Você consegue sentir o calor? Sim
Enquanto meu beijo te envolve como um doce álcool
De onde estou vindo, sim
É o meu lado mais escuro que te faz se sentir tão entorpecido

HOTTER THAN HELL, DUA LIPA

Liz Perez

Entramos no salão de jogos da Kappa Alpha e fico perplexa com o espaço amplo, repleto de jogos. Duas mesas de sinuca, quatro de carteados, uma de pebolim e uma de tênis de mesa. Um lustre bonito pende acima de cada uma deixando o ambiente um tanto intimista.

Além disso, há alguns sofás espalhados pelo ambiente, que tem o piso de madeira corrida, perfeitamente encerado.

— Vamos nos sentar no chão — Kellan anuncia.

À minha frente estão Dani, Mike, Damon, Kellan, e atrás de mim caminham Ben e Matt. Quando Jordan disse que seria apenas nós, não imaginei que estivesse falando sério, afinal, estamos no meio de uma festa pós-jogo superimportante.

Não sei o que esperar dessa brincadeira, mas algo me diz que entrei em uma cilada. Essa sensação piorou quando Mike sussurrou novamente em meu ouvido que Matt Stevens nunca participou de um Verdade e Consequência antes.

O que pensar sobre isso?

A tensão entre nós é palpável. Logo após aceitar participar do jogo, Ben me acompanhou e disse que também jogaria. Matt apenas abriu um sorriso ladino e assentiu.

Agora, aqui estou.

Sento-me no chão, as pernas posicionadas de um jeito que não mostre demais com o vestido curto, ladeada por Dani e Ben. O restante dos garotos se senta também, formando uma roda. Chega a ser engraçado ver o líder da fraternidade se acomodar no piso, o corpo enorme exigindo um espaço maior do que os demais e quando tira a jaqueta de couro, preciso prender minha respiração para não suspirar diante da visão extremamente sexy. Os braços e uma parte da clavícula tatuados só incrementam a imagem arrebatadora.

— Fecha a boca, amiga. Não é de bom tom sujar seu vestido com baba.

Endireito minha postura e me viro para Dani, dirigindo toda a minha fúria em meu olhar. Mesmo que tenha sussurrado para que apenas eu ouvisse, olho ao redor para me certificar. A vaca morde o lábio para não rir.

— Nervosa? — pergunta.

— Um pouco.

— É só você não demonstrar. Aproveite, Liz. Considere como mais uma experiência de Yale. Relaxe e se divirta!

Suas palavras tiram um pouco do peso que estava sentindo e minha confiança é renovada. Incrível como Dani sempre tem a palavra certa para acalmar meu coração, não é à toa que em pouco tempo nos tornamos amigas.

— Vamos começar! — Kellan chama a nossa atenção. — Como eu disse lá embaixo, este jogo é um pouco mais... interessante. Será um Verdade ou Consequência, porém, de um jeito apimentado.

— Isso vai dar merda — Mike murmura e o nervosismo de antes volta com tudo. Eu sabia que estava entrando em uma cilada!

— Acho que vou desistir — falo baixinho, somente para Daniela.

— Nada disso. Vamos aproveitar, *hermanita*. Ninguém nos envergonha de graça. Considere uma brincadeira e pronto. Não leve para o pessoal, *okay*?

Suspirando, aceno com a cabeça. Não sou de desistir das coisas facilmente, mas o aperto insistente no peito está me incomodando. No entanto, como já bebi consideravelmente, pode ser um dos efeitos do álcool.

Jordan continua:

— Tenho aqui no meu celular uma série de perguntas e desafios que não poderão ser repetidos. Ou seja, a garrafa vai girar e quem estiver na direção da ponta dela terá que responder a pergunta ou cumprir o desafio que a pessoa do outro lado escolher. Para...

Ele não termina de falar, pois a porta do salão se abre de repente.

— Ora, ora, estavam começando sem a gente?

Nicole marcha em nossa direção com Ruby ao seu encalço. Ambas usam vestidos pretos curtíssimos, destacando os seios arredondados. Os cabelos da ruiva estão soltos e volumosos, enquanto os da morena estão presos em um rabo de cavalo alto. A cena é típica de filme e logo recorro de *Meninas Malvadas*, por pouco não caio na risada. Clichês demais.

Mesmo sem serem convidadas, as duas se sentam ao lado de Damon e Kellan. Tenho certeza de que Nick não se sentou perto de Matt porque assim seria mais difícil da garrafa girar a seu favor.

Jordan olha para Stevens, que encara a garota com uma expressão fria e indiferente. Pensei que ele a expulsaria, mas acredito que tenha gostado de ter mais uma opção, além de Dani e eu.

— Nick, Ruby, vocês já conhecem o jogo, certo? — Damon quer saber.

— Verdade ou Consequência picante? — a ruiva indaga, e olhando para mim, abre um sorriso diabólico.

— Isso — ele responde.

— É claro que conhecemos! Eu adoro. Já jogou, *caloura*? — A pergunta é direcionada a mim e o desgosto ao me

chamar de “caloura” é evidente.

Garota chata!

— Já! — minto e ela mostra os dentes perfeitos em um sorriso falso.

— Então, vamos começar. — Jordan se levanta, pega duas garrafas de vodca de algum lugar e as deixa dentro da roda.

— Mas, antes, vamos agitar isso aqui. Cada um vai beber direto do gargalo por cinco segundos. E, toda vez que a pessoa escolher Consequência, terá que beber uma dose antes de cumprir o desafio.

Putá merda! Desse jeito vou sair daqui carregada.

— Você tem certeza de que quer jogar? — Ben me pergunta baixinho.

— Não, mas é tarde demais.

— Nunca é tarde demais, Liz. Se não...

— Não, eu quero experimentar. Só vou poder dizer que não gostei se eu jogar.

— Tudo bem.

Matt é o primeiro a pegar a garrafa de vodca e a leva à boca. Seus amigos contam até cinco e o loiro passa adiante. Quando chega a minha vez, a garrafa já está mais leve e entorno o líquido translúcido, que desce queimando em minha garganta.

Ao passar para Ben, sinto uma leve tontura, mas respiro fundo. Ele finaliza a rodada e sei que o jogo vai começar.

A mistura do que eu havia bebido lá embaixo, as doses no vestiário e o que acabei de beber aqui, me traz uma tranquilidade muito bem-vinda, bem como um calor repentino. Agora entendo o motivo de Kellan ter nos *calibrado*. Assim, podemos jogar de um jeito mais *desinibido*.

Uma garrafa vazia é colocada no meio do círculo e com um sorriso malicioso, Jordan anuncia:

— Que comecem os jogos!

O moreno gira a garrafa e após alguns segundos ela para em Damon com a ponta virada para Mike. Meu amigo pega o celular de Kellan, onde estão as perguntas e os desafios, e indaga:

— Verdade ou Consequência?

O integrante da Tríade responde:

— Consequência.

Kellan Jordan assovia e bate palmas, querendo ver o circo pegar fogo. Damon bebe uma dose generosa de vodca,

conforme combinado, e aguarda o próximo passo.

Mike analisa todas as perguntas e começa a rir.

— *Put a que pariu!* De onde você tirou esses desafios, Jordan?

— A internet está aí *pra* isso, Wilson! — o moreno responde, todo convencido.

— Tenho que confessar que ficou *foda!*

— *Porra!* Querem parar de enrolar? — Matt interrompe, sem paciência.

— *Okay, okay.* Achei! — Olhando para Damon, Mike comanda: — Escolha alguém do jogo e dê um beijo na orelha, como se fosse a boca da pessoa.

— *Porra!* Só na orelha? — o engraçadinho pergunta.

— Sim! Só na orelha.

Smith mira em Dani e ergue os lábios em um sorriso.

— Daniela?

Observo minha amiga e ela está com as sobrancelhas arqueadas. É a primeira vez que a vejo sem graça e começo a rir, acompanhando as palmas da galera.

— Tudo bem — responde. Os dois já se beijaram uma vez, então não acho que seja tão ruim assim.

Damon se ajoelha em sua frente e se inclina até sua boca tocar a pele sensível de Dani. Como estou perto, consigo acompanhar de *camarote*. Ela se empertiga quando a língua do loiro traça pequenos círculos nas depressões de sua orelha e em seguida os dentes mordiscam o lóbulo. Ele simula um beijo e vejo com os pelos de Daniela se arrepiam. A morena chega a fechar os olhos.

Put a merda! Ela está rendida.

Quando termina, Damon se afasta, sorrindo eroticamente, e minha amiga parece uma manteiga derretida.

— Uau! — exclamo para ela, que se recompõe em um instante.

— Foi legalzinho — desdenha, mas tenho certeza de que foi maravilhoso.

Damon continua sorrindo e gira a garrafa, que após girar e girar para com a ponta virada para Ruby e a outra para Ben.

A garota sorri e pergunta:

— Verdade ou Consequência?

— Verdade.

Ruby pega o celular da mão de Mike e procura uma pergunta. Após o que parece uma eternidade, ela morde o lábio inferior e pergunta:

— Ben, qual a garota mais gostosa desta roda?

Sério isso? Que pergunta sem graça. É para que ele a escolha?

Aff...

No entanto, Ben Salvatore me surpreende ao responder:

— Liz Pérez.

Minhas bochechas esquentam e ao me virar para o capitão do time de basquete, ele ri da minha cara de espanto e dá de ombros.

Compreendo que sua resposta não signifique algo sério, mas não isenta a surpresa que senti.

— Obrigada? — digo, sem saber muito o que falar, e todos riem. Todos com exceção de uma pessoa que, neste momento, analisa Ben de um jeito indecifrável.

Matt está com os cotovelos apoiados nas coxas, as mãos unidas, e polegares acariciam levemente seus lábios, pensativo.

Salvatore gira a garrafa e desta vez ela para com a ponta virada para Kellan e a outra parte para mim. O moreno abre um sorriso tão largo que sinto todo meu corpo estremecer.

— Vamos lá, *Señorita*. O que será que temos reservado para você? Verdade ou Consequência?

O que faço?

Verdade ou Consequência? Se escolher Verdade, terei que responder a alguma pergunta tão constrangedora quanto a que Ben respondeu. Se escolher Consequência, sabe Deus o que virá como desafio. Estou ferrada em qualquer cenário.

— Verdade — respondo, finalmente.

Sinto minha pele queimar com os olhares direcionados a mim, mas principalmente do loiro que está à minha frente, concentrado em cada movimento meu.

— Humm... Deixa *eu* escolher uma perguntinha para você, então. Sabe que se não responder, além de beber um shot, terá que cumprir um desafio, correto?

— Correto.

Minhas mãos suam e enrolo meus cabelos em um coque desarrumado, prendendo-os com um nó.

O garoto ri e já sei que vem merda. Olho para Dani e ela aperta minha mão para me acalmar.

— *Señorita*, você já teve um sonho erótico com alguém desta roda? Se teve, com quem foi? Apenas a verdade, hein.

Todo o sangue é drenado do meu rosto.

— Não são duas perguntas? — rebato, procurando alguma brecha para diminuir minha vergonha.

— Não, não são. Se quiser posso reformular: Com quem desta roda você já teve um sonho erótico? Estou sentindo que está se esquivando...

Não posso responder a isso.

Não dá.

Impossível.

O pior é que se eu falar que prefiro um desafio, eles vão saber que realmente tive um sonho erótico com alguém daqui, mas prefiro que façam suposições a confessar algo tão pessoal e vergonhoso.

De esguelha, vejo que Stevens prende os lábios entre os dentes para não rir e tenho vontade de morrer. O maldito acha que vou arregar, mas não vou. De jeito nenhum.

— Quero desafio! — anuncio.

— Opaaaaaaa! — Os gritos dos garotos irrompem animados e Nick e Ruby soltam uma gargalhada alta.

Ridículas!

— Deixa eu ver aqui um desafio bacana para a nossa *Señorita*. Ah, já pode beber a sua dose.

Um copinho de shot aparece e logo Mike o enche de vodca. Bebo em uma golada e bato o vidro no chão.

— *Alguém está com sede.*

Ele repete a frase que me disse quando entornei sua bebida no Sammy's. Olho para Matt e o idiota está se divertindo à minha custa. Não o respondo, apenas sustento seus olhos brilhantes com os meus.

— Achei! — Kellan avisa. — Está preparada?

— Estou — digo, com firmeza.

— Faça um *body shot* em Matt Stevens.

— Você está de sacanagem, não é?

— Com certeza, não. A não ser que Stevens não queira.

Todos olham para ele em expectativa e, após alguns segundos, o babaca sorri:

— Eu quero!

Fico sem reação. Não sei o que é pior, dizer que tive um sonho erótico com Matt ou beber vodca direto no corpo dele.

É claro que eles estão me sacaneando! A intenção deles é essa, desde o momento em que nos convidaram.

Algo dentro de mim vai crescendo. Raiva misturada com determinação. O que me faz erguer o queixo e aceitar o desafio:

— Tudo bem.

Olho para Nick, que parece não acreditar que aceitei, e sorrio. Se ela quer ser uma vadia, eu também serei.

Mike não consegue parar de rir e mostro minha língua para ele.

Jordan se levanta com uma garrafa intacta de vodca e sem que alguém peça, Matt se deita, apoiando a cabeça nas mãos.

O filho da puta está adorando, mas vou entrar na brincadeira.

— Agora vou colocar a bebida no umbigo de Stevens e você terá de beber tudinho, *Señorita*.

— *Okay*, Jordan, pode colocar.

O moreno está se divertindo quando pede para o amigo levantar a camisa, o que ele faz sem nenhuma dificuldade. Ao olhar para os gomos bem desenhados, sem sinal de pelos, começo a pensar que não me dei tão mal assim. O que aprendi com a vida é que se ela te dá limões, nada melhor do que fazer uma boa limonada, e é isso o que farei.

Lembrando-me das palavras de Dani, deixo o álcool me relaxar e me permito curtir o momento.

Saio do meu lugar e quando me aproximo do loiro que vem me tirando do sério, monto sobre seu corpo, mais especificamente em suas coxas. Ele parece não acreditar em minha ousadia e seus olhos azuis escurecem imediatamente.

— *Porra, Señorita*, a brincadeira só melhora! — Smith fala, batendo palmas.

O vestido curto deixa minhas pernas expostas, porém, não de um jeito obsceno. Contudo, preciso puxar o tecido para baixo para a calcinha de renda não ficar à mostra.

Olhando Matt Stevens desse jeito, embaixo de mim, milhares de pensamentos vêm à minha mente. Ele não deixa de me observar, parecendo ter os mesmos pensamentos. Sua respiração pesada faz com que seu peito forte suba e desça rapidamente. Ainda que pareça tranquilo, sei que o afeto de alguma maneira. No fundo, eu sei.

— Prepare-se, Liz Pérez — Jordan avisa. — E aproveite a experiência que a maioria das mulheres de Yale gostaria de usufruir.

Ele derrama a bebida no umbigo do líder da Kappa e quando dá o seu ok, baixo meu tronco. No processo, meus cabelos se soltam do coque e, com a língua, percorro uma gota que deslizou até a cintura do loiro. Sua pele se arrepia, deixando-me satisfeita.

Retorno para o centro de seu abdômen trincado, sem tirar minha língua de sua tez bronzeada e com os olhos fixos nos dele, sugo o líquido com vontade.

Algo duro pressiona minha barriga e só quando me levanto um pouco percebo que Matt Stevens está excitado. De onde estou, o rosto a poucos centímetros de sua pele, perco o ar quando constato um desejo animalesco em suas feições.

E o seu cheiro? Sabonete e um perfume penetrante que tenho certeza de que ficará impregnado em meu vestido por dias, *caso eu não o lave*.

Com as unhas, aproveito para arranhar as laterais do seu corpo e sua respiração fica mais ofegante.

Aposto que se apenas nós dois estivéssemos aqui, essa brincadeira iria longe demais, pois consigo sentir a umidade em minha calcinha fina.

Paro de chupar seu umbigo e me ergo de uma vez. Toda a diversão se esvaiu de seu semblante quando miro em seus olhos tempestuosos. Eles percorrem minha face, meus mamilos endurecidos, minhas coxas sobre as suas, vagorosamente.

A sala está em silêncio e só ouço a minha respiração e a dele.

— *Caralho!* — Jordan murmura, tirando-me do meu torpor.

Aérea, tento sair de cima de Matt e suas mãos grandes seguram minha cintura, colocando-me no chão com cuidado. Ele se senta rapidamente, acho que para não deixar o volume de sua calça tão evidente, e me olha intensamente.

— Depois dessa, acho que todos deveríamos beber mais uma dose. Quem concorda? — Smith pergunta, abanando-se como se estivesse com calor.

Reviro os olhos, achando graça, e volto minha atenção para Dani. A morena está boquiaberta e diz apenas com os lábios:

— Arrasou, *hermanita!*

— Ela se aproveitou do jogo. — A voz de Nick soa acusatória.

— E o que tem de errado nisso? Aposto que você faria pior — Kellan rebate e a ruiva fecha a cara.

Ainda estou ao lado de Matt e enquanto os outros conversam e riem entre si, um dos seus braços enlaça minha cintura discretamente e sua voz rouca e baixa aquece minha orelha:

— Essa boca atrevida... sempre deliciosa.

Tentando não me afetar mais do que já estou, contra-argumento, sem olhar para ele:

— Isso foi apenas um jogo.

Rindo, volta a falar:

— Se você diz. Quando quiser continuar esse *jogo*, estarei aqui.

Viro meu rosto para ele e ficamos a centímetros de distância, ao ponto de conseguir sentir seu hálito de vodca e hortelã em meus lábios.

— *Destroyer*, se *eu* quiser alguma coisa além de jogo com você, será por opção *minha*, não porque *você* quer — retribuo no mesmo tom, e volto para o meu lugar.

— *Hermanita*, o que foi isso?

— Exagerei! Me deu uma vontade de sacanear esses idiotas e acabei entrando na minha própria armadilha.

— Eu senti o tesão de vocês daqui.

— *Aiii!* Acho que essa bebida toda está ferrando com meu juízo.

— Sei... a bebida.

— Para, Dani!

Ben pergunta se estou bem e aceno que sim.

— Pode girar a garrafa, Liz — Jordan pede.

Com uma mão apoio meu peso e com a outra giro a bendita garrafa. Ou melhor, maldita!

Meu impulso é fraco e em duas giradas a garrafa para. Pelo menos não foi em mim. Contudo, ao ver em quem parou, um estranho desconforto me invade.

— Ruby pergunta para Matt — Mike anuncia.

A morena fica agitada e é como se uma frase estivesse em sua testa: *escolha Consequência*. Ele olha para mim e sem desviar, responde:

— Consequência.

Babaca ao quadrado! Ele sabe o que a melhor amiga de Nick vai fazer e não está nem aí. Por isso, quando Ruby sorri como uma hiena e mal pega o celular de Kellan para olhar as opções, não fico surpresa ao ouvir:

— Beije a Nick, de língua.

Eu sabia!

Por que ele vai fazer isso com ela? O idiota sabe que a garota é obcecada por ele. Dentro de mim, a irritação se transforma em algo maior e minha boca fica amarga.

Stevens bebe um longo gole de vodca no gargalo e se levanta. A ruiva se aproxima dele como um gatinho manhoso e tenho vontade de vomitar.

Ele a pega pela cintura e, então, a beija. Um beijo com língua. Muita língua e saliva.

Meu estômago revira e minha respiração acelera.

Os mesmos lábios que estiveram nos meus agora estão nos dela.

As mesmas mãos que me agarraram e quase me deixaram louca agora apertam sua cintura.

Será que sempre vou sentir isso quando o vir com outras mulheres? Essa palpitação, o gosto amargo na boca, esse aperto.

Odeio me sentir assim.

Nem percebo que estou com a testa franzida até Matt se separar do contato com Nicole e me olhar. Seus lábios estão vermelhos, inchados, e não consigo encará-lo nem por mais um segundo. Viro para o outro lado e encontro com Dani me observando.

— Você está bem?

— Estou ótima — minto.

Mike também parece preocupado e desvio meu olhar dos dois. Não quero que entendam essa minha irritação de maneira errada, pois não tenho nada com Stevens. O que acabou de acontecer só me provou que ele não se importa com ninguém além dele.

Matt gira a garrafa com uma força absurda e ela para exatamente com a ponta virada para a minha amiga e o fundo para Ben. Pensei que fosse difícil conseguir isso por estarmos relativamente perto, mas aqui estamos.

— Verdade ou Consequência? — Dani pergunta.

Viro para Ben e sua resposta vem logo:

— Consequência.

Arregalo meus olhos, porque pela segunda vez na noite, ele me surpreende.

Como em um jogo de pingue-pongue, olho para a morena e ela pega o celular de Kellan para conferir as opções.

— Tem gelo aí? — a brasileira pergunta e fico curiosa.

— Opa, temos! — Jordan sai correndo para o mesmo lugar de onde trouxe as garrafas de vodca e imagino que seja uma copa.

Em segundos, temos um copo com gelo e sem me olhar, Daniela diz para Ben:

— Passe um cubo de gelo da sua boca para a pessoa que está à sua direita.

À direita de Ben.

À direita de Ben? Sou eu!

Perplexa, faço inúmeras perguntas silenciosas, mas Dani chega em meu ouvido e diz:

— Ben te adora, é gostoso, é veterano e está acostumado com esse tipo de brincadeira. De inocente não tem nada, amiga. Aproveite! Considere isso como uma pequena afronta para um certo *filho da puta*.

Viro para Salvatore e ele parece tão surpreso quanto eu.

— Liz, se não quiser, estou tranquilo.

— Você quer ou não quer? — pergunto.

— Quero, mas respeito sua opinião.

— Eu também quero.

Rio para ele e nós dois nos levantamos.

— Opaaaaa — Damon e Kellan gritam.

Nem sequer olho para Matt. Desde o beijo com sua *peguete*, não consigo.

Ben pega um cubo de gelo e o coloca na boca.

— Está gelado? — brinco, tentando afastar a tensão.

— Nada que a sua boca não esquente.

— Uau!

Ele pisca para mim e coloca as mãos em minha cintura. Em contrapartida, seguro seus bíceps.

Com destreza, ele inclina a cabeça para um lado e eu para o outro. Sua boca se aproxima e ele passa o gelo em meus lábios. A sensação é deliciosa. De repente, Ben me oferece o cubo de gelo e eu o pego, porém, antes que eu perceba, sua boca se choca com a minha, assim como sua língua gelada e quente na mesma medida.

Nossas línguas se encontram, o gelo passa da minha para a sua boca em um vai e vem, e o cubo vai diminuindo, tornando-se água. Experimento passar minha língua em seu piercing e ele arfa, puxando-me para seus braços com mais força.

Seu beijo não me deixa fora de controle, mas é acolhedor, seguro. Diferente *daquele* beijo. *Daqueles* lábios.

Não vou deixar esse cara invadir meus pensamentos logo agora. Não vou!

Só quando estamos sem ar nós, nos afastamos e logo a sala irrompe em aplausos. Ele cola sua testa na minha e beija minha cabeça.

— Me desculpe, mas não consegui me segurar — murmura.

Eu sorrio.

— Eu também não fiz muito esforço para te separar. Continuamos amigos, não é?

Ele ri e me abraça:

— Sim, Liz Pérez. Continuamos amigos. Com a vantagem de que agora conheço o gosto do seu beijo.

Dou um tapa em seu braço e rio novamente.

Ao me sentar, continuo sem encarar Stevens. Não quero saber o que ele está pensando ou o que seus olhos hipnotizantes querem me dizer.

— E aí? — Dani pergunta discretamente.

— Foi muito bom.

— Mas...

— Nada de “mas”. Apenas isso.

— Só não superou o *outro*, não é?

Seus olhos verdes me olham e a compreensão os inunda. Uma vontade enorme de chorar me atinge de repente. A bebida me deixa mais sensível do que o normal e estou muito confusa.

Por mais que eu diga para mim mesma que não beijei Ben para dar o troco em Matt, no fundo, eu sei a verdade e isso faz com que eu me sinta uma péssima pessoa.

Eu não sou assim.

Eu não uso as pessoas.

Ao mesmo tempo, preciso pensar que é apenas uma brincadeira.

— O negócio está ficando bom demais, galera! — Damon grita.

— Liz Pérez não perde uma oportunidade... — A voz afiada de Nick me faz encará-la.

— Diz a garota que corre atrás de quem não a quer como um cachorrinho corre atrás do osso — disparo.

Todos ficam em silêncio e se um olhar pudesse desferir golpes ou me lançar lâminas, eu já teria sido atingida por Nicole e sua amiga puxa-saco.

— Ponha-se no seu lugar, *caloura* — a ruiva dispara.

Eu arqueio as sobrancelhas e rebato:

— Você tem prazer em diminuir os outros, não é? — Empertigo-me no meu lugar e Dani coloca uma mão em meu ombro para me acalmar.

— Não diminuo os *outros*, só não dou moral para quem chegou *ontem* e se acha *a boazona*.

— Ah, então não passa de recalque mesmo.

— Sua... — ela ameaça me xingar, mas Kellan a corta.

— Hey! Vamos voltar para o jogo? Sem ofensas, galera. Nick, pegue leve, *porra*!

— Eu? Fala isso *pra* ela!

— Ben, pode girar a garrafa — Jordan pede.

Ergo meus olhos e encontro Matt me encarando. Seu rosto está fechado, os olhos brilhantes e as mãos entrelaçadas sobre os joelhos.

Ao meu lado, Ben recomeça a brincadeira e desvio meu olhar para a garrafa, torcendo para não parar em mim.

Não pare em mim.

Não pare em mim.

E não parou.

Alívio me invade.

A ponta da garrafa parou em Damon e a outra em Ruby. O loiro ri e pega o celular do amigo.

— Verdade ou Consequência, Ruby?

— Com certeza, Consequência.

O garoto abre um sorriso sinistro e analisa as opções de desafio.

— Abra a calça de Matt com a boca.

— O quê? — O grito estridente de Nicole invade a sala. — Você es...

— Nick, o desafio é para Ruby — Smith intervém. — Se ela não quiser cumprir, será eliminada do jogo. Quando a pessoa escolhe Consequência, tem que lidar com as consequências, literalmente.

Errado ele não está.

— Se deu bem, Stevens! — Kellan vibra e reviro meus olhos.

— Uma pena que ela só vai abrir a calça...

Encaro o líder da fraternidade e ele está sorrindo. Para mim. Como pode ser tão babaca?

Seus amigos riem como loucos, enquanto Ruby diz para Nick que é só uma brincadeira. A garota fica de bico, mas assente.

Por mais que meu estômago esteja se revirando, sinto uma espécie de prazer em vê-la provando da própria maldade.

A morena bebe sua dose de vodca e se aproxima de Matt. Ele se estica, apoiando os cotovelos no chão, e teatralmente Stevens enrola o rabo de cavalo da morena em sua mão com a desculpa que é para não a atrapalhar. Dani me olha e diz:

— Por que homem é tão escroto?

— Acho que a pergunta certa seria: por que *ele* é tão escroto?

— Amiga, a gente precisa dar o troco.

— Não gosto desses joguinhos toma-lá-dá-cá, Dani.

— *Hermanita*, estamos nos divertindo aqui. Ou não?

— Não sei. Estou incomodada. Não queria ter beijado Ben só para provocar outro cara.

Viro-me para verificar se Ben está me ouvindo, mas ele está concentrado na cena à frente.

— Pode ir parando! Nós estamos em uma brincadeira. Nada de ficar encucada com bobeira.

— É tudo novo *pra* mim, Dani. Às vezes não me reconheço e isso me assusta.

— Continue sendo a Liz ousada que bateu de frente com uma megera e te garanto que vai ficar tudo bem. Aproveite, amiga! Pelo pouco que você me contou, sei que não teve uma adolescência normal e precisou amadurecer antes do tempo. Isso fez com que você pulasse algumas fases, então agarre esta oportunidade para recuperar o tempo perdido. Não leve tudo tão a sério.

— Vou tentar, Dani. Vou tentar.

Ela me abraça e ouvimos assovios e aplausos.

— Amigas se pegando! — Jordan grita, referindo-se a mim e à brasileira.

Nós duas nos afastamos e começamos a rir.

— Vocês são nojentos — digo.

Olho para frente e me deparo com Ruby esfregando o rosto no cóis da calça de Stevens. Ela tenta abrir o botão, os dentes trabalhando com os lábios, e Nick não para de gritar para a amiga ter cuidado e não encostar na zona proibida.

Tenho vontade de rir, mas confesso que estou satisfeita. Matt pensou que se daria bem e levou a pior. Seguro uma risada e no mesmo instante o loiro mira suas íris azuis em mim, como se soubesse exatamente no que estou pensando.

Por fim, Ruby consegue abrir o botão, depois o zíper, sem encostar em *outras partes* e é ovacionada. Tenho que dar parabéns a ela. Ainda que tenha uma víbora como amiga, sua lealdade é exemplar.

A garota volta ao seu lugar com o peito estufado e Matt abotoa a calça novamente.

— Foi sem graça esse desafio, Jordan. Aposto que se fosse Liz Pérez no lugar da Ruby a *brincadeira* ficaria bem mais *animada*.

Impossível não interpretar o duplo sentido de suas palavras.

— Você é sujo, sabia? — disparo.

— Tenho certeza de que quando estava com a boca grudada na minha não pensou assim.

— Seu fi... — começo, mas sou interrompida.

— Hey, crianças. Vocês estão muito ariscos. Matt, pode girar a garrafa da discórdia.

A brincadeira de Kellan me faz rir e um pouco da tensão se desfaz, pelo menos até perceber que Nick me olha intensamente. Aposto que é por causa do comentário sugestivo de Matt sobre o nosso beijo.

Só me faltava essa!

O loiro gira a garrafa e ela para com a ponta virada para Nick e a outra...

Adivinhe para quem?

— Relaxa, gatinha — Ben murmura em meu ouvido e só posso rir.

— Nick pergunta para Liz — Jordan anuncia.

Todos ficam em silêncio, como se esperassem o grande confronto.

A ruiva abre um sorriso forçado e pergunta:

— Verdade ou Consequência? Como sei que ela não aguenta a pressão, já vou escolher a pergunta...

— Consequência! — respondo e todos viram em minha direção.

— É assim que eu gosto! — Damon exclama, antes de bater palma com palma com Jordan.

Mike e Dani me observam com preocupação e aceno para que eles fiquem tranquilos.

Nick ri e então lança seu desafio:

— Monte em Kellan e solte gemidos de prazer, como se estivesse fazendo sexo com ele.

Que.Merda.É.Essa?

— *Putá merda!* — Ben sibila.

— Não acredito nisso — Dani balbucia, incrédula.

Isso é pesado.

Olho para Jordan e ele está com os olhos arregalados na direção de Stevens, que encara Nick de um jeito intimidador. A ruiva, no entanto, finge que não é com ela.

Se aceitar este desafio, tenho certeza de que irei me arrepender, mas se tem uma coisa que tenho aprendido aqui, com Dani e Mike, é que preciso mostrar minha força ou sempre irão tirar vantagem de mim.

Respiro fundo e me levanto.

Kellan me acompanha com o olhar, como se não acreditasse no que estou prestes a fazer, e digo:

— Desafio aceito. Pode se deitar, *queridinho*.

A sala irrompe em palmas de Damon, Mike e até Dani.

— É isso aí, *hermanita!*

— Você vai tirar de letra, *Señorita* — Mike debocha e dou uma risadinha.

Sou grata por tê-los comigo. Eles estão me dando força, tentando aliviar a tensão, e isso não tem preço.

A expressão chocada de Ben chega a ser engraçada.

Kellan Jordan, o cara que estava tirando sarro de todo mundo, agora engole em seco, preocupado com o que o amiguinho vai falar, talvez?

Isso vai ser mais engraçado do que imaginei.

O moreno se deita no chão e aguarda.

Bebo uma longa dose de vodca, puxo um pouco o vestido e tomo cuidado para me sentar em suas coxas, e não em suas partes íntimas, porque aí já seria demais. Kellan está todo rígido, evitando ao máximo se mexer e novamente tenho vontade de rir.

O mais engraçado é saber que o feitiço virou contra o feiticeiro.

Recordo de um filme que vi uma vez, zapeando na TV — tudo bem que não era bem um *filme*, mas serve —, e finjo que estou rebolando e gemendo como a atriz.

— Oh, Kellan! Mais rápido, Kellan!

Ouçõ a risadinha inconfundível de Dani e sorrio comigo mesma.

Rodo a cabeça, fazendo meus cabelos se espalharem no rosto do integrante da Tríade, que está paralisado, como se não soubesse o que fazer ou como se portar.

Pego suas mãos e as coloco em minha cintura, olhando diretamente para um Matt furioso. Nunca o vi desse jeito. Não sei o motivo de estar assim, já que não se importou em beijar a boca da ridícula e fazer gracinhas enquanto Ruby abria o botão de sua calça. Como dizem: pimenta nos olhos dos outros é refresco.

— Isso, Kellan! Estou quase lá! — Exagero na voz estridente e manhosa.

Subo e desço meu corpo duas vezes, gemendo, fingindo um sexo quente, e fico sem reação quando percebo um volume logo acima das minhas coxas.

Olho para Jordan e ele está completamente sem graça. Tanto que nem consegue encarar seu amigo.

Rapidamente, me levanto, já me dando por satisfeita no desafio, e sou recompensada com aplausos.

— Vai acampar, Jordan? — Damon não perdoa.

O moreno se senta rapidamente e leva as pernas até o peito, tentando disfarçar seu constrangimento.

— Vai se *foder*, Smith. Queria ver se fosse você.

— Bem que disseram que você abria as pernas para qualquer um...

É claro que Nicole não perderia a oportunidade de me alfinetar. A garota não sabe perder e recorre à baixaria para tentar ficar por cima.

Meu sangue ferve e faço um esforço sobrenatural para não cair em sua armadilha. O que suas palavras remetem toca

fundo em mim e sei que preciso parar por aqui.

Já provei o que tinha que provar e sei a hora de me retirar.

— Desafio concluído com sucesso. Agora, se me dão licença, vou sair do jogo.

Dani e Mike fazem que vão se aproximar, assim como Ben, mas faço um sinal com a mão para eles não me acompanharem. Preciso ficar um pouco sozinha. Preciso refletir no que acabei de fazer.

Sem olhar para trás, caminho até a porta do salão e ouço a voz de Stevens falar um incisivo “não” para alguém. Nem me dou ao trabalho de saber o que é e quando fecho a porta apoio meu corpo na parede.

É como se toda a adrenalina de minutos atrás tivesse ido embora e, sem que eu tenha controle, lágrimas e mais lágrimas escorrem pelo meu rosto.

Meu Deus, o que eu fiz?

É claro que eu iria me arrepender.

Tentei não dar vazão ao que minha mente estava avisando, alertando, mas não dei ouvidos. Eu não precisava provar nada a ninguém, mas a chance de desafiar Nicole me cegou de uma forma...

Eu não me reconheço.

Uma voz dentro da minha cabeça chega para me atormentar ainda mais quando sussurra: *talvez você tenha mais do que o sangue de sua mãe. Talvez seja igualzinha a ela.*

Logo a frase de Nick completa meu tormento: *Bem que disseram que você abria as pernas para qualquer um...*

Mais lágrimas chegam, inundando meus olhos, e penso que vou ficar sem ar de tanto que estou soluçando.

Eu não sou assim.

Eu não vim para Yale para ter esta fama, para ficar conhecida como uma garota fácil.

Minhas emoções se confundem e vêm como uma avalanche: as provocações com Matt desde que cheguei à Yale, o nosso beijo no Sammy's, o fato de todos me verem como um objeto sexual só porque amo dançar, a briga tensa com Carmen, esse jogo idiota, essa garota que teima em me tirar do sério... tudo por causa *dele*.

Por que não ouvi os avisos de Carla?

No final das contas, não sou tão corajosa assim. No final das contas, sou apenas uma garota perdida, em busca do seu lugar. Ele quis me desestabilizar e conseguiu. *Ele conseguiu.*

Será que é assim que as garotas ficam quando ele as destrói? Será que duvidam tanto de si como estou duvidando de

mim agora?

Deslizo minhas costas parede abaixo, transtornada. Tento respirar fundo, mas o ar não chega aos meus pulmões, quando de repente uma mão agarra meu pulso. Só tenho tempo de olhar para o corpo enorme à minha frente e de ver uma outra porta se abrir.

Matt Stevens me trouxe para o seu quarto.

VINTE

Água tão profunda, como respiramos?
Como vamos escalar?
Então, nós ficamos nessa bagunça
Esta linda bagunça esta noite

BEAUTIFUL MESS, KRISTIAN KOSTOV

Liz Perez

Sua expressão é impenetrável, mas seu peito sobe e desce muito rápido, como se estivesse prestes a explodir.

— O que você está fazendo? Eu não quero conversar agora.

— Calma!

— Quero sair daqui! Não quero que ninguém me veja assim, principalmente *você*.

— Calma! Respire fundo!

Ele só pode estar zoando com a minha cara.

Viro-me em direção à porta e quando toco a maçaneta, Matt me prende no lugar. Uma mão segura a porta, a outra espalma a parede, perto da minha cabeça.

— Quero sair daqui — repito, sem parar de soluçar. — Não preciso da sua pena.

— Eu não vou deixar que te vejam assim. Fique calma e respire fundo. Estou sentindo várias coisas neste momento, e pena não é uma delas.

Não entendo o que quer dizer, mas não me importo. Que ele e seus enigmas se *fodam*!

Ainda estou de costas para Stevens e mais lágrimas caem quando seu nariz cheira meus cabelos, minha nuca, meu pescoço.

— Para. — Minha voz embargada soa fraca. — Não me toque!

— Não consigo...

Com raiva, limpo meu rosto de qualquer jeito com as costas da mão, e digo entredentes:

— Estou cansada desses joguinhos! Os seus, dos seus amiguinhos, daquelas garotas ridículas. Não vim *pra* cá para isso. Não saí de uma vida sem perspectivas para chegar aqui e ser alvo de riquinhos que nunca passaram por uma dificuldade.

O fato de não olhar para seus abrasadores olhos azuis me encoraja a despejar tudo o que preciso, sem correr o risco de esquecer alguma coisa, e continuo:

— Não vim para ser dominada por esse sentimento ruim, essa angústia. A ponto de duvidar de mim, de quem sou. Não quero ser o seu novo brinquedinho, Stevens. Não quero ser mais uma Nicole, Mary, Clary, seja lá quem você *pegou* e jogou

fora. Eu não posso fazer isso comigo. Já sou quebrada o suficiente e não vou deixar que um *playboy* metido a *bad boy* destrua o que me restou de bom. Não vou!

Ele me gira de repente, fazendo-me abrir meus olhos inchados e vermelhos, e segura meu rosto com uma das mãos. Os olhos tempestuosos estão aqui, brilhando de uma forma que nunca vi. Sinto sua agonia, a forma que seu corpo tensiona, como se estivesse em um conflito interno, e fico paralisada, sem saber como reagir a *este* Matt Stevens. Logo sua voz grave e perigosa chega aos meus ouvidos:

— Você acha que eu *quero* te destruir? Acha que estou gostando de te ver assim? Pensa que não tentei me afastar? Por toda a minha vida ouvi as pessoas dizerem que eu quebro e destruo tudo o que toco, e ao te ver desse jeito, triste, transtornada, sinto um gosto amargo na boca, pois o que menos quero é apagar o seu brilho. Um brilho tão forte que não consigo ignorar.

Não sei o que pensar. Ele não parece estar mentindo, mas não consigo confiar plenamente.

— Não quero ouvir suas mentiras. Não quero ouvir *nada* que venha de você.

Seu olhar é vago, enquanto acaricia meus cabelos.

— Você pode não acreditar, mas o que vou te contar, eu nunca contei para ninguém. De um jeito que não compreendo, eu confio em você, Liz Pérez, porque eu sei que, de alguma forma, você vai me entender.

Ele dá um passo para trás e rapidamente cruzo meus braços. Apesar de não querer ouvir suas historinhas, estou curiosa para saber o que ele quer me contar.

— Passei a infância escutando que era um fraco, um imprestável, uma maldição, recebendo pancadas, e digo isto no sentido literal, *amor*. — Ele ri, mas não há graça alguma. — De uma hora para outra, vi minha vida desmoronar. Eu era só um garoto de dez anos de idade. Cresci com uma raiva *fodida*, querendo quebrar a *porra* toda, ser o cara mais forte que eu poderia ser, afastando a mínima possibilidade de entregar meu coração a alguém. Sorte a sua que ainda tem algo de bom, Liz Pérez, porque eu fui quebrado completamente e não tenho um lado bom que possa ser salvo.

Estou perplexa.

Ao contrário do que pensava, Matt Stevens não teve uma vida fácil. Pelo tom de sua voz, ele conheceu bem o que é a dor, e isso, mesmo que eu não queira, me faz baixar um pouco a guarda.

Consigo vislumbrar o porquê de ele ser como é. Frio, inatingível, inacessível.

Ele se blindou. Como eu.

Uma alma quebrada reconhece outra, eu só demorei a perceber porque ele soube se esconder muito bem debaixo de sua aparência arrogante.

E ele não para:

— Eu sei que você me acha um *playboy-riquinho-mimado-bad-boy* e o *caralho* que as aparências mostram, mas *eu sei* quem sou e o que sofri para estar aqui hoje, estudando em uma Universidade respeitada, liderando uma fraternidade e um time de futebol. E sabe o que faço com toda a raiva que me acompanha desde criança e cresce diariamente dentro de mim? Malho pesado, participo daquele tipo de luta que você assistiu, e, claro, muito sexo.

Ele desliza a língua pelos lábios secos sem desviar a atenção da minha boca.

— Não vou negar que adoro *foder*; que quase todos os dias tenho uma mulher na minha cama; que em um estalar de dedos elas aparecem, mas também somem, pois nenhuma *dorme* aqui. Sempre deixei claro que, comigo, elas só vão conseguir uma boa dose de *foda* e nada mais. Não tenho culpa sobre as expectativas que as mulheres criam em cima de mim o tempo todo.

Suas palavras são como um soco em meu estômago. Eu já sabia que ele não era flor que se cheire, mas é inevitável sentir um incômodo no peito. Mulheres. Uma infinidade delas conhece seu corpo, sua boca, sua cama. Preciso acalmar meu coração acelerado. Fica cada vez mais insuportável imaginá-lo ou vê-lo com outra mulher e isso não pode ser uma coisa boa. Não, não pode!

Ele caminha pelo quarto, passa as mãos nos cabelos e fica parado em frente à janela. Esta seria a oportunidade perfeita para sair daqui, mas não consigo. Não agora que, finalmente, estou o conhecendo e, mesmo que não tenha me contado tudo, a dor em sua voz me afeta mais do que deveria.

Imagens de Mike me alertando sobre não julgar as aparências piscam em minha mente e tenho vontade de chorar de novo. Faço um esforço para falar e pergunto algo que me veio de repente:

— O apelido, *Destroyer*, tem a ver com tudo isso?

Ele não me olha, abre e fecha as mãos, e leva alguns segundos para me responder:

— *Destroyer* representa quem eu sou. Um dia, fui destruído, mas, hoje, *eu* sou o destruidor. Destruo meus obstáculos, minhas frustrações, e, às vezes, pessoas. Destruo qualquer um que tente me diminuir e me reduzir a nada. Nem que no processo, eu me autodestrua.

Se eu pensei que Matt Stevens não poderia ser mais intenso, estava completamente enganada. Virando-se para mim, fala:

— Há um tipo de navio de guerra que parece inofensivo, mas escolta grandes navios, às vezes muito maiores do que o seu próprio tamanho. São rápidos e manobráveis, e servem estritamente para proteger e defender a esquadra naval contra o perigo. Esses navios são chamados contratorpedeiros, porém, são mais conhecidos como *Destroyer*. Moral da história: o segredo não está no seu tamanho, mas no quanto você está preparado para vencer.

Isso foi profundo. Eu já vi filmes com esse tipo de navio, mas nem em meus maiores devaneios poderia imaginar que seu apelido teria alguma referência a ele.

— Muito interessante — respondo, um tanto perplexa com sua explicação.

— Posso parecer prepotente, mas é a minha realidade. Agir assim é a forma que encontro para me blindar e enfrentar meus fantasmas.

— Eu entendo. De verdade, eu entendo. Ou nós nos fazemos de fortes ou o mundo nos engole.

É como se estivesse vendo Matt pela primeira vez e esse lado desconhecido me atrai. Infelizmente, me atrai. Saber que nós dois somos quebrados, imperfeitos e, acima de tudo, sobreviventes, derruba pouco a pouco as barreiras que ergui contra ele.

— Eu precisei sair daquela sala porque não estava me reconhecendo. Eu não sou aquele tipo de garota, que precisa provar algum ponto só porque alguém a provocou. Não nasci em berço de ouro, não tenho uma família estruturada, e, assim como você, tive que aprender a lidar com a vida basicamente sozinha. Só que aqui, em New Haven, tenho feito tanta coisa que nunca fiz antes, que é como se fosse outra pessoa dentro de mim. Não sei se você entende, mas é assim que me sinto.

Após ouvir tanto sobre ele, senti a necessidade de explicar o meu lado também.

— Eu entendo, Liz. Você pode não perceber, mas te observo. De um jeito que ainda não compreendo, eu sei que você é diferente das outras garotas, e é isso que me faz querer te conhecer melhor. Geralmente, não tenho esse interesse todo por uma garota, e nem faço provocações aleatórias com qualquer uma, apenas ignoro e foco no meu objetivo. Mas com você... — ele ri —... é absurdo como quero saber de tudo a seu respeito.

Sua sinceridade me choca novamente e tenho uma ideia.

— Sou Liz Pérez, tenho 18 anos e nasci em Miami, mais especificamente em *Little Havana*. — Matt Stevens franze o cenho, confuso, e continuo: — Meu sonho era estudar em Yale e quando consegui uma bolsa de estudos, nem acreditei, afinal, as coisas nem sempre deram certo para mim. A vida toda morei com minha mãe, mas ela raramente ficava em casa. Nós duas não temos uma boa relação e naquele dia, no Sammy's, eu estava mal por conta de uma briga horrível que tivemos por telefone.

— O que você está fazendo?

— Me apresentando adequadamente.

Ele assente com a cabeça e abre um sorriso fraco, antes de falar:

— Sou Matt Stevens, tenho 23 anos e nasci em New Jersey. Como já dei a entender, tive uma infância difícil e aos dez

anos minha vida mudou completamente. Minha mãe morreu, nunca mais vi meu pai, o que dou graças a Deus, e cresci em Nova York, com uma boa família que me adotou aos doze anos. O sobrenome Stevens vem deles. Naquela noite, no Sammy's, eu não estava bem porque foi o dia do aniversário de morte da minha mãe. Treze anos desde que ela se matou.

— Meu Deus! — Estou impactada. Se eu pensei que já havia escutado o pior, nada poderia me preparar para ouvir que sua mãe se matou! E ele dando graças a Deus que seu pai desapareceu? Que coisa mais triste! Imagino o quanto deve ter sofrido. — Meus sentimentos, Matt. Eu... eu não sei nem o que dizer.

— Obrigado, mas hoje estou bem. Não foi fácil, mas sobrevivi. Ninguém sabe dessa parte da minha vida, mas com você sinto...

— Empatia?

— Exatamente. Como se você pudesse me entender de verdade. *Porra!* Isso soa careta demais.

Ele ri e o acompanho.

— Não, não é careta. Eu sinto o mesmo. Ah, esqueci de mencionar que nunca conheci o meu pai.

— *Caralho*, quão *fodidos* nós somos? Estamos no mesmo barco, Liz Pérez! — exclama e rimos novamente.

— Sim, estamos, Matt.

É engraçado rirmos da nossa própria desgraça, mas o melhor é poder rir com alguém que entende a nossa dor.

— Como você se sente sobre isso? Não ter conhecido seu pai e tal...

— Dói um pouco, mas não como antes.

— Eu queria não ter tido um pai.

Suas palavras são fortes e incrivelmente sinceras. O que ele deve ter passado? E sua mãe? Por que será que se matou?

Fecho a distância entre nós e o abraço. Ele não espera, mas logo retribui o gesto, aconchegando-me ao seu peito. Seu coração bate acelerado, não sei se por conta do contato ou pela conversa densa que acabamos de ter. Matt afaga meus cabelos, um carinho terno, sem aquele fogo usual, e é muito bem-vindo. Relaxo consideravelmente sob seu toque e o mesmo acontece com ele. Ficamos assim por alguns minutos e resolvo me virar para a janela.

Só agora tenho noção de que a vista dá para a festa que acontece na área externa da mansão. As pessoas dançam, bebem, conversam, e me sinto em um verdadeiro camarote.

Franzo o cenho, me lembrando de quando estava dançando na primeira festa e pensei ter visto uma aparição de vermelho na janela, porém, como estava tudo escuro, não imaginei que pudesse ser Matt Stevens. Até porque eu não o conhecia.

Agora as peças se encaixam.

— Você estava aqui na festa de boas-vindas...

— Sim, tinha acabado de chegar de uma luta.

— Eu pensei ter visto um fantasma, sei lá, estava tudo escuro.

Ele ri, concentrado na pista de dança.

— Foi quando eu te vi pela primeira vez. Estava cansado demais para descer, mas uma garota com longos cabelos ondulados, vestida completamente de preto — arqueio as sobrancelhas por saber que ele lembra da minha roupa —, chamou a minha atenção com sua dança; como seduzia sem querer seduzir; como capturava os olhares de todos os *filhos da puta* e nem se dava conta. Naquele dia, eu soube, de alguma forma, que você era *perigosa*.

— Eu? Perigosa?

— Sim. Muito perigosa.

O quarto está escuro, mas as luzes da festa iluminam nossos rostos em uma penumbra. Olho para seu perfil, a mandíbula forte pulsando sem parar, e pergunto, baixinho:

— Por que eu sou perigosa, Matt?

Imediatamente, seus olhos me encontram e esquadrinham cada detalhe meu.

De uma hora para a outra, o clima mudou. A tristeza deu lugar ao que sempre acontece quando estamos no mesmo ambiente. Minha respiração está pesada, ele não para de mirar minha boca.

Subitamente, meu corpo é levado até a janela fechada e minhas mãos presas acima da minha cabeça.

Não o impeço.

Não grito.

Apenas espero sua resposta, arfando.

Já desisti de tentar me controlar. Agora que compartilhamos detalhes tão importantes das nossas vidas, a ligação que tínhamos ficou ainda mais forte, mais intensa.

Matt me cheira, desliza o nariz pelo meu pescoço, clavícula até chegar ao meu colo exposto pelo decote. Ele me lambe entre o vão dos meus seios e não consigo conter um gemido.

Seu corpo enorme cobre o meu, pressionando a coxa musculosa entre as minhas e não reconheço sua voz quando fala:

— Até o meu nome na sua boca me deixa louco e você ainda quer saber por que é perigosa? *Amor*, você mexe comigo

de um jeito que me deixa louco. Nunca fiquei tão *puto* em assistir a *porra* de um beijo, mas ver Salvatore se deliciando, tocando seu corpo, beijando essa boca atrevida... E, depois, aquela simulação *fodida* com um dos meus melhores amigos. *Porra!* Só de vê-lo excitado por sua causa... Por pouco não o quebrei ali mesmo.

— Só você pode se divertir, garanhão? — brinco.

Stevens empurra sua coxa com mais intensidade, pressionando justamente aquele ponto que estou latejando, e ofego.

— Nunca precisei beijar uma mulher que não estava afim só para provocar a que eu realmente queria, muito menos em um jogo idiota como aquele.

Ele tinha que voltar a esse assunto.

— Você é um babaca mesmo! — exclamo, batendo em seu peito por ele confirmar que beijou Nick só para me provocar. Fico mais furiosa ainda ao me dar conta de que atingiu seu objetivo.

Matt ri. Uma risada grave e safada.

— Sim, eu sou um babaca, *amor*. Um babaca que nunca desejou uma mulher como eu venho te desejando desde que coloquei meus olhos sobre você. Desde que te vi dançando, toda linda, gostosa. — Ele aperta minha bunda sem piedade e ao sentir sua rigidez pulsando solto outro gemido. — É só te ver que o meu lado animal, selvagem, possessivo, entra em cena.

— E por que faz questão de agir como um babaca comigo?

Seus dentes puxam o lóbulo da minha orelha e arqueio minhas costas, pressionando meus seios em seu peito duro.

— Não faço *questão*, amor. É o *meu* jeito. Não conheço outro.

Em um segundo, seu corpo musculoso está me prensando contra a janela, no outro, sou carregada e jogada na cama.

O colchão afunda quando ele paira sobre mim.

— Você me quer? — pergunta, depositando um beijo no vão dos meus seios, causando-me arrepios e deixando meus mamilos duros. — Com todas as merdas que te contei, você me quer?

Mal sabe ele que as suas *merdas* me atraíram ainda mais. Nunca senti um desejo tão avassalador e isso está me consumindo. Eu quero que Matt me leve à loucura, como eu sei que só ele é capaz.

O loiro vai descendo até seu rosto ficar entre minhas pernas. Lambe minhas coxas, virilha, morde minha barriga. Se ele soubesse que foi exatamente assim que o vi em meus sonhos... A realidade é bem melhor.

Neste momento, o vestido está enrolado até minha cintura e a vergonha que pensei que sentiria dá lugar ao mais puro desejo.

Fico apenas assimilando seu toque, o quanto estou à flor da pele, quando ele cobra:

— Me responda, *amor*. Você me quer?

— Quero, Matt. Quero muito.

— Aposto que o seu sonho erótico foi comigo, não foi?

É óbvio que ele tocara no assunto.

— Você é muito convencido. — Arfo ao sentir seu queixo com a barba por fazer se esfregar em minha virilha.

— Sonhou ou não sonhou, *amor*?

— Sonhei, *porra*! — grito, fechando os olhos. Esse idiota consegue tudo o que quer.

Sua risada reverbera em minha pele e estremeço.

— E o que eu fazia?

— Quer parar de falar?

— Eu fazia isso? — O safado dá um beijo sobre minha calcinha de renda e minha respiração fica entrecortada.

Abro os olhos e o vejo ajoelhado, me olhando de um jeito lascivo, mas também com admiração.

— Tão pequena e tão gostosa. O que eu quero fazer com você, *amor*... Uma tentação *do caralho*.

Suas palavras me dão uma ousadia momentânea e sem tirar meus olhos dos dele subo meu vestido, passo pela minha cabeça e o lanço sobre o chão de qualquer jeito.

Os holofotes lá de fora me permitem ver sua expressão, suas íris azuis me queimando, perscrutando meu rosto, os cabelos espalhados nos lençóis, meus seios descobertos, meu ventre, até chegar à minha calcinha minúscula.

Ele continua do mesmo jeito. Ajoelhado. Absorvendo cada detalhe em uma espécie de transe.

— Linda *pra caralho*! — Em um instante, sua boca devora a minha em um beijo arrebatador. Eu o beijo de volta, agarrando seu pescoço, arranhando suas costas sobre a blusa e, mordiscando meu lábio inferior, murmura: — Me diz que vou poder tomar seu corpo à noite toda; que vamos *foder* até ficarmos exaustos, porque quando começar, Liz Pérez, eu não vou parar.

Sua promessa me acende por inteiro e eu o beijo como se a minha vida dependesse disso. Chupo sua língua em um claro aviso de que estou pronta, que eu quero tudo o que ele tem para me dar e que eu também quero, e *preciso, foder* à noite inteira.

É isso o que ele faz comigo. Me faz pensar de um jeito que nunca pensei antes. Me faz ter consciência do meu corpo e do que pretende fazer comigo. Ele *é* um cara sexual. Tudo nele exala sensualidade, luxúria, lascívia. É o próprio pecado em

forma de homem.

Matt se afasta rapidamente e sai da cama. Em um ato tira a blusa — só agora sinto falta de sua jaqueta, mas deve ter ficado no salão de jogos —, os coturnos e, por fim, a calça junto com a cueca.

Preciso me apoiar nos cotovelos para apreciar sua beleza arrasadora.

Putá.

Merda.

Ele é simplesmente perfeito.

Extremamente musculoso, como já sabia, mas nu, o corpo esculpido se eleva a outro patamar.

As tatuagens pretas combinando com toda sua imponência e masculinidade.

O abdômen trincado.

E...

Putá merda ao quadrado.

Que pau é esse?

Está tão duro que quase chega à barriga.

Lindo!

Quando pensei em dizer que um pênis é lindo? Só pode ser o efeito *Destroyer*, não tem outra explicação.

Além de lindo, parece delicioso.

Chego a salivar.

Fiz sexo oral com Juan uma única vez, mas seu membro não chegava a essa grossura, muito menos a esse tamanho. A vontade que me dá de cair de boca me surpreende e só saio do meu torpor quando ouço sua voz rouca:

— A mercadoria está do seu agrado, *amor*?

Nem me dou ao trabalho de o responder. Estou ocupada demais admirando esse homem que poderia muito bem ser chamado de deus do sexo. Como eu disse, ele é o próprio pecado em forma de homem.

Ele solta uma risadinha nasalada, extremamente sexy, e volta a se ajoelhar diante de mim, mais especificamente entre as minhas pernas. Com as mãos poderosas desliza minha calcinha lentamente e essa demora só aumenta minha excitação. Ele a joga em algum canto e em seguida me abre toda, deixando-me completamente exposta.

— Linda! — Nunca recebi um elogio nesta parte específica do meu corpo e confesso que gosto da devoção com que a admira.

Por incrível que pareça, ele não me deixa constrangida. Apesar de ser todo grande, Matt Stevens está me tratando com cuidado e estou adorando. Muito.

O rosto bonito desce até o meu centro, os olhos não deixando os meus, e, então, sua língua lambe meu clitóris. Eu grito e fico surpresa com o quanto estou sensível.

— Que delícia! Toda meladinha *pra* mim.

Ele volta a me lambar, suga meu pequeno botão, chupa com vontade, sua língua me preenche, provocando minhas terminações nervosas, e agarro seus cabelos platinados.

Jesus!

É muito mais intenso do que no sonho. É muito mais... É delicioso.

Foi com Juan que recebi o meu primeiro sexo oral também, antes de finalmente partirmos para o sexo propriamente dito, mas não se compara ao que Stevens está fazendo comigo.

Tento controlar os gemidos, mas não consigo. Grito, chamo seu nome e fico ainda mais ensandecida quando Matt penetra um dedo em mim.

— Ah, meu Deus!

— Não, *amor*, sou apenas eu, seu querido babaca. — Ele se diverte, sem parar de estocar seu dedo grande dentro de mim.

Levo sua boca de volta para a minha boceta e o babaca, como não poderia ser diferente, ri, e até o som me faz gemer.

O loiro acrescenta mais um dedo e tenho quase certeza de que minhas unhas vão deixar marcas em seu couro cabeludo, mas ele não está nem aí.

Continua me devorando.

Faminto.

Mordiscando meu clitóris.

Chupando.

Sugando meus fluidos com vontade.

Sua mão livre aperta minha bunda com força e isso me enlouquece.

— Essa bunda é tão gostosa — murmura, continuando com sua tortura deliciosa.

Seus dedos junto à sua boca experiente encontram um ritmo que eu sei que não vou conseguir me segurar por mais tempo.

— Isso — murmuro, minha pélvis se mexendo freneticamente de encontro à sua boca.

Quando sua língua gira e gira e gira pelo meu clitóris, com destreza e a pressão certa, é demais.

Minhas costas saem do colchão, meus pés se contorcem, o corpo todo treme e um grito dispara da minha garganta. Sofro alguns espasmos e ele me segura no lugar, sem tirar sua boca de mim.

— Matt! Oh, isso, isso!

— Que delícia sentir seu gozo na minha língua. Geme *pra* mim, vai.

— Oh! Matt. Oh! Oh!

Quando acho que Stevens terminou, continua sugando, tomando tudo de mim, e só se afasta quando me acalmo.

Penso que ele vai parar por aqui, mas estamos falando de Matt Stevens. Sem nenhum esforço, ele me vira.

— Sabe quantas vezes me *toquei* pensando nessa bunda? — Não imaginei que ficaria excitada tão cedo, mas ao ouvi-lo falar de maneira tão explícita meu sexo lateja.

Ele aperta com força cada banda da minha bunda, segurando, abrindo, e não contenho um gemido.

Matt passa um braço entre meu ventre e o colchão, o que me faz elevar minha comissão traseira. Ou seja, estou de quatro, totalmente exposta para ele.

— *Caralho!* Você conseguiu ficar ainda mais linda assim! — exclama. — *Porra*, você é perfeita pra mim!

Os dedos deslizam pela minha coluna até chegarem ao meu ânus, brincando, passam pela minha boceta, estimulando meu clitóris e involuntariamente me empino mais para ele.

— Tão fogosa...

Olho para trás e o vejo pegando algo de dentro da carteira.

Uma camisinha.

Meu Jesus!

Vai acontecer.

Será que o meu corpo pequeno aguenta todo esse tamanho?

— Fique tranquila, que vou bem devagar para você ir se acostumando, *amor*. Quero sentir cada centímetro do meu pau se enterrando nessa boceta gostosa.

Quando ele fala isso, relaxo consideravelmente, ao mesmo tempo que fico ansiosa para o receber. Mal gozei e já estou pronta. Isso é novo para mim.

— Depois que se acostumar, não garanto que serei bonzinho. — Um tapa forte atinge minha bunda e só o que consigo fazer é gemer. — Mas tenho certeza de que vai gostar.

Como um tapa pode ser tão bom? Só posso estar louca!

Matt Stevens não tem pressa.

Pega meus cabelos, enrola-os em sua mão e automaticamente minha cabeça vai um pouco para trás.

— Perfeita! — balbucia, quando se posiciona em minha entrada.

Quando menos espero, ele me penetra. Sua grossura é surreal e acabo rebolando.

— Calma, gostosa! É só a cabecinha. Não faça isso ou não vou conseguir ir devagar.

Pouco a pouco ele vai me preenchendo, puxando meus cabelos, e um urro gutural sai de sua garganta.

— *Porra!* Tão apertada.

Quando toda a sua extensão está dentro de mim, consigo sentir suas bolas pesadas tocando minha pele.

Devagar, ele sai e entra de novo.

— Oh! — grito e ele urra.

O ritmo vai aumentando e quando vejo já estou indo de encontro a ele, buscando por mais. Sinto-me completamente preenchida e a sensação é a melhor que já experimentei.

Sua mão livre belisca meu mamilo, fazendo-me arquear ainda mais minhas costas e consequentemente o recebo mais fundo.

— Nossa! — murmuro.

— Deliciosa! Segure-se, *amor*. Agora vou te *foder* como *eu* quero.

A estocada que ele dá é tão forte que perco o fôlego por alguns segundos. E vem outra, mais outra, meus seios balançam com o impacto, sua mão os aperta, massageia, até que desce ao meu clitóris.

Enquanto me *fode* sem piedade, quase arrancando meus cabelos, urrando como louco, seus dedos me estimulam. E, *puta merda*, é muito bom.

Sinto pingos de suor em minhas costas, meu corpo todo está suado também, e é incrível sentir o cheiro de sexo invadindo minhas narinas.

Começo a rebolar, recebendo-o mais fundo, e ele me dá outro tapa.

Uma rebolada.

Um tapa.

Uma rebolada.

Um tapa.

Diminuo o ritmo e jogo meu corpo para trás, forçando-o a estocar mais fundo. Meus cabelos ainda estão em sua mão e uma ardência invade minha cabeça quando os puxa mais forte.

— *Caralho!* Que boceta apertada! Quer mais fundo, safada? Então, toma!

— Oh! Isso, Matt!

— Adoro te ver implorando, Liz Pérez. Ver o seu orgulho *fodido* no chão. Ver o quanto está entregue.

Seu corpo enorme cobre minhas costas, metendo ainda mais fundo, e o ouço sussurrar em meu ouvido:

— Só minha.

Uma explosão de prazer me toma e dou um grito quando começo a gozar, sem conseguir parar de rebolar.

— Isso, goza *pra* mim. Goza que eu estou chegando.

Ainda sobre mim, Matt pega meu rosto e o vira em sua direção, beijando-me ardentemente, como se estivesse *fodendo* a minha boca.

Estoca.

Sai.

Estoca mais fundo.

Sai.

Na terceira vez, um gemido grave e animalesco sai de sua garganta, reverberando em minha boca.

— *Porra!* — esbraveja.

É tão poderoso que mesmo com a camisinha sinto o calor do seu gozo.

Seu braço enlaça minha cintura, forçando-me a não sair do lugar, e ele entra e sai freneticamente. Aos poucos a

intensidade vai diminuindo e Matt beija minha boca novamente. Depois, beija meu ombro, a linha da minha coluna, e, por fim, minha bunda, dando uma mordida de leve, que me faz rir fracamente.

Stevens se retira e some de vista. Eu desabo na cama.

Estou exausta e tenho certeza de que amanhã ficarei dolorida.

Minutos depois, Matt retorna, nu, e se deita ao meu lado. Ficamos de frente um para o outro, sorvendo o que acabou de acontecer. Penso no passo que demos e no que isso significa a partir de agora. Ele me encara, vidrado, e me puxa para o seu calor.

Já o sinto ereto entre minhas pernas e arqueio as sobrancelhas.

— O quê? É o que você faz comigo.

Com rapidez, sua boca desce até meus seios, abocanhando um e depois o outro, a mão grande os aperta, levando-os até sua língua, que brinca com os mamilos intumescidos.

Seus dedos deslizam do meu ventre à minha boceta e, novamente, fico chocada por já estar molhada.

— Pelo visto, sou tão irresistível quanto você, *amor*.

Uma pergunta se forma em letras neon em minha mente e preciso me afastar um pouco para recuperar a consciência. É uma coisa que deveria ter perguntado antes, mas no calor do momento não lembrei.

É importante, não posso deixar para lá. Eu tenho que saber o que, de fato, aconteceu. Depois de tudo o que me contou, preciso ouvir o lado dele.

— O que foi? — pergunta, com o cenho franzido.

— Você pode me responder uma pergunta?

— Humm..?

— O que aconteceu com Ellen Greyson?

Como se tivesse levado um choque, Stevens tira suas mãos de mim e deita as costas no colchão, encarando o teto.

Sinto falta da nossa conexão, mas é necessário. Assim como quero perguntar o que aconteceu quando era criança, o que o levou a se fechar, como chegou até aqui e sei que também terei de me abrir e expor os meus fantasmas, mais do que fiz esta noite.

Não é fácil falar sobre um passado sombrio, eu sei bem disso, parece que a nossa vida é sugada de volta para aquela época, para aquele trauma, mas após ver a pontinha do Iceberg que é a vida de Matt Stevens, será inevitável conhecermos as

dores um do outro. Faz parte da nossa essência.

Contudo, não será agora. *Agora*, o que preciso saber é o que aconteceu com essa garota, para ter alguma certeza de que é seguro ficar perto de Stevens.

— Até sobre Ellen te falaram? É claro que você fugiria de mim.

— Matt...

— *Caralho!* Mesmo com meus avisos, não consigo acreditar que essa mentira continua sendo espalhada por aí. — Voltando a ficar de frente para mim, emenda: — Liz, posso ser culpado de muitas coisas, mas não de machucar uma mulher de propósito. Seja física ou psicologicamente. Já ouvi tanta merda, as atrocidades que disseram que fiz, as mulheres que dizem que quebrei, mas, *porra*, meu único erro foi ter me envolvido com cada uma delas.

Não é a primeira vez que ele deixa claro que nunca machucaria uma mulher. Quando tivemos a nossa primeira briga e eu o provoquei, perguntando se ele me bateria, ele virou outra pessoa. Me pergunto se esse tipo de violência faz parte de suas feridas.

— Só quero que saiba que estou te contando tudo isso porque de um jeito louco, e que ainda não entendo, eu me importo com você, *amor*, ou juro que não perderia meu tempo. Por mim, você estaria gemendo meu nome de novo.

Engulo em seco diante de sua voracidade e respondo em um fio de voz:

— Obrigada pela confiança, Matt. E pela *sinceridade*.

Nós dois rimos, mas rapidamente sua expressão se torna séria. Soltando um longo suspiro, ele torna a deitar e encara o teto com o olhar distante.

— A primeira coisa que aviso quando uma mulher vem até mim, é que o nosso contato não vai passar de uma noite. A princípio, elas dizem que estão de acordo, mas depois correm atrás, forçando uma coisa que não existe, exigindo um compromisso que nunca prometi. Mas com Ellen foi diferente.

Ele para de falar e fico me perguntando o motivo de ter sido diferente, logo o loiro emenda:

— Nós éramos amigos, antes de qualquer coisa. No início, relutei, afinal, mulher só significava sexo para mim, mas então ela foi se infiltrando aos poucos na minha vida. Muita gente pensava que estávamos namorando, porque Ellen sempre estava comigo. A garota era linda, engraçada, adorava esportes, como eu, e tinha uma energia incrível. Eu andava mal *praca* e ela me fazia realmente bem. Só que eu não percebi que ela estava se apaixonando.

O loiro fecha os olhos e respira fundo.

— Confesso que fui ingênuo nessa parte e não vi o que estava diante dos meus olhos, e esta é a única coisa pela qual me

sinto culpado. Uma noite, acabamos transando. No dia seguinte, me arrependi, porque não queria estragar a nossa amizade, mas ela queria mais. Me provocava, me beijava em público, e eu entrei naquela brincadeira. Porque, sim, para mim aquilo não passava de uma brincadeira. Só não esperava que essa brincadeira seria o início de uma loucura.

Estou atenta ao seu relato, mas odeio o aperto em meu peito só por ouvi-lo falar de outra mulher. Preciso dominar meus sentimentos ou vou me ferrar. Sua voz me tira dos meus devaneios:

— Não percebi que ela expulsava as outras garotas que tentavam se aproximar de mim, não vi quando anunciou nas redes sociais que estávamos juntos, muito menos, que postava fotos nossas como se realmente fôssemos um casal.

— Ela criou sua própria história de amor... — murmuro, chocada.

— Algo assim. Eu não tinha tempo para ficar em redes sociais, então demorou a chegar em mim. Smith e Jordan também não são ligados em internet ou teriam me falado, mas fora meus amigos, as pessoas sempre tiveram medo de falar comigo ou de me perguntar algo pessoal. Enquanto isso, as fofocas rolavam e, quando descobri, a história já havia tomado uma proporção enorme.

— Jesus... — murmuro.

— Nós brigamos, obviamente, e ela teve a coragem de me dizer, com toda a tranquilidade do mundo, que espalharia para toda a Universidade o quão *filho da puta* eu era por abandoná-la; que eu me arrependeria amargamente; e, você é prova viva de que até hoje estou colhendo os frutos daquela mentira.

— E ela tentou se matar mesmo?

— Ellen era esperta. Ela cortou os pulsos, mas não profundamente. Fez de caso pensado para que eu me sentisse culpado e, assim, todos em Yale se compadecessem de sua trágica história de amor. O que ela não esperava é que seus pais a colocariam em uma clínica psiquiátrica, pois não era a primeira vez que inventava uma realidade paralela.

— *Meu. Doce. Jesus!* Eu... Eu não sei nem o que dizer.

— Eu me considero muito mais velho do que os meus vinte e três anos de idade, *amor*. As merdas que vivi, *porra*, com certeza daria para colocar em um livro.

E não duvido disso.

Que noite! Quantas revelações!

Estou digerindo tudo o que ouvi, a loucura dessa tal de Ellen e como sua mentira corre até hoje nos corredores da Universidade. Suspiro, aliviada, por saber a verdade, por ter ouvido meu amigo quando disse que toda história tem dois lados.

Como as coisas podem mudar de repente? Um cara que eu pensei que fosse ruim me mostrou que, na verdade, é bom.

Mesmo com seu jeito bruto, difícil, *bad boy*, ele é uma pessoa boa, só que precisou encontrar uma forma, uma alternativa, para sobreviver. Mike tentou me fazer enxergar isso, mas eu estava cega, influenciada pela imagem estereotipada de Matt Stevens.

É óbvio que tenho muito a conhecer. Ele tem seus defeitos, nada justifica tratar uma pessoa com rispidez ou agir como um babaca, mas vendo seu lado, tudo o que passou, consigo entendê-lo melhor.

— Você está errado — quebro o silêncio.

— O quê? — pergunta Stevens, que vira a cabeça para mim com uma expressão confusa.

— Você está errado em dizer que *foi quebrado completamente e por isso não tem um lado bom que possa ser salvo*.

Você é bom.

— Por que você diz isso?

— Porque só de cogitar em machucar uma mulher de propósito, você fica transtornado e isso diz muito sobre quem você é. Tudo o que me disse, o que você passou, me faz compreender que é um sobrevivente, Matt.

Ele chega mais perto e abraça minha cintura.

— Mas continuo sendo um babaca — murmura em meu ouvido.

— Isso é mais difícil de reverter.

Nós dois rimos.

— Quero te agradecer.

— Pelo quê?

— Por ter me protegido do Scott O'Connor.

— Ah, então te contaram também.

— Sim, Mike me contou.

— O'Connor é um *filho da puta* doente. Quando eu o vi te cercando, *porra*, meu sangue ferveu. Só conseguia pensar que ele poderia fazer alguma maldade com você...

— Mas você me protegeu e sou grata por isso.

Stevens se acalma, apertando-me ainda mais junto ao seu corpo.

— Sou *fodido* de tantas formas — sussurra —, e eu sei que vou fazer merda a qualquer momento, mas não me lembro de querer tanto alguma coisa como quero você.

— Estou com medo — confesso e ele me olha com o semblante sério.

— Medo de mim?

— Não de você, mas do que estou sentindo.

— E o que você está sentindo?

— Não sei explicar, mas eu também nunca desejei um homem como te desejo e isso me assusta. Não tenho tanta experiência como você... só estive com um cara até hoje. Quer dizer, você é o segundo.

— Você está falando sério? — Stevens segura meu queixo, incrédulo.

— Sim.

— Eu morri e fui para o céu.

Rio e dou um tapa em seu braço.

— Agora é a minha vez de confessar que te julguei mal.

— Aposto que pensou que só porque gosto de dançar, dei para metade da minha cidade.

— Não metade, mas uma boa parte. — Dou mais um tapa em Stevens e ele vem para cima de mim, prendendo meus braços acima da minha cabeça.

Estou completamente rendida e me deixo ser levada pela fome de Matt Stevens.

Horas mais tarde, me pego cochilando após ser *fodida* de maneiras inimagináveis. Pelo menos, para mim.

Ao meu lado, Stevens também descansa, o braço pesado sobre minha barriga e com uma expressão tranquila.

Olho para o despertador que fica ao lado da cama e vejo que são 4h da manhã. Recordo que estou sem meu celular e nem posso enviar uma mensagem para Dani me esperar no dormitório, mas terei que dar um jeito.

Seguro o braço do loiro e o tiro delicadamente de cima de mim. Deslizo para fora do colchão com cuidado para não o acordar e começo a procurar meu vestido e os sapatos na escuridão. A festa acabou há um tempo e a fraternidade está em silêncio.

— O que está fazendo? — Uma voz grogue me faz parar minha busca.

— Adiantando o seu trabalho — respondo.

Enfim, encontro o vestido jogado no chão e ao me erguer sou agarrada por trás.

— Fica!

Um pedido.

Um pedido que muda tudo.

— E a sua regra? — pergunto, fechando meus olhos quando Matt beija meu pescoço e roça sua rigidez em minha bunda.

— *Você* não faz parte dela. Achei que tinha percebido isso.

— Mas...

— Fica! — repete.

Sua boca tentadora morde minha nuca, as mãos grandes apertam meus seios, enquanto seu pau lambuza minha entrada.

Meu.

Doce.

Jesus.

Já percebi que não há a possibilidade de as coisas com Matt Stevens irem devagar. Tudo com ele é intenso, urgente, arrebatador.

— Tudo bem, eu fico.

VINTE E UM

Quando você sentir o meu calor
Olhe nos meus olhos
É onde meus demônios se escondem
É onde meus demônios se escondem
Não se aproxime muito
É escuro aqui dentro
É onde meus demônios se escondem
É onde meus demônios se escondem

DEMONS, IMAGINE DRAGONS

Liz Perez

— Para onde você está me levando, Liz?

Rio de sua curiosidade, porque me lembro que fiquei exatamente assim quando vim pela primeira vez.

— Você vai ver, *hermana*!

— Ai, eu detesto surpresas.

— Vai por mim, que essa você vai gostar.

— É o mínimo, depois de me arrastar em plena sexta-feira para o meio do nada.

Demorei dias para convencer Mike e Matt a deixarem que Dani conhecesse o Matadouro, mas, por fim, consegui. Eu tenho certeza de que ela vai adorar, e quando souber do esquema secreto, aí é que vai amar.

Estamos em um táxi a caminho do local, pois meu amigo e Stevens tiveram que vir mais cedo para resolver algumas questões com os realizadores do evento. A princípio, Matt — que descobri ser bastante protetor — não queria que eu viesse de táxi sozinha com a Dani, pois segundo ele, poderia ser perigoso etc., mas Mike me ajudou a amansar a fera.

— Já decidi se vai dormir no apartamento hoje? — minha amiga pergunta.

— Humm... acho que não.

— Amiga, você está se cuidando, não é?

— É claro, Dani! Matt se previne sempre e só estou esperando minha consulta com a ginecologista para começar com o anticoncepcional.

— *Hermanita*, não consigo acreditar que você está namorando com o *fodão* de Yale. Sério! A *Señorita* está demais!

— Nós não estamos namorando.

— Para mim, estão. Que eu saiba, não saem com outras pessoas, estão dormindo juntos direto, ele te leva todos os dias para a faculdade, treinos, se isso não é um namoro, me diga o que é?

— Só estamos nos curtindo.

— Conta outra, Liz. Você está gamada no cara faz tempo, só não queria admitir, e ele a mesma coisa, só não enxerga quem não quer. Um cara não pode te olhar que Stevens vira um bicho.

— Exagerada...

— Aham, vai defender o ogro, agora? Não começa a ficar toda melosa, não, pelo amor de Deus!

— Claro que não, sua chata! Ele tem o jeito dele, mas aos poucos está tentando melhorar. Ele passou por muita coisa, Dani.

— Você já me falou isso, amiga, mas não quero que se prive por causa dele. Estamos no começo da faculdade, temos muita coisa para viver.

Ela não está errada, mas me incomoda que pense que vou me esquecer de tudo o que eu passei para chegar até aqui, ou dos meus princípios, por causa de um homem.

— Dani, escute uma coisa e não quero que se esqueça: eu nunca vou deixar um cara comandar a minha vida. Se ao menos Matt *tentar* me privar de alguma coisa, fique tranquila que *eu* tomarei a decisão de me afastar. Como falei, nós estamos nos curtindo. Ele tem seu jeito bruto de lidar com as coisas, mas a gente se entende. Eu sei que você se preocupa comigo, mas não quero que ache que sou uma garotinha ingênua. Não parece, mas carrego uma bagagem pesada.

A morena pega minhas mãos e sorri.

— Eu sei o quanto você é forte, amiga, mas tenho medo de que se machuque. A história da Ellen foi uma invenção, e fico muito aliviada por isso, mas não podemos esquecer que estamos falando de Matt Stevens, o cara que as garotas arrancam as próprias calcinhas e colocam em sua mochila, que recebe *zilhões* de ofertas de sexo, e isso não é mentira, você mesma já viu as notificações chegando no celular dele.

Sorrio para ela, apertando suas mãos de volta, e digo:

— Eu também tenho medo de me machucar, Dani, muito, e seria louca se não tivesse, mas prefiro ter medo e me arriscar a ter medo e deixar de viver. — Chegando mais perto dela, sussurro: — E outra, ele tem perfeita noção de que vários garotos querem sair com a *Señorita*.

Ela solta uma gargalhada e faz um *high five* comigo.

— É isso aí, garota!

Faz duas semanas que decidi *ficar* com Matt Stevens.

Na manhã seguinte à nossa primeira noite, ele fez questão de me levar até o meu dormitório para que eu pudesse tomar um banho e me trocar para as aulas de sexta-feira.

Não preciso dizer que varamos a madrugada enrolados em nossos corpos suados e sedentos por mais e mais. Resultado: assisti às aulas como um zumbi. Depois, quando fui treinar na academia, lá estava ele, malhando pesado, como de costume, a

diferença foi que, assim que me viu, demorou-se em cada detalhe do meu corpo, os olhos azuis espalhando calor por onde passavam. Ele parou o que estava fazendo e caminhou em minha direção.

Lembro-me como se fosse hoje. Deixei de respirar por alguns segundos e todos os olhares femininos acompanharam aquele monte de músculos sem camisa, suado, incrivelmente sexy, vestindo somente uma calça esportiva.

Eu estava com um conjunto preto de calça cintura-alta e top. Era muito bonito, com detalhes em tule preto nas coxas e no colo. Matt me olhava de um jeito que me senti despida, o desejo incandescendo minha pele, meu sexo, e quando estava a centímetros de mim, inclinou-se, colocou sua mão forte em minha cintura nua e sussurrou:

— Hey, *amor*. — E mordendo o lóbulo da minha orelha, completou: — Não vejo a hora de ver o conjuntinho de hoje no chão do meu quarto. A não ser que esteja muito dolorida.

Eu rapidamente tratei de dizer que não. Por mais que estivesse sentindo dores em várias partes do corpo, não conseguia pensar em outra coisa a não ser repetir tudo o que fizemos ao longo da madrugada.

Os dias têm seguido assim. Ele flerta descaradamente, me toca sempre que tem oportunidade e passa na cafeteria para me pegar com sua caminhonete enorme *nada* chamativa, seja para irmos juntos ao estádio — ele para treinar futebol e eu para ensaiar com as meninas —, seja para me levar à fraternidade ou ao meu dormitório.

Definitivamente, é um Matt Stevens que eu não conhecia. Pensei que iríamos mais devagar, com cautela, mas ele disse que depois que me *provou*, não consegue ficar longe. A cada noite que dormimos juntos, ficamos mais conectados. Ele não me deixa ir embora e entre um sexo quente e outro, conversamos, rimos, mas não voltamos a falar sobre nosso passado. Sei que não poderemos fugir por muito tempo e enquanto a hora certa não chega, estamos aproveitando.

Assim como Dani e Mike, Carla ficou em choque quando contei que estava saindo com o capitão do time de futebol. Mesmo dizendo para não se preocupar comigo, ela continua me pedindo para tomar cuidado, pois não quer ver outra amiga entrar em depressão quando ele se cansar. Fiquei um pouco chateada com o *quando ele se cansar*, mas entendi seu ponto, afinal, a fama de Matt não é nada boa. Mal começamos a sair e a quantidade de pessoas que não acredita que o nosso relacionamento inominado vai para frente é muito grande.

Sem contar as carrancas que venho recebendo das garotas que gostariam de ter uma chance com Matt Stevens. Eu sabia que seria difícil, mas não tinha noção do quanto. O que Dani falou sobre as loucuras das meninas é só uma parte da realidade.

Já ouvi sobre apostas, fofocas e mais fofocas com o intuito de me afastarem, meninas dizendo em alto e bom som que transaram com Stevens, outras comentando a posição que ele mais gosta. Confesso que ponderei muito se valeria a pena me estressar tanto para ficar com Matt, mas quando estamos juntos é... inexplicável.

Nick não está olhando na minha cara e, conseqüentemente, sua amiguinha Ruby. Durante os ensaios, mesmo que

tenhamos contato direto nos movimentos, elas não me olham, ignorando-me completamente. Para ser sincera, não sinto falta. Desde que não venham com conversa fiada para cima de mim, estou bem com a distância das duas.

Por outro lado, a ruiva não desiste de tentar falar com Stevens. Vejo como ele fica irritado, encurralado, mas a mulher não se toca.

Eu não tinha noção de como Matt era assediado. Muitas garotas não têm coragem de chegar a ele pessoalmente, mas enviam mensagens altamente obscenas, nudes, declarações de amor... parece exagero, mas é a pura realidade de um cara popular como ele.

Sem contar as fãs do *Destroyer*. É a terceira vez que venho ao Matadouro e o público feminino, por incrível que pareça, cresce a cada encontro. Se duvidar, está se igualando ao masculino. Tudo por causa do *destruidor de calcinhas*, como elas o apelidaram.

Matt me contou que é faixa preta de judô e jiu-jitsu e fiquei me perguntando no que esse cara não é bom. Ele luta no Matadouro há dois anos e o convite veio quando o viram brigando com dois garotos que tentaram assaltar uma senhora.

— Chegamos! — o taxista avisa.

Fiquei tão pensativa que nem vi o tempo passar.

— Que lugar é este, Liz? — Dani pergunta, ainda dentro do carro, olhando o enorme armazém com o cenho franzido. — Devo me preocupar?

— Fique tranquila, *hermana*.

Pago a corrida e saímos do táxi.

Por fora, o Matadouro não tem qualquer atrativo e quem não sabe o que acontece lá dentro pensa que é apenas um armazém. Por conta do isolamento acústico de primeira, não conseguimos ouvir nada.

Estou louca para ver a cara da minha amiga quando entrar e ouvir aquela barulheira toda. E quando souber sobre Matt? Ah, não vejo a hora!

A noite está fresca e aproveitamos para usar as nossas calças pretas de couro que compramos em um brechó, em uma das primeiras vezes que saímos juntas. Para acompanhar, optei por um *cropped* ciganinha, preto, e com mangas $\frac{3}{4}$ bufantes, e Daniela escolheu uma blusa justa, branca, de mangas compridas.

Envio uma mensagem para Mike, avisando que cheguei e imediatamente recebo sua resposta.

— Vem comigo — peço a Dani, que continua olhando ao redor, tentando se localizar.

Como sempre, carros e mais carros passam por nós e isso aumenta a curiosidade da morena.

— Mas o que é essa gente toda estacionando? Isso aqui mais parece um celeiro abandonado. Aquilo ali é uma fila?

— Sim, mas vamos entrar por outro lado.

— Agora fiquei mais curiosa ainda.

Rio do seu comentário e a conduz o até a porta dos fundos. Toca a campainha e Joe a abre. O segurança corpulento acena a cabeça para mim e nos deixa entrar.

— Isso está me cheirando a...

Ela não termina a frase, porque logo encontramos com Mike.

— Hey, meninas.

— Mike?

— Oi, Dani. Preparada?

— Vocês estão me deixando louca, sabiam?

Meu amigo e eu rimos e, acabando com o mistério, abrimos a porta antirruído que dá acesso à arena.

— Bem-vinda ao Matadouro, Dani — anuncio.

Daniela está boquiaberta.

— Meu Deus! Eu nunca poderia imaginar...

— Pois é. Também pensei assim quando vim na primeira vez.

— Liz, a luta já vai começar — Mike avisa.

— Oh, vamos nos sentar logo, então — digo.

— Luta? Vocês estão falando de luta, luta?

— Sim, luta. Duas pessoas se batendo — o loiro explica, como se Daniela fosse uma criança.

Sem falar mais nada, Daniela nos segue até encontrarmos nossos assentos.

— Damon? — a morena pergunta ao ver o integrante da Tríade juntamente com Kellan Jordan.

— Hey, gata. Surpresa! — ele quase grita para se fazer ouvir diante do barulho do público.

Os dois andam conversando bastante por mensagem e não duvido que a qualquer momento vão se render à forte tensão sexual que os envolve. Só falta minha amiga dar o braço a torcer.

— E aí, Dani? Esperava um lugar como este? — Jordan quer saber e me cumprimenta com um aceno.

— De jeito nenhum. Pensei que Liz estivesse me levando para uma furada.

— Eu nunca te levaria para uma furada, *hermana*.

Desde a noite do Verdade ou Consequência, Kellan está mais distante de mim. No dia seguinte, ele e Matt se desentenderam, mas fizeram as pazes alguns dias depois. Não queria ser motivo de discórdia dos dois amigos, mas não tive culpa. Afinal, a Tríade que resolveu fazer a brincadeira e me convidar. Só não foi do jeito que eles imaginavam, não é?

Por outro lado, preferi me afastar um pouco de Ben. Ele ficou muito surpreso com o meu envolvimento com Stevens e vi uma ponta de decepção em seu olhar. Eu nunca dei a entender que ficaria com ele, mas talvez o jogo possa ter o confundido, daí achei melhor deixar tudo às claras.

Os alto-falantes transmitem a voz do locutor e a multidão fica subitamente atenta.

— *Senhoras e senhores, vamos dar início à grande luta da noite. De um lado, pela primeira vez no Matadouro, com vinte e um anos e campeão de MMA no México, Alejandro Maaaaartinezzzzz!*

Uma parte das pessoas vaia o lutador, que vem entrando com a cabeça baixa, balançado o corpo musculoso ao som de *Little Less Conversation*, de Elvis Presley.

Ele é mais novo do que Stevens e já é campeão de MMA. Aposto que se Matt levasse a luta a sério, já teria sido campeão também. É o que o seu treinador vive dizendo, mas ele quer trabalhar com o Direito e nada muda sua ideia.

Quando Alejandro sobe no ringue, dançando e trotando ao ritmo da música, o público começa a gostar e bater palma.

Querida, feche seus olhos e ouça a música

soando através de uma brisa de verão

É uma noite bacana e eu posso te mostrar como usá-la

Venha comigo e relaxe sua mente

O garoto é carismático e tem um sorriso muito bonito.

— *Hermana*, que colírio! — Dani comenta.

— Muito bonito mesmo.

— E ainda é latino! Uiiii!

— *Eu quero o destruidor de calcinhas!* — uma mulher grita atrás de mim.

— *DESTROYER!* — grita outra.

— *Tragam o gostosoosoooo!*

— De quem elas estão falando? — minha amiga pergunta e me faço de desentendida.

— Do próximo lutador. Ele é famoso por aqui.

— Estou vendo. Para elas ignorarem esse pedaço de mau caminho, é porque tem coisa melhor vindo aí.

— Nem me diga.

Minha vontade é dar uma gargalhada, mas me contenho.

O locutor fala novamente e a multidão fica alvoroçada:

— E chegamos ao ponto alto da noite, senhoras e senhores. — A música muda para o habitual *Destroyer*, da banda

Twisted Sister e todos cantam o refrão. — Aqui está ele. Você sabem de quem estou falando?

O público reage com palmas ritmadas e responde um uníssono:

— *Destroyeeeeer!*

— Eu não ouvi direito — o locutor brinca.

— *DESTROYEEEEER!*

— Acertaram! Pode chegar, o lutador invicto do Matadouro, o destruidor de calcinhas e corações, *DESTROYEEEEER!*

Sinto uma agitação no meu peito, uma expectativa, e minhas mãos não param de suar. Não importa quantas vezes eu o veja, não consigo conter a excitação que percorre meu corpo.

Vejo um grupo de mulheres jogando calcinhas no ringue e o rapaz da limpeza precisa correr para retirá-las antes que Stevens entre.

— O que foi isso, Liz? Jogaram calcinhas! *Putá merda!*

— Elas são loucas por ele.

— Estou vendo que vou virar uma cadelinha também.

Acabo caindo na risada e mal percebo que Mike está ao meu lado.

— O que foi? — pergunto, preocupada com sua expressão.

— Você precisa vir comigo.

— Como assim?

— *Ele* precisa de você.

— Está falando sério?

— Nunca falei tão sério na minha vida.

Olho para meu amigo por alguns segundos, o público continua cantando o refrão da música e nada da estrela da noite aparecer.

— Tudo bem.

Viro-me para o outro lado e aviso à Dani que já volto. Ela fica sem entender, mas saio correndo com Mike.

Ele me guia por entre as pessoas até chegarmos a um corredor com três portas. Mike abre uma delas e me deparo com uma sala que contém um pequeno sofá, um armário, um espelho de corpo inteiro e um banheiro.

Na parede dos fundos, está o corpo musculoso que faz minhas pernas bambearem. Olho para meu amigo e ele sinaliza que eu entre, fechando a porta em seguida.

Matt está de costas, as mãos apoiadas na parede, respirando rapidamente. Ele veste apenas um short colado às coxas e bunda perfeitas e o som da arena chega aqui por meio de pequenas caixas instaladas no teto.

— Matt?

O loiro não responde, suas costas sobem e descem depressa, e resolvo me aproximar. Vejo seu perfil e ele está de olhos fechados. A mandíbula pulsa e ele faz uma expressão de dor, que me deixa apavorada.

— Matt, o que está acontecendo?

— Não... consigo... respirar. Não... consigo...

Ele está em uma crise de pânico.

Faço a primeira coisa que me vem à cabeça e giro seu corpo para mim, encostando suas costas na parede. Ele abre os olhos e o sua aflição me destrói por dentro. As bochechas estão molhadas e tudo leva a crer que estava chorando.

Pelas caixinhas de som, ouço o locutor dizendo que houve um contratempo e pede para a multidão aguardar.

Tento não demonstrar meu desespero e pego suas mãos grandes, apertando-as com força.

— Olhe para mim. — Ele me obedece, deixando-me ver seus olhos vermelhos e aflitos. — Respire comigo. Inspire lentamente por três segundos. Segure o ar nos pulmões e conte até três. Solte devagar, contando até três novamente e se mantenha sem ar por um, dois, três segundos.

Ele repete o exercício por um minuto e sua respiração se acalma consideravelmente.

É incrível que quando esse tipo de coisa acontece comigo, eu não me lembro da bendita *respiração quadrada*, que aprendi em um programa de yoga na TV, anos atrás. Pelo menos, está servindo para ajudar Stevens.

— Melhorou? — pergunto.

Soltando um longo suspiro de alívio, Matt me puxa para um abraço apertado. Seus braços enormes me envolvem e fecho meus olhos, aninhando-me em seu peito largo.

— Obrigado — sussurra, inclinando-se para beijar minha bochecha, pescoço, clavícula, um ombro, depois o outro, e, sem que eu espere, abaixa o meu *cropped*, expondo os meus seios.

Não sou fã de sutiã e ele sabe bem disso. E adora.

Seus olhos brilham, vidrados em meus mamilos já duros e logo uma mão massageia meu seio direito.

— Matt...

— *Porra!* Como eu preciso de você.

— Matt, você precisa lutar.

— Então precisamos ser rápidos.

— Nada disso. Você acabou de ter uma crise. O que aconteceu?

— Por favor, *amor*. Eu preciso de você. Agora. — Ele abocanha meus seios, faminto, massageando-os, gemendo. — Depois da luta, a gente conversa. Mas, agora, eu só preciso de você.

Afoito, ele desce meu *cropped* até minha cintura, tendo cuidado para tirar as mangas pelos meus braços e me pega no colo. Apoiando minhas costas na parede, ele continua sua devoção em meus seios. Lambendo, sugando, mordendo. E, então, me entrego.

Se ele precisa de mim, vou ajudá-lo como posso. Afinal, não é dificuldade nenhuma satisfazê-lo, pois eu não me canso do nosso contato mais íntimo.

Cruzo minhas pernas em seus quadris e sinto sua dureza em meu sexo. Esfrego-me com vontade, uma, duas vezes. Ele geme, sensível, e eu continuo.

— *Porra*, assim vou gozar antes de entrar em você, Liz! — Adoro quando ele fala o meu nome.

Desabotoo minha calça e a deslizo até minhas coxas, junto com a minha calcinha. Segurando-me com um braço, ele abaixa seu short junto com a cueca box e seu pau desponta grande e grosso, o que me faz ofegar em antecipação.

Ele vai até o armário, comigo ainda em seus braços, e tira um preservativo na carteira. Pego o pacotinho da sua mão e

antes de deslizar a camisinha sobre sua rigidez, o masturbo.

— Sua gostosa — sibila, mordiscando meu lábio inferior. — Eu vou gozar tão forte...

— Isso não vai prejudicar o seu desempenho no ringue? — pergunto, em um sussurro ofegante.

— O que vai me prejudicar é se eu não te *foder* como preciso, *amor*.

Levando-me de volta para a parede, finalmente coloco a camisinha em seu membro e não tenho tempo de me preparar, porque ele mete fundo dentro de mim de uma só vez.

— *Caralho!* — exclama, encostando a testa na minha.

— Nossa!

Puxo seus cabelos e subo e desço sobre seu pau lentamente.

— Preciso ir mais rápido, Liz.

Ele me abraça firme e começa a me *foder* tão forte, que os sons dos nossos corpos se chocando e dos gemidos incontidos cobrem qualquer outro som.

Seus urros são a coisa mais sexy que já ouvi. Escoro minha cabeça na parede e me deixo ser comida por este homem incrivelmente gostoso.

Enquanto me penetra profundamente, sua boca não para de lambuzar meus seios, morder e chupar meus mamilos.

É tão intenso, que estou quase gozando.

Ele não está diferente.

— Deliciosa!

— Gostoso!

— Você é só minha, Liz?

Estoca fundo.

— Sou — respondo fracamente, recuperando o fôlego.

— Eu não ouvi. Você é só minha?

Mais uma estocada.

— Sou!

— Perfeita! Você é toda perfeita! Essa boceta apertadinha e melada me deixa louco.

— Goza *pra* mim, *Destroyer*! — provoco e ele vai ao delírio. Matt adora quando mostro que não sou uma santinha durante o sexo.

Pegando minha bunda, ele me desencosta da parede e continua metendo em mim, como se eu não pesasse nada.

— O *seu Destroyer* vai gozar *pra* você, princesa.

— Isso, só para mim, não é?

— Só *pra* você!

Eu grito de prazer quando meu sexo se contrai e anuncio que vou gozar. Agarro seus cabelos com mais força, puxo, arranho suas costas, sem parar de gemer e gritar seu nome.

Com a boca em meu seio, Matt se liberta, chupando tão forte meu mamilo que tenho certeza de que vai ficar dolorido. Meu corpo chacoalha com a sua potência, os movimentos frenéticos para cima e para baixo, as pernas poderosas nos mantendo seguros. Estou nas nuvens.

Ficamos abraçados por alguns segundos, recuperando o ar, e beijo seu peito tatuado.

— Você precisa entrar naquele ringue ou aquelas mulheres vão destruir a arena.

— A única que me importa está bem aqui.

— Você é tão fofo falando desse jeito. Nem parece o *todo-poderoso-fodão-Matt-Stevens-destruidor*.

Ele solta uma gargalhada.

— É o que você faz comigo, *amor*. — Ele fica sério e seu nariz toca o meu. — Não pense que isso vai me deixar mole — diz, fazendo questão de mostrar que está ficando duro novamente.

— Para, Matt! — Bato em seu peito. — Dani está aqui, poxa. Vai lá, destrói o seu oponente e depois a gente vai conversar sobre o que aconteceu.

— Pode deixar, Liz. Vou ganhar para você.

Beijando minha boca, ele sai de mim e me tira do seu colo.

É estranho já sentir sua falta, mas trato de não ficar tão melosa. É o que ele faz comigo. Por mais que demonstre estar melhor, estou preocupada com Matt. O que aconteceu para deixá-lo daquele jeito? Também não posso ignorar o fato de que ele chamou por mim. Não seus amigos ou seu treinador, mas a mim. Quando digo que a intensidade do nosso relacionamento me assusta, falo muito sério. Pela primeira vez na vida, tenho alguém que me entende, de verdade, e o mesmo parece acontecer com ele. A confiança que estamos depositando um no outro é surreal. Só me pergunto se é isso é algo temporário ou duradouro. E se ele se cansar de mim?

Respiro fundo e paro de me torturar. Estar com um cara desejado por todos os lados não é fácil, porque acabo entrando em um *loop* de insegurança horrível, mas preciso me valorizar e ter a real ciência de que não sou como as outras garotas e, que se me perder, *ele* é quem vai se dar mal.

Enquanto Matt vai para o banheiro, ando até o espelho e tomo um susto com o meu estado. Os cabelos estão bagunçados, as bochechas vermelhas, gritando “acabei de fazer sexo quente”, os lábios... nem se fala. Subo minha calcinha, a calça, a abotoo, subo o *cropped*, deslizando as mangas nos braços novamente.

Enfim, estou apresentável.

Matt chega atrás de mim e me abraça, beijando meu ombro nu.

— Obrigado, Liz. Você foi perfeita. Você *é* perfeita.

Sei que ele está se referindo ao episódio de ansiedade e rapidamente me viro. Aliso minhas mãos em seu tronco esculpido e deposito um beijo no seu peito, sentindo os batimentos acelerados do seu coração.

— Nós dois estamos nos ajudando, Matt. Você não está sozinho. Agora vai lá, que eu quero o meu *Destroyer* logo.

Afasto-me rapidamente, saindo da sala sem olhar para trás. Não confio em mim perto desse homem. Ao fundo, escuto sua gargalhada e sei que ele está pronto.

Ao entrar na arena, a multidão está enlouquecida. Ouço mulheres falando que não vão pagar se o *Destroyer* não aparecer; que querem o destruidor; que vieram de longe só para vê-lo; que ele é uma delícia de homem. É horrível ouvir essas coisas, mas o que posso fazer? Por isso tento pensar pelo lado bom. Quem acabou de fazer um sexo selvagem com ele? Eu.

Já estou bem novamente.

Logo que chego ao meu assento, Dani me esquadrinha por completo e pergunta com os olhos estreitos:

— Onde você estava?

Não deixo de notar como Damon e Kellan me observam, segurando uma risada. É óbvio que eles sabem onde eu estava e o que estava fazendo. Mike apenas dá de ombros.

Amigo da onça.

A voz do locutor ecoa na arena e finjo que estou entretida demais para responder minha amiga.

— *Senhoras e senhores! Finalmente! Aqui está ele. O aclamado. O venerado. DESTROYEEEEEEER!*

A música recomeça e lá vem ele, trotando.

O colete vermelho, o capuz, as tatuagens chamativas, a cabeça baixa.

Meu coração dispara, os pelos do meu corpo se arrepiam, nem parece que o vi há alguns minutos.

As mulheres tentam encostar nele, sentir sua pele, mas os seguranças as afastam.

— Esse cara é grande — Dani murmura e, pelo visto, até se esqueceu do meu sumiço.

— *Me destrói esta noite, Destroyer!* — uma fã grita.

Ele sobe no ringue e a multidão canta o refrão:

Destruidor, destruidor, destruidor

Ele está na cidade

— Nossa Senhora! — ela fala e não entendo o que quer dizer. Estou tão focada no ringue que deixo passar seu deslize em português. — Fiquei toda arrepiada com essa entrada triunfal, Liz.

— Eu já vim três vezes e sempre sinto a mesma coisa.

— Como você vem três vezes e não me chama?

— Antes eu não podia te falar, *hermana*.

— *Hermanita, hermanita*. Você para...

Ela interrompe a frase quando o *Destroyer* lentamente tira o capuz, expondo os cabelos platinados.

—... de segredos — completa, olhando para mim como se eu tivesse sete cabeças. — Você é uma ordinariazinha!

Para alegria da mulherada, Matt arranca o colete e o joga para o seu treinador. Ele abre um sorrisinho arrogante, girando o corpo para toda a arena e seus olhos me encontram. Estar na primeira fileira tem suas vantagens.

Seu sorriso aumenta e quando pisca para mim, acho que vou cair dura aqui mesmo.

— *Put*a merda! Matt Stevens é o *filho da puta* gostoso do *Destroyer*. Sério! O que mais esse cara faz? *Porra!* Estou muito irritada com você. — A morena fica sem filtro quando está nervosa. Olhando para Damon, Kellan e Mike, complementa: — Com todos vocês.

— Bem-vinda ao clube, amiga. Eu também fiquei assim quando descobri.

Conto resumidamente sobre o Matadouro e, como esperava, ela fica toda animada.

— Agora já sei o que você foi fazer quando saiu daqui correndo... — insinua, sorrindo maliciosamente, e eu reviro os

olhos.

A luta começa e Matt não é mais o Matt.

Sua expressão é fria. Os olhos estão escuros, sombrios, assustadores.

Suas feições em nada se assemelham com o que vi naquela sala.

Neste instante, ele é *Destroyer*.

— Liz, é impressão minha ou parece que o Stevens quer matar o outro cara? — Dani sussurra.

— Ele encarna bem o papel quando está no ringue.

Na verdade, ele está diferente. Geralmente, Matt fica sério, muda o semblante, mas hoje, seu olhar é mortal.

Não sei se isso tem relação com o que aconteceu mais cedo. Afinal, ele estava irreconhecível. Vulnerável, agoniado, angustiado.

O oposto de agora.

Ele acerta um soco no rosto do seu oponente e o público vibra. O golpe foi tão forte que o lutador cambaleia e *Destroyer* aproveita a oportunidade.

Com um girada de corpo, ele dá um chute na barriga de Alejandro e o rapaz cai com tudo.

A torcida fica ensandecida.

Não satisfeito, o garoto de ouro do Matadouro monta em seu adversário e dispara um soco atrás do outro.

O rapaz deixa de se mover, mas *Destroyer* continua.

Um golpe após o outro.

A arena fica em silêncio.

Ouçoo pessoas arfando, horrorizadas com o que estão vendo. *Eu* estou horrorizada com o que estou vendo, porque é como se eu não conhecesse esse homem.

O juiz tenta intervir, mas ele parece alucinado.

— Meu Deus — Dani murmura.

Seu treinador grita e nada o faz parar.

Ele vai matar o garoto.

No automático, saio correndo e colo meu corpo na rede de proteção e grito, pouco me importando em revelar seu nome

verdadeiro:

— Matt!

Nada.

— Matt! Olha *pra* mim. Sou eu, a Liz. Matt!

De repente, sua mão para no ar e ele pisca, voltando a si.

Ele me olha e seu peito sobe e desce, ofegante.

Matt se levanta, desnortado, e é empurrado para trás quando a equipe médica chega para socorrer Alejandro.

Seu olhar mostra tanto. Arrependimento, confusão e uma tristeza profunda.

Como eu quero abraçá-lo.

Damon e Kellan chegam ao meu lado, em um claro sinal de apoio. Logo Mike e Dani fazem o mesmo. Ficamos todos juntos, dizendo silenciosamente que ele não está sozinho.

Meu coração quer dizer mais do que isso, mas o silêncio.

VINTE E DOIS

Você me vê como ninguém me viu antes
E essa parte me apavora tanto
Ninguém me torna livre como você me faz

TERRIFIED, ANNA TERNHEIM

Matt Stevens

Perdi o controle.

Perdi a *porra* do controle!

Não lembro quando foi a última vez que isso aconteceu.

E tudo por causa daquela música.

Quando ouvi *A Little Less Conversation* nas caixas de som, foi como voltar no tempo e ver minha mãe na minha frente.

Dançando, sorrindo, os olhos azuis brilhando para mim.

Uma lembrança tão vívida que me quebrou de inúmeras formas. De novo.

Era a música que a Kate mais ouvia quando estava nos dias felizes. Nós dançávamos, ríamos, ela dizia que me amava... a pior das mentiras. Mas eu acreditava, sorria e cantava junto.

Não foi fácil fugir das músicas de Elvis Presley durante todos esses anos, mas sempre encontrei um escape que me fizesse esquecer as memórias ruins.

Eu não queria envolver a Liz em minhas merdas, mas não consegui pensar em outra pessoa para me ajudar. Achei que fosse desmaiar, como já aconteceu anos atrás, em outras crises de pânico. Sou quase um expert no assunto, por isso consegui identificar o episódio de Liz, após aquele jogo idiota. Só que nem os meus anos de prática e autocontrole conseguiram impedir aquela crise. Eu precisava *dela*.

Não sei em qual momento ela se tornou tão importante ou quando o seu toque se tornou tão necessário. As outras garotas não passam de uma sombra desde que comecei a conhecê-la de verdade. Sua beleza, intensidade, garra, inteligência, e até sua vulnerabilidade. *Tudo* nela me atrai e me faz querer *mais*.

Antes, eu só queria entrar em sua calcinha, mas depois de ter um vislumbre de quem é Liz Pérez, do que ela passou, eu vi o quanto temos em comum e não consigo deixar que se afaste.

Nunca senti o que venho sentindo por essa mulher. Também é a primeira vez que eu me interesso ao ponto de fazer com que todos os *filhos da puta* saibam que ela está comigo.

É por tudo isso que pensar nela quando estava em uma crise *fodida* me deu forças para buscar ar em meus pulmões. Foquei em seu lindo rosto, no seu sorriso, em como ela se contorce quando goza para mim, no seu corpo que me deixa louco.

De alguma forma, eu sabia que sua presença amenizaria o peso em meu peito.

Só não contava que o desejo viria junto, mais forte do que nunca.

Ao vê-la tão linda e gostosa, não consegui me conter. Eu precisava tirar as lembranças ruins que a aquela maldita música trouxe para a minha mente.

Liz se tornou meu principal pensamento, meu foco, minha salvação. E ela se entregou totalmente, de um jeito que eu ansiava como um sedento anseia por água.

Pensei que após gozar e me fartar do seu corpo, havia liberado toda a frustração e voltaria ao meu estado normal, mas só foi entrar no ringue, que tudo desmoronou.

Ver o rosto do meu pai em meus adversários sempre me ajudou a extravasar a raiva, mas hoje, foi mais do que isso. Enquanto encarava Alejandro, eu via o *homem ruim* rindo de mim porque me desestabilizei só de ouvir uma música que me lembrou minha mãe. Na minha cabeça, ele dizia o quanto eu era fraco e que eu nunca conseguiria me livrar do seu domínio.

O resultado foi que quase matei Alejandro Martinez.

Na ânsia de me livrar do maldito que me gerou, acabei descontando em uma pessoa inocente.

Quem me trouxe de volta foi ela.

Só de ouvir sua voz, eu travei e saí do meu mundo paralelo.

Mais uma vez, Liz me salvou.

Após os socorristas cuidarem do mexicano, disseram que ele não estava correndo perigo de morte e que em breve se recuperaria. Só após este veredito é que consegui respirar novamente. Com o anúncio da minha vitória, a multidão voltou a gritar, vibrar, mas eu saí da arena sem falar com ninguém. Não comemorei, não olhei para trás, muito menos, para Liz.

Eu não queria ver aqueles olhos castanhos, repletos de compaixão, como se eu merecesse tal sentimento.

Depois de levar mais tempo do que o normal para me trocar, pego minha bolsa com as roupas da luta e saio da sala. Encontro Jordan, Smith e Wilson conversando e quando me veem o falatório cessa.

— Onde ela está? — É a primeira coisa que pergunto.

— No estacionamento — Wilson responde. — Você vai querer ir para o Sammy's ou não?

— Não. Vou para a Kappa.

— Tem certeza? Não quer conversar sobre o que aconteceu? Podemos deixar nossos carros aqui e voltamos de táxi, assim dá para beber, ir para a farra... — Jordan sugere.

— Não. Só quero pegar a minha garota e ir para casa.

— Sua garota? — Smith pergunta, as sobrancelhas quase alcançando o topo de sua testa.

— Ainda tinha dúvidas? — questiono, sem muita paciência.

Caminhamos os quatro até a saída do Matadouro e, contrariando minhas expectativas, uma fileira de mulheres me espera.

— Eu sei que vocês estão saindo, mas não imaginava que estava tão sério — meu amigo responde.

Assim que me veem, uma gritaria começa:

— *Destroyer, me dá um autógrafo!*

— *Vem tirar uma foto comigo!*

— *Destroyer, estou do jeito que você gosta, sem calcinha.*

Depois do que aconteceu hoje à noite, não tenho cabeça para falar com elas.

— Desculpem, meninas, mas não estou em um bom momento. Agradeço a compreensão — digo.

Estou caminhando em direção ao estacionamento com meus amigos, quando uma delas grita:

— *Aquela garota é sua namorada?*

— *A que correu até o ringue...* — outra acrescenta.

— Não, ela não é minha namorada.

— *Ela gosta de você, cara!* — uma outra comenta.

Penso nessa frase, e após alguns segundos, finalmente respondo:

— Eu também gosto dela.

As mulheres soltam um resmungo e sou obrigado a rir.

— Boa noite, meninas!

Ao girar meu corpo, encontro meus amigos me encarando, como se eu tivesse um par de chifres.

— O que foi?

— *Porra!* O que foi? Primeiro você nega uma noite de farra com seus amigos, diz que vai para casa com a *sua* garota, acabou de dar um fora em um monte de gostosas e ainda confirmou que *gosta* da Liz. Acho que você não está bem, Stevens — Jordan comenta, indignado.

Eu apenas rio, porque não tenho o que responder. Não que eu acredite em amor ou que esteja apaixonado, longe disso, mas sinto uma conexão diferenciada com Liz. Gosto da companhia dela, de conversar com ela, e, principalmente, de *dormir* com ela. E só.

Nós nos aproximamos de onde o meu carro e o de Kellan estão e eu a vejo. Ouço sua risada gostosa, como a calça de couro se molda às suas coxas torneadas, à bunda redonda, a cinturinha fina e nua, os seios empinados — sem sutiã, como adoro —, os cabelos compridos cobrindo suas costas... *Porra!* Só de vê-la fico duro. Ela percebe minha presença e seu semblante muda. O sorriso dá lugar à preocupação, afinal, não a vejo desde o incidente no ringue.

A morena quis entrar na sala, ver como eu estava, mas não deixei. Esperei me acalmar para conversarmos mais tarde, a sós, de preferência na minha cama.

Chego perto de Daniela e a brasileira acena para mim.

— E aí, *Matt Stevens Destroyer*? — zomba.

— E aí, *Brasil*? Sinto muito por presenciar aquele meu... *momento*, logo na sua primeira visita ao Matadouro.

— Pois é. Terei de voltar para te avaliar direito — diz e solta uma risadinha sarcástica.

Sorrio.

— Pode voltar quantas vezes quiser. — Olhando para Liz, pergunto: — Vamos para a Kappa?

Ela encara a amiga, que faz um sinal silencioso para Liz me acompanhar.

— Na próxima, vamos todos juntos ao Sammy's, *hermana*. Prometo!

— Fique tranquila, *hermanita*. Vocês têm muito a conversar. Obrigada por me trazer aqui.

— Dani, você vem com a gente? — Smith pergunta. Conheço meu amigo e suas intenções não são das melhores.

A brasileira pondera, até que se decide:

— Tudo bem. Vamos lá! Não estou a fim de ficar em casa em plena sexta-feira.

Conduzo Liz para a minha caminhonete quando ouço alguém gritar:

— Hey, *bichinha do pó!*

Já ouvi esse apelido tempos atrás e paro de andar.

— O que foi? — Liz pergunta.

Olho para Wilson e ele está pálido.

O idiota grita novamente:

— Hey, *bichinha do pó*! Tem alguma coisa *pra* mim?

— Com quem esse cara está gritando?

— Veja como Wilson está, Liz.

Não preciso dizer mais nada, porque quando ela olha para o amigo, o garoto está encostado no carro de Kellan, paralisado, o olhar focado no chão.

— Acho melhor você ir embora — falo para o desconhecido, que está a poucos metros de mim. Seu rosto está vermelho, claramente alterado.

— Eu só queria saber se a *bichinha do pó* tem alguma coisa *pra* mim. Faz tempo que não o vejo por aqui, *porra*! Ele tinha os melhores *doces*.

— Não tem nada de *doce* aqui e se eu fosse você, parava de usar essas merdas. Pode ir.

O homem parece levar horas para me reconhecer e, por fim, arregala os olhos, dando passos largos para trás, até sair correndo.

— Fale comigo, Mike — Liz pede, com Dani ao seu lado. — O que foi?

Smith e Jordan sabem da história, por isso ficam calados. Quem deve falar é o próprio Mike e mais ninguém.

Por fim, o loiro rompe o silêncio:

— Eu vendia drogas.

— O quê? — a minha garota pergunta, chocada.

— No início da faculdade, comecei a vender drogas em algumas festas, não as da Universidade, mas festas e eventos com um público mais velho. Meus pais estavam desempregados e mesmo com uma bolsa integral, precisava de grana para me sustentar e ajudar em casa. A oportunidade mais fácil apareceu e eu, desesperado, aproveitei. Até hoje me pergunto como pude aceitar esse apelido ridículo. *Bichinha do pó*. Uma coisa tão degradante, tão ofensiva.

— Oh, Mike! — As meninas o abraçam.

— Tudo mudou quando dois viciados queriam mais drogas, só que eu já tinha vendido tudo. Foi em um dos eventos do Matadouro. Eu sempre vendia por aqui. Eles partiram para cima de mim e por pouco não me mataram. Stevens apareceu na hora e me levou para o hospital. Fiquei internado por dias e quando saí, ele arranhou um trabalho para mim em um restaurante no centro da cidade. Trabalhei lá até abrir a vaga na *University of Coffee*.

Liz me encara, surpresa, e Wilson completa:

— Com a ajuda de Stevens, saí dessa vida, e é por isso que eu o respeito tanto. Ele acreditou em mim quando as pessoas só me viam como um traficante de merda. Um homossexual problemático. Em nenhum momento me julgou, muito pelo contrário, ele só me ajudou, e eu nunca vou me esquecer disso.

Foi realmente *fodido*. Wilson estava quase morto quando o encontrei. Sangrava pelos ouvidos, boca, nariz. Uma bagunça. Dei um soco em cada viciado e levei o garoto para o hospital mais próximo. Eu o conhecia apenas de vista e fiquei preocupado que pudesse ter acontecido algo pior. Por sorte, ele sobreviveu, sem nenhuma sequela, e nos tornamos chegados. Não como Smith e Jordan, mas um cara que posso contar.

— Agora eu entendo... — Liz Pérez murmura, reflexiva.

— Me desculpem por não ter contado antes, meninas, mas é uma parte da minha vida que eu quero fingir que não existiu.

— Nada de desculpas, Mike. O que importa é que você se livrou a tempo — fala Liz.

— Mike, você tinha seus motivos para não nos contar. Você foi muito corajoso! — Dani se vira para mim e sorri: — Obrigada por salvá-lo, Stevens.

Liz não deixa de me analisar, os olhos brilhando, até que a voz de Jordan chama a nossa atenção:

— Quem vai para o Sammy's, vem comigo. Quem vai para a fraternidade, se manda com o Stevens. Smith, na próxima é você quem vai dirigir, seu *filho da puta*.

— Eu não. Prefiro pagar um táxi. Não sou trouxa como você, Jordan.

Todos riem da interação dos dois.

As garotas abraçam Wilson mais uma vez e eu abro a porta para Liz entrar. Vou para o lado do motorista e logo que me acomodo ligo o rádio.

Ela está quieta. Não sei se foi pelo que ouviu do amigo ou pelo que aconteceu no ringue. Não estou acostumado com o seu silêncio e isso me deixa nervoso.

— Você tem certeza de que não quer acompanhar a sua amiga? — pergunto, depois de não aguentar esperar sua iniciativa.

— Tenho.

Só isso? Porra! Ela está me deixando louco.

— Está tudo bem? — pergunto.

— Sim.

Solto um longo suspiro e aperto o volante. Uma música começa a tocar e Liz cantarola baixinho. Sua voz é linda e fico satisfeito por ela não estar mais em modo silencioso.

Quando finalmente chegamos à fraternidade, lembro que está rolando uma festa, mas a levo direto para o meu quarto. Algumas garotas tentam falar comigo, mas não dou ideia. A minha atenção é toda para *esta* mulher à minha frente.

Agora somos só nós dois.

Tenho tanto para falar, explicar, mas não sei por onde começar.

Será que ela está *puta* comigo? Com o que fiz?

Porra! É claro que está! Eu tive um ataque de pânico, transei com ela e depois quase matei um cara.

— Quer beber alguma coisa? — pergunto, abrindo uma garrafa de uísque.

— Não, estou bem.

Abro o frigobar, pego duas pedras de gelo e coloco no copo. Adiciono três dedos do líquido âmbar e me sento na beirada da cama.

A morena fica parada na janela, de frente para a festa, batendo o pé no ritmo da música. *Linda pra caralho.*

— Liz...

— Matt...

Falamos ao mesmo tempo, o que nos faz rir.

— Pode falar — ofereço.

— É que... Eu não sei como dizer isso.

— Você não quer mais sair comigo, não é? Eu sabia...

— Não, não é nada disso! — ela me interrompe e corre até mim, parando entre minhas pernas. Sem que eu espere, segura meu rosto com suas mãos pequenas e vejo a intensidade em seus olhos. — Vai parecer loucura, porque a gente está junto há pouquíssimo tempo, mas entre nós é tudo tão forte, tão intenso, que eu preciso que você saiba que fiquei com muito medo de te perder; que você se rendesse ao seu lado sombrio.

Estou tão acostumado a pensar no pior das situações que meu peito se contrai ao ouvi-la falar assim, com tanta sinceridade, e minha reação é apoiar a cabeça entre o vão dos seus seios. Estou segurando o copo em uma das mãos e com o outro braço enlaço sua cintura, aproximando seu corpo do meu.

— Eu estou aqui, *amor*. Não o *Destroyer*, mas o Matt. O Matt que só você tem conhecido. *Porra*, Liz, eu não queria ter feito o que fiz! Eu não queria...

— Eu sei. Você é incrivelmente bom, Matt. O que fez por Mike... Meu Deus, como estou orgulhosa de você! — Ela beija minha cabeça e afaga meus cabelos em um carinho tão bom, que tenho vontade de ficar aqui a noite toda.

Mas não posso.

Liz precisa conhecer o meu lado feio, porque ela foi a única que se interessou por ele.

A única que tenho certeza de que não vai correr quando eu contar toda a verdade.

— Senta aqui. — Indico meu colo, pois seu calor vai me manter aquecido quando o frio do meu passado tomar o meu corpo.

Ela se acomoda em minha coxa e, olhando fixamente para suas íris castanhas, digo:

— Você merece conhecer a minha história, *amor*, porém, adianto que não é nada bonita.

— Eu aguento. Inclusive, também quero te contar a *minha*. Como disse antes, você não está sozinho, Matt.

O aperto no peito volta quando Liz fala desse jeito. A vontade de beijá-la vem forte, mas me seguro, porque eu sei que quando sinto seu gosto, não consigo parar.

Em um só gole bebo todo o uísque, deixo o copo sobre uma mesa perto da cama e me preparo para abrir a minha caixa de pandora.

— Até os dez anos, vivi entre o céu e o inferno. Minha mãe era amável, carinhosa, vivia sorrindo, mas quando o covarde que tive como pai chegava em casa após o trabalho, geralmente bêbado, a paz acabava. Ele era extremamente violento e sempre escolhia um saco de pancadas. Ou eu ou minha mãe.

Sinto quando Liz segura o fôlego e a aperto contra meu peito.

— Eu ficava dias sem ir à escola por conta dos machucados. Tinha vezes que não conseguia andar ou enxergar por causa do inchaço. Está vendo essa marquinha? — Levanto a camisa e passo seu dedo por cima da tatuagem escrita “RESIST” na minha costela. — Foi feita com a fivela de um cinto quando não quis me sentar à mesa para comer.

— Meu Jesus! — A morena coloca uma mão na boca e seus olhos ficam marejados.

— Aqui — levo seu dedo numa parte da tatuagem tribal que cobre meu braço — ele me bateu com um pedaço de madeira, porque fui para a cama antes da hora que *ele* queria.

— Meu Deus, Matt. Ele era desumano!

— Oh, *amor*, ele era um monstro. Há mais marcas pelo meu corpo, mas a maioria cobri com tatuagens. Por mais que eu saiba onde cada cicatriz está e como foram causadas, os desenhos me mostram que resisti e me reinventei. A tatuagem na minha nuca — aponto para a palavra “VENCI” e Liz desliza seus dedos por ela —, está atrás de mim com um propósito. Para dizer ao meu passado que eu venci. Por mais que ele ainda me assombre, eu nunca me rendi nem me renderei.

— Nossa! Eu não tinha prestado tanta atenção nelas, mas agora são as minhas preferidas — ela diz, beijando minha nuca. — Você é muito mais forte do que sua aparência física, Matt. Você tem uma fortaleza aqui. — Liz coloca a mão no meu peito e a aconchego em um abraço.

Uma lágrima solitária desliza pelo meu rosto.

É doloroso recordar da minha querida Kate. A raiva e a saudade duelam constantemente, mas às vezes a saudade vence.

— Minha mãe não teve a mesma sorte. Ela não foi forte o suficiente para suportar. Ele concentrava suas agressões no rosto dela, que era a coisa mais linda que eu já tinha visto.

Engulo em seco ao dizer:

— No seu último dia de vida, ela estava deformada.

Dou uma pausa porque não consigo conter o choro. Estou vulnerável demais e preciso dominar minhas emoções.

— Tome seu tempo, querido.

Olho para Liz e uma paz estranha, e muito bem-vinda, me invade. Só de ouvi-la me chamando de querido, um gesto tão íntimo e carinhoso, sinto meu corpo todo aquecer.

O que está acontecendo comigo, caralho?

Já mais tranquilo, volto a falar:

— Os olhos da minha mãe eram como os meus, azul-claros, só que estavam vermelhos, com veias estouradas, sendo que um deles mal abria de tão inchado. A região estava roxa e com sangue pisado. Uma coisa horrível. Até pouco tempo eu sonhava com ela assim.

— Oh, Matt...

— Minha mãe estava sofrendo demais, eu também, mesmo assim ela não quis fugir comigo. Ela o defendia, dizia que ele me amava... Nunca entendi como ela podia continuar vendo algo de bom naquele homem. Como aceitava dormir ao lado de um demônio.

Mais lágrimas molham meu rosto e Liz delicadamente passa suas mãos em minhas bochechas.

— No dia em que se matou, dançamos juntos, uma das músicas do seu cantor preferido, Elvis Presley.

— Elvis? Meu Deus, Matt!

— Sim, esse foi o gatilho para a minha crise no Matadouro.

— Tudo faz sentido agora.

— Liz, sem exagero, *todos* os dias ela escutava uma música dele. Se estava triste, ouvia as músicas mais lentas, se estava feliz, ouvia as mais alegres e dançantes. A que o Alejandro entrou hoje era justamente a música que a minha mãe dançava nos dias felizes e as lembranças vieram como em uma enxurrada, aí eu surtei.

— Oh, Matt! Se eu pudesse tirar essa dor de dentro de você...

— Acredite, você me ajudou *muito* hoje e peço desculpas pela forma como te tratei. Eu não quis te desrespeitar ou te usar...

— Hey, você pode pensar que não, mas te conheço, Matt. Você precisava se acalmar e eu adoro seu toque. Nós dois ganhamos. Ninguém usou ninguém.

— Você é incrível, *amor* — declaro, beijando seu pescoço. — O que me *fodeu* foi que na hora da luta, eu não soube separar o meu presente do meu passado. Tem um ritual que faço sempre que é projetar a cara do *homem ruim*, como eu o chamava quando era pequeno, em cada adversário meu no Matadouro. Só que dessa vez juntou a lembrança da música.

— Foi como se você estivesse lutando com o monstro do seu passado *e* recordando da sua mãe.

— Exatamente. Eu estava prestes a matar um inocente e se não fosse por você... — Abaixo a cabeça, sem conseguir terminar meu pensamento.

— O que importa é que você conseguiu parar e, enquanto quiser, eu vou te ajudar. Não há vergonha alguma nisso, Matt. Não tem por que fingirmos que estamos bem o tempo todo.

— Você realmente existe, Liz Pérez?

Ela sorri e beija minha testa.

— Existo e estou bem aqui.

— Sou a *porra* de um sortudo.

— Sim, você é.

Rimos juntos e o clima fica pesado novamente, quando retomo minha história:

— No dia em que minha mãe se matou, uma parte minha morreu também. A minha inocência, a minha alegria e a minha capacidade de acreditar no amor.

— Você acha que ela não te amava?

— Eu tenho certeza ou não teria me deixado sozinho com aquele maldito.

A morena fica em silêncio, mas eu a conheço. Ela tem sua própria opinião.

— Lembro como se fosse hoje. O *homem ruim* chegou em casa e perguntou onde estava a minha mãe. Eu disse que ela tinha ido descansar. Mais cedo havíamos dançado, tomado café juntos, e ela me falou várias coisas que, na hora, não entendi, mas depois percebi que foi uma despedida. Quando o monstro tentou acordá-la, ela já estava morta. A primeira coisa que ele fez foi meu culpar.

— O quê?

— Ele começou a gritar e dizer que a culpa era minha por ela ter morrido. Porque quando saiu de casa, ela estava bem...

— Solto uma risada amarga. — Só um doente para achar que uma pessoa estava bem depois de levar um soco na cara.

— E o que ele fez com você? — pergunta Liz, esperando o pior.

— Não fez nada, porque eu fugi.

— Você fugiu? De casa?

— Sim. Por isso fui parar em um orfanato. Como não tinha familiares próximos, precisei ficar aos cuidados deles.

— E ele?

— Desapareceu. Aposto que ficou com medo de encontrarem a esposa morta toda espancada por suas mãos. O covarde nunca mais foi visto e com o tempo a polícia parou de procurar.

— *Filho da puta!*

— Até conseguir ser adotado, precisei passar por vários profissionais. Psicólogos, psiquiatras, porque eu só tinha raiva dentro de mim. Raiva da minha mãe, raiva daquele monstro, raiva de mim por ter sido tão fraco. Eu estava com doze anos quando um casal de médicos de Nova York, que não podia ter filhos e já tinha uma certa idade, me adotou. Linda e Thomas cuidaram de mim como se eu fosse realmente deles e aguentaram muitas merdas por minha causa, mas nunca desistiram de mim. Aos poucos, fui melhorando, amadurecendo, escolhendo quais guerras lutar, mas a raiva sempre me acompanhou, eu só aprendi a controlá-la. Estudei nos melhores colégios, fui admitido em Yale e pretendo advogar contra a violência familiar.

— Uau! Eles devem ter orgulho do homem que você se tornou! *Eu* tenho orgulho do homem que você é, Matt!

Abaixo minha cabeça e fecho meus olhos.

— Como não poderia ser diferente na minha vida, os dois faleceram há dois anos, em um acidente de carro.

Liz não consegue mais segurar suas próprias lágrimas e as mãos formam uma concha em meu rosto.

— Matt! — Ela balança a cabeça, perplexa. — Quantas perdas... Meu coração está despedaçado por você.

Choro com suas palavras, com o quão linda é a sua alma, pela empatia que sente por mim. O aperto que se tornou uma constante ao pensar em Liz se intensifica e colo minha boca na dela ao dizer:

— Eu não tenho apenas *uma* bagagem de merdas, mas um caminhão inteiro.

— Qualquer coisa que eu falar sobre a minha vida, não vai chegar aos pés do que você passou. Eu...

Afasto-me um pouco para olhar em seus olhos.

— Hey... isso não é uma competição. Eu quero saber *tudo* sobre você. Gosto de pensar que passei por todos esses obstáculos para me provar que sou mais forte do que pensava. Que fraco era o monstro que fugiu, que espancava uma mulher e uma criança indefesas, e não eu. Linda e Thomas me trouxeram a esperança de que ainda há pessoas boas no mundo.

— Você é uma dessas pessoas, Matt. O que aconteceu hoje não te define, só mostra que você é humano.

— Obrigado por acreditar em mim, Liz. Só uma mulher como você para me fazer quebrar a cara.

— Ah, é? Por quê? — pergunta, um sorriso iluminando seu rosto.

— Porque não só venho saindo com a mesma garota por duas semanas, como contei toda a minha vida *pra* ela. *Porra*, isso é inédito! Me tornei quem eu abominava!

— O que posso fazer se eu sou especial?

— Oh, sim, você é *toda* especial — comento e beijo seu pescoço cheiroso, apertando sua bunda com vontade.

Ela me dá um tapa no braço e começo a rir. Consigo deixar o clima mais leve e pergunto:

— Quer beber alguma coisa?

— Acho que vou querer uma dose daquele uísque.

— Tem certeza?

— Tenho. Nossa noite está pesada e preciso relaxar um pouco antes de começar a falar.

— Tudo bem. Vou pegar para nós dois.

Com os copos abastecidos, retorno para a cama e Liz volta a se sentar em minha coxa.

— Um brinde às dificuldades que nos fortalecem — brinda.

— Um brinde aos corações destruídos, mas que ainda assim continuam batendo — completo.

Em silêncio, Liz me encara e bebemos a dose em uma golada. Ela faz uma careta e se endireita em meu colo.

— Preciso começar falando de Carmen, minha mãe.

Ela conta que a mãe veio de Cuba com o sonho de se tornar atriz em Hollywood, só que as coisas não deram certo.

— O dinheiro que ela tinha não era suficiente para se manter aqui nos Estados Unidos e de jeito nenhum queria voltar para Cuba. Então, começou a trabalhar em um bar em Miami. Pelo que Carmen me conta, muitos caras ricos frequentavam o lugar, até que um dia, um deles a chamou para trabalhar em outro espaço onde poderia ganhar mais dinheiro. Ela foi.

Liz está com o olhar distante, mas não a interrompo.

— Ela começou a ganhar muito dinheiro, sim, mas teve um custo alto. Tudo porque não quis voltar para o seu país e preferiu viver uma vida de mentira na América. Seu trabalho era acompanhar homens ricos aonde quer que fossem. Ou seja, Carmen virou uma acompanhante de luxo.

Porra, por essa eu não esperava!

— Eu nasci de um desses programas.

Eu a abraço quando sinto seu corpo estremecer.

— Na verdade, Carmen tentou dar o golpe da barriga, mas o tiro saiu pela culatra. O cara sumiu do mapa e ela nunca mais o viu. Mais uma vez, se deu mal.

— O que ela fez foi sujo.

— Nem me fale. Cresci sendo levada para os bares em que ela trabalhava e ficava sendo cuidada pelas funcionárias.

— *Porra*, que loucura!

— Pois é. Ela saía com os caras e me deixava lá. Uma vez, eu a ouvi contando para uma de suas amigas, que quando eu era recém-nascida me esqueceu em um desses bares.

— Esqueceu? Isso existe?

— Existe quando uma mulher *esquece* que é mãe. — Ela sorri, sem graça. — Fui crescendo e aprendendo a me virar sozinha. Quando eu tinha treze anos, ela levou um dos seus clientes para casa. O cara era repugnante e não tirava os olhos de mim. Eu estava cozinhando e o nojento... — ela respira fundo —... o nojento teve a coragem de passar atrás de mim, como se a cozinha fosse muito apertada. Ele roçou algo duro na minha bunda e, até então, eu não sabia o que estava acontecendo.

Meu estômago revira e minhas mãos se fecham.

— Me diz que esse *filho da puta* não...

— Não. Ele não continuou porque Carmen percebeu que algo estava errado. Você acredita que em vez de expulsar o nojento, ela o levou para o quarto? Fiquei horas ouvindo seus gritos e gemidos, sem qualquer respeito ou consideração pela filha menor idade. Quando o homem foi embora, Carmen teve a coragem de entrar no meu quarto e me acusar de ter dado em cima do homem.

— Como é que é? *Caralho*, Liz! Você só tinha treze anos!

Seu rosto é tomado por lágrimas e os tremores em seu corpo me deixam aflito. *Porra!* O que fizeram com a minha garota? Qualquer um pode ver como Liz é uma mulher maravilhosa e se não tem maldade agora, imagine com treze anos.

— Ela tinha um ciúme doentio de mim. Quando bebia, falava tudo o que não tinha coragem de falar quando estava sóbria. A sorte é que depois do episódio do nojento, ela não levou mais nenhum cliente para casa e eu agradei a Deus, por mais que eu soubesse que suas motivações nada tinham a ver com meu bem-estar.

— Que merda!

— Por tudo isso, é que além do meu sonho de estudar em Yale, quando vi a oportunidade de sair de *Little Havana*, não pensei duas vezes. Eu tinha dois amigos de infância, Raúl e Luna, mas ao vir para cá, pude ver que nunca foram meus amigos de verdade. Eles preferiam que eu continuasse infeliz a realizar meu sonho, e de pessoas assim, estou cansada. Quero distância.

— E a briga que você teve com Carmen esses dias? O que aconteceu?

— Ela me ligou bêbada e adivinha?

— Te falou um monte de merda.

— Acertou. Eu falei que era melhor a gente conversar depois, mas aí ela começou a me ofender.

Liz me conta as barbaridades que sua mãe despejou e fico enojado. É quase como a versão feminina do monstro.

— *Porra!* Que filha da...

— Ah, para jogar a terra em cima, disse que nem meu pai me quis.

Ela sorri, porém, mais lágrimas deslizam pelo seu rosto delicado.

— Qual o problema dessas pessoas? Aquele monstro que *fodeu* com a minha vida; a sua mãe, que está mais para uma *filha da puta do caralho*. *Porra!* Se não queriam ter filhos, dessem para quem quisesse. Por que nos tratam assim, como se tivéssemos culpa das suas frustrações? Isso me deixa muito *puto*.

— Como eu concordo com você. Nós é que sofremos com as escolhas deles e *foda-se* se vamos superar ou não.

— O que importa é que vamos encontrando pessoas que nos ajudam a seguir em frente. Meus pais adotivos, meus

amigos, você...

— Você... — ela repete e seu nariz roça o meu. — Obrigada por me ouvir.

— A recíproca é verdadeira, *amor*. Estou aliviado por ter me aberto com você.

— Eu também, Matt.

— E o que pretende fazer depois da faculdade?

— Como você, quero advogar em uma causa pessoal. Em prol dos imigrantes que vêm para os Estados Unidos. Posso não concordar com as atitudes de Carmen, mas assim como ela, muitos imigrantes vivem em condições precárias até conseguirem oportunidades por aqui, e, por vezes, não têm quem os defenda. Eu quero fazer isso. Eu quero dar mais dignidade a eles.

— Você é *foda*, Liz! Não esperaria menos de você. E com essa boca atrevida, vai ser uma ótima advogada! — brinco e nós dois rimos.

Como duas pessoas podem se completar tanto?

É como se esta mulher fosse feita para mim. Uma mulher que passou por tantas merdas quanto eu e consegue enxergar quem eu realmente sou. Não o Matt Stevens babaca, mas o Matt que foi quebrado e está se reconstruindo.

— Deita na cama, *amor* — peço, louco de vontade de me enterrar em seu corpo pequeno.

— Acho que a nossa conversa agora será na horizontal, não é?

Ela abre um sorriso safado que me deixa maluco e sorrio em resposta.

— A não ser que tenha uma ideia melhor do que eu começar a te comer com a minha boca...

— Não mesmo. É o que mais quero e preciso agora.

Quando Liz se deita, os cabelos longos espalhados sobre a cama, tenho certeza de que estou completamente *fodido*, pois meu coração nunca bateu tão forte e tão rápido.

E, pela primeira vez, não me importo, porque é a sensação mais certa que já senti em toda a minha vida.

VINTE E TRÊS

Somos uma Phoenix em ascensão
Das cinzas lutando
Nossa coragem subindo
Nós nunca vamos nos render
Esta é a nossa batalha
Não vai ficar nas sombras agora
Vivendo para o amanhã
Nós nunca vamos nos render.

NEVER SURRENDER, LIV ASH

Liz Perez

Acordo no susto, mas logo me lembro que hoje é sábado. No entanto, o motivo de ter despertado de repente não foi só esse e, sim, um corpo forte que pressiona minhas costas. Uma mão acaricia meus seios, enquanto a outra aperta minha bunda.

— Bom dia *pra* você também — digo, espreguiçando-me, o que me faz sentir algo duro entre minhas pernas. — Alguém está animadinho...

— Bom dia, princesa — Matt sussurra, beijando meu pescoço. — Acordando com você assim, impossível não ficar animado.

Sua mão desliza até o meu sexo e seus dedos circulam meu clitóris de maneira preguiçosa. Arqueio minhas costas e solto um gemido.

— Adoro quando você geme assim. — Sua voz grossa me causa arrepios.

— Como já posso estar desse jeito, se transamos quase a noite toda?

Ele ri próximo ao meu ouvido e responde:

— Minha garota é insaciável, assim como eu.

Viro meu pescoço e olho para ele:

— Sou a *sua garota*, é?

— *Porra*, qual o problema? — Ele parece genuinamente irritado e tenho vontade de rir. — Smith me perguntou a mesma coisa ontem. Se estamos *fodendo* há duas semanas, você *é* a minha garota. Ou não?

Eu sei que ele fala *fodendo* para não dizer que estamos quase namorando. Homens e suas regras ridículas.

— Sim, eu sou a sua garota, Matt. E você? É o *meu* cara?

— Eu sou o que você quiser que eu seja, amor.

— Nossa! Assim eu me apaixono — brinco, para ver sua reação e me surpreendo com uma nova risada grave.

— E seria ruim?

Estreito meus olhos para ele, sentindo sua ereção roçar minha entrada.

— Você não acha que seria ruim se eu me apaixonasse por um cara que diz que *nunca vai se apaixonar*? Ah, e que não acredita no amor!

Stevens aperta minha cintura e me olha de um jeito tão intenso que engulo em seco. Continuamos nos encarando quando ele me penetra devagar, apenas para que eu tenha um gostinho de como é senti-lo sem camisinha.

Contorço-me de prazer e ele sussurra, tão afetado quanto eu:

— E se esse cara mudasse de ideia? — Matt fricciona um dedo em meu clitóris e a combinação com sua rigidez me provocando é alucinante. — Talvez o cara não acreditasse que encontraria uma mulher tão certa para ele.

Suas palavras fazem meu coração bater descompassadamente, mas não tenho tempo de assimilar direito, pois ele me possui com força, fazendo-me gritar sem reservas, ao mesmo tempo que ele urra em meu ouvido.

— *Porra!* — Sua voz é gutural. — Você é tão apertada, *amor*. Que delícia te sentir assim, sem nada. *Caralho!* Preciso me controlar — diz, mordendo meu ombro.

— É delicioso, Matt.

— Não vejo a hora de você começar a tomar o remédio. Vou gozar tanto aqui dentro.

Ele nem termina de falar e logo se retira de mim. Apesar de tudo, Matt é muito responsável e agradeço a sua força de vontade ou não conseguiria parar.

Colocando um preservativo em tempo recorde, o loiro arremete contra mim novamente, fazendo meu mundo parar. Adoro quando ele me *fode* de lado. Eu o sinto tão fundo que fico louca, e com ele não é diferente. Ainda mais que ama olhar para minha bunda.

Stevens pega minha perna com sua mão grande e a ergue e, como se fosse possível, mete mais fundo.

— Oh! — grito. — Matt!

Assistir às veias saltadas do seu braço musculoso enquanto segura minha coxa é extremamente excitante. As tatuagens são um espetáculo à parte e lhe dão um ar de *bad boy* que achei que só existisse nos livros. *O meu bad boy favorito*.

— Amo o que você faz comigo — murmuro, ensandecida. — Oh, Matt!

— Amo como você se entrega *pra* mim — murmura de volta ao estocar fundo, beijando e mordendo minha nuca. — Amo essa boceta. — Estoca e mordisca minha mandíbula. — *Porra!* Eu amo o quanto você me faz sentir vivo.

Ele mergulha tão fundo desta vez que entro em êxtase.

— Amo! Amo... Amo...

Estou gozando intensamente como nunca gozei, as palavras sem nexos saindo da minha boca, e ele se mexe tão freneticamente que pressinto sua libertação.

— *Caralho!* — Matt aperta minha coxa com força, arremetendo sem dó dentro de mim. — Você é minha, Liz Pérez. *Só Minha.*

O rugido que sai de sua garganta é o sinal de que está gozando. Tão poderoso e másculo que me dá outra onda de prazer e rebolo em seu pau, enquanto me masturbo.

— Isso, goza de novo, gostosa!

Abaixando minha perna, ele chega mais perto e segura meu rosto, beijando-me com languidez. Sua boca voraz chupa minha língua, suga, e estou perto de gozar pela segunda vez.

Acelero o movimento dos meus dedos e mais rápido do que pensei, chego ao meu limite, gemendo sem parar nos lábios de Matt.

Levo minutos para me recompor.

— Uau! — É só o que consigo pronunciar.

Matt ri e deposita um beijo em minhas costas, antes de se retirar e se levantar.

Estou na mesma posição, meio dormindo meio acordada, quando ele volta, puxando-me para mais perto do seu corpo. O braço pesado envolve minha cintura e sua mão faz um carinho em meu mamilo, subindo e descendo.

Seus gestos, mesmo sem perceber, são sexuais e me acendem de uma maneira que jamais pensei ser possível. Imaginei que fosse coisa de ficção, esse fogo todo, a vontade de transar toda hora, mas estou me sentindo uma verdadeira tarada.

O clima pesado e denso da noite passada se tornou apenas uma lembrança de um momento importante para nós dois. Se já estávamos unidos, agora estamos mais ainda.

Viro-me de frente para ele e seus olhos azuis estão mais brilhantes do que o normal. Este homem tem uma beleza tão arrasadora que me deixa sem fôlego.

Acaricio suas sobrancelhas, as maçãs do rosto, a mandíbula forte, o queixo, a boca desenhada. Nem por um segundo ele deixa de me observar.

— Você estava falando sério? — tomo coragem e pergunto.

— Sobre o quê?

— Sobre ter mudado de ideia...

De repente, me sinto exposta demais. Vulnerável demais.

— Desculpa, eu não quis...

— *Shhhhhh*. Não precisa me pedir desculpa, *amor* — diz, tirando algumas mechas de cabelo do meu rosto. — Eu estava falando sério. Depois da noite passada, não tenho mais dúvidas de que você é muito importante para mim. Não sei nomear o que estou sentindo, só sei que é novo e não consigo te mandar ir embora, como fiz com todas as outras. Também não menti quando disse que você faz com que eu me sinta vivo. Foi a melhor coisa que me aconteceu e não quero que acabe. Não agora que, finalmente, encontrei alguém que enxerga a minha alma e não apenas a minha aparência.

Encosto minha testa na sua e sorrio com sua declaração inesperada. Venho tentando esconder o que sinto para não o afastar, mas depois de ouvir suas palavras, é impossível continuar fingindo.

— Você também me faz sentir viva, Matt. Nunca pensei que encontraria uma pessoa como você, logo em Yale, quando eu disse tanto que não queria distrações.

Nós dois sorrimos. E completo:

— Mas nós não temos controle sobre o nosso destino. Você me enxerga como ninguém, Matt. O que compartilhamos ontem foi essencial para que eu visse que não estou sozinha e é muito bom saber disso.

— Não, *amor*, você não está sozinha. Apesar de toda a dor que passamos, merecemos uma chance. Merecemos mostrar para todos que nos fizeram sofrer, que resistimos e vencemos.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto e não faço questão de as limpar, pois, pela primeira vez, são lágrimas de felicidade.

Ele me beija com paixão, de um jeito totalmente diferente das outras vezes, e eu retribuo com o mesmo sentimento.

— Nem pense em me abandonar, Liz Pérez.

Sua frase corta meu coração. O medo e a insegurança presentes, a sombra do seu passado pesando sobre nós.

— Só se você me abandonar primeiro, Matt Stevens.

Continuamos nos acariciando, beijando, quando batem forte à porta.

— *Porra, Stevens, se esqueceu do treino?* — É a voz de Jordan e imediatamente Matt se deita de barriga para cima.

— *Caralho!* Esqueci a *porra* do treino — murmura.

Eu rio e beijo seu tórax.

— Vamos! Tenho um monte de trabalho para fazer e entregar na semana que vem.

Meu celular começa a tocar e é a minha vez de resmungar quando vejo o nome de Daniela.

— Resolveram nos tirar da cama à força — digo a Matt, que dá um tapa em minha bunda quando me viro para atender ao telefone.

— Ai, babaca!

— Humm... você adora esse babaca, *amor*.

Resolvo o ignorar e atendo:

— Oi, Dani.

Matt morde minha bunda e dou uma bronca no safado, que se acaba de rir.

— *Amiga, desculpa interromper seu momento com Matt, mas você precisa vir até o nosso dormitório.*

Endireito-me e me sento na beirada da cama.

— O que foi, Dani?

— *Sua mãe está aqui.*

Meu coração quase salta pela boca.

— Carmen? O que ela está fazendo aí?

— *Disse que veio te fazer uma surpresa.*

Em um instante, Matt está ao meu lado.

— Tudo bem. Vou me trocar e estou indo. Obrigada, Dani.

Desligo a chamada e entro em um estado de letargia.

— Liz, você está bem? — A voz de Matt soa distante.

Ele segura meu rosto e refaz a pergunta.

— Minha mãe está aqui — respondo, como se não acreditasse em minhas próprias palavras.

— Eu ouvi, mas quero saber como *você* está.

— Não sei dizer. Ela deve ter vindo porque não a atendo há dias, nem respondo suas mensagens.

— Vamos. Eu vou com você.

Viro-me para ele, subitamente de volta à realidade.

— Não, Matt. Você tem um treino importante. Semana que vem tem jogo. Não vou deixar que se prejudique por minha causa.

— Ei — ele me faz olhar para seu rosto —, esqueceu que estamos juntos nessa? Nem que eu te leve, fique com você por um tempo e depois siga para o estádio. Não é como se fossem me deixar de fora. Sou o melhor que eles têm.

— Como pude me esquecer de como você é convencido?

— Sei do meu valor, *amor*.

Balanço a cabeça sem reprimir um sorriso.

— Tudo bem. Vamos lá.



Chego ao meu dormitório e solto um longo suspiro. Matt abre a porta da caminhonete e me ajuda a descer os dois degraus. Ficamos em silêncio por todo o caminho, minha mente longe, divagando sobre a vinda de Carmen.

O loiro me segue, vestido com uma camisa de treino com seu sobrenome nas costas e a calça que faz parte do uniforme, colada em suas coxas grossas.

Antes de abrir a porta do dormitório, Matt me para e me olha profundamente.

— Você está bem? — Não sei quantas vezes ele já me fez esta pergunta.

— Estou. Só quero resolver isso logo.

— Se precisar que eu fique até o final...

— Nada disso, Matt. — Abraçando-o, digo: — Muito obrigada por se importar comigo.

— Estou com você, Liz, para qualquer coisa.

Beijo sua bochecha e digo:

— Vamos.

Entro no apartamento e de imediato vejo Dani e Carmen conversando na sala, enquanto tomam chá.

A cena me surpreende, mas não abro a boca. Atrás de mim vem Stevens, que lança um sorriso de molhar calcinhas para as duas. Para que toda essa simpatia? Reviro os olhos involuntariamente, justamente quando ele me observa. É claro que começa a rir, o babaca.

Babaca uma vez, sempre babaca.

— Bom dia, filha!

— Bom dia, Carmen!

— *Hermanita*, sua mãe estava falando de *Little Havana* — Dani comenta, dizendo com os olhos: *por favor, me salve*.

— Ah, sim. Obrigada por fazer companhia a ela, *hermana*. Pode ir para o seu compromisso — minto, agradecendo minha amiga silenciosamente.

— Sem problemas, Liz. — Ela se levanta e vira para Carmen: — Foi um prazer conhecê-la.

Tenho certeza de que se ela soubesse o que Carmen fez comigo há duas semanas, não estaria tão amável. Faço uma nota mental para conversar com Dani e Mike de uma vez por todas. Não quero esconder mais nada dos dois.

— O prazer foi meu, Daniela — Carmen diz, enquanto a brasileira sai do apartamento, deixando-nos a sós. Minha mãe se levanta e olha para Matt, sorrindo de uma maneira sedutora. — Não fomos apresentados.

Stevens abre um sorriso ilegível e diz:

— Sou Matt Stevens.

— Olá, Matt, sou a mãe da Liz, Carmen Pérez.

— Olá, Sra. Pérez.

Vejo como ela se empertiga quando ele a chama de senhora e tenho vontade de rir.

— Por favor, apenas Carmen.

— Ok, *Carmen*.

Seu olhar para Matt é tão nojento que tenho vontade de vomitar.

— O que veio fazer aqui? — pergunto, sem delongas.

— Se visse minhas mensagens, saberia.

— Você sabe muito bem o motivo de não ter respondido.

— Sei e por isso vim até aqui. Liz — ela se aproxima —, por favor, me perdoe. Eu estava em um dia ruim.

— Sério que vai me dar essa desculpa? Escuto isso desde os meus doze anos.

Ela me olha, surpresa pelas minhas palavras.

— Não vamos conversar na frente de Matt, não é mesmo? Ele é o quê? Um *casinho*?

— Sou namorado dela. Liz já me contou tudo, mas preciso sair, podem ficar à vontade.

Arregalo os olhos para Matt e ele pisca para mim. Namorado? Estou quase rindo, mas deixo que ela acredite.

— Namorado? Uau! Minha filha é rápida. Mal chegou à Universidade e já está namorando.

— Eu que corri atrás dela. Liz é um tanto difícil e bem disputada em Yale — ele retruca.

Fica óbvio que Matt está se segurando para não falar demais e expor sua opinião sobre Carmen. A conversa de ontem à noite ainda está fresca em nossas mentes.

— Oh! Eu sabia que sua beleza faria sucesso um dia — ela diz, sem graça.

— Bem, vamos parar de enrolar — digo, batendo uma palma na outra. — Matt, pode ir para o seu treino.

Ele me olha como se perguntasse: tem certeza? E eu aceno com a cabeça, confirmando.

— Carmen, cuide bem da Liz. Ela é uma mulher excepcional — o loiro diz e me deixa sem palavras.

Ele se vira para mim e me beija com paixão. Não tenho tempo de agradecer ao seu elogio, pois logo sai do meu apartamento, deixando uma Carmen boquiaberta.

— Você pescou um peixe grande — ela comenta.

— Diga, Carmen. O que veio fazer aqui? Continuar me insultando ou dar em cima do meu namorado?

Ela arregala os olhos.

— Dar em cima do seu namorado? Você acha que sou o quê?

— Eu me perguntava a mesma coisa quando você me acusava de dar mole para os seus *clientes*.

Carmen fica muda, como se não acreditasse no que acabei de falar.

— Como você pode dizer uma coisa dessas?

— Vai mentir? Quem *bate* esquece, mas quem *leva*, não.

— Isso é passado, Liz! — Ela exalta a voz, séria. — Sei que cometi muitos erros, mas não vou permitir que me trate assim.

Respiro fundo e coloco minha cabeça no lugar.

— Vamos sair daqui.

Carmen e eu chegamos a um restaurante ao ar livre no centro de New Haven e pedimos dois lanches. Ela ficou encantada com a cidade e disse que realmente é bem diferente do que imaginava.

Enquanto esperamos, Carmen começa a falar:

— Liz, se eu não me importasse com você, não teria vindo até aqui.

— Eu sei que não. Quando mais precisei, você não veio.

Ela abaixa a cabeça.

— Por favor, não faça isso comigo. Me custou muito vir atrás de você, e não digo apenas financeiramente. Você pode pensar o que quiser, mas eu me preocupo com o seu bem-estar.

— Carmen, você me machucou. Aliás, você me machuca desde muito tempo. E o que fez para melhorar? Nada!

— Liz, por favor, acredite em mim! Eu fiz tudo por você. Sei que fui uma péssima mãe, por muitas vezes fiquei com raiva de mim mesma por ter engravidado só para tentar segurar um homem, mas quando você nasceu, eu não tive coragem de te abandonar. O meu arrependimento não é por você ter nascido e sim por não ter dado a atenção que você precisava. Fiz tudo errado e estou tentando ser uma mãe melhor.

— Como? Ligando bêbada e me ofendendo? Falando que se tivesse oportunidade não teria prosseguido com a gravidez? Que meu pai não quis me conhecer?

Em segundos, seu rosto está molhado e depois de anos sendo enganada, não sei se representa a verdade ou não.

— Por que está chorando?

— Porque eu nunca soube como te amar de verdade, Liz. Nunca me esforcei para entender o seu lado. Sou uma pessoa tão horrível!

— Carmen...

— Ao mesmo tempo estou muito feliz pela oportunidade que está tendo. Você conseguiu conquistar seu grande sonho e eu gostaria de ter essa força, Liz. De mudar de vida, de me reinventar. Eu gostaria muito, mas meu tempo passou e fiz escolhas que hoje em dia seriam muito diferentes. Me perdoe!

— Foi horrível conviver com suas merdas, Carmen. Ter de lidar com os homens que você levava para casa. As insinuações que fazia... Como me deixavam mal. Por pouco não fui abusada.

Só de lembrar começo a chorar.

— Liz — ela pega minhas mãos —, por favor, me perdoe! Meu Deus, eu fiz tanta coisa errada, mas preciso que deixe o passado. Me perdoe!

— É fácil falar, Carmen, mas não sei como confiar em você. Como saber que desta vez é verdade? Não consigo mensurar quantas vezes fui dormir chorando por não ter uma *mãe*, uma pessoa que se importasse realmente comigo, que preferia acreditar nos outros a dar crédito à sua filha. Perdoando ou não, você precisa rever suas atitudes e suas prioridades.

Eu não vou aguentar seus impulsos e ligações ofensivas a vida toda.

— Eu erreí muito, Liz. Meu Deus, como erreí! Eu fiz o que estava ao meu alcance para sobreviver. A única coisa que eu tinha era o meu corpo e, com o tempo, fui me acostumando e, hoje, não me vejo fazendo outra coisa. Não é a profissão mais digna, mas é a que me sustenta.

— Não quero entrar nesse mérito, pois não tenho o direito de falar sobre suas escolhas e, sim, da forma que me tratava. Como se eu fosse uma ameaça ao seu trabalho ou fosse roubar seus preciosos clientes. Isso me enojava de um jeito...

— Filha, me perdoe. Eu... eu não sei o que fazer para te mostrar que não estou mentindo, que estou arrependida de tudo o que te causei, mas não quero viver o resto da minha vida em conflito com você. Eu tenho orgulho da mulher que se tornou, do que conseguiu, e preciso que me dê mais uma chance. — Carmen chora e aperta meus dedos. — Mesmo que não pareça, eu te amo. De um jeito torto, que você pode não compreender, eu te amo, filha!

O que eu faço?

Estava preparada para atacar, mas não consigo ignorar que Carmen veio do outro lado do país para falar comigo. Não posso ignorar o fato de que, apesar dos pesares, ela não me abandonou. Me deu um teto, não me deixou passar frio, me deu o que comer. Sim, ela foi uma péssima mãe, me machucou demais, e ainda me machuca, me quebrou por incontáveis vezes, mas está aqui, do seu jeito torto, tentando se redimir. Por mais difícil que seja, sei que preciso dar uma oportunidade a ela.

— Carmen, aceito suas justificativas, mas se quiser que a gente continue se falando, nunca mais jogue aquelas merdas em cima de mim novamente ou juro que mesmo você atravessando o país para me ver, não vou te perdoar. Estou cansada de ser um saco de pancadas emocional. Tente parar de beber, vá se consultar com algum profissional, com ele você pode falar tudo o que precisa e vai te ajudar a entender suas frustrações. Sozinha, você já viu que não consegue.

— Você tem razão. Antes de vir, pesquisei alguns psicólogos. Tenho certeza de que será bom para mim. — Nossas mãos ainda estão entrelaçadas e ela sorri, em meio a lágrimas que ainda molham seu rosto. — Obrigada por me dar uma chance, Liz. Estou tão orgulhosa de você! Olhe só, parece mais adulta que a própria mãe.

Forço um sorriso, tentando parecer menos dura, e me permito ter um almoço decente com a mulher que sempre me recusei a chamar de mãe.

Pelo menos, por algumas horas, finjo que está tudo bem e que nunca tivemos problemas entre nós. Afinal, não dá para levar a vida a ferro e fogo. Ou nós cedemos ou continuamos sofrendo.



Termino de falar sobre minha vida para Mike e Dani, inclusive, da minha relação com Carmen, e eles estão em choque. Esperei alguns dias para contar, pois estava dormindo com Matt quase todos as noites e não conseguia conciliar um encontro com meus amigos. Mas hoje, uma semana depois que minha mãe foi embora — ela ficou aqui apenas um dia, pois precisava voltar para *Little Havana* —, estou aproveitando que Stevens está no treino e que o ensaio com as líderes de torcida foi marcado para a parte da tarde.

— Não acredito que dei conversa para aquela vaca — Dani comenta, irada.

— Liz, que barra! Nunca pensei que a sua vida tivesse sido tão difícil.

— Olha as aparências enganando mais uma vez, Mike.

— Demais. Isso só reforça o que sempre digo sobre termos cuidado com os pré-julgamentos. Só quando a gente sente na pele é que nos preocupamos mais com esse tipo de problema.

— Garoto, de tanto você falar, comecei a olhar as pessoas com outros olhos. Inclusive, foi assim que agi quando Carmen esteve aqui. Quando me vi no lugar dela, aquele rancor que vivia dentro de mim foi se dissipando, pois entendi que a vida não foi fácil para ela também. Só assim consegui lhe dar uma nova chance.

— Que bom, amigos são para essas coisas — ele diz e pisca para mim.

— E vocês têm conversado mais, não é, *hermanita*?

— Sim. Ela está se esforçando. Começou a frequentar reuniões dos Alcoólatras Anônimos e esta semana teve a primeira consulta com a psicóloga.

— Olha, que legal, amiga! Isso mostra que ela realmente está querendo fazer as coisas darem certo. Espero que vocês duas recuperem o tempo perdido, porque não tem nada melhor do que a amizade e o carinho de uma mãe.

Percebo que os olhos de Dani ficam marejados e a puxo para um abraço. Sei o quanto este assunto mexe com ela e não quero que fique triste.

— Amo você — murmuro em seu ouvido.

— Oh, Liz, e eu amo você. Você é uma dessas surpresas que a vida nos entrega quando mais precisamos. E você também — diz, puxando Mike para o abraço coletivo.

— Amo você, garoto — digo a ele.

— E eu amo vocês, meninas.

Meu coração se enche de alegria por finalmente estar me encontrando e, no caminho, ter encontrado Dani, Mike e o meu *bad boy* favorito, Matt Stevens.

VINTE E QUATRO

Eu ignorei tudo o que sei
Havia provas de que eu não deveria deixar você se aproximar
Não sei por que amei o que tínhamos
Havia vermelho, havia vermelho, havia bandeiras vermelhas.

RED FLAGS, NICK BATEMAN, JOCELYN ALICE

Matt Stevens

— Você tinha que ter visto a gostosa que apareceu na festa ontem, Stevens. Pensa num peito grande e gostoso. *Caralho!*

Só de lembrar...

— Jordan, você não *fode* há quanto tempo? — pergunto, assim que termino de colocar minha calça jeans.

Smith cai na risada e acabo rindo também.

— Ah, vão se *foder*! Só porque o Stevens tem uma fixa agora, fica esnobando os amigos. E você, Smith? *Tá* rindo do quê? Aposto que está só de conversinha com a brasileira.

— Você acha que vou falar alguma coisa *pra* você? Nunca vi língua maior que a sua, Jordan.

— As garotas não reclamam.

— *Porra*, definitivamente os dois precisam de uma boceta. Agora, se me dão licença, preciso ir.

— Vai encontrar com o *amor*? — Smith zomba, fazendo uma voz fina, e tanto ele quanto Jordan se acabam de rir.

— Podem zoar. Pelo menos, tenho para quem voltar depois de uma noite de treino *fodida*.

— Eu vivi para ver o Stevens *cadelinha* de uma mulher!

— Jordan, é melhor calar a boca. — Os dois, obviamente, não se seguram e caem na gargalhada. — *Fodam-se!*

Saio do vestiário e contenho um sorriso. Até eu custo a acreditar que estou amarrado a uma mulher. Desde que Liz e eu declaramos a nossa vontade de ficarmos juntos, não me arrependi nem por um segundo desta decisão.

Não intitulamos como namoro, porque o que temos é muito maior do que uma nomenclatura. Estamos juntos e isso basta.

Porra, nunca estive tão completo! Venho me esforçando para não me tornar um idiota, mas quando a vejo, *puta que pariu*, me esqueço de tudo.

Neste momento, estou louco para a encontrar e levá-la a um restaurante que reservei há dias. Não saímos muito ou vamos a jantares chiques, pois nos damos bem com o simples, apenas com a companhia um do outro, mas ela merece o melhor que eu posso dar.

Hoje o time de futebol teve um treino extra para o jogo de amanhã e as líderes de torcida não participaram, por isso fiquei de encontrar com Liz em seu apartamento.

Sigo em direção ao estacionamento, quando ouço alguém me chamar.

— Stevens!

Nem preciso me virar para saber quem é.

— Diga, Nicole — peço, sem parar de andar.

— Só queria saber como você está. — Ela me alcança e caminha comigo até o estacionamento do estádio. — Faz tempo

que não nos falamos. Você e a *caloura* não se desgrudam.

Sua entonação de desprezo é evidente.

— A *caloura* tem nome.

— Humm... então, o lance de vocês é sério, mesmo?

— Sim.

Abro a caminhonete e jogo minha bolsa no banco.

— Uau! Eu não quis acreditar, porque você sempre me disse que não existia a menor chance de se apegar a alguma garota.

— Até então, eu não conhecia a *minha* garota.

Ela arregala os olhos, visivelmente surpresa.

Antigamente, suas roupas justas chamavam a minha atenção, como o vestido curto e colado que está usando, mas agora é diferente. Não que eu tenha me tornado um celibatário, mas a beleza simples e delicada de Liz sobressai a qualquer outra. E aquela bunda... é imbatível!

— Preciso ir — anuncio e entro no carro.

— Você pode me dar uma carona?

— Nick, não sei qual é a sua intenção, mas eu já disse que não quero...

— Eu entendi que você não me quer mais, Matt. Só preciso de uma carona até o *Old Campus*. Ruby está me esperando lá com a minha irmã. — Por acaso, a irmã de Nicole mora no mesmo apartamento de Liz.

Suspiro pesadamente.

— *Okay*. Entre.

— Obrigada! — diz, abrindo um sorriso largo.

— O que estava fazendo no estádio, se não teve ensaio hoje? — pergunto, enquanto manobro a caminhonete.

— Vim pegar meus uniformes para lavar.

Ligo o rádio do carro e batuco os dedos no volante, distraído com a música, até ouvir a voz estridente da ruiva:

— Você acha que Liz Pérez é confiável?

Estava demorando.

— Não quero falar sobre ela com você, Nicole.

— É que eu pensei que ela e Ben tivessem alguma coisa. Foi o que pareceu quando os dois participaram daquele jogo.

Minhas mãos apertam o volante com mais força só pela menção de que poderia haver algo entre Liz e Salvatore. Vejo como ele a olha, como a deseja, e não há nada de amigo em suas intenções. O que me deixa tranquilo é que Liz me disse que achou melhor se afastar do capitão do time de basquete e eu confio em sua palavra. Contudo, conheço a garota que está ao meu lado e o que está tentando fazer.

— Eles não têm nada além de amizade, mas acho que você já sabe disso. Não vai adiantar me envenenar, Nicole. Conheço o seu jogo.

— Nossa, falando desse jeito, parece até que sou uma cobra. Duvido que não se lembre dos momentos que passamos juntos, do quanto você adorava me *foder* neste carro.

— Nicole, pela última vez, o que tivemos foi sexo e nada mais. Nunca foi minha intenção te magoar, mas *porra*, você não ajuda. Deixei claro desde o início que não passaria de sexo.

— Mas por que com *ela* é diferente? — a ruiva pergunta e parece genuinamente triste.

Paro em um sinal e seus olhos dourados encontram os meus.

— Porque ela me completa como outra mulher jamais me completou.

Ela assente com a cabeça lentamente e seca uma lágrima solitária que escorreu em seu rosto.

— Eu não procurei, aconteceu — completo.

— Entendo.

Nicole se endireita no banco e respira fundo, antes de voltar à pose que costuma sustentar.

Chego ao *Old Campus* e estaciono em uma vaga próxima ao apartamento de Liz. Nicole salta do carro ao mesmo tempo que eu. Tento não caminhar ao seu lado, mas é inevitável, já que vamos para o mesmo lugar.

Em silêncio, passamos por um dos gramados e a poucos metros do dormitório uma cena me deixa sem reação.

Todos os pelos do meu corpo se arrepiam.

As batidas do meu coração soam tão fortes em meus ouvidos que não escuto mais nada.

Uma dor lacerante invade o meu peito.

O ar se torna pesado, difícil de chegar aos pulmões.

O choque aos poucos vai dando lugar à raiva.

Uma raiva que só me lembro de ter sentido quando Kate morreu.

Uma fúria tão intensa que tenho vontade de quebrar tudo pela frente.

— Uau! — Nicole exclama, fazendo-me sair do meu torpor.

Salvatore e Liz estão abraçados.

Não apenas isso.

Eles estão se beijando.

Então, Liz se afasta e é quando me vê.

A única garota que me fez baixar a guarda.

A única mulher por quem estive disposto a rever meus conceitos, meus traumas.

A única por quem me rendi completamente.

A única que permiti me conhecer de verdade.

O semblante assustado de quem sabe que foi pega no flagra só aumenta minha ira.

— Matt! — a morena grita, vindo em minha direção, mas logo estendo a mão, impedindo-a de continuar. — Matt! Por favor, não é o que você pensa.

— Nunca. Mais. Se. Dirijs. A. Mim!

— Matt, por favor! O Ben perdeu o pai. Eu... Ele me ligou...

— *Porra*, você pensa que eu sou o quê? Acha que sou idiota para acreditar nisso?

— Eu não estou mentindo. Ele me ligou, disse que o pai morreu e eu vim prestar meus sentimentos.

— Liz, fique calma — pede Salvatore.

Olho para o garoto à minha frente e ele me lança um sorrisinho.

Solto uma risada nasalada e balanço a cabeça.

— *Prestar seus sentimentos?* Você estava fazendo muito mais do que isso, não é?

— Ben, explica *pra* ele. Por favor, fala alguma coisa! — ela esbraveja ao ver o garoto calado.

— Se o reitor da Universidade tivesse morrido, eu seria o primeiro a saber — lanço e a garota me olha com o cenho franzido. *A porra* de uma atriz!

— Como assim? — pergunta.

— Vai dizer que você não sabia que o pai de Ben é o reitor da Universidade? — Nicole se intromete.

A cara de espanto de Liz Pérez é digna de um Oscar.

Não aguento esse circo nem mais um minuto.

A frieza que sempre me acompanhou se apodera de mim, eliminando de vez o Matt fraco, que cedeu às investidas de uma aproveitadora. Uma mentirosa!

Neste momento, Daniela e Ruby saem do dormitório e se deparam com o caos.

Olho para Liz e lágrimas molham seu rosto.

Falsa do caralho!

Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, não teria acreditado. Mas eu vi. Eu senti a *porra* do meu mundo desmoronar. De novo. Por causa de uma mulher.

Dou um passo à frente, agigantando-me diante de sua estrutura pequena, e, sem desviar meus olhos dos dela, jogo:

— No final das contas, eu estava certo, não é? Você é ligeira, *Señorita*. Não bastou ter o capitão de futebol, tinha que ter o de basquete também.

— Matt, por fa...

— Achou mesmo que eu não iria descobrir a sua farsa? Há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Não é nada disso, vo...

— Quer saber? Não quero ouvir *porra* nenhuma que venha da sua boca. Você é uma mentirosa do *caralho*. Pode ficar com Salvatore ou para quem mais estiver abrindo as pernas. Não preciso de *sobra* quando tenho um banquete de carnes frescas à disposição.

Sinto sua dor, a forma como cambaleia para trás, mas não me afeto.

Ela também me machucou.

O que presenciei aqui destruiu todas as chances de me relacionar com uma mulher além do sexo. Confirmou que eu não devo confiar, muito menos, entregar meu coração a nenhuma delas.

Viro-me e deixo toda a bagunça para trás.

— Matt, espere!

— Nicole, se tem amor à sua vida, não fale comigo agora.

Entro na caminhonete e manobro o carro, fazendo as rodas patinarem no asfalto. Sigo sem rumo, sem destino.

Mais uma vez, enganado.

Mais uma vez, fugindo.



Sinto que estou dirigindo no automático.

Parei uma única vez para abastecer meu carro, não de diesel, mas de bebida.

Meu celular apita de tantas ligações e mensagens que venho recebendo desde que deixei New Haven para trás, há três horas.

É meia-noite, as ruas de New Jersey estão vazias e um misto de sentimentos me invade quando chego à frente de uma casa que pensei que jamais veria novamente.

Uma ironia daquelas que a vida gosta de fazer.

Vim parar exatamente no lugar que fugi quando tinha dez anos.

A propriedade que herdei assim que completei dezoito anos.

Não apareço aqui desde a minha fuga, o dia em que tudo mudou. Pensei em me desfazer da casa, mas até hoje não consegui. Algo ainda me prende aqui, mas preciso fechar esse ciclo de uma vez por todas.

Abro uma garrafa de cerveja e a entorno quase em uma golada só. Abro outra e faço o mesmo. Pego a de vodca e bebo longos goles. Quando me sinto satisfatoriamente entorpecido, junto todas as bebidas e as coloco em duas sacolas. Pego a chave que nunca usei e saio da caminhonete.

A cada passo minhas pernas parecem pesar uma tonelada, como se soubessem o meu destino e não quisessem me

obedecer.

A casa de alvenaria, pintada de branco, não é grande, mas chama a atenção. Não sei como aquele monstro não voltou. Covarde!

Sento-me em um dos degraus da entrada, precisando de um *impulso* antes de entrar, e esvazio mais algumas garrafas de cerveja. Por um instante, minha mente me leva para Liz e uma forte dor atinge o meu peito.

Porra, por que ela mentiu para mim?

Eu tinha certeza de que estávamos na mesma página. Não faz muito tempo que compartilhamos nosso passado, tivemos uma conexão intensa...

Como pude errar tanto sobre uma pessoa?

Como eu queria lutar hoje.

Pego mais uma garrafa de cerveja e a entorno, rápido, a ânsia de me embriagar pulsando por todos os meus poros.

E Salvatore? Um *filho da puta* desgraçado. Não vejo a hora de tirar aquele sorrisinho escuro do seu rosto. Ele foi esperto. Foi se aproximando da garota, fazendo-se de amigo e, no fim, conseguiu o que queria. A lealdade passou longe. Isso vai além do lema da minha fraternidade, é questão de caráter.

Viro mais um pouco da vodka direto na garganta e a queimação bem-vinda me consome. Encosto meu tronco na porta de entrada e me deixo ser levado para outra dimensão.

Preciso me esquecer desta noite.

Esquecer que um dia conheci Liz Pérez.

Esquecer-me dos seus sorrisos, dos seus gemidos, do jeito que ela se aconchegava em meu peito...

Amanhã estarei novo em folha, pronto para seguir em frente. É no que estou apostando. É no que eu preciso acreditar.

Um estrondo me faz ficar alerta e olho ao meu redor para saber a origem do barulho. Um novo estrondo, agora mais perto, me faz colocar o ouvido na porta.

Vem de dentro da casa.

Em um pulo estou em pé, ainda que tonto pelo álcool correndo em minhas veias. A porta está trancada, o que só me leva a crer que, quem quer que esteja aqui dentro, tem a chave.

Com o mínimo de barulho, giro a chave e abro a porta. A única iluminação da casa é a que entra do poste do lado de fora, já que a luz está desativada. Demoro alguns segundos para minha visão se acostumar e meus olhos percorrem lentamente

a sala.

Entro e fecho a porta com cuidado.

Os móveis estão envolvidos com lençóis brancos, mas ainda assim, estar aqui, me leva de volta ao passado. Às noites em que me escondia debaixo da mesa da cozinha ou quando me trancava no banheiro. Aos dias em que minha mãe dançava, bem aqui onde estou, ou quando ficava encolhida enquanto o *homem ruim* a espancava. À tarde em que a encontrei sem vida.

Tenho que focar no motivo que me fez abrir a porta, mas é muito difícil ignorar as lembranças que são jogadas contra mim a cada segundo.

Sem que eu perceba, minhas bochechas estão molhadas e as seco de qualquer jeito, negando-me a ser vencido por essas merdas.

Continuo caminhando e escuto pisadas no segundo andar.

Que porra é essa?

Faço um esforço para a madeira da escada não denunciar minha subida e com um pé por vez chego ao topo. Escoro-me na parede e uma lanterna fraca está acesa em um dos quartos.

O quarto dos meus pais.

Como se estivesse sonhando, em um instante vejo um garotinho com um cobertor na mão, pedindo para sua mãe protegê-lo do *homem ruim*, no outro ele está gritando ao ser puxado pelos cabelos.

Logo vejo minha mãe deitada como uma bela adormecida e o conto de fadas dá lugar a um filme de terror quando sinto sua pele gelada.

Mais lembranças.

Respiro fundo, contando até três. Quando menos percebo, me pego fazendo a respiração que Liz me ensinou. Em vez de melhorar, só piora a situação. A mulher está entranhada de um jeito que vai ser *foda* me livrar.

Eu só posso estar muito bêbado para pensar nisso tudo enquanto claramente tem alguém dentro da minha propriedade.

Chego à porta do quarto, mas a lanterna foi desligada. Mesmo assim, consigo ver a silhueta de uma pessoa deitada na cama.

Meu peito sobe e desce com a adrenalina, deixando-me completamente sóbrio.

Decido entrar de uma vez, a fim de pegar o intruso ou a intrusa de surpresa.

— *Que porra* está acontecendo aqui?

A pessoa rapidamente se senta e liga a lanterna no meu rosto.

— Quem é você? — a voz fraca de um homem me indaga.

— O dono desta casa. E você? O que está fazendo aqui?

— O dono desta casa? Não pode ser...

— Ou você joga essa luz para outro lado ou vou fazer isto à força.

O homem rapidamente me obedece e coloca a lanterna em uma mesa ao lado da cama, iluminando o quarto de um jeito que consigo ver suas feições, inclusive, o corpo franzino e magro.

— Não vai me dizer o que está fazendo aqui?

— Eu... Eu não acredito que estou falando com você, depois de tanto tempo...

Sinto meu corpo gelar.

Em um rompante, pego a lanterna e ilumino o invasor por inteiro.

Examino sua cabeça raspada com várias falhas no couro cabeludo. O tronco sem camisa, deixando os ossos proeminentes à vista, e quando foco em seu rosto, meu corpo involuntariamente vai para trás, fazendo um estouro quando minhas costas se chocam com a parede.

Esses olhos.

Eu nunca me esqueceria desses olhos.

O ar se torna pesado, denso, e coloco as mãos nos joelhos.

Uma mão tenta me tocar e com um safanão forte a afasto. De relance, vejo o homem caído no chão.

Fico de joelhos, sem conseguir controlar a crise de pânico mais forte que já tive.

Choro de desespero e urro com a vontade de respirar, meu corpo todo treme, convulsiona e desabo com tudo no piso de madeira.

Apago.

De repente, acordo e me sento rapidamente. O homem ainda está no chão, ao meu lado, me observando e a lanterna continua iluminando o cômodo.

— Há quanto tempo apaguei?

— Vinte minutos.

Levanto-me e me afasto ao máximo do homem.

Respiro fundo, levo ar aos meus pulmões lentamente e me apossando da lanterna miro no rosto do desgraçado.

— O que está fazendo aqui?

— Nós precisamos conversar... — diz, ainda no chão, com uma mão protegendo os olhos. — Eu não queria te causar tanta dor.

— Conversar? Desde quando você faz isso? Onde está a sua força agora? Pensa que vai me enganar com essa conversinha de “eu não queria te causar tanta dor”?

— Você tem todos os motivos para me tratar assim...

— *Caralho!* Eu tenho mesmo todos os motivos para te tratar como o demônio que sempre foi. O monstro que me tratou como lixo por anos, que me destruiu tanto que até hoje preciso lutar contra o ódio crescente que *você* semeou. Não é porque está com essa carcaça de corpo, essa cara de doente, que eu vou me compadecer. Não tem como me esquecer de uma infância de sofrimento, quando você me tirou o que eu mais amava e ainda me culpou, *homem ruim*.

O homem chora como criança e começa a vomitar no chão.

— Se fosse eu vomitando, no passado, você me faria comer todo essa sujeira. Já pensou se eu fizesse o mesmo? Seria um bom começo de vingança, não acha?

— E eu não reclamaria... — diz, mais fraco do que antes. — Você pode acabar comigo com apenas um soco, Matt, mas tenho certeza de que se tornou um homem muito melhor do que eu.

Ao mesmo tempo que tenho raiva de suas palavras, tenho a consciência de que, sim, sou muito melhor do que ele. Eu jamais faria o que este homem fez com qualquer outro ser vivo.

— A vontade que eu tive de acabar com você durante todos esses anos me fortaleceu, mas eu não me igualaria à sua maldade. Nem se eu tentasse.

O homem encosta as costas na armação da cama e diz:

— Você puxou a ela. Isso é muito bom.

— NÃO FALE DELA!

Ele assente e diz:

— Eu não sei explicar de onde vinha aquela raiva toda, mas quando bebia ficava pior. E eu não conseguia parar de beber.

— Os pesadelos que eu tive esses anos todos, a infância que você roubou de mim, a forma com que minha mãe foi reduzida a nada. Você tem noção de que destruiu a nossa família?

Ele vomita novamente e, furioso, pergunto:

— Que *porra* você tem?

O homem ri, uma risada grave, sem nenhuma graça, e responde:

— Você acha que depois de tudo o que fiz, eu teria um fim de vida decente? Este é o maior pagamento que eu poderia receber. O destino se encarregou disso, Matt. Chame de *karma* ou o que quiser. Tenho uma doença que ninguém consegue identificar. Pouco a pouco estou perdendo peso, porque não consigo segurar o que como. Este é o motivo de estar tão raquítico. Algumas vezes, mal consigo andar e minhas mãos não me obedecem como deveria.

— Seria cômico se não fosse trágico. Um homem que usava tanto as mãos e os pés para machucar outras pessoas.

— Como eu disse, é o meu fardo e o estou carregando sem reclamar. É a minha sentença, Matt. Sinta-se feliz por isso.

— Sua voz sai embargada.

Franzo o cenho e chegando mais perto, ajoelho-me em sua frente:

— Você acha que eu ficaria *feliz* com uma merda dessa? Eu queria que você estivesse inteiro e pudéssemos ter uma luta justa, pelo menos uma vez na vida. Antes, eu era apenas uma criança, indefesa, *fraca*, como você adorava me chamar, mas a história mudou. Quero ver se teria o mesmo peito de lutar com outro homem, não com uma criança, ou uma mulher.

E, mais uma vez, ele vomita.

É degradante.

— Matt, eu não te procurei porque eu sabia que você nunca me perdoaria. Eu sabia que nada do que eu falasse importaria.

— Você não me procurou porque sempre foi um covarde. E quer saber? Eu não poderia estar mais satisfeito por não ter feito isto ou talvez não estivesse vivo. Chega de enrolação, o que está fazendo aqui?

Ele se endireita, mas permanece no chão.

— Algumas noites durmo aqui. Nos primeiros meses, após a morte de Ka...

— NÃO FALE O NOME DELA!

Ele solta um suspiro trêmulo.

— Após a morte da sua mãe, logo depois que você fugiu, eu surtei. Sei que fui o culpado por acabar com a vida dela, a

sua, e decidi sumir do mapa. Eu nunca achei que você era o culpado. Fiz aquilo para te machucar, porque eu estava desesperado, pois pela primeira vez havia me dado conta de que fui longe demais. Sim, realmente eu sou um covarde que *fodeu* com a cabeça de uma criança...

— Você não acabou comigo. Eu venci. Eu resisti e venci apesar de todas as suas maldades. Já a minha mãe... Como você pôde fazer aquelas coisas com ela? No princípio, achei que eu fosse mesmo o culpado, mas anos de terapia me fizeram ver que eu fui apenas a desculpa mais fácil para um agressor. — O homem chora copiosamente e me revolto quando me dou conta de que também estou chorando. — Depois, fiquei com raiva dela por ter me abandonado. Ela dizia que me amava mais do que tudo, mas preferiu tirar a própria vida e me deixar sozinho. Foi ali que parei de acreditar que algo de bom poderia vir do amor.

— Sua mãe te amava — sussurra, aos prantos. — Ela te amava mais do que a própria vida.

— Esse amor não foi o suficiente...

— Sua mãe não te abandonou. Ela quis aplacar a dor. A dor que *eu* causava e a dor que *ela sentia*.

— Do que você está falando?

O homem faz um esforço terrível para se levantar, apoiando-se na cama e, então, caminha até uma cômoda. De lá, tira um envelope e vem em minha direção, mancando, respirando forte, como se estivesse correndo uma maratona. As mãos trêmulas e os dedos contorcidos reviram meu estômago quando ele estende, com dificuldade, o envelope para mim.

— Isto pertence a você — diz.

— O que é?

— Uma carta. Uma carta que sua mãe deixou para você. Estava debaixo do travesseiro dela.

Minha boca seca e a língua parece uma lixa de tão áspera.

Uma carta.

De Kate.

Pego o envelope desgastado.

— Não me siga! — aviso.

Saio do cômodo que, de repente, fica apertado demais. Estar no mesmo lugar onde Kate se foi, lendo uma carta escrita por ela, com o monstro ao meu lado... É demais.

Abro a porta do meu antigo quarto e está tudo exatamente como deixei naquela tarde caótica. As cobertas desarrumadas, o caderno que usava na escola.

Deixei *tudo* para trás.

Flashes daquele dia preenchem minha mente, o desespero com que fugi, correndo sem destino até parar em uma praça. Horas mais tarde, alguém deve ter denunciado que uma criança estava sozinha e uma viatura da polícia me levou para a delegacia. contei tudo o que havia acontecido para os policiais. Eles foram à minha casa e encontraram minha mãe, porém, o monstro havia fugido. Lembrar-me dele àquela época me traz mais raiva do que agora, vendo-o debilitado. Após procurarem pelo meu “pai”, fui considerado uma criança sem família, em seguida, levado para um orfanato.

Ninguém queria ser meu amigo, já que eu vivia com raiva, querendo bater nos garotos e fugindo das garotas. Foram dois anos de solidão, pesadelos e crises de choro, até Linda e Thomas aparecerem.

Por falar em meus pais adotivos, eles queriam ter vindo aqui, mas nunca os deixei visitar esta parte da minha vida. Então, apenas pedi que me ajudassem a encontrar um corretor para cuidar da propriedade, só não esperava que o monstro tivesse a chave.

Sento-me no chão empoeirado e apoio a lanterna do celular de uma forma que ilumine a carta em minhas mãos. Falando em mãos, estou tremendo *pra caralho*.

Engulo em seco e com muito cuidado abro o envelope.

Tenho noção de que isso pode mudar tudo.

Já começou a mudar.

Nem em meus sonhos mais loucos eu poderia imaginar que ela teria escrito para mim antes de partir.

Neste momento, não há Liz, não há *homem ruim*.

Somos minha mãe e eu.

Respiro fundo e começo a ler.

“*Meu pequeno Matt...*”

Já na primeira frase eu desabo. Como eu amava quando me chamava assim. Preciso me controlar.

“*Eu sei que você não deve estar entendendo nada. Imagino que tenha achado que te abandonei, provavelmente vai ficar com muita raiva de mim, mas preciso que preste muita atenção. Tudo bem?*”

Antes de qualquer coisa, eu amo você, meu herói. Ah, como amo! Mais do que este mundo inteiro. O que temos, Matt, vai além do que vemos, além da vida, além da morte.

Quero que coloque a mão no peito, bem onde fica o seu coração. Está sentindo essas batidas? Você não pode ver seu coração, mas consegue sentir. É onde vou morar a partir de agora. Sim, eu estarei bem aí.

Tem coisas que a gente não entende, querido. Você pode pensar que está sozinho, é normal sofrer pela perda de uma pessoa querida, mas, meu amor, eu vou morar com você. Dentro de você. Em cada passa seu, estarei te acompanhando, torcendo, vibrando, e até brigando, porque eu sei que você vai errar bastante. E está tudo bem.

Você vai ver que a vida não é fácil, mas o tempo será o seu melhor professor. O tempo vai te ensinar e te amadurecer como ninguém. Você vai errar uma, dez, cem, mil vezes, mas o melhor é que sempre vai tirar algum aprendizado daquele erro. Não somos perfeitos e esta é a graça da vida. Como seria chato se soubéssemos de tudo, não é mesmo?

Ah, meu filho, eu tenho certeza de que com a sua força você vai chegar muito longe.

Você é um guerreiro, querido. Nós somos guerreiros e lutamos muitas guerras lado a lado, não é? Porém, há uma batalha que venho lutando sozinha. Uma batalha que tem me trazido muitas dores e eu não aguento mais sofrer tanto.

Você pode achar que não há nada pior do que os ataques do seu pai, e eu nunca irei me perdoar por ter permitido que isto acontecesse com você. Me destrói vê-lo tão acuado, com medo, raiva, tentando me proteger. Ah, meu pequeno Matt. Não me arrependo em nenhum momento por todas as vezes em que me coloquei à disposição para apanhar em seu lugar. Eu falo sério quando digo que fiz tudo o que estava ao meu alcance por você.

Sobre a minha batalha solitária, quando for um pouco maior, você vai saber o que significa uma doença chamada câncer de mama. É uma doença muito ruim que vem deixando meu corpo cada vez mais fraco, tirando minhas energias, minha vontade de viver. Os médicos disseram que eu teria apenas algumas semanas pela frente, porque descobri tarde demais.

Eu pensei que as dores que sentia eram resultado dos episódios do seu pai, mas me enganei. Era a doença se espalhando. Decidi não me tratar, pois só iria prolongar meu sofrimento e, para falar a verdade, Matt, eu estou preparada para ir embora.

Sim, eu estou, filho.

Fique tranquilo. Respire fundo. Chore. Dance!

Será que você vai se lembrar das nossas danças quando for um homem crescido? Será que vai gostar tanto de Elvis como eu? Apesar do que passamos, nós nos divertimos bastante, não foi? Nós fomos felizes, não fomos? É nisso que eu quero me apegar antes de morar dentro do seu coração. Nos momentos bons. Apenas eles importam.

Pequeno Matt, você vai fechar a cara com o que vou escrever, mas esta mensagem é para o Matt mais velho, aquele que estará na Universidade talvez, ou formado (nada de deixar de estudar, mocinho!):

Filho, como eu gostaria de conhecer a mulher que faz o seu coração acelerar. Aquela que deixa suas mãos suando, borboletas voando em seu estômago. Porque você merece viver a mais linda história de amor.

Já imagino a família maravilhosa que você vai formar. Eu sei que vai. Não é porque você não teve um bom exemplo que não vai conseguir formar a sua. Pelo contrário, você será um pai incrível, meu amor, pois vai saber exatamente o que não fazer com seus filhos. Claro, se você quiser ser pai.

Matt, não deixe que as decepções te definam. Não deixe de viver intensamente porque se magoou. Não deixe de dançar porque pisaram no seu pé.

Viva, meu filho! Continue dançando, continue amando, continue vivendo, porque você merece o mundo, e eu o deixaria aos seus pés se pudesse.

Me perdoe por não chegar aos seus onze, quinze, dezoito, vinte anos. Pelo menos, não fisicamente, mas em seu coração serei eterna, assim como você será eterno para mim. O meu querido Elvis já dizia em Love Me Tender:

‘Me ame com ternura, me ame por muito tempo

Leve-me ao seu coração

Pois é lá que eu pertenço

E nós nunca nos separaremos’

Da sua mãe, que te ama até o infinito,

Kate.”

Termino de ler as palavras mais poderosas de toda a minha vida.

O que eu senti ao longo desses treze anos, a raiva, o rancor, não são nada comparados ao amor que estou sentindo pela minha Kate.

Meu rosto é uma bagunça. Meu nariz está congestionado de tanto chorar. Não consigo parar de soluçar. Tenho certeza de que gritei, ri, xinguei.

Carvalho, ela não me abandonou!

Em cada palavra o seu amor transbordava.

Uma emoção que nunca experienciei antes.

Para completar, Kate colocou duas digitais formando um coração no final carta. Não tenho a menor dúvida de que irei tatuar, perto o bastante do meu coração.

O lugar em que ela está.

Repito o gesto que fiz quando estava lendo e espalmo minha mão no peito, sentindo as batidas frenéticas. Mais lágrimas deslizam pelas minhas bochechas, caindo direto na camisa branca.

Ela está aqui. Agora e para sempre.

Pensar que a sua magreza e o seu estado debilitado era por estar doente não me deixa menos *puto* com aquele monstro. Minha mãe sofreu sozinha. E, por minha causa, para me defender, ela se colocou no meu lugar, inúmeras vezes.

A única coisa que esse homem fez de bom durante toda a sua vida foi ter guardado esta carta.

Ouçoo passos pesados atrás de mim e não me dou o trabalho de olhar.

— Por que você não me entregou o envelope antes? Por que o guardou durante todos esses anos? — pergunto, aos poucos me acalmando.

— Porque eu não sabia para onde você tinha ido, com quem estava. Eu guardei porque foi esta carta que me fez enxergar o que eu havia feito com a minha família. O que eu fiz com a única mulher que amei e com o garoto que nunca tratei como filho. Sua mãe não escreveu nada para mim. Nem uma linha. E, de fato, não mereci, mas doeu. Foi quando acordei, mas já era tarde demais.

— Tarde demais... — repito.

Estou exausto.

Ao mesmo tempo que me sinto leve por finalmente estar fechando o ciclo mais importante da minha existência, estou emocionalmente *fodido*.

— Por que está dormindo aqui? — pergunto, mais uma vez, ainda sem olhar para ele.

— Quando não tem vaga no abrigo que frequento, durmo aqui.

— Como tem a chave?

— Uma vez, logo que voltei para New Jersey, encontrei com o corretor que cuida daqui e desde já peço desculpas, mas

falei que era o seu pai e ele me deu uma chave.

Solto um riso nasalado, mas estou cansado demais para retrucar.

— Você faz o quê? — questiono.

— De trabalho, você quer dizer?

— Da vida.

— Não posso fazer mais nada nas minhas condições. Tudo o que consigo, cestas básicas, vem do abrigo.

— Eu vou vender esta casa e com parte do dinheiro vou te colocar em uma casa de repouso. — Levanto-me do chão, pego meu celular com a lanterna ligada, a carta, e me viro para ele. — Não é caridade, estou seguindo apenas o que a minha mãe faria. Por causa deste envelope, por não ter jogado fora, vou te dar um final de vida digno. A sua consciência é o seu pior inimigo, não preciso te lembrar o que fez de errado, porque você já sabe e vai levar isso consigo para sempre.

Chorando, ele me abraça pela cintura. Seu tamanho diminuiu consideravelmente e isso me choca um pouco. Não há qualquer vestígio do homem robusto de outrora.

Não retribuo o abraço, apenas fico no lugar, parado, esperando.

— Muito obrigado. Muito obrigado por isso. Eu nunca serei grato o suficiente. Espero que um dia me perdoe, porque eu me arrependo de cada atrocidade que cometi. Juro pela minha vida. Se estar nesta condição é a minha penitência, eu aceito. Eu aceito!

Afasto-me dele e me dirijo à porta.

— Amanhã entrarei em contato com o corretor e em breve ele dará notícias.

— Tudo bem. Muito obrigado!

Desço as escadas rapidamente e pego as bebidas que deixei na sala. Tranco a porta e caminho até o meu carro. Olho para trás e lá está ele na janela do quarto, acenando com sua mão atrofiada.

Entro na caminhonete e preciso respirar algumas vezes para compreender tudo o que aconteceu nas últimas horas. Tiro a carta de Kate do meu bolso e a coloco com todo cuidado dentro da carteira.

Apoio minha cabeça no encosto do banco e fecho meus olhos.

As últimas palavras da minha mãe me fizeram me lembrar de Liz.

Filho, como eu gostaria de conhecer a mulher que faz o seu coração acelerar. Aquela que deixa suas mãos suando, borboletas voando em seu estômago. Porque você merece viver a mais linda história de amor.

Se Kate soubesse que encontrei esta mulher e ela *fodeu* com a minha cabeça...

Ainda estou letárgico, mas resolvo conferir meu celular. Sumi por horas e tenho certeza de que meus amigos me procuraram. Como imaginei, a última mensagem foi de Jordan, uma hora atrás.

Jordan

Cara, foi tudo
armação da Nicole e
do Salvatore. Eles
clonaram o celular da
Liz e sabiam que
você iria para o
dormitório naquela
hora. Porra, sua
garota está
desesperada, Matt!
Atende esse caralho
de telefone!

Preciso ler uma, duas vezes, para compreender o que Jordan escreveu.

Não pode ser.

Putá que pariu!

Caralho! Eu *fodi* com tudo!

Imediatamente, ligo para ele, pouco me *fodendo* que são quase 4h da manhã.

Atende, filho da puta!

— *Caralho, seu puto, onde você se meteu?*

— Me diz que essa mensagem é uma piada, Jordan.

— *Você acha que eu brincaria com isso? A Liz veio perguntar pra gente onde você estava e contou tudo o que aconteceu. Smith e eu fomos até o Salvatore e depois de o ameaçarmos, ele confessou que agiu com a Nicole. Que porra deu na sua cabeça para achar que a Señorita ia te sacanear, Stevens? Ela é apaixonada por você, babaca.*

— *Porra!* — Dou um soco no volante. — *Caralho!* Não acredito que aquele merda me *fodeu*. — Ligo o carro e conecto o celular no *bluetooth*. — Se você visse o que eu vi, pensaria a mesma coisa, Jordan. Os dois estavam se beijando, *caralho!*

Rumo em direção à estrada de volta para New Haven. Como bebi mais cedo, preciso ir devagar. Merda!

— *O Salvatore agiu como um perfeito filho da puta. Com um sinal da Nicole, ele aproveitou o abraço que Liz deu*

para confortá-lo da suposta morte do pai e a beijou à força.

— Quando penso que já vi de tudo... Eu *fodi* com a *porra* toda, Jordan!

— *Calma! Onde você está?*

— Estou saindo de New Jersey.

— *Que merda você foi fazer aí?*

— Depois te conto. Com a cabeça quente, acabei vindo parar aqui. Onde cresci.

Ele não sabe de nada da minha história, mas depois que resolver essa confusão toda, vou contar. Finalmente, me sinto livre para falar sobre o meu passado com meus amigos.

— *Tudo bem. Você vai direto para a Liz?*

— Sim. Depois me resolvo com os dois *filhos da puta* que aprontaram comigo. Pode ter certeza.

— *Okay, irmão. Boa sorte!*

— Obrigado, Jordan! Obrigado por tudo, irmão.

Encerro a chamada e, aos poucos, vou assimilando o que acabei de saber.

Salvatore e Nick me enganaram. *Foram eles, não Liz.*

Puta que pariu!

Caralho! Filhos da puta, desgraçados!

O que foi que eu fiz?

Eu não deixei que ela se explicasse, fui despejando todas as merdas que vinham na minha cabeça *fodida*.

Mentirosa. Aproveitadora. Porra, eu a comparei com *sobra* e, para *foder* com tudo, insinuei que ela estava abrindo as pernas para geral.

Ela nunca vai me perdoar. Eu perdi a minha garota.

Mãe, me ajude de onde você estiver. Eu não posso perder essa mulher.

Três horas e quarenta minutos depois, chego a New Haven. Foi a pior viagem que já fiz. Além de ter dirigido devagar, não parei de pensar sobre tudo o que aconteceu na noite mais louca da minha vida. A armação de Nick e Salvatore, o reencontro com o homem que quase me destruiu, a carta de Kate.

Apesar de ter dito a Jordan que iria direto para o dormitório da morena, decido tomar um banho na fraternidade.

Estaciono em frente à mansão, subo as escadas correndo, sem me importar com os olhares curiosos de alguns garotos que já estão acordados, e entro no meu quarto, tirando minhas roupas de qualquer jeito.

No chuveiro, imagens de Liz invadem minha mente e meu peito dói como nunca.

Do que adianta ter feito as pazes com o meu passado, se não tenho a pessoa que mais me importo ao meu lado?

Ben Salvatore me paga. Ele enganou a minha garota. Jogou sujo, dizendo que o pai havia morrido. E ela, com o coração enorme que tem, foi consolar o desgraçado.

— *Porra!* — Dou um soco no azulejo, mas gostaria que fosse a cara daquele *filho da puta*.

Ele me paga.

Nick também. Não farei o mesmo que tenho planejado com o seu parceiro, mas ela vai saber que mexer comigo e com a minha garota foi a pior coisa que fez na vida. Ela e Ruby. É óbvio que as duas estavam juntas nisso.

Só de me lembrar da aflição de Liz ao querer se explicar e eu a ignorando, a dor exposta em seu semblante, a raiva cresce dentro de mim. Minhas mãos se fecham em punhos e deixo a água fria molhar meu rosto, minha cabeça, meu corpo.

Depois de tudo o que compartilhamos, o que ela me confidenciou, ainda assim, eu não confiei. Preferi acreditar no que era mais fácil, no que estava à minha frente.

Fui imaturo *pra caralho*. A carta de Kate abriu os meus olhos de diversas formas, inclusive, para ver o quanto essa garota está entranhada em mim.

Porra! Me perdoe, Liz. Me perdoe, amor.

Desligo o chuveiro e rapidamente me seco. Coloco a primeira roupa limpa que vejo, uma calça jeans surrada e uma blusa vermelha, calço meus coturnos e sigo para o dormitório de Liz.

VINTE E CINCO

Diga que é tudo da minha cabeça
Eu me lembro quando você disse
Que nunca me deixaria
Me abraçou no escuro
Me acolheu enquanto levava meu coração
(...)

Beije-me, finja
Conte-me todas as suas mentiras de amor novamente
Lance suas sombras
Como quando disse que me seguraria
Mas me soltou

TAKE MY HEART, BIRDY

Liz Perez

São sete horas da manhã e não preguei o olho.

Vi a noite passar, o dia clarear e nada de o sono vir.

Meu rosto está inchado de tanto chorar. E a cada vez que penso sobre o que aconteceu, tenho uma nova crise de choro.

A minha vida virou de cabeça para baixo de uma hora para a outra.

Eu estava pronta para encontrar com Matt, comprei um vestido lindo depois do trabalho, que tinha certeza de que ele amaria, mas então Ben me enviou uma mensagem, dizendo que seu pai havia falecido e me perguntou se poderia passar por aqui. Obviamente, respondi que sim.

Como poderia sequer pensar que isso fazia parte de um plano?

Passei a noite buscando em minha mente indícios da motivação de Ben para fazer o que fez, mas não encontrei. Ele fingiu tão bem, que não desconfiei um minuto sequer de sua índole.

Ele me usou.

E junto com a vadia da Nicole.

Eu vi como os dois se comunicaram com o olhar, após o plano dar certo.

Eu nunca poderia imaginar que uma pessoa mentiria sobre uma coisa tão séria. Falar que o pai morreu? Isso foi muito sujo. Doentio. Depois que Matt foi embora, perguntei a Ben por que estava fazendo aquilo e sua resposta foi a mais sem noção:

— *Você tinha que saber quem é o verdadeiro Matt Stevens. Ele não é quem você pensa que é, Liz. Não viu como ele te tratou?*

— *E quem você pensa que é para interferir na minha vida desse jeito? Você não sabe nada sobre mim e Matt. Não sabe a porra toda que sobrevivemos! Você acabou com a nossa chance de ser feliz* — retruquei, com raiva.

— *Ele não merece ser feliz. As pessoas o endeusam e ninguém tem coragem de enfrentar o grande Matt Stevens, mas eu tive* — o moreno respondeu, soberbo. — *Justamente a garota que eu quis pra mim, ele pegou. Estava farto de ver ele se apoderar de tudo neste lugar.*

— *Você falou de Matt, mas e você? Acha certo enganar uma pessoa, dizendo que o seu pai morreu? Meu Deus, isso foi...*

— *Genial* — Nicole completou, com um sorriso diabólico.

— *Você é ridícula, garota! Seu plano deu tão certo, que Matt saiu daqui e nem te levou.*

— *Desde que ele não fique com você, estou satisfeita* — a ruiva rebateu.

Naquele instante, percebi o quanto os dois são obcecados por Stevens, mas de maneiras diferentes. Ben tem inveja por não ser o queridinho da Universidade, a estrela que todos amam, e Nicole, bom, ela não cansa de ser ignorada. Pode até dizer que está apaixonada, mas não acredito. Para mim, esse tipo de atitude mostra mais sobre si do que um suposto sentimento.

Após irem embora, junto com Ruby, me sentei no gramado, sem forças para continuar de pé, me lembrando da fúria de Matt direcionada a mim, as palavras que me machucaram profundamente:

No final das contas, eu estava certo, não é? Você é ligeira, Señorita. Não bastou ter o capitão de futebol, tinha que ter o de basquete também.

Ele fez questão de usar a mesma frase que usou lá atrás, quando nos provocávamos.

Aquilo me machucou, mas o que me destruiu mesmo foi o golpe final.

Você é uma mentirosa do caralho.

Pode ficar com Salvatore ou para quem mais estiver abrindo as pernas.

Não preciso de sobra quando tenho um banquete de carnes frescas à disposição.

Se alguém me pegasse e me balançasse, ouviria os barulhos de cacos estilhaçados dentro de mim.

Dani precisou me ajudar ou não conseguiria caminhar até o dormitório.

Logo que entrei, ainda letárgica, liguei para Kellan e contei o que havia acontecido. Mesmo magoada com Matt, disse para seu amigo ficar de olho nele, pois o líder da Kappa estava muito alterado. Com todo o passado do loiro, tive um certo receio de que ficasse sozinho.

Durante minha insônia, tive tempo para pensar, para ponderar sobre minhas escolhas, sobre o meu propósito de vida, e cheguei a uma conclusão.

Eu não vim estudar em uma Universidade de prestígio para passar por isso. Não cheguei aqui para ser rebaixada, usada, desacreditada, destruída.

Liz Pérez é muito maior do que estão querendo taxar e se Matt Stevens não ouviu a minha verdade, não merece ter o meu

coração.

E ele *tinha* o meu coração.

Ele o *tinha* e o *esmagou* com suas próprias mãos. As mesmas que, por tantas vezes, me levaram à loucura, que conheciam cada detalhe do meu corpo.

Matt deveria ter me ouvido. Afinal, além de ter feito exatamente o que odeia que façam com ele — me julgou sem deixar que eu me explicasse —, nós dois compartilhamos mais do que nossos corpos. Nós desnudamos o nosso passado, abrimos os nossos corações fragilizados um para o outro e, na primeira oportunidade, ele duvida do meu caráter e difama a minha honra.

— Está melhor, *hermanita*? — Daniela pergunta, assim que acorda.

Ela dormiu em minha cama, enquanto acariciava meus cabelos, e Mike dormiu em sua cama.

Logo depois do caos, a brasileira telefonou e contou o que aconteceu para o nosso amigo, e ele quis vir de qualquer maneira. Os dois ficaram me consolando por horas, me ouviram, me acalmaram e novamente me provaram o quanto se importam comigo.

— Não — respondo, encolhida na cama, enquanto mais lágrimas deslizam pelo meu rosto.

— Você é muito maior do que tudo isso. Não deixe que tirem o seu brilho, *hermanita* — diz, ao lançar seu braço em minha cintura e se deitar atrás de mim.

— Estou me sentindo um lixo, Dani. Um caco. Achei que eu fosse mais forte, mas está muito difícil.

— Hey, calma! Você *é* forte, só precisa do seu tempo. O baque foi grande, amiga.

— A pior parte não foi me enganarem, foi ver o cara para quem entreguei meu coração me tratar como se eu fosse uma qualquer, sem me dar o direito de resposta...

— Amiga, aquele babaca não sabe o que perdeu. Quando ele perceber, será tarde demais. E o jogo de hoje? Você vai?

— Nossa! — Fecho os olhos com força. — Até esqueci que à noite tem jogo. Preciso ligar para Carla. Não tenho a menor condição de ir.

— Tem certeza?

— E correr o risco de dar de cara com *ele*? Preciso de alguns dias para desintoxicar, Dani.

— Faça o que achar melhor, Liz, só não se renda.

— Agora eu entendo o que *ele* faz as garotas sentirem. É sufocante. A minha vontade é ficar deitada e não fazer mais nada.

— Eu não vou deixar você ficar assim, nem que eu tenha que te levantar à força desta cama. Que tal tirarmos o dia para ir ao cinema e fazer compras? Vamos aproveitar que você e Mike estão de folga, almoçamos...

— Não estou com ânimo para nada, Dani. Fora que pareço um zumbi, porque não consegui dormir.

— Então, vou fazer um chazinho *pra* você — Daniela diz, saindo do colchão.

— Ainda não consigo acreditar no que aconteceu — murmuro, mas ela me ouve e volta a se sentar ao meu lado.

— Nem eu. Parece até coisa de livro, quando os embustes armam para acabar com o clima do casal.

Ela está tentando me fazer rir e, com esforço, esboço um sorriso.

— Do que vocês estão falando? — Mike pergunta, sonolento.

— Estava comparando a vida da Liz com um desses livros clichês. Ela chegou em Yale como quem não quer nada, conquistou o *bad boy*, teve um romance tórrido, até os embustes aparecerem para *foder* com tudo. E, claro, o babaca tirou as conclusões erradas da nossa protagonista.

— Seria cômico, se não fosse trágico — digo e, de repente, estou muito cansada.

— Como eu queria ver a cara do idiota, quando souber que foi tudo armação — a brasileira lança, indignada.

— E como será o final desta história? — meu amigo quer saber.

— Já acabou, Mike. O final foi o que aconteceu ontem — respondo, sem paciência, e me viro na cama para ficar de frente para ele. — Matt me machucou. Além de não me ouvir, me ofendeu.

— Ele fez isso para *revidar* — Mike opina, espreguiçando-se na cama. — Não que eu concorde com Stevens, mas é óbvio que ele quis te machucar porque, na cabeça dele, *você* o machucou. Para ele, você estava beijando o Ben por vontade própria.

— O erro foi ele não ter dado a oportunidade para a Liz se explicar — Dani retruca.

— Se você visse o cara que está gostando beijando outra garota, o que faria? — meu amigo pergunta para ela, que fica em silêncio. — Acrescente isso ao fato de que você nunca namorou antes ou gostou de alguém o suficiente para iniciar um relacionamento. É *foda*!

— Mas ele me julgou! — exclamo, exasperada.

— Gata, não concordo com o que Stevens fez, só que não foi alguém que falou *pra* ele sobre o beijo. *Ele viu!* Eu entendo o seu lado de ficar muito chateada por ele não ter confiado na sua palavra, mas também entendo o lado de um cara que nunca, frisa-se em letras garrafais, NUNCA, esteve em um relacionamento. Um cara que, apesar de extremamente assediado, não se importou com nenhuma outra mulher, como ele se importa com você. Além disso, nós, homens, somos mais visuais do

que as mulheres. Somos práticos. Para um homem, um beijo é um beijo. Mas volto a dizer, não estou defendendo as atitudes de Stevens. Ele deveria ter ouvido você antes de sair te ofendendo.

— Eu estou ferida demais, Mike. Tanto por Matt, quanto pelo que Ben e Nicole fizeram comigo. Foram dois golpes pesados e o fato de o Stevens não considerar nada do que vivemos nos últimos dias, as declarações que trocamos, as promessas que fizemos, só me provam de que foi tudo da boca para fora. Eu sabia que não deveria ter me envolvido com o cara mais invejado e desejado de Yale — rio, sem achar graça alguma —, é claro que eu me daria mal.

— *Hermanita*, você seguiu o seu coração. Nada de arrependimentos. Daqui para frente é erguer a cabeça e continuar sendo a Liz Pérez que chegou abalando as estruturas de Yale.

— Liz, não quero que pense que não estou do seu lado, é que eu gosto de deixar todos os pontos bem claros.

— Sem pro... — Minhas palavras morrem quando ouço batidas na porta.

Dani, Mike e eu franzimos a testa.

— Estão esperando alguém? — meu amigo pergunta.

— Não — Dani diz e se levanta para abrir a porta.

— *Bom dia, Daniela. A Liz está?*

Uma voz que eu não esperava ouvir tão cedo faz os pelos do meu corpo se arrepiarem. Olho para Mike e ele arqueia as sobrelanceiras, tão surpreso quanto eu. Permaneço deitada e involuntariamente meu corpo se encolhe.

— Como você entrou no apartamento? — a brasileira pergunta.

— *A porta estava aberta.*

— Não é possível. Essas meninas precisam aprender a trancar essa porta. Olha, Stevens, não é uma boa hora.

— *Por favor, Daniela. Eu preciso falar com ela.*

— Oh, aposto que já sabe, não é? Eu estava torcendo para que este momento chegasse.

— *Porra, se eu soubesse...*

— Você deixou que ela falasse? Não, *né*? Deixou que ela explicasse o que estava acontecendo? Não! Você não a merece, Stevens. Você...

— Pode deixar, Dani — interrompo, colocando-me ao seu lado.

Não pensei que conseguiria sair da cama, mas não quero que a minha amiga trave uma batalha que é minha.

— Tem certeza, Liz? — ela me pergunta, com uma preocupação tocante, e faço um aceno com a cabeça.

Daniela se retira e ao olhar para Matt, sou surpreendida com o quanto ele parece acabado.

Nada diferente de mim.

Apesar de os cabelos molhados e da aparência limpa, as olheiras em volta dos seus olhos mostram que ele não está tão bem assim, e me sinto melhor por isso. Ver que a sua beleza avassaladora está maculada me conforta.

Matt Stevens me analisa e permito que ele o faça. Permito que veja o estado em que me deixou. Não fiz questão de me arrumar ou amenizar o estrago. As olheiras profundas, os cabelos bagunçados, o rosto inchado... está tudo aqui. A destruição que tanto me alertaram... está aqui também.

Endireito minha postura e pergunto:

— O que você quer?

— Podemos conversar?

— Quem te contou?

Ele fica em silêncio por alguns segundos, até que responde:

— Jordan.

— *Nele*, você acreditou?

— Não é...

— Nele, você acreditou? — repito.

— Acreditei, porque ele fez com que Salvatore assumisse o plano.

— Entendo.

— Liz, por favor. Vamos conver...

— Não!

Ele age como se tivesse levado um soco, incrédulo pela minha recusa.

— *Porra*, eu sei que não te mereço, que você tem todo o direito de estar *puta* comigo, mas...

— Por que eu deveria te ouvir, se você não me ouviu quando mais precisei?

— Porque você é muito melhor do que eu.

Suas palavras são boas, mas não suficientes.

— Não é porque sou melhor, que não posso me escolher em primeiro lugar. Eu preciso do meu tempo, Stevens. Não

consigo conversar agora.

Ele me encara como se não me reconhecesse e seus olhos ficam mais brilhantes do que nunca.

— Me perdoe, *amor*. Eu preciso te falar tanta coisa. Me per...

— Não agora. Não hoje. Não amanhã. Quando *eu* estiver preparada, a gente conversa.

— E quando você acha que estará preparada? — pergunta, em um sussurro.

— Isso não sei te responder, mas você vai saber.

Sua expressão é ilegível, mas sua respiração entrega o esforço que está fazendo para não me contrariar.

— É só isso? — pergunto, segurando-me ao máximo para não desabar.

— Eu não vou desistir, Liz Pérez. Vou esperar o tempo que for.

Ele dá alguns passos para trás, sem desviar os olhos dos meus, firmando uma promessa silenciosa, e, então, se vira e sai do apartamento.

Com o olhar vago, fecho a porta do quarto e meu corpo desliza pela madeira.

— Liz! — As vozes de Daniela e Mike se juntam quando caio com tudo.

Os dois falam comigo, tentam me erguer, mas faço que não com a cabeça. Eu não quero me levantar agora. Eu não quero parar de chorar.

A emoção que estava segurando vem com tudo. Só de olhar para Matt, meu coração quase explodiu. Uma mistura de saudade e dor que dilacerou o resto do meu coração. A contradição de ficar triste por vê-lo tão abatido e feliz por saber que está sofrendo tanto quanto eu. As lembranças do seu jeito carinhoso com a fúria que vi em seus olhos quando me chamou de mentirosa e, praticamente, vadia.

— Como ser forte? — pergunto, olhando para meus amigos com o rosto molhado. — Como ser forte quando eu o amo tanto?

Dani arregala os olhos e inclina a cabeça, aflita por me ver assim.

— Ah, minha amiga. — Ela puxa meu corpo para si e deixa minha cabeça em seu colo.

— Eu estou apaixonada, Dani. Eu amo Matt Stevens, Mike. Não é engraçado? — Rio, sem graça, parecendo uma louca.
— Eu fui *destruída* pelo *Destroyer*.

É a primeira vez que falo isso em voz alta. A princípio, achei que o que sentia era um sentimento forte, mas que não chegava a ser amor. Contudo, de uns dias para cá, percebi que estava enganada. A vontade de vê-lo a todo instante, a saudade

que sentia quando não dormíamos juntos, o que ele me fazia sentir quando estávamos transando, conversando, vendo filmes. Era muito mais do que um simples “gostar da companhia”.

— Eu estava me preparando para contar a ele no jantar de ontem — digo, o incômodo no peito só crescendo. — Mesmo Matt não acreditando no amor, eu iria me arriscar. Que bom que não contei ou teria sido o maior erro da minha vida.

— Você precisa colocar a cabeça no lugar — Mike opina. — Antes de tomar qualquer decisão, cuide do seu coração, deixe as feridas cicatrizarem e, lá na frente, você vai saber o que é melhor.

— É o que vou fazer. Quem sabe esse sentimento não vai embora.

— Ou talvez fique mais forte — Dani contra-argumenta.

— Não posso sequer pensar nisso ou vou enlouquecer.

Segurando minha mão, a morena diz:

— Calma! Viva um dia de cada vez, *hermanita*. Você está muito machucada. Só não deixe que a raiva te consuma. Seja o que tiver que acontecer, deixe que aconteça naturalmente.

— É isso — digo, respirando fundo.

Busco força dentro de mim, aquela que me fez crescer sem a presença de uma *mãe*; que me fez passar em Yale; que me faz sobreviver desde que nasci, e decreto:

— Preciso recuperar o meu controle. Sempre disse que não dependeria de homem, como Carmen dependeu a vida toda, e não será agora que isso vai mudar. Me apaixonei pela primeira vez, mas não vou me deixar vencer por este sentimento. Stevens precisa saber que não sou como as garotas que ele está acostumado a lidar.

— Isso aí, garota! — Dani exclama e, pela primeira vez em vinte e quatro horas, abro um sorriso de verdade.

— Você vai conseguir, Liz — Mike me incentiva. — Uma mulher incrível, forte e determinada como você, não vai se render tão fácil. No momento certo, você e Stevens irão conversar e o destino vai se encarregar de fazer o que tiver que ser. Não adianta mudar o que já está escrito.

As palavras de Mike, assim como as de Daniela, me tranquilizam e, de alguma forma, a força que estava buscando me encontra, dando-me a certeza de que estou no caminho certo.

*

Horas mais tarde (dia de jogo) – 13 de novembro

Resolvo não ir ao jogo. Estou abalada demais. Triste demais. Não tem como ficar sorrindo, muito menos, rever o homem que estilhaçou meu coração.

Ligo para Carla e ela me atende no segundo toque.

— *Hey, Señorita.*

— Hey, Carly, estou ligando...

— *Eu já sei.*

— Você já sabe o quê?

— *O que fizeram com você.*

— Como?

— *Stevens me contou.*

Fico surpresa com esta informação e a loira continua:

— *Liz, eu peço desculpas, em nome do time, pelo que aconteceu. Nós prezamos pelo respeito e lealdade, por isso, quero que saiba em primeira mão que decidi expulsar Nick e Ruby do time.*

— Meu Deus! Tem certeza, Carly?

— *Houve uma quebra de lealdade, após identificarem que as duas clonaram seu celular no dia em que você esqueceu o aparelho no vestiário, e isso é inadmissível.*

— Elas clonaram meu celular? — A situação só piora. Que coisa horrível!

— *Sim. E Ben sabia disso o tempo todo. Ele usou a informação de que você encontraria com Stevens e fez aquela sujeira.*

— Estou pasma! Isso é crime.

— *Pois é, o que eu podia fazer, eu fiz, expulsei as duas e relatei o caso para o reitor. E Stevens também fez a parte dele. Pelo menos, assim tentamos conter esses abusos dentro da Universidade.*

— “Stevens fez a parte dele”? Como assim?

— *Além de ter dado um sacode em Ben, Stevens o expulsou da fraternidade e levou o assunto para o reitor. Ai, minha querida, mexeu com o queridinho de Yale, todo poderoso Matt Stevens, já era. Ben também não é mais o capitão do time de basquete.*

— O próprio pai fez isso com ele? — pergunto, chocada.

— *Claro! Quem dá mais prestígio para a Universidade? Salvatore que não é. Depois dessa, é capaz do idiota se transferir. Foi vergonhoso demais. Toda a Universidade já está sabendo o que rolou e o que fizeram com você.*

— Jesus! Eu não estava sabendo de nada disso.

— *Na certa, Stevens está querendo te poupar. Ele mudou, Señorita.*

— Ele não acreditou em mim, Carly.

— *Pelo que Stevens me contou, ele errou muito com você, e merece esse gelo mesmo, mas preciso te dizer que nunca o vi tão para baixo ou sem o usual sorriso arrogante. Tome o seu tempo, Liz, só ele vai dar a resposta que você precisa.*

— Muito obrigada. É exatamente isso o que espero.

Encerramos a ligação e fico um tempo assimilando tudo o que acabei de saber. Meu coração dispara só de pensar em Matt, no que ele fez por mim, mas, apesar de tudo, estou muito machucada.

A minha esperança é que o tempo, de fato, faça o seu milagre.

15 de novembro - Na Academia

Estou correndo na esteira e Stevens não para de me encarar. Quando saio do aparelho, ele vem até mim, prestes a falar comigo, eu viro as costas. Ainda não estou preparada.

16 de novembro - No Estádio

Ninguém tem visto Ben, Nicole e Ruby na Universidade. Estão dizendo que pediram transferência. Se for verdade, que vão e nunca mais voltem.

Enquanto ensaio com as meninas, Matt não perde a oportunidade de me olhar, sem reservas. Cada movimento meu é seguido por seu escrutínio. Quando o treino termina, sinto que ele está atrás de mim.

— Liz! — ele me chama, mas não me viro.

Acelero os passos até o vestiário feminino.

Fujo como uma covarde, mas não estou preparada para falar com ele. As palavras ditas a mim naquele momento de raiva ainda ecoam em minha mente e coração.

17 de novembro - Na Cafeteria

Matt chega para pegar sua vitamina e seus olhos não se desviam de mim. O rosto bonito está mais abatido do que nos últimos dias, as olheiras profundas estão presentes e não há resquício do sorriso zombeteiro que costuma me dar. Ao mesmo tempo que isso parte meu coração, sinto como se fosse meu próprio reflexo.

A diferença é que eu finjo bem.

Em vez de ir embora, ele se senta propositalmente na área em que atendo e me chama.

Quando chego à sua mesa, ouço sua pergunta:

— Já podemos conversar?

Meu coração dispara ao ouvir sua voz. Por alguns instantes, preciso recompor a pose indiferente e o respondo, em um fio de voz:

— Ainda não.

E, assim como veio, ele vai embora.

A saudade é enorme, mas a pontada em meu peito me diz que a ferida ainda não cicatrizou. Preciso de mais tempo.

18 de novembro - No Campus

Eu nunca o encontrei no mesmo campus, porém magicamente, neste dia, ele está aqui. Imponente, com seu corpo arrebatador, fazendo as garotas quase quebrarem seus pescoços para vê-lo passar. Ele deve estar malhando mais pesado ainda, porque nunca o vi tão rasgado de músculos.

Matt vem até mim e pergunta:

— Podemos conversar?

O cheiro do seu perfume me leva à loucura, sinto saudade do seu corpo sobre o meu, as mãos grandes envolvendo cada parte minha, mas permaneço firme quando me lembro daquela fatídica noite.

Mentirosa do caralho.

Pode ficar com Salvatore ou para quem mais estiver abrindo as pernas.

Não preciso de sobra quando tenho um banquete de carnes frescas à disposição.

— Ainda não — é o que me digno a responder e lhe dou as costas.

19 de novembro – Na Academia

O capitão do time de futebol espera que eu saia da academia, após mais um treino, e me aborda.

— Liz, algum dia você vai me ouvir?

— Estou tentando, Stevens. Estou tentando.

— Algum dia vai voltar a me chamar de Matt?

A sua pergunta me faz parar para pensar que desde que ele esteve em meu quarto, pedindo para conversar, eu não o chamo de Matt, mas só agora tive a real noção disso.

— Quem sabe — respondo. — Talvez sim, talvez não. Eu estou me sentindo sufocada. Preciso de mais espaço. Na hora certa, *eu* vou chegar até você.

Precisei ser dura ou abriria a guarda. Cada vez sinto mais vontade de conversar com ele, mas não estou totalmente preparada.

Com um aceno de cabeça, ele se vira e me deixa sozinha.

20 de novembro - No Dormitório (antes do feriado de Ações de Graças)

Estou voltando de mais um ensaio, quando a poucos passos do dormitório ouço me chamarem:

— *Lizzzzz!*

Olho para o lado e vejo uma cena que me deixa sem reação.

Stevens está sentado no gramado, com uma garrafa de vodka vazia ao lado.

Ele parece transtornado e me sinto muito mal.

— *Lizzzzz!* — volta a me chamar.

— O que está fazendo aqui, Stevens? — Aproximo-me e me abaixo.

— Eu quero conversar com você.

— Conversar desse jeito? Vamos, levante.

— Eu *ssssssou* o seu babaca preferido ainda? Você *ppppprecisa* me perdoar. E-eu tenho *muuuuuuito* pra te falar.

Tento levantar seu corpo gigante, mas é óbvio que não consigo e acabo caindo.

Ele aproveita a oportunidade e me puxa pela cintura, colocando-me em seu colo. Após dias sem sentir suas mãos em mim, sinto-me como se, enfim, estivesse no meu lugar. Mas isso não está certo. Ele está bêbado e temos muito a conversar, de preferência, quando estiver sóbrio.

— Matt, me solta!

— V-você me chamou de Matt. — Ele sorri debilmente e tenho vontade de chorar com a sua vulnerabilidade.

Seu nariz me cheira profundamente.

— Que *saudaaaade* que eu estava de sentir seu cheiro. Você sente saudade de mim?

Ainda em seu colo, respondo, sincera:

— Sim.

Matt faz uma expressão dolorosa, e diz:

— Me perdoa, Liz. Eu... *Porra!* Eu estraguei tudo. Como sempre. Eu tenho muito pra te falar. Eu... vi o monstro. A carta.

Kate. Ela não... Ela me ama.

Não estou entendendo nada do que ele está falando, mas sei que está misturando o passado com o presente. Meu coração se aperta por vê-lo assim.

— Matt, vamos levantar.

— Por *favorrrrrrr*. Me deixa matar a saudade.

Ele enfia seu nariz em meus cabelos, suas mãos grandes apertam minha cintura e, por um instante, me permito ser abraçada por ele. A masoquista dentro de mim quer sentir um pouco do seu toque, após tantos dias.

Seus lábios beijam meu maxilar, meu pescoço, orelha.

— Para! — peço, fracamente.

Ele não para, continua me beijando, as mãos entrando por debaixo do meu casaco, sentindo a minha pele. Chego a fechar os olhos e isso já é demais.

— Para! — falo, com mais força, e ele para.

Estamos a centímetros de distância e seus olhos vermelhos me encaram, perdidos, muito diferentes do Matt Stevens que estou acostumada e consigo ver o quanto ele está quebrado.

O hálito de bebida não aplaca a vontade que tenho de beijá-lo e o pensamento me assusta. Preciso sair daqui.

Tento me levantar, mas ele me segura e diz:

— Você vai voltar *pra* mim um dia? Me dê uma chance de consertar essa merda toda que eu fiz. Você é *tudo* o que eu tenho, Liz. É a coisa mais importante da minha vida.

De repente, ele parece tão sóbrio, que fico confusa. Ele está fingindo ou realmente está bêbado? Seu corpo perde um pouco do equilíbrio e percebo que, de fato, está alterado.

— Nós vamos conversar em breve, Matt — é o que consigo responder, após ouvir sua pequena confissão. Dizem que bêbado só fala verdade e não sei como reagir a isso.

Ele alisa meus cabelos, como sempre gostou de fazer, e sorri fracamente. Uma lágrima solitária desliza pelo seu rosto e sussurra:

— Eu amo como v-você me faz me sentir vivo, mas desde que me deixou, eu sou um homem morto.

— *Você* me deixou primeiro — retruco, vendo a dor em seus olhos. Mesmo sabendo que, talvez, ele não se lembre de nada disso amanhã, preciso deixar claro que foi Matt quem me abandonou primeiro. Ele quem virou as costas, tirou suas próprias conclusões e me deixou.

— Eu amo *tudo*, absolutamente tudo, em você — declara, com a fala arrastada, mas cheia de emoção. — A-Amo cada pedaço seu. Amo você, Liz Pérez. Só você. Sempre você.

O quê?

Ele não pode dizer uma coisa dessa enquanto está bêbado.

Ele não pode fazer isso comigo.

Minha respiração acelera, lágrimas ameaçam se derramar, e, antes que eu perceba o que está acontecendo, Matt me tira cuidadosamente do seu colo e se levanta, carregando a garrafa vazia com ele.

— Eu não vou desistir, Liz Pérez — diz, cambaleando. — Você é só m-minha! Feliz dia de Ações de Graças.

Sem olhar para trás, ele sai, andando em ziguezague, sem se importar que é o todo poderoso Matt Stevens, deixando uma Liz completamente chocada, ainda sentada no gramado.

Ele me ama?

29 de novembro - Dias atuais

— Vai querer uma carona até o estádio? — Mike pergunta, assim que saímos da cafeteria.

— Se não for te atrapalhar, aceito.

— Entra aí.

Faz nove dias que não vejo Matt Stevens — o último dia foi quando o encontrei bêbado — e dezesseis que resolvi me afastar.

Por conta do feriado de Ações de Graças, a faculdade deu cinco dias de folga, o que, emendando com finais de semana, deu um feriadão. Como precisei trabalhar, não pude folgar completamente, mas Mike, Dani e eu fizemos a nossa ceia. Para completar, recebi a ligação surpreendente de Carmen e já comecei a notar algumas mudanças. Ela está sem beber desde que voltou de New Haven e continua se tratando com um psicólogo. Foi a primeira notícia feliz que tive, em dias.

Fiquei sabendo que Matt foi passar o feriado com a família de Jordan e uma pontada de tristeza me atingiu.

Posso ter sido idiota, mas pensei que ele fosse me procurar novamente, depois do que me falou em seu momento de fragilidade, porém, Matt sumiu. Como se o seu episódio embriagado não passasse de uma coisa da minha cabeça.

Há dezesseis dias minha vida se resume a estudos, trabalho, ensaios, treinos e filmes com meus amigos.

Não tenho ido a festas, não falo mais que o necessário com Damon e Kellan, não soube mais do Matadouro.

Eu pensei que ao longo do tempo ficaria mais fácil esquecer, mas quando a noite chega e estou debaixo das minhas cobertas, não consigo controlar a direção dos meus pensamentos. O caminho que a minha mente sempre me leva. De volta aos seus braços. Ao aconchego do seu corpo. Então, acabo chorando em silêncio, até apagar. Tem sido assim. De dia, sou forte e decidida; à noite, sou fraca e insegura.

Com o seu sumiço, não sei se fico aliviada ou preocupada. Será que ele encontrou outra garota? Será que finalmente desistiu de mim? Ou está apenas respeitando meu pedido? Soa tudo tão contraditório que às vezes acho que estou ficando louca.

— Está tudo bem? — Mike pergunta e então percebo que estou calada desde que entrei.

— Sim. Só pensativa.

— Humm... Se precisar conver...

— Você acha que Stevens já está em outra?

— O quê?

— Você me ouviu.

— Ouvi, mas pensei que tivesse ouvido errado. Por que a pergunta repentina?

— Só quero saber.

— Ele voltou da casa do Jordan ontem e, pelo que ouvi, não envolveu mulheres, só família mesmo. O resto, você já sabe. O cara não vem participando das festas, está lutando mais vezes do que antes e vem te dando o espaço que você pediu.

— Humm...

Dani e Mike sabem o que está acontecendo, assim como o que rolou no dia em que Matt apareceu bêbado perto do meu dormitório. Para eles, eu preciso conversar logo com Matt ou será tarde demais para qualquer reconciliação.

— Está preparada para revê-lo?

— Sim — respondo, mas não tenho certeza da minha resposta. — Na verdade, estou pensando em conversar com ele.

Meu amigo se surpreende.

— Sério?

Solto um longo suspiro.

— Sim. Acho que está na hora.

Carla me envia uma mensagem, querendo saber se estou chegando, e respondo que sim. A temporada de jogos está movimentada. Hoje é o primeiro ensaio após o feriado e o próximo jogo será neste sábado, em que farei os movimentos aéreos pela primeira vez.

Chegamos em frente ao estádio e Mike para o carro.

— Liz, faça o que seu coração está pedindo e não pense em mais nada. Imagino que deva ser difícil lidar com o que você está sentindo, mas vocês precisam conversar de uma vez por todas. Seja para se acertarem, seja para seguirem caminhos diferentes.

— Você tem razão. Eu preciso fazer isso por mim.

— Agora vai lá e depois me conta o que decidiu.

— Tudo bem. Obrigada, Mike!

— Sempre às ordens, querida.

VINTE E SEIS

Me desculpa por ter partido seu coração, seu coração
Eu disse, meu bem
Vou te tratar melhor do que antes
Vou te segurar e não deixar você ir
Desta vez, eu não vou partir seu coração.

AFTER HOURS, THE WEEKND

Matt Stevens

Eu nunca estive tão *fodido*.

Pensei que depois de passar pelo pão que o diabo amassou, nada mais me deixaria mal, mas estava redondamente enganado.

É como se o meu coração tivesse parado de bater e só voltasse à vida quando a vejo. O ar não é o mesmo. Tudo parece insosso. Por fora, pareço o Matt Stevens de sempre, ou quase, pois Jordan e Smith vivem falando que preciso dar um jeito na minha cara de merda.

O que fazer, se não consigo dormir? Não posso fechar os olhos sem que ela esteja em meus pensamentos. *Foda!*

Estou há mais de uma semana sem vê-la. Depois de cometer a burrada de ficar bêbado e procurar por Liz, precisei tirar um tempo para mim. Foi a gota d'água. Eu não deveria ter falado tudo o que falei. Não daquele jeito. *Porra*, eu sempre *fodo* com tudo!

As palavras de Kate me ajudaram a identificar que o que eu estava sentindo não era apenas tristeza. Além de quebrado e deformado, eu estava com o meu coração partido. E, *porra*, isso dói.

Eu, que não sabia que poderia sequer amar alguém, hoje vejo que é impossível fugir do inevitável.

Liz teve razão em se afastar. Só assim pude perceber quantos erros cometi e me arrependo de cada um deles. Principalmente, por ter machucado a mulher mais importante da minha vida.

— *Caralho*, Stevens! Se você não colocar a cabeça neste treino, eu juro que te parto no meio. — A ameaça de Smith me faz voltar à realidade.

Desde que perdemos o último jogo — o dia em que Liz não quis me ouvir e fiquei mal *pra cacete* —, meus companheiros de time estão *putos* comigo. Pelas caras de *cu*, dá para perceber.

— Nós vamos vencer amanhã, Smith. Fique tranquilo.

— *Tranquilo de cu é rola*. Quero o Stevens destruidor de volta. Ou você esquece a mulher ou se declara de uma vez, *porra!*

Estalo meu pescoço para aliviar a tensão e prefiro ficar quieto. Esse babaca não sabe o que está falando, então não adianta me estressar por isso.

Do campo, vejo algumas meninas chegando para ensaiar e, segundos depois, lá está ela.

Meu coração ferrado dispara feito um *filho da puta*, reconhecendo a garota que pertence a ele.

Sexy como o inferno, linda, a mulher que me faz querer ser melhor do que já fui um dia.

— Chega *nela* e acaba com isso, irmão — Jordan lança.

Olho para ele e respiro fundo, antes de falar:

— Estou esperando, Jordan. Pela primeira vez, preciso fazer a coisa certa. É o que mereço por ter agido como um maldito canalha. Um sacrifício em troca da garota que eu amo. Vale a pena.

Meu amigo apenas assente, assim como o outro que nos observa, e volto minha atenção para o treino, não sem dar mais uma olhada em Liz e, para minha surpresa, ela me olha de volta.

Seus olhos castanhos estão tristes, saudosos e nos perdemos um no outro por não sei quanto tempo, até que seus lábios formam a frase que venho esperando há 384 horas:

— Vamos conversar.

A handwritten signature in black ink that reads "Liz Perez". The script is fluid and cursive, with the first letters of each name being capitalized and prominent.

O treino termina, assim como meu ensaio, e meu estômago revira com a ansiedade.

Antes de entrar no campo, Carla me chamou:

— *Liz, sei que você ainda está magoada com Stevens, mas preciso te contar o que as meninas andam falando.*

— *Oh, meu Deus! O que foi?* — perguntei, esperando o pior.

— *Calma, não é coisa ruim.* — Ela riu. — *Elas comentaram que Stevens não deixa mais nenhuma garota entrar em seu quarto. Desde que vocês se desentenderam. Uma delas perguntou se ele estava com alguém e o líder da Kappa disse apenas: estou esperando.*

Ela abriu um sorriso para mim e foi impossível ignorar o meu coração acelerado ao ouvir aquilo. *Ele ainda está me esperando.*

Quando cheguei ao campo e o encontrei, depois de nove dias sem ver seu rosto, foi como um bálsamo. Isso foi sinal suficiente para me mostrar que chegou a hora de conversarmos.

Tomo um banho, coloco a roupa que fui para a aula de manhã — uma calça jeans, um *cropped* de mangas compridas e minhas botas de salto quadrado — e acrescento um casaco mais grossinho, pois começou a esfriar. Um prenúncio do inverno.

Deixo os cabelos soltos e, nervosa, me olho no espelho.

— Seja o que Deus quiser — sussurro para o meu reflexo.

Assim que saio do vestiário feminino, sou surpreendida com a presença de Matt Stevens, que está com as costas apoiadas na parede e os braços enormes cruzados no peito. De banho tomado, ele está vestido com uma jaqueta de couro preta, blusa e calça da mesma cor, e seus coturnos desgastados. A beleza avassaladora está de volta.

O capitão do time de futebol me analisa da cabeça aos pés, e com a voz rouca e grave, me cumprimenta:

— Hey, Liz.

— Hey, Matt.

Seu rosto se ilumina quando o chamo pelo primeiro nome e é tarde demais para corrigir o deslize. Além do mais, não há nenhuma criança por aqui.

— Você tem algum lugar específico *pra* gente ir ou posso escolher? — pergunta.

— Pode escolher.

Matt espera que eu caminhe na frente e, então, segue atrás de mim.

Sinto sua proximidade às minhas costas e fica difícil não me afetar depois de tanto tempo. Chegamos ao local que sua caminhonete está parada e ele abre a porta para mim.

— Obrigada.

Ele assente com a cabeça e segue para o seu lado.

Seguimos até o nosso destino em silêncio e me surpreendo quando Stevens para em um descampado que tem vista da cidade toda. À noite, as luzes parecem estrelas.

— É lindo!

— Que bom que gostou. Venho aqui quando preciso esfriar a cabeça.

Permanecemos dentro do carro, admirando à vista, o clima aos poucos ficando mais denso. Passam das nove da noite e do lado de fora não há ninguém, assim como os sons estão distantes. O único barulho é das nossas respirações. De esguelha,

veja seu corpo grande se virar para mim e a voz grave preenche o interior do veículo:

— Liz, primeiramente, quero te agradecer por aceitar conversar comigo. Eu vivi o inferno esses dias todos sem poder *falar* com você, mas reconheço meus erros e sei que mereci cada recusa sua. Eu não te tratei como você merecia, machuquei a mulher que faz meu coração acelerar toda vez que a vejo, mas aprendi minha lição.

Surpreendo-me com sua declaração e permaneço em silêncio, quando ele volta a falar:

— Eu passei por uma experiência que mexeu bastante comigo. Na noite em que eu entendi tudo errado, dirigi por horas até parar em New Jersey. Eu não sabia para onde estava indo, até chegar em frente à casa que cresci e não visitava há treze anos.

Jesus! Ele foi até sua antiga casa.

— Eu estava determinado a beber todas, afogar a mágoa de ter visto a única mulher que mexeu comigo, com meu coração, com a minha cabeça, beijar outro cara e, depois, voltaria para cá. Mas, então, uma coisa que eu jamais poderia imaginar aconteceu.

Meu coração acelera em expectativa.

— Eu encontrei o homem que odiei a vida toda. O homem que me magoou como ninguém.

— Como? — me vejo perguntando, perplexa. Não consigo sequer pensar em como deve ter sido para Stevens ver seu pai, o seu agressor e o de sua mãe.

— Ele estava dentro da casa.

— Dentro da casa? Morando?

— Não. A casa está desativada. Hoje em dia ele mora em um abrigo, mas quando não tem vaga no lugar, dorme na casa. Posso te dizer que não foi o melhor dos encontros. Passei mal, tive a pior crise da minha vida, mas o homem parecia outra pessoa. Ele está definhando, Liz.

Matt me conta sobre o estado de seu pai, que está doente, e fico chocada com cada detalhe. A conversa difícil que tiveram.

— Olhar para ele era um constante aviso do que eu não deveria fazer na vida para chegar àquele estado. Não quero que os meus erros me consumam como o consumiram, Liz. Mas isso não foi a parte mais marcante da noite.

— Tem mais?

O loiro ri, mordendo o lábio inferior, e olha para a vista à nossa frente.

— Ele me deu uma carta.

— Uma carta? — pergunto, confusa.

— Sim. Da minha mãe. Ela deixou para mim, antes de morrer, e eu nunca soube.

— Meu Deus, Matt!

— Sabe quando você não tem noção de como precisa de uma coisa até que a tem em suas mãos? Liz, eu precisava dessa carta. Eu precisava dela para colocar um ponto final no meu passado e me libertar.

E eu cheguei a pensar que ele havia passado a noite se divertindo com alguma garota. Jesus!

Ele tira a carteira do bolso e abre um envelope. Meu coração dispara ao ver que é a carta de sua mãe. Dobrando uma parte, Matt me estende o papel.

— Leia esse trecho.

Tremendo, faço o que ele pede, tendo o maior cuidado para não macular este pedaço de papel.

“Filho, como eu gostaria de conhecer a mulher que faz o seu coração acelerar. Aquela que deixa suas mãos suando, borboletas voando em seu estômago. Porque você merece viver a mais linda história de amor.

Já imagino a família maravilhosa que você vai formar. Eu sei que vai. Não é porque você não teve um bom exemplo que não vai conseguir formar a sua. Pelo contrário, você será um pai incrível, meu amor, pois vai saber exatamente o que não fazer com seus filhos. Claro, se você quiser ser pai.

Matt, não deixe que as decepções te definam. Não deixe de viver intensamente porque se magoou. Não deixe de dançar porque pisaram no seu pé.

Viva, meu filho! Continue dançando, continue amando, continue vivendo, porque você merece o mundo, e eu o deixaria aos seus pés se pudesse.”

Quando termino de ler, estou chorando.

É pessoal demais. Lindo demais.

Impossível não ver o quanto sua mãe o amava e, com certeza, ele deve ter percebido a mesma coisa.

— Eu erre com você, Liz. Fui um *filho da puta*, fiz exatamente o que o monstro fazia. Te ofendi, te machuquei, não acreditei em você — Matt volta a falar, emocionado, deixando-me ver as lágrimas deslizando em seu rosto. — Jamais acreditei que encontraria alguém que realmente quisesse estar comigo e quando vi você e Salvatore se beijando, só conseguia

pensar que eu estava certo.

Ele enxuga as lágrimas e eu faço o mesmo, pois meu rosto está uma bagunça também.

— No entanto, eu estava errado e preciso dizer que *você* é esta mulher que a minha mãe gostaria de ter conhecido. Nunca houve outra que fizesse o meu coração acelerar, como *você* faz. Nunca houve outra que me deixasse sem fôlego ou com essas borboletas doidas voando no meu estômago. — Ele ri, as lágrimas rolando mais e mais por suas bochechas, e eu sorrio. — Me perdoe pelas minhas merdas! Você é a mulher que eu escolhi para ser *minha*. Foi por isso que eu te esperei. Esperei até que estivesse pronta para conversar comigo, porque você vale mais do que qualquer coisa, Liz. Eu sei que preciso aprender a lidar com as minhas frustrações, a ouvir mais antes de agir, e eu prometo que vou aprender, Liz. Prometo, pela minha mãe!

Matt se esforça para não me tocar e eu o agradeço por isso, porque apesar de todas as suas palavras, da declaração mais linda e emocionante que já ouvi e das lágrimas que não param de rolar em meu rosto, preciso desabafar também.

— Admiro e agradeço tudo o que você acabou de me dizer. Fico extremamente feliz por ter encontrado essa carta, porque você merecia esse carinho da sua mãe. Porém não posso deixar de falar tudo o que está preso aqui.

— Pode falar. Você tem todo o direito.

— O que mais me doeu naquela armação, foi você ter virado as costas para mim. Lembro, como se fosse hoje, quando estávamos deitados e você me disse: “*nem pense em me abandonar*”, mas na primeira oportunidade, *você* me abandonou. Doeu muito ouvir cada palavra que saiu da sua boca, como se eu fosse uma mentirosa, uma aproveitadora, uma *vadia*.

Ele tenta me interromper, porém, continuo:

— Você *quis* me machucar, e não importa se foi para revidar o que você achou ter visto, você *quis* me deixar mal. Sempre que estou com você, me sinto uma pilha de nervos, esperando que a qualquer momento uma bomba estoure. São garotas te desejando sem pudor ou limites, garotos querendo ser como você, pessoas armando planos maquiavélicos, e eu fico no meio desse tiroteio todo. Eu preciso pensar em mim em primeiro lugar ou não vou conseguir terminar a faculdade que tanto sonhei, por estar destruída.

Termino de falar e é como se pudesse respirar novamente. Apoio minha cabeça no encosto do banco e fecho meus olhos, sem conseguir parar de chorar.

De repente, ele abre a porta do carro e vem até o meu lado, abrindo a minha.

— Vem comigo. — Ele estende a mão para mim. — Por favor.

Quando toco sua pele é como se todo o meu corpo esquentasse de uma só vez. Não dá para ignorar o poder que ele exerce sobre o meu corpo, mente e coração.

A noite está fria, mas o céu está incrivelmente lindo, repleto de estrelas e a lua nos ilumina lá no alto. A vista da cidade é um espetáculo à parte. Somos só Matt e eu na imensidão de New Haven.

Com sua mão ainda na minha, ele se vira para mim e se ajoelha, deixando-me sem reação.

— Matt, pelo amor de Deus!

— Hey, calma! Não estou me rebaixando, é só uma reverência à mulher que você é. Se eu não deixei claro o quanto você significa para mim, espero que compreenda a partir de agora. Não há orgulho que me impeça de dizer que eu te quero, Liz Pérez. De dizer o que já deveria ter dito, mas o medo, o passado, me paralisavam. O amor que a minha mãe me transmitiu com suas palavras dissipou qualquer dúvida que eu tinha sobre a existência e o poder deste sentimento.

Meu Deus! Eu estou chorando tanto, que não consigo enxergar mais nada. Ele coloca as mãos grandes em minha cintura e declara, com paixão:

— Eu te amo, Liz, eu te amo *pra caralho*, e farei o que estiver ao meu alcance para te fazer a garota mais feliz dessa Universidade, desta cidade, deste mundo. Como você merece. Não posso te prometer que as pessoas não vão te magoar por minha causa, mas prometo que *eu* vou te proteger, *amor*. Tenho certeza de que irei continuar errando, sendo um babaca muitas vezes, e vou acabar te machucando, mas prometo que não será de propósito. Porque eu aprendi, Liz, e não vou desistir de você. Não vou desistir da mulher que me quis todo quebrado, destruído, quando as outras só queriam o que tenho por fora. Me perdoe por te causar tanto mal, por ter dito aquelas palavras, por te abandonar quando você mais precisou. Me perdoe, Liz Pérez, porque eu sou um cara *fodido*, mas o que tenho de mais valioso eu te dou.

Ele coloca minha mão no seu peito, logo acima do órgão que bate descompassado, e sussurra:

— É seu. Só deixe um espacinho para a minha Kate, porque ela também está aqui.

— Oh, Matt! — Curvo-me um pouco, até ficarmos com nossas testas coladas uma na outra.

Como continuar negando o que sinto, depois de todo esse amor em forma de palavras? Não há a menor possibilidade.

— Eu te amo! Eu te amo, seu babaca! Tentei ignorar, fugir, mas de nada adiantou. O que temos é tão forte, tão nosso, que ocupou cada milímetro do meu pensamento, do meu corpo, do meu coração. Eu estou com medo, mas depois de ouvir a declaração de amor mais emocionante de toda a minha vida, que superou romances e filmes, eu me sinto *segura*. Não sou perfeita, vou errar bastante também, porém, estou disposta a aprender com você, Matt. Nossas dores nos uniram, mas só o amor pode reconstruir dois corações quebrados e torná-los fortes o bastante para serem indestrutíveis. É o que estou sentindo neste momento. Parece que vou explodir.

— Então seremos a *porra* de uma bomba atômica, *amor*.

Segurando minha nuca, Matt me beija e perco o ar diante da sua voracidade. Abraço seu pescoço e aprofundo o beijo.

Nossas línguas dançam, celebram e se fundem em uma festa só nossa. As palavras viraram salivas, línguas, arquejos, gemidos.

Sua mão aperta minha cintura, enquanto a outra agarra meus cabelos. Necessitando de mais contato, puxo seus fios e só percebo que saímos do lugar quando Matt se acomoda no banco detrás da caminhonete.

Ele me deixa montada em seu colo e aperta minha bunda com vontade.

— *Porra!* Que saudade! Como senti sua falta... falta dessa bunda — murmura em minha boca. — Eu amo cada pedaço seu, Liz Pérez.

— E eu amo cada parte sua, Matt Stevens. Nossa, como estava com saudade do seu corpo, das suas mãos... — Rebolo um pouco, sentindo a rigidez que desponta de sua calça e solto um gemido. — De você inteiro.

Não somos apenas fogo e gasolina.

Somos uma bomba prestes a explodir.

Uma bomba atômica poderosa e arrebatadora.

Já falamos demais. Agora são apenas toques e gemidos que fazem parte da *conversa* que mais amamos. Que mais precisamos.

Foram dias de angústia, sem sentir o seu toque. Dias em que pensei que a tristeza fosse me consumir, mas estamos aqui. Rendidos, libertos.

Abro o botão da sua calça, o zíper e nossas bocas se grudam novamente, quando seguro seu pau grosso, masturbando-o lentamente. O gemido gutural que sai de sua garganta invade o interior do carro e agradeço internamente pelos vidros serem escuros o suficiente para ninguém conseguir ver o que estamos prestes a fazer. Melhor ainda é que não há uma alma viva por perto.

Minha mão fica melada com o líquido pré-ejaculatório e fico mais excitada. Estou pegando fogo. Uma paixão avassaladora toma conta dos nossos corpos, como se o que compartilhamos há pouco e todo o amor que estamos exalando tivesse aumentado a intensidade do que já era intenso. É indescritível.

Saindo do colo de Matt, desço até o chão do carro espaçoso e fico entre suas pernas. Coloco-o de uma vez na minha boca, levando-o ao limite da minha garganta. Stevens urra, jogando as costas para trás do assento, rendendo-se ao meu boquete.

Ele adora quando o chupo e eu amo o jeito que seu corpo me responde.

Deslizo minha língua sobre toda a extensão, passando pelas veias, e ele estremece quando raspo meus dentes no processo.

Chupo a *cabecinha*, subindo e descendo rapidamente, deixando Matt louco. Ele agarra meus cabelos e me controla. Aperto suas bolas, massageio, sentindo o gostinho salgado chegar a minha garganta e sei que ele está quase gozando.

Com uma mão, acaricio seus testículos, com a outra o masturbo e minha boca sobe e desce, até o limite que eu sei que ele ama, sem parar.

— *Caralho*, amor! Vou gozar tão forte. Isso, não para! Que delícia de boca. Que saudade!

O primeiro jato quente me atinge, mas não paro.

Ele urra, erguendo a pélvis para que eu receba mais do seu pau. E eu tomo tudo. Engulo. Gemo de satisfação por deixá-lo tão louco.

Mal se recupera e Matt me puxa de volta para cima, beijando-me com luxúria e devoção.

Com pressa, ele abre o botão da minha calça e eu me sento ao seu lado para tirar a peça de uma vez, junto com a calcinha. Quando subo de volta para o seu colo, ele ainda está duro e, sem qualquer cerimônia, me penetra.

— Ah! — grito, ao mesmo tempo em que ele solta um gemido grave em meu ouvido.

Quico em seu pau e ele vai voltando à sua rigidez.

— *Porra*, eu te amo tanto! Eu nunca mais vou deixar você ir embora, *amor*.

— Não me deixe, Matt — rebato, com a respiração entrecortada.

— Nunca mais!

Matt aperta minha bunda, fazendo-me sentir milímetro a milímetro do seu pau. Grande, grosso e gostoso. A *triade* que eu mais amo.

— Você é tão gostoso! E todo meu!

— Todo seu, *amor*. Isso aqui é tudo seu.

Rapidamente, suas mãos levantam meu *cropped*, deixando meus seios expostos.

— Amo esses peitos gostosos. Você é uma delícia, Liz. A *minha* delícia! — exclama, abocanhando meu mamilo.

— Sim, todinha sua.

Seus braços enormes abraçam minha cintura com firmeza, levando-me a subir e descer com precisão, a boca continua estimulando meus mamilos, e o sinto tão duro que chega direto em meu ponto G.

— Vou gozar — anuncio.

— Goza *pra* mim, Liz. Mela o meu pau com seu gozo, minha princesa.

E eu gozo.

Meu corpo inteiro treme, sua língua percorre meus seios de uma maneira alucinante e me desmancho de prazer.

— Amo você, Matt — balbucio. — Amo... Amo você.

— E eu amo você, *amor*. Amo *foder* você. — Arremete fundo. — Amo chupar sua bocetinha apertada. — Arremete. — Amo como você geme meu nome. — Amo a sua carinha safada quando chupa o meu pau! — Arremete mais fundo. — Amo poder te preencher com a minha *porra*...

Com um urro selvagem, ele goza, sem deixar de apertar minha cintura com seus braços musculosos, prendendo-me de um jeito enlouquecedor.

Agradeço por não ter parado de tomar meu anticoncepcional, pois não há nada melhor do que sentir pele com pele.

— Que *foda* gostosa! — ele murmura, mais calmo, beijando meu pescoço.

— E eu pensando que a gente seria aquele casal que se declararia e faria amor — digo, sem segurar a risada.

— Esse é o nosso estilo de fazer amor, princesa. Uma *foda* bem dada. Sem importar o lugar...

— A hora... — completo.

— O momento...

— Só importa o que sentimos.

— E nós somos bons juntos, Liz.

— Nós somos muito bons juntos, Matt.

Ficamos abraçados, até que, de repente, ele segura meu rosto para que eu o encare.

— Você tem a minha palavra de que vou te proteger de quem se colocar em nosso caminho.

— Eu confio em você, *amor*. — Testo o apelido em meus lábios e Matt sorri para mim de um jeito bobo.

— Vai se apropriar do meu apelido, é?

— Talvez.

— Você sempre foi e sempre será o *meu amor*, mesmo que tenha começado a te chamar assim para te perturbar.

— Já estava escrito que você seria o meu babaca favorito e eu seria seu amor, Matt.

— Não tenho a menor dúvida. Nós não nos encontramos à toa, Liz. Você chegou para me salvar quando eu pensei que

não havia mais nada para ser salvo dentro de mim.

— Eu também fui salva, Matt. Você está me dando o amor que achei que só existia na ficção. O amor que não tive durante os meus dezoito anos de vida, eu encontrei aqui, com você. Isso, eu nunca vou esquecer. Obrigada!

— Eis que o destruidor se rendeu ao amor.

Nós dois rimos e, pela primeira vez, consigo vislumbrar um futuro com Matt Stevens.



Estou prestes a entrar no campo.

O nervosismo por estrear meu primeiro movimento aéreo durante um jogo é enorme.

— Está tudo bem, Liz? — Carla pergunta.

— Na medida do possível.

— Vai dar tudo certo. Você tem sido incrível nos ensaios e vai dar um show no ar.

— Oh, obrigada, Carly! Estou contando com isso.

— E as coisas com Stevens?

— Estamos bem. Há situações que não entendemos, a princípio, mas depois vemos que foi necessário para que algo maior pudesse acontecer.

— Eu acredito bastante nisso e me desculpe por ter sido tão dura sobre ele quando começaram a sair. Eu não conhecia o outro lado do cara.

— Não precisa pedir desculpa, Carly. Você só queria me proteger e eu agradeço muito por aquilo.

— Sorria, Liz. Vocês merecem ser felizes.

— Muito obrigada, Carly.

— Agora vamos arrebentar!

Assim que a loira se afasta, ajeito meu uniforme azul-marinho — um top e um short-saia —, o rabo de cavalo, a fita e dou uma última olhada no espelho par conferir a maquiagem.

Depois de passar a noite com Stevens, nós almoçamos juntos e em seguida ele me deixou no dormitório para se preparar

para o jogo. É claro que tive que passar um relatório do que aconteceu para Dani e Mike, e os dois ficaram boquiabertos com a declaração de amor de Matt. Até agora *eu* custo a acreditar. Foi surreal e o momento mais lindo que já vivi.

— Vamos, meninas! Chegou a hora!

Sáimos todas do vestiário com nossos pompons a postos, prontas para nossas apresentações.

Duas horas depois, o jogo termina e estou em êxtase por ter performado tão bem. Fiz meus saltos com confiança, sem errar um único movimento, e a cada apresentação conseguia ouvir os gritos e a torcida de Dani e Mike. Eles são os melhores amigos do mundo!

Veza ou outra, Matt me olhava enquanto eu subia para fazer um número. Juro que eu conseguia ver um sorriso em seus lábios.

A cada ponto que fazia, ele me procurava e apontava para mim. Em resposta, eu jogava um beijinho para ele. O público adorou a nossa interação. Até as mulheres, que pensei que fossem acabar comigo, gritavam coisa do tipo: “Vocês são fofos demais”, “Lindos”. Eu nem acreditei.

A felicidade é maior porque nosso time venceu e Matt conseguiu recuperar a confiança dos seus companheiros de time.

Apesar de ter acabado o jogo, as pessoas continuam em seus lugares. Ainda não consegui falar com Stevens, pois ele está cercado por outros jogadores, mas não vejo a hora de podermos ficar a sós.

As luzes do estádio se apagam de repente e a multidão, que ainda vibra pela vitória, faz um barulho ensurdecedor.

— O que aconteceu? — grito para Carla.

— Não tenho ideia.

Um minuto depois, as luzes voltam e não posso acreditar no que estou vendo.

Olho para a loira ao meu lado e ela apenas me lança um sorriso cúmplice.

Se o barulho do público estava ensurdecedor, agora então.

Não estou acreditando que ele fez isso.

Uma faixa enorme foi estendida.

Damon segura de um lado e Kellan do outro. Os dois sorriem para mim, achando graça da minha expressão abobada.

As letras garrafais, chamativas, dizem:

LIZ PÉREZ, QUER NAMORAR COMIGO?

E, então, como mágica, Matt está ao meu lado, sem o capacete. Ele deve ter corrido até aqui quando as luzes se

apagaram.

O loiro me ergue do chão e não consigo parar de rir.

— Você é louco! — grito, para que consiga me ouvir e abraço seu pescoço.

— Sou mesmo. Louco por você. Liz Pérez, aceita namorar comigo?

— *Aceita, hermanitaaaaaa*. — Impossível não escutar a voz de Daniela. Ela e Mike se sentaram mais perto hoje, então conseguem ter uma boa visão do que está acontecendo.

— Eu aceito!!! — respondo e o sorriso que se forma nos lábios de Matt Stevens quase derrete meu coração. — Eu aceito!!!

Colando a boca em meu ouvido, ele diz:

— *Porra*, eu te amo, *amor*! Depois que descobri como é bom ter você ao meu lado, não quero saber de outra coisa. Você me completa de um jeito que nunca imaginei ser possível. Estou viciado e completamente apaixonado por você, Liz. Obrigado por me aceitar exatamente como eu sou. Eu queria tanto que a minha mãe estivesse aqui para conhecer a *minha namorada*, que é tão linda e generosa quanto ela era.

— Jesus! Você quer que eu me acabe de chorar aqui? — Bato em seu braço de brincadeira, sem conseguir conter a emoção, e ele me gira, com sua beleza arrasadora iluminada em um sorriso. — Eu te amo, Matt Stevens, amo tudo o que você é: o meu babaca favorito, um dos homens mais bondosos que conheço, o líder da Kappa, o capitão do time de futebol, o *Destroyer* e, por fim, o *meu namorado*.

— Só seu, *amor*.

— É bom mesmo ou eu viraria uma *Destroyer* para acabar com você.

— Me dá essa boca aqui, que eu estou louco para beijar a minha namorada.

Ele me beija e a multidão vai à loucura.

Matt sela o nosso acordo, o início do nosso “final feliz”.

Quem diria que duas almas quebradas poderiam encontrar a felicidade em meio ao caos?

No final das contas, onde há amor, há vida, e onde há vida, há esperança.

Nada está perdido, só depende de *nós*.

EPÍLOGO

QUATRO ANOS DEPOIS

Liz Perez

Estou nervosa.

Não sei quantas vezes já fiz aquela bendita respiração quadrada e nada. Minhas mãos estão suando e só de pensar que terei de falar na frente de uma multidão, já sinto palpitações.

— Mãe, você viu a Dani?

— Ainda não, mas já deve estar chegando. Fique calma, se não a maquiagem vai ficar toda borrada.

— O que menos estou me importando agora é com a maquiagem, Carmen.

— Pois deveria. Já pensou, aparecer naquele telão com o rosto todo craquelado?

Tem certas coisas que não mudam.

Apesar de Carmen parecer outra pessoa hoje em dia, algumas coisinhas continuam as mesmas, como a vaidade que sempre fez questão de manter. Não que eu esteja reclamando, longe de mim, mas é engraçado como somos diferentes.

Há quatro anos tivemos uma conversa que foi crucial para a sua mudança de vida. Desde então, ela está sóbria, continua com o acompanhamento terapêutico e nos falamos, pelo menos, duas vezes na semana. A reviravolta maior se deu há dois anos, quando ela decidiu parar de trabalhar como acompanhante de luxo.

Carmen conseguiu um emprego como recepcionista de uma ginecologista e está muito feliz. O relacionamento mãe-filha também é outro. Hoje, consigo chamá-la de mãe, tenho mais prazer em contar sobre a minha vida para ela, coisa que nunca senti vontade antes.

De repente, Daniela chega toda esbaforida em um vestido longo acetinado, verde-esmeralda, e os cabelos cheios — graças ao final da transição capilar — estão um luxo, perfeitamente armados e modelados, destacando os olhos verdes e os lábios volumosos.

— Uau! Você está linda, Dani.

— Oh, obrigada, *hermanita*! Você está maravilhosa. Olá, Carmen!

— Que bom que você chegou, Daniela. Liz estava surtando.

— Ela está apavorada à toa. Vai ficar tudo bem, amiga.

— Porque não é você que vai falar na frente de milhares de pessoas. Milhares!

— Tudo bem. Relaxe. Por falar nisso, onde está o seu *boy*?

— Está chegando. Ele ficou preso no escritório.

— Bem, vamos colocar a beca, então.

Assim como eu, Dani está se graduando hoje. Não quer dizer que é o fim dos estudos, nem uma despedida, já que terei mais três anos de especialização pela frente, enquanto ela terá, no mínimo, mais quatro.

Minha amiga e eu passamos os últimos três anos morando em residências diferentes, mas não paramos de nos encontrarmos quase todos os dias.

Meu celular vibra e ao ver o nome piscando na tela, meu sorriso se abre involuntariamente.

— Hey, lindo. Onde você está?

— *Amor, estou chegando. Me desculpa a demora, mas está complicado de estacionar.*

— Sem problemas. A Dani disse que está um caos.

— *Uma merda generalizada. Já, já chegou aí. Está usando o vestido que te dei?*

— O que você acha? — pergunto e, mesmo que não esteja me vendo, sorrio.

— *Perfeita! Quando menos esperar, estarei aí.*

— Tudo bem.

Nós nos despedimos e sou pega no flagra pelas duas mulheres à minha frente.

— O que foi? — pergunto.

— Acho incrível que vocês ainda mantêm esse chamego todo, depois de quatro anos de namoro — Carmen comenta.

— Não é? Também fico boba.

— O que você está falando, Dani? Você faz o mesmo com Damon.

— Nada disso. Aquele lá eu trato de qualquer jeito.

— *Aham*, vai dando uma de indiferente mesmo. Por falar nisso, você viu a garota que estava dando mole para ele ontem, lá no restaurante?

— O quê? Como era a vadia? — ela pergunta, imediatamente alterada.

— Depois diz que não está nem aí. Estou brincando com você.

— Olha, Liz. Isso não é coisa que se faça.

— Meninas, coloquem logo a beca, antes que se atrasem. Já está na hora — Carmen intervém e caio na risada com a careta que Dani faz para mim.

Enquanto não tive mais contato com Luna e Raúl, Daniela e Mike se tornaram amigos mais chegados que irmãos.

Antes de colocar a beca, admiro mais um pouco o vestido que ganhei do meu namorado maravilhoso. Ele é preto, de alças finas, todo rendado e mescla com um tule da cor da minha pele. As costas ficam nuas e o tecido molda perfeitamente a parte que Matt mais ama no meu corpo, a bunda.

Deixei os cabelos presos e as pontas moldei com *baby liss*. Por fim, minha maquiagem foi feita pela minha mãe, da qual gostei bastante por me deixar o mais natural possível com um toque requintado.

Paro de enrolar e visto a túnica. Dani chega ao meu lado, também vestida e nós duas rimos.

— Nós conseguimos, hein? — diz.

— Conseguimos, *hermana*. A primeira etapa, conseguimos.

— Vocês estão lindas, meninas. Parabéns por esta conquista tão maravilhosa. Filha, aqui está o meu presente para você.

Ela me estende uma caixinha de veludo e fico um tanto surpresa.

— O que é isso?

— É só abrir que você vai ver — ela responde, com um sorriso maroto no rosto.

Quando abro a caixinha há um solitário delicado, fininho.

— Mãe, é lindo! Nossa, deve ter sido uma fortuna. Não precisava!

— Quer parar com isso? Nunca mimei a minha filha, me deixa fazer isso, ao menos uma vez.

Eu a abraço e preciso segurar a emoção. Ter Carmen aqui comigo, neste momento tão importante da minha vida, me prova uma vez mais que ela é uma pessoa completamente diferente de anos atrás. Hoje ela tem prazer em me colocar como prioridade na sua vida.

— Muito obrigada. Eu amei! — digo, assim que saio do seu abraço.

Dani está chorando e eu a abraço, sabendo como deve estar sendo difícil para ela não ter sua mãe e melhor amiga presente. A pessoa que mais a incentivou a ingressar em Yale. Seu pai conseguiu vir do Brasil, o que pelo menos aplaca um pouco a sua tristeza.

— Querida, também tenho um presente para você. — Carmen me surpreende e entrega uma outra caixinha para Dani.

— Mulher, você está doida? Não precisava!

— Vai ficar de gracinha também? Você é a melhor amiga da minha filha e a ajudou demais desde que ela chegou aqui.

Essa é uma forma de agradecimento.

Quando minha amiga abre a caixinha, há um anel de prata cravejado com pequenas pedrinhas. Muito bonito, mas a intenção da minha mãe foi mais bonita ainda.

A brasileira não consegue segurar as lágrimas e abraça minha mãe com força, chorando de soluçar.

— Obrigada, Carmen. Você não tem ideia do que isso significa para mim.

— Nunca pense que está sozinha, querida. Você é muito amada.

— Muito obrigada.

As duas se separam e ajudo a morena a retocar a maquiagem.

— Agora sim, meninas, podem ir.

Sorrio para Carmen, agradecendo silenciosamente por seu gesto, e ela sorri de volta.

Dani e eu saímos da salinha em que estávamos em direção ao caos de formandos. Após trombarmos com várias pessoas, finalmente encontramos nossos amigos.

Mike, Damon e Kellan estão sentados juntos e acenam para nós. Os três já se formaram e estão trabalhando em suas áreas.

Damon Smith se levanta e agarra Daniela de um jeito apaixonado. Os dois resolveram se assumir depois de quase dois anos de rolo. Continuam orgulhosos, fingindo que não são loucos um pelo outro, e a gente finge que acredita.

Kellan Jordan continua solteiro, mas sempre faz sucesso quando aparece na faculdade. Afinal, a fama da Tríade é eterna.

Mike Wilson, meu amigo-irmão, está namorando um colega de trabalho. Ele é professor de História e dá aulas em um colégio de Nova York. O namorado, David Crowe, é professor de Literatura. Eu já o conheci e os dois juntos são muito fofos. Meu amigo merece ser feliz.

Sinto falta de Carla, mas ela voltou para o Brasil logo que se formou, com a promessa de que retornaria assim que possível. Ela foi muito importante no processo de me encontrar dentro de Yale e nunca me esquecerei de toda a ajuda que me deu.

— Minhas amigas estão incríveis! Estou tão orgulhoso de vocês — Mike declara.

— Ah! — exclamo e o abraço. Dani se solta de Smith e cumprimenta nosso amigo também.

— Uau, vocês estão lindas mesmo! — Jordan elogia.

— Obrigada, *queridinho*. E o seu amigo, nada? — pergunto, preocupada que não consiga encontrar com Matt antes de a colação começar.

— Serve aquele ali? — O moreno aponta atrás de mim.

Olho para trás e encontro o amor da minha vida, sorrindo abertamente para mim. Todos os garotos vestem terno e estão muito bonitos, mas Matt Stevens não está bonito. Ele está extraordinário.

O conjunto preto de calça e paletó é elegante, bem-ajustado ao seu corpo forte, e para completar, ele colocou uma camisa da mesma cor. Preto total e maravilhoso. Os olhos azuis parecem mais claros e os cabelos, que estão mais para o loiro-escuro, estão perfeitamente alinhados com um mousse que ele passou a usar há algum tempo.

Quando dou por mim, já estou à sua frente e lanço meus braços em seu pescoço. Ele se curva, para facilitar a baixinha aqui, e me beija apaixonadamente.

Quatro anos e continuamos perdidamente apaixonados um pelo outro.

Quatro anos e nos vemos quase todos os dias.

Quatro anos e formamos um casal extremamente forte, que briga, sim, mas nada fora da curva.

Quatro anos que não ouvimos falar de Nicole, Ruby ou Ben, o trio que quase nos separou. Após as expulsões, eles saíram de Yale e não soubemos dos seus paradeiros. Nem procuramos saber.

— Você está perfeita, *amor* — Matt sussurra, beijando meu pescoço em seguida.

— Isso porque você ainda não viu como o vestido ficou.

— Assim você me tortura. Acho que vou te raptar até um banheiro.

Solto uma risada.

— Você e a sina com banheiros.

— O que posso fazer, se é sempre a opção mais fácil na hora do *desespero*... — Sua voz maliciosa me atinge em cheio.

— Mas então, como foi no trabalho? — Ele percebe a mudança de assunto e começa a rir.

— Foi tudo bem. Por sorte, não me prenderam por mais tempo. A semana está muito pesada.

— Fico tão feliz que tenha conseguido vir!

— Não perderia isso por nada, *amor*.

Matt trabalha em um dos maiores escritórios jurídicos do país. Ele começou estagiando e depois que se formou foi imediatamente promovido. Sua área de atuação é justamente o que ele queria, defender famílias de potenciais agressores.

Há dois anos seu pai faleceu e Matt preferiu não ir ao enterro. Apesar de não se falarem, meu namorado o mantinha em uma casa de repouso, e achei esse gesto um tanto honrável. Não é qualquer um que tem uma atitude como essa, depois de sofrer horrores.

A carta de Kate foi tão importante para Matt, que vez ou outra ele leva flores ao túmulo da mãe, em New Jersey. Incrível como saber que não foi abandonado mudou completamente a sua maneira de enxergar a vida. E, conseqüentemente, o amor.

— O que você queria falar comigo? — pergunto.

— Depois da colação, eu falo, curiosa.

— Nossa! Sério que vai fazer isso comigo?

— Sério!

Solto um longo suspiro.

— Tudo bem, então. Espero que seja coisa boa.

— *Eu* acho que é muito boa, mas não depende só de mim.

— Para com isso, que vai me deixar mais ansiosa.

Ele ri e aperta minha bunda.

— Matt! Para com isso, seu doido!

— É só para essa cambada de macho saber que você está comigo.

— Você e o seu instinto macho-alfa.

Outra coisa que descobri de Stevens ao longo do nosso namoro. Ele é mais ciumento do que eu. Eu tenho ciúme, sim, porque as mulheres se jogam como loucas em cima dele. Antes, eram as estudantes de Yale. Agora, são as advogadas. Simplesmente absurdo!

Por outro lado, Stevens faz questão de que todos na Universidade saibam que estamos juntos. E quando ele aparece é um alvoroço de garotas e garotos querendo tirar uma casquinha do ex-líder da fraternidade e ex-capitão do time de futebol.

Apesar de ter deixado de lutar no Matadouro e treinar futebol, ele continua malhando bastante e está empenhado em dar aulas de Judô e Jiu-Jitsu para crianças de baixa renda.

Quando digo que o meu namorado é perfeito, não estou exagerando.

— *Amor*, brincadeiras à parte, parabéns por essa conquista. Você merece demais por ser tão esforçada e dedicada.

— Obrigada, meu lindo! Obrigada por não ter soltado a minha mão nos meus momentos mais críticos.

— Jamais! Estamos juntos nessa, Liz. Para tudo. Agora vai lá e arrebenta!

Beijo seus lábios convidativos e viciantes mais uma vez e me afasto para, enfim, seguir meu caminho.



A colação não poderia ter sido mais emocionante. Pensei que fosse travar no meu momento de falar, mas consegui dar conta do recado.

Um mar de estudantes se levanta quando a cerimônia termina e a primeira coisa que faço é tirar a beca. Tenho fotos até para a posteridade, então, não preciso mais ficar com ela.

Estou à procura de Dani, quando minha mão é puxada de repente.

— O que é isso? — grito, mas logo o choque é substituído por alívio. — Você quer me matar de susto?

— *Porra, amor*, você foi incrível!

— Ah, obrigada!

— Deixa eu te ver direitinho — pede, me girando com cuidado. — *Puta que pariu*, você está deslumbrante! Gostosa. Uma verdadeira princesa. O melhor é que é toda minha.

— Só sua, meu lindo — respondo, beijando-o com vontade. Assim que nos afastamos, pergunto: — Você viu onde nossos amigos estão? Minha mãe?

— Só vi Smith e Jordan, mas logo todos estarão no ponto de encontro.

— Você fez a reserva certinha no restaurante, não é?

— É claro, Liz. Você está muito tensa. Vem comigo!

Meu namorado entrelaça sua mão na minha e me leva com ele.

— Aonde você vai, Matt?

Parece até que já vi esse filme. Anos atrás, quando estávamos no Sammy's, bebendo todas, e ele me levou para a pista de dança, onde demos nosso primeiro beijo. Quente como o inferno, mas o medo de me envolver com ele me impediu de ir longe demais, e fugi.

Em um lugar menos movimentado, Matt vira à direita, e damos de cara com um banheiro feminino.

— Você só pode estar brincando comigo.

Ele solta uma gargalha descarada e me tranca no bendito banheiro.

Sua expressão se transforma e em um segundo ele está sem o paletó, desabotoa os botões superiores da camisa social e ergue as mangas compridas até os antebraços tatuados e fortes.

Meu doce Jesus!

Eu nunca vou me acostumar com a sua beleza.

— O que está fazendo, Matt? — pergunto, subitamente fraca.

— O que você acha que estou fazendo, Liz Pérez?

— Me diga você.

— Humm... a minha gata arisca está mostrando as garras.

Ele me vira de costas e eu espalmo as mãos na parede. Em seguida, cola seu corpo no meu, fazendo-me sentir exatamente o que ele quer eu sinta. Sua ereção.

Não consigo contar quantas vezes já fizemos esse tipo de loucura em banheiros de lugares variados, mas se tornou uma aventura só nossa.

— Não consigo expressar em palavras o que estou sentindo ao te ver assim, tão gostosa, com o vestido que eu te dei, mas o meu pau fala por mim.

Matt se esfrega em minha bunda e coloca o meu rabo de cavalo para o lado. Ele desliza sua língua por toda a extensão da minha nuca, até o final das minhas costas nuas.

A sensação é indescritível.

Minha respiração fica entrecortada quando ele repete o ato.

— Eu não consigo me cansar de você, *amor* — diz, sobre minha pele. — Como pode? Quatro anos juntos e fico cada vez mais apaixonado por você.

— Eu sinto o mesmo, Matt. Meu amor só cresce.

— Tudo meu cresce só de pensar em você.

Compreendo o duplo sentido da frase e solto um riso nasalado.

— Você é demais.

— Eu sei que sou.

Levantando a barra do meu vestido, ele deixa o tecido todo embolado em minha barriga e massageia minha bunda. Dani me deu uma calcinha fio-dental preta, que as brasileiras amam e, pelo visto, Matt também, pois não para de brincar com as tiras da peça.

— Você só pode estar querendo me matar — sibila. — Eu vou te *foder* e ela vai ficar bem aqui.

Quanto mais sacanagem ele fala, mais cheia de tesão eu fico.

Ele afasta a calcinha para o lado e mergulha dois dedos em meu sexo molhado.

— *Porra!* Como pode ser tão perfeita?

Ele tira os dedos e aposto que os lambeu. A vantagem de conhecer o parceiro por tanto tempo é que conhecemos seus passos.

Como se estivesse com pressa, Stevens pede que eu segure o vestido e rapidamente abre a calça. Em poucos segundos, seu pau está na minha entrada, estimulando meu clitóris e me deixando louca.

— Que delícia, Matt!

Ele brinca, entra e sai da minha boceta encharcada, os dedos deslizando pelas tiras da minha calcinha, como se apreciasse uma obra de arte e, quando menos espero, ele me penetra com tudo.

Eu grito com a surpresa, mas logo encontro seu ritmo, subindo e descendo sem parar. Com o tecido embolado em uma mão, com a outra volto a me apoiar na parede, recebendo as estocadas firmes de Stevens.

Logo seus dedos circulam meu clitóris e é demais para mim.

A junção da tensão por estar em um dos banheiros da Universidade e do tesão me atinge e gozo, sem parar de empurrar minha bunda na direção do meu namorado.

— Isso, goza *pra* mim, amor! Goza gostoso porque eu também já vou. Você... *Porra!* Você é deliciosa demais.

Sinto o exato momento em que ele se liberta, urrando meu nome.

Vamos nos acalmando e ele se retira de mim. Matt pega um rolo de papel higiênico, molha um pouco e começa a me limpar. Deslizando a calcinha para o seu devido lugar, assim como o vestido.

— Essa foi rapidinha mesmo — brinca. — Você vai acreditar em mim, se eu disser que não te trouxe aqui para isso?

— Não?

— Não. — Ele ri, subindo a cueca e a calça. — Eu tenho que te falar uma coisa, lembra?

— Nossa, é verdade! Como pude esquecer?

— É o efeito Matt Stevens, querida.

— Então, você sofreu o efeito Liz Pérez.

Ele ri e se aproxima.

— Isso, com toda a certeza. E poderia sofrer desse efeito todos os dias.

Seu semblante fica sério quando diz:

— Antes de qualquer coisa, eu preciso dizer que te amo mais do que tudo, Liz. Nesses quatro anos, fui mais feliz com você do que todos os anos que passei sem te conhecer. Você se tornou essencial, como o ar que eu respiro. Você se infiltrou tanto em mim que não me lembro das merdas que vivi antes de te conhecer, antes de você ser minha. A sua luz conseguiu iluminar a minha escuridão de um jeito que eu sequer poderia imaginar ser possível. Se eu não tiver notícias suas, o meu dia não fica bom. Se eu não vejo o seu sorriso, sinto que me falta alguma coisa. Se eu não te toco, fico incompleto.

Estou tão hipnotizada com a intensidade das suas palavras, que não consigo nem me mexer. Só sei sentir. Meu coração está acelerado. Minha respiração, ofegante.

Ele tira algo do bolso e com a mão ainda cerrada, pergunta:

— Você me ama?

— Mais do que tudo.

— Você me quer?

— Sempre.

— Você confia em mim?

— De todo o meu coração.

— Quer morar comigo?

Enquanto assimilo sua última pergunta, ele estende uma chave diante do meu rosto.

— Sei que não é o pedido mais convencional, eu poderia te pedir em casamento, por exemplo, mas nós dois não seguimos padrões. Nós somos Matt e Liz. Mas vou entender se não quiser...

— Eu quero! — eu o interrompo, pegando a chave de sua mão. — Eu quero morar com você, meu amor. Eu quero viver *tudo* com você.

— *Porra!* Não acredito que você aceitou. Estava nervoso *pra caralho!*

— Você tinha dúvidas?

— Claro! Você poderia querer continuar morando na Universidade, não sei.

— Não quando o meu namorado lindo e incrível me convida para morar com ele. — Ele abre um sorriso enorme que me derrete por inteiro.

— Espero que goste do apartamento, minha linda. Vai precisar de uma reforma, mas você poderá decorá-lo do jeito que quiser.

— Tenho certeza de que irei amar e não será nada do *meu* jeito, mas do *nosso*, Matt.

Segurando meu rosto, ele sussurra:

— Temos a vida toda pela frente, Liz, e não vejo a hora de aproveitar cada momento com você ao meu lado.

— Eu estarei, Matt. Sempre ao seu lado. E não importa o que vier, enfrentaremos juntos.

— Nós somos bons juntos, não somos?

— Os melhores!

E esta é a história de como um diamante bruto, sem valor e sem crédito, após lapidado, se torna uma joia extremamente valiosa. Afinal, é mais fácil julgar a “casca” e poucos são os que se arriscam a desbravar o desconhecido.

Fim

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, obrigada, Deus! Sem Ti, eu não estaria aqui.

Agradeço ao meu marido, Eduardo, meu parceiraço. Obrigada pela compreensão, cuidado, carinho e, principalmente, força, na escrita deste livro que foi tão intensa para mim.

Às minhas incríveis e maravilhosas que betaram e foram ESSENCIAIS para o andamento deste livro: Bianca Bonoto (sem palavras para a sua parceria desde sempre), Nane Fragnan, Mérice Ribeiro e Ma Bonfer. Obrigada por me acalmarem — dessa vez dei trabalho (kkkk) — e por me incentivarem quando mais precisei! Sério, vocês foram minhas heroínas!!!

Às minhas amigas da vida, leitoras amadas — que com o tempo vai ficando cada vez mais difícil nomear em meus agradecimentos —, ajudadoras do meu trabalho, meu muito obrigada! Vocês não têm ideia do quanto me inspiram a continuar neste caminho. *Amo tus!*

Zoe X, Nana Simons, Agatha Santos, vocês foram incríveis comigo ao longo da escrita deste livro. Vocês acompanharam meus conflitos, me acalmaram, me colocaram para cima. Amo vocês, do fundo do meu coração!

À revisora Bah Pinheiro, pela compreensão e força.

Minhas parceiras, blogs, grupos de divulgação e leitura... Muito obrigada por me ajudarem tanto. *Vocês são espetaculares e imprescindíveis!*

Obrigada, pai, mãe/Carlos Afonso e Natércia, por disponibilizarem suas casas para que eu pudesse trabalhar com conforto. A ajuda e compreensão de vocês aqueceram meu coração. Deus os abençoe muito!

A todos os envolvidos, de forma direta ou indireta, que tornaram realidade a publicação de mais este romance.

A você que me deu uma oportunidade ao adquirir este e-book, muito obrigada!

Até a próxima a viagem!

Amo tus!

T. M. Kechichian

BIOGRAFIA



Talitha Kechichian ou T.M. Kechichian, como é conhecida no mundo literário, intitula-se como uma “paulista carioca”. Sua formação é no Direito, mas seu coração bate mais forte pela escrita de seus romances.

Gosta de criar personagens femininas fortes, sempre mantendo suas características particulares. Escreve sobre pessoas reais, permitindo, com muito carinho e sensibilidade, que a inspiração e a criatividade aflorem a cada novo romance criado.

REDES SOCIAIS

Visite o site da autora:

www.tmkechichian.com

Perfil Wattpad

<https://my.w.tt/1F0oHZ11XK>

Perfil Facebook

<https://www.facebook.com/100004297324540>

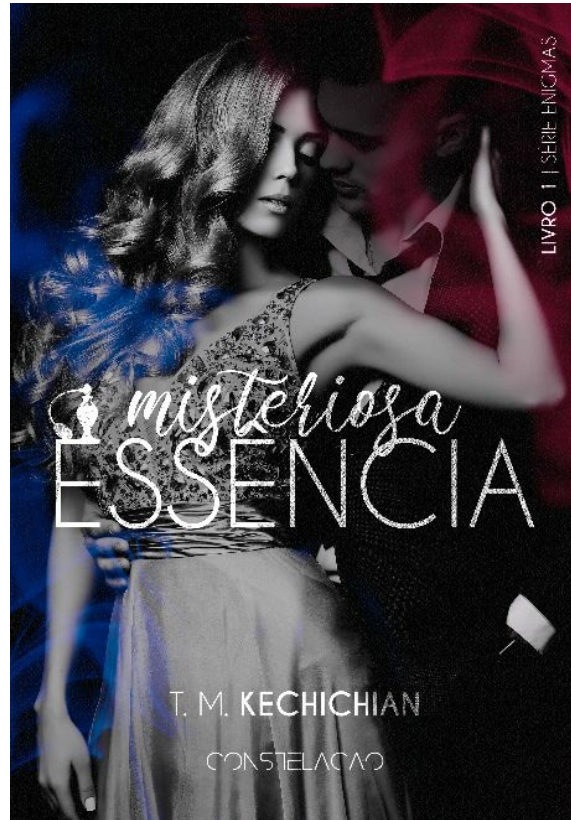
Perfil Insta

<https://www.instagram.com/tmkechichian/?hl=pt-br>

Página de autora

<https://m.facebook.com/tmkechichian>

OUTRAS OBRAS



MISTERIOSA ESSÊNCIA

Se te perguntassem se em uma noite tudo pode mudar, o que você diria?

Scarlett Ryan é uma mulher linda, forte e bem-sucedida. Futura CEO, por herança de seu pai, de uma das maiores agências de marketing dos EUA, Scarlett nem sempre teve uma vida boa. O fato de sua mãe tê-la abandonado ainda pequena e a descoberta de uma doença em seu pai, fizeram com que se tornasse uma mulher com grandes responsabilidades, apesar de seus 25 anos.

Sua primeira grande paixão foi Paul Mayer. Eles namoraram na faculdade, porém, em uma noite de farra com os amigos, ele a traiu. Depois disso, a vida amorosa da empresária nunca mais foi a mesma.

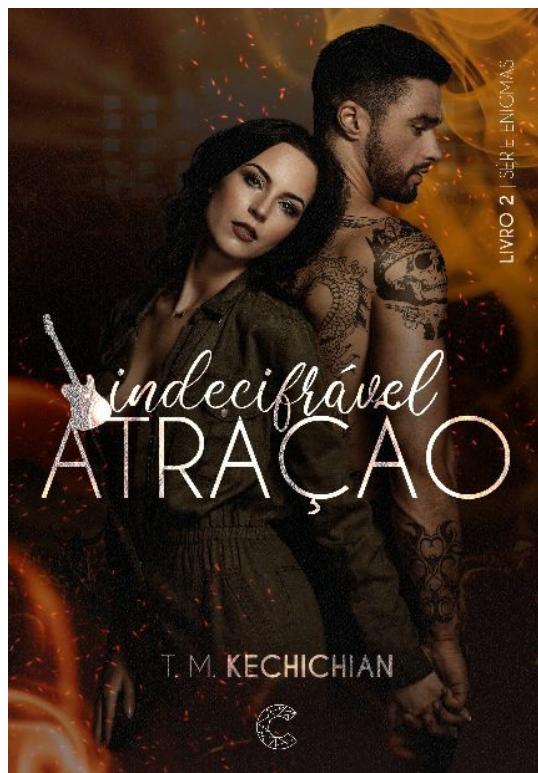
Mas, o destino tinha outros planos...

Além do ex-namorado reaparecer como seu colega de trabalho, em uma balada com as amigas, Scarlett se vê envolvida em uma situação que foge ao seu controle. O desconhecido nunca foi tão bem-vindo.

Um mistério. Uma entrega. Uma essência.

Você conseguiria resistir?

[ADQUIRA O SEU AQUI](#)



INDECIFRÁVEL ATRAÇÃO

Depois da CEO Scarlett Ryan (Livro I, Misteriosa Essência), agora é a vez da empresária Liv Scott contar sua história. Após o grande sucesso no Wattpad, ela chegou para abalar a Amazon com todo seu poder e confiança, assim como abalou o mundo do rockstar Josh Morris. Leia a sinopse:

"INDECIFRÁVEL. 1. impossível ou muito difícil de ser decifrado. 2. que é muito difícil de se penetrar, compreender ou explicar; enigmático, misterioso.

LIV SCOTT é uma mulher sem "papas na língua". Nova-Iorquina, dona de uma beleza estonteante e um gênio forte, Liv é proprietária da Models & Models — uma próspera agência de moda —, e tem como lema "curtir a vida e não se apegar".

Após ver sua amiga Scarlett Ryan tomar um rumo diferente do que planejou para si — ela está comprometida —, Liv convida Ticy Parker, sua outra melhor amiga, para passar um final de semana de diversão em Los Angeles a fim de irem ao show da maior banda de rock do momento.

JOSHUA MORRIS, conhecido como Josh "Fucked" Morris, não é um cara qualquer. Eleito o homem mais sexy e desejado da atualidade, Josh é vocalista da afamada banda Sultans of Swing e vive como bem quer, sem compromissos e cobranças. E está muito bem assim.

O que os dois têm em comum? Uma noite. E tudo o que pensavam ser o certo, de repente, parece ter outro sentido, porém INDECIFRÁVEL. Pode uma ATRAÇÃO intensa unir duas pessoas iguais? É possível o amor encontrar quem não o quer?"

ATENÇÃO: História com conteúdo adulto, sendo assim, contém cenas e palavreados que condizem com a referida faixa

etária. O texto segue as Normas vigentes da Língua Portuguesa, contudo características da coloquialidade foram utilizadas para aproximar a linguagem às falas de situações do cotidiano.

[ADQUIRA O SEU AQUI](#)



ALÉM DA ESSÊNCIA

ALÉM DA ESSÊNCIA traz um pouco mais da CEO Scarlett Ryan e do nosso eterno Mr. M. Um momento que foi muito esperado pelos leitores e que merece uma atenção especial.

Entre inseguranças e a descoberta de um amor incondicional, acompanharemos a chegada de um novo membro da família Misteriosa.

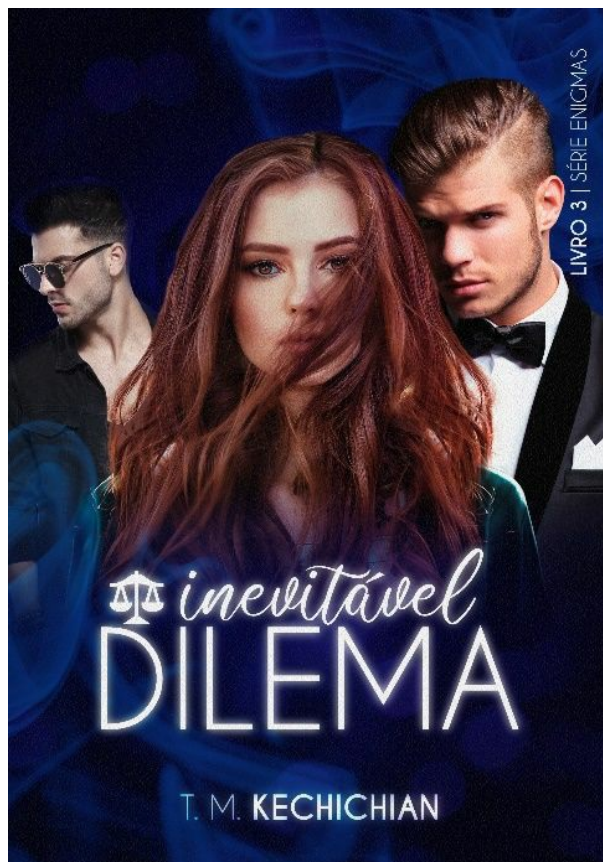
Prepare-se para se apaixonar, ainda mais, por este casal e, de quebra, matar a saudade das três queridinhas da Série Enigmas.

A leitura deste Bônus se faz importante, haja vista que contém um prenúncio do Livro 3, Inevitável Dilema, a história da nossa querida ruiva Ticy Parker.

AVISO: Este e-book é um BÔNUS COMEMORATIVO pelos dois anos de Misteriosa Essência (o Livro 1 da Série Enigmas) na Amazon. Para melhor compreensão e aproveitamento, é recomendável a leitura dos Livro 1 e 2 (Indecifrável Atração), em ordem, ainda que cada livro retrate a história de uma amiga.

ATENÇÃO: CONTEÚDO ADULTO.

[ADQUIRA O SEU AQUI](#)



INEVITÁVEL DILEMA

O DESFECHO DA SÉRIE ENIGMAS CHEGOU NA AMAZON!

Depois de Scarlett Ryan e Liv Scott, agora é a vez da ruiva, Ticy Parker, contar sua história.

Apesar do passado traumático, a advogada e sócia de um renomado escritório em Nova York procura viver de bem com a vida. Porém, com suas amigas agora casadas e seguindo rumos diferentes, ela terá que aprender a caminhar sozinha, desviando-se dos pensamentos sombrios que ameaçam sua paz e confiança.

Nesta nova fase, Ticy encontrará em Andrew Stan, baixista da banda de rock Sultans of Swing, uma distração muito bem-vinda, o que julga como algo saudável para uma mulher de 27 anos. Contudo, James Foster, sócio de Daniel Hant e seu cliente direto no Mars & Pierce, está cada vez mais presente em sua vida, e em seus pensamentos.

Um dilema está prestes a se desenrolar. Ticy continuará fugindo e vivendo na superfície ou se renderá a um amor puro e libertador, capaz de quebrar com as amarras do passado?

ATENÇÃO: Apesar de não ser um livro DARK, o tema abordado pode gerar desconfortos a pessoas sensíveis ao assunto (relacionamento abusivo). CONTEÚDO ADULTO!

[ADQUIRA O SEU AQUI!](#)



NATAL EM 2

T. M. Kechichian e John K são irmãos e amam a leitura e a escrita. Decidiram escrever este Ebook para levar a paixão que nutrem pelo Natal. Conheça "Natal em 2". Dois contos. Duas histórias diferentes. Um só propósito: aquecer corações!

Natal Inesperado, por John K. (Autor de A Árvore Sagrada - Conto Amazon, e de diversas Antologias)

Para Robert, não existe época melhor no ano do que o Natal! A magia flui através dos sorrisos, cores e músicas, proporcionando o momento perfeito para abrir o coração e se declarar para Samantha, sua colega de trabalho. No entanto, seus planos são frustrados quando um cachorro arranca o buquê de sua mão e foge pelas ruas de Nova York, iniciando assim uma aventura inesperada.

“Um Natal Inesperado” é um conto divertido e nos ensina que, mesmo que as coisas não aconteçam como imaginamos, nem tudo está perdido.

O que Aconteceu com o Natal?, por T. M. Kechichian (Autora da Série Enigmas, Misteriosa Essência)

Já imaginou viver em uma cidade onde o Natal deixou de ser comemorado? Onde as pessoas não se importam umas com as outras e a tristeza é constante? Onde a frieza é sentida tanto no frequente clima congelante como nas feições de cada morador? Forlorn fora esquecida, diziam seus habitantes. Sem amor, não havia esperança. E, sem esperança, não existia alegria.

Neste conto, veremos que a tristeza e a desesperança podem contagiar e congelar sentimentos, mas um pequeno fio de

esperança, de onde menos se espera, é poderoso para aquecer corações e mudar histórias.

[ADQUIRA O SEU AQUI](#)



EM VOCÊ ME ENCONTREI

Gabrielle Fiore sofreu uma perda irreparável. Aos 34 anos ela é obrigada a voltar para a casa dos pais, em Bento Gonçalves, depois de ter residido por mais de 17 anos no Rio de Janeiro.

Carlos Eduardo Barcellos, um paulistano de 38 anos, abandonou sua vida em São Paulo após viver um casamento conturbado que o marcou severamente. Motivado pela sede de se reerguer, ele embarca em uma aventura ao adquirir uma vinícola no Vale dos Vinhedos, transformando-a na Casa Barcellos.

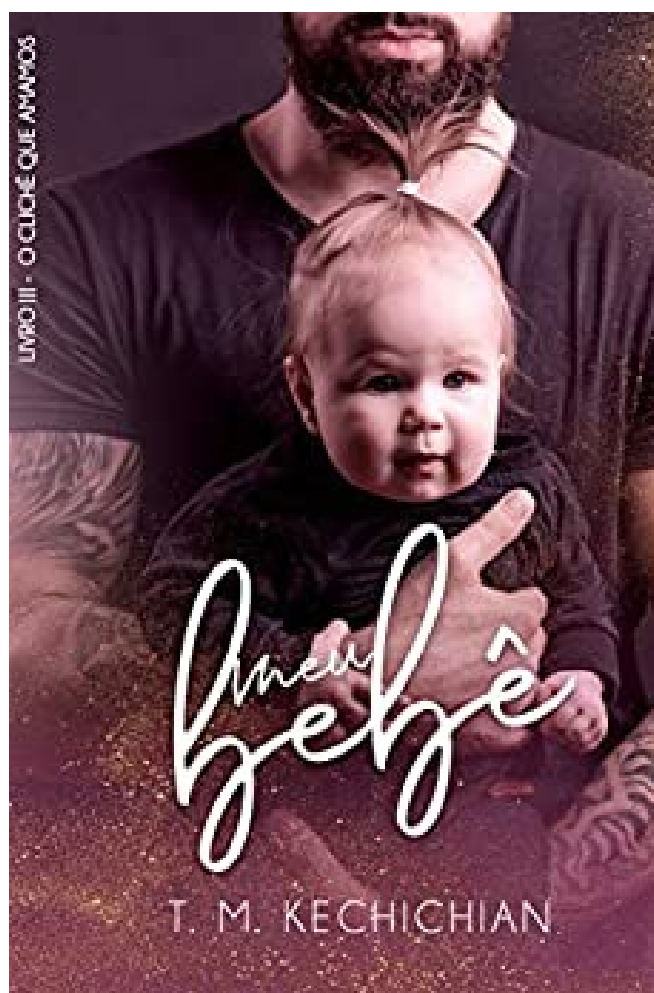
Duas vidas arrasadas. Um destino cruzado.

“Em Você Me Encontrei” nos faz refletir em como nossas escolhas e prioridades interferem no nosso dia a dia. Conheça a história de duas pessoas que se encontraram em meio à dor e descobriram, juntas, um novo motivo para sorrir.

“Em você encontrei esperança. Em você eu me encontrei”

[ADQUIRA O SEU EM FORMATO FÍSICO CLICANDO AQUI](#)

[ADQUIRA O SEU E-BOOK AQUI](#)



MEU BEBÊ

Raquel Souza Travassos está decidida!

Solteira, realizada profissionalmente e com 35 anos de idade, ela resolve dar o maior passo de sua vida: tornar-se mãe.

Sem um parceiro à vista, Raquel recorre à produção independente, por meio de uma inseminação artificial.

Ela só não tem ideia de que, após esta decisão, sua vida vai mudar completamente, e não da maneira que planejou e sonhou por tanto tempo.

Meu Bebê é o terceiro livro da série O Clichê Que Amamos e mostrará que, às vezes, o imprevisível pode apresentar um plano muito melhor do que imaginamos.

[ADQUIRA SEU E-BOOK AQUI](#)

^[1] Grupo formado pelas oito maiores universidades dos Estados Unidos.

^[2] Freshman Year – primeiro ano de um estudante em uma instituição educacional. Termo muito usado nos Estados Unidos.